

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Instituto de História

Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC)

IGOR LAPSKY DA COSTA FRANCISCO

*Blockbusters conservadores: política e cinema norte-americano em perspectiva cruzada
no tempo presente (1992 - 2012)*

RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO/2014

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de História – IH
Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC)

IGOR LAPSKY DA COSTA FRANCISCO

*Blockbusters conservadores: política e cinema norte-americano em perspectiva cruzada
no tempo presente (1992 - 2012)*

*Tese orientada pelo professor Dr. José Costa
D'Assunção Barros para obtenção do título de
doutor no programa de pós-graduação em História
Comparada da Universidade Federal do Rio de
Janeiro*

RIO DE JANEIRO

DEZEMBRO/2014

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de História – IH
Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC)

IGOR LAPSKY DA COSTA FRANCISCO

Blockbusters conservadores: política e cinema norte-americano em perspectiva cruzada
no tempo presente (1992 - 2012)

Prof. Dr. José Costa D'Assunção Barros (orientador)

Prof. Dr. Francisco Carlos Teixeira da Silva

Prof. Dr. Karl Schurster Veríssimo de Sousa Leão

Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard

Prof. Dra. Cristina Buarque de Hollanda

RIO DE JANEIRO
DEZEMBRO/2014

LAPSKY, Igor.

- Rio de Janeiro, 2014.

Tese – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto de História
– Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2014.

Orientador: José Costa D' Assunção Barros.

1. História. 2. História Comparada. 3. Política. 4. Estados Unidos.

5. Cinema. I – Barros, José D'Assunção. II – Teses.

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Instituto de História –
Programa de Pós-Graduação em História Comparada. III –

Título

Agradecimentos

Todo trabalho acadêmico de pesquisa é fruto de muita dedicação e ajuda de pessoas em diversas escalas, que, sem elas não seria possível desenvolver esta tese. Portanto, existem algumas pessoas a quem preciso agradecer pela conclusão de mais uma etapa da vida acadêmica:

Primeiro, a minha família, que me apoiou em todos os momentos, desde o início na fase de alfabetização até o presente momento, em especial para minha mãe e meu irmão que estiveram comigo nos períodos mais difíceis, na "tensão pré-defesa" e outros. Todos foram muito importantes por causa do companheirismo, apoio moral e financeiro.

Segundo, agradeço à Tatiana Maselli, minha companheira e seus pais Angela e Nascimento, que me deram todo apoio moral e foram muito compreensivos nos momentos mais complicados da pesquisa.

Ao professor José D'Assunção Barros, que aceitou me orientar após "*mares turbulentos*" e me ajudou a cumprir todos os prazos que combinamos para o avanço da pesquisa.

Aos amigos Chico e Karl, que me deram todo o suporte para terminar este trabalho, aconselhando em leituras, debates e, além de todos procedimentos da pesquisa, me fizeram enxergar, há alguns anos atrás, que era possível alçar voos maiores na carreira.

Ao amigo Dilton Maynard, que ajudou tanto no mestrado quanto no doutorado com novos materiais e indicações para organizar a pesquisa e desenvolver diversos pontos.

Ao Rafael Pinheiro, grande amigo do TEMPO, que ajudou com apoio moral, leituras, discussões importantes não só para a tese, com também para a formação durante os anos de graduação e pós-graduação.

Ao professor Wagner Pinheiro, que ajudou com discussões importantes relacionadas à relação entre cinema e política, ponto central desta tese de doutorado.

Ao professor Alcino, meu professor durante o doutorado, que me indicou leituras e discussões que foram importantes para a compreensão de alguns pontos relacionados à tese.

A professora Gracilda Alves com apoio em todos os momentos da minha vida na pós-graduação, tanto com apoio moral como indicações de livro e ajudas com os

procedimentos do programa. Por ser uma excelente parceira de trabalho nos projetos da fundação CECIERJ, que muito contribuíram para a minha formação como docente e pessoa.

Aos meus amigos de fora da academia, Rafael, Sandro e Felipe, com os encontros mensais para "jogar conversa fora", que ajudaram a extravazar e me fazer esquecer temporariamente dos prazos e preocupações com a pesquisa, quando necessário.

São estas pessoas que ajudaram a desenvolver e terminar o trabalho acadêmico que, sem dúvidas, é coletivo. Sem elas, tenho certeza que não seria possível ter feito esta longa caminhada.

Resumo: A tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro tem como objetivo trabalhar as possibilidades dos estudos de Cinema, História, Política e Tempo Presente a partir da relação entre os filmes norte-americanos e os movimentos conservadores nos Estados Unidos, entre 1992 e 2012. Para tal, escolhemos produções de grande bilheteria no país, relacionando-as ao seu contexto espaço-temporal, estabelecendo análises a partir das agendas dos neoconservadores, importantes no cenário político norte-americano durante os governos Clinton e Bush, e do *Tea Party*, movimento que se fortaleceu em 2009, durante a administração Obama.

Palavras-chave: Cinema e Política, Estados Unidos, Tempo Presente, Conservadorismo.

Abstract: The doctoral thesis submitted to the Graduate Program in Comparative History of the Federal University of Rio de Janeiro aims to work the possibilities of Film, History, Politics and Present Time Studies from the relationship between American films and conservative movements in the United States between 1992 and 2012. to this end, we chose blockbuster productions in the country, relating them to their spatiotemporal context, establishing analysis from the agendas of the neocons, important in the US political scene during the Clinton and Bush governments, and the Tea Party movement that was strengthened in 2009, during the Obama administration.

Keywords: Cinema and Politics, United States, Present Time, Conservatism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Capítulo 1 - CINEMA E POLÍTICA: AS REPRESENTAÇÕES NO TEMPO PRESENTE.	18
Capítulo 2 - POLÍTICA NORTE-AMERICANA E CONSERVADORISMO NO TEMPO PRESENTE.	72
Capítulo 3 - BLOCKBUSTERS E O PENSAMENTO CONSERVADOR: A RELAÇÃO ENTRE O PÚBLICO E A POLÍTICA.....	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	187
BIBLIOGRAFIA	191

INTRODUÇÃO

A tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro tem como objetivo trabalhar as possibilidades dos estudos de Cinema, História, Política e Tempo Presente a partir da relação entre os filmes norte-americanos e os movimentos conservadores nos Estados Unidos, entre 1992 e 2012. Para tal, escolhemos produções de grande bilheteria no país, relacionando-as ao seu contexto espaço-temporal, estabelecendo análises a partir das agendas dos neoconservadores, importantes no cenário político norte-americano durante os governos Clinton e Bush, e do *Tea Party*, movimento que se fortaleceu em 2009, durante a administração Obama.

A produção deste trabalho partiu de estudos prévios realizados tanto na dissertação de mestrado, defendida no mesmo programa em 2012, quando estudamos a produção das imagens dos terroristas pelo cinema norte-americano em perspectiva comparada, analisando filmes sobre o tema produzidos antes e depois do 11 de Setembro¹, quanto nos debates desenvolvidos ao longo das pesquisas realizadas no Laboratório de Estudos do Tempo Presente, entre o ano de 2008 e 2013, quando o professor doutor Francisco Carlos Teixeira da Silva produziu uma série de ciclos de discussões, trabalhos e leituras sobre a relação entre cinema e política. O desenvolvimento destes trabalhos resultou na escrita da tese de doutoramento e de trabalhos a serem publicados entre 2014 e 2015 sobre a temática, em que centramos a análise da relação sobre cinema e política e guerra e cinema.

Os filmes a serem analisados na tese foram escolhidos a partir das maiores bilheterias do cinema norte-americano a partir de 1992, quando Bill Clinton assumiu o governo dos Estados Unidos sob forte oposição dos neoconservadores, até 2012, quando o movimento conservador foram às ruas para levantar bandeiras contra as propostas de governo promovidas por Barack Obama, que vão desde o debate sobre o controle de armas, até a questão do casamento homossexual. Os pontos centrais relacionados à política e sociedade levantados pelos conservadores, como a exaltação das instituições norte-americanas a partir dos conceitos de liberdade e democracia, segurança, política

¹ Para mais informações, ver LAPSKY, Igor. *A popularização da guerra através do cinema: uma análise comparada dos terroristas antes e depois do 11 de Setembro*. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Comparada - UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

externa, meio ambiente, funcionarão como categorias de análise para analisarmos as principais produções da indústria cinematográfica norte-americana.

Escolhemos os filmes partindo de uma ordem quantidade de renda gerada pela bilheteria e o número de salas que exibiu os filmes durante o final de semana de estreia, quando se espera a maior concentração de audiência. Os longas-metragens que serão considerados para este trabalho são:

- Avatar (James Cameron, 2009, 162 minutos) - filme que gerou renda de 760 milhões de dólares nos Estados Unidos e lucros em torno de 2 bilhões nos demais países, com audiência em 3452 salas de cinema nos Estados Unidos no final de semana de sua estreia². Conta a história do soldado paraplégico Jake Sully (Sam Worthington), convocado para substituir seu irmão em uma missão antropológica no planeta Pandora, onde uma empresa de mineração norte-americana explorava um precioso mineral. Sully é chamado para controlar o avatar de seu irmão gêmeo, morto em um assalto, e tem como missão se aproximar dos habitantes de Pandora.
- The Avengers (Os vingadores, Joss Wheldon, 2012, 143 minutos) - filme que gerou renda de 623 milhões de dólares nos Estados Unidos e 895 milhões em outros países. Teve audiência em 4349 salas de cinema em seu final de semana de estreia³. Conta a história do grupo de heróis da Marvel, coordenado por Nick Fury (Samuel L. Jackson), que monta a iniciativa *Vingadores* para manter a paz na Terra de inimigos internos e externos. Formado por personagens como Capitão América (Chris Evans), Homem de Ferro (Robert Downey Jr.), Thor (Chris Hemsworth) e Hulk (Mark Ruffalo), o grupo tem a missão de impedir a invasão alienígena ao planeta.
- The Dark Knight (O cavaleiro das trevas, Christopher Nolan, 2008. 152 minutos) - filme que gerou renda de 533 e 469 milhões de dólares dentro e fora dos Estados Unidos, respectivamente. Foi exibido em 4366 salas de cinema durante sua estreia⁴. O filme é a segundo da trilogia de Christopher Nolan e conta a história da luta entre Batman (Christian Bale) e Coringa (Heath Ledger) para continuar a tentativa de manutenção da paz na cidade de Gotham.

² Disponível em: <http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=avatar.htm> Acesso em 08/10/2014.

³ Disponível em: <http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=avengers11.htm> Acesso em 08/10/2014.

⁴ Disponível em: <http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=darkknight.htm> Acesso em 08/10/2014.

- The Dark Knight Rises (O cavaleiro das trevas ressurgue, Christopher Nolan, 2012, 165 minutos) - filme que gerou renda de 448 e 636 milhões de dólares dentro e fora dos Estados Unidos, respectivamente. No final de semana de sua estreia, foi exibido em 4.404 salas para o público norte-americano⁵. O filme fecha a trilogia do diretor Christopher Nolan sobre o Batman, que, após ter conseguido pacificar Gotham, precisa lutar contra o terrorista Bane (Tom Hardy), que tem planos para destruir a cidade.
- Spider-man (O homem-aranha, Sam Raimi, 2002, 121 minutos) - gerou renda de 403 milhões de dólares nos Estados Unidos e 418 milhões em outros países. Foi exibido em 3615 salas de cinema no final de semana de sua estreia⁶. Seria lançado no final de 2001, mas foi adiado devido os atentados ao World Trade Center em Setembro daquele ano⁷. Conta a história de Peter Parker (Tobey Maguire) e como ele se transformou no Homem-Aranha, um dos personagens mais populares da Marvel, tendo que lidar com as responsabilidades oriundas de seus poderes e a luta contra o Duende Verde (Willem Dafoe).
- Spider-man 3 (O homem-aranha 3, Sam Raimi, 2007, 139 minutos) - gerou renda de 336 milhões pelo público norte-americano e 554 milhões em outros países. Foi exibido em 4252 salas durante o final de semana da estreia⁸. É a continuidade da história do Homem-Aranha, que agora precisa lutar contra o simbionte Venom, o Homem-areia e o filho do Duende Verde (James Franco).
- Independence Day (Roland Emmerich, 1996, 145 minutos) - obteve uma renda de 306 milhões de dólares nos Estados Unidos e 511 milhões em outros países. Foi exibido em 2882 salas durante sua estreia⁹. Conta a história da luta da humanidade, liderada pelo presidente norte-americano (Bill Pullman), contra uma invasão alienígena que planejava destruir o mundo a partir de ataques com espaçonaves gigantescas, que pairavam sobre os céus das principais cidades do planeta.
- Saving Private Ryan (O resgate do soldado Ryan, Steven Spielberg, 1998, 169 minutos) - gerou renda de 216 milhões nos Estados Unidos e 263 milhões fora

⁵ Disponível em: <http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=batman3.htm> Acesso em 08/10/2014.

⁶ Disponível em: <http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=spiderman.htm> Acesso em 08/10/2014.

⁷ MORGAN, M. J. *The Impact of 9/11 and the New Legal Landscape: The Day that Changed Everything?* England: Palgrave Macmillan, 2009. p. 197.

⁸ Disponível em: <http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=spiderman3.htm> Acesso em: 08/10/2014

⁹ Disponível em: <http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=independenceday.htm> Acesso em 08/10/2014.

do país. Durante sua estreia, foi exibido em 2463 cinemas norte-americanos¹⁰. Conta a história de um grupo de soldados durante a Segunda Guerra Mundial, que recebe a missão de resgatar o soldado Ryan, que havia perdido todos os irmãos na guerra e deveria ser trazido para casa pelo Capitão Miller (Tom Hanks).

Além destas grandes bilheterias, destacaremos dois filmes para pensarmos sobre a repercussão de questões polêmicas na sociedade norte-americana, como o aborto e os homossexuais, principalmente o tema do casamento. As produções a serem analisadas são *Brokeback Mountain* (O Segredo de Brokeback Mountain, Ang Lee, EUA/CAN, 2005, 135 min) e *Juno* (Jason Reitman, EUA, 2007, 96 min).

O primeiro conta a história de dois vaqueiros que se apaixonam durante um trabalho na montanha de Brokeback, no estado de Wyoming, e precisam viver conciliando as relações matrimoniais e seus encontros amorosos no local onde se conheceram. Gerou uma renda total de 83 milhões de dólares nos países, sendo exibido em 5 salas de cinema durante sua estreia¹¹.

O segundo mostra a trajetória de uma adolescente grávida que decide realizar o aborto. No momento em que vai entrar na clínica para fazer o procedimento, desiste de sua iniciativa e opta por dar o bebê para adoção. O longa-metragem gerou uma renda total de 143 milhões de dólares nos Estados Unidos, sendo exibido em 7 salas de cinemas no final de semana da estreia limitada em 9 de Dezembro de 2005 e 683 lugares em 13 de Janeiro de 2006, quando foi lançado de forma nacional¹².

Um dos pontos centrais da tese é mostrar que o público norte-americano, apesar de ser considerado liberal, é resistente às temáticas que abordam questões polêmicas da sociedade norte-americana, como o aborto os homossexuais. Além disso, as maiores produtoras da indústria cinematográfica dos Estados Unidos são controladas majoritariamente por diretores declaradamente conservadores, mas que buscam acompanhar os temas de preferência da sociedade, uma vez que a maior parte do lucro total das produções é oriundo das bilheterias.

¹⁰ Disponível em: <http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=savingprivateryan.htm> Acesso em: 08/10/2014.

¹¹ Disponível em: <http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=brokebackmountain.htm> Acesso em 08/10/2014.

¹² Disponível em: <http://www.boxofficemojo.com/movies/?id=juno.htm> Acesso em 08/10/2014.

Partindo dos pontos anteriores, para chegarmos a conclusão de que a relação entre cinema e política no tempo presente dos Estados Unidos deve ser feita através da compreensão dos grupos políticos e do funcionamento da indústria cinematográfica do país, é preciso desenvolver as discussões teóricas sobre a relação entre cinema, política e tempo presente, pois esta nos dará base para pensarmos a análise dos filmes a partir de bandeiras que poderão ser defendidas pelos grupos conservadores norte-americanos. Neste sentido, O trabalho está dividido em três partes (capítulos), que servem como etapas para o procedimento de análise fílmica.

No primeiro capítulo estabeleceremos debates teóricos sobre a relação entre tempo presente, cinema e política, partindo da hipótese de como o filme é importante para as pesquisas realizadas pelo historiador deste período, pois as produções, dotadas de um lugar de fala definido, funcionam como um "espelho" da sociedade. Neste sentido, os filmes retratam as questões de sua contemporaneidade, mesmo possuindo temáticas históricas ou futuristas, pois são visões produzidas do presente sobre outros períodos temporais.

Para aprofundarmos estes pontos, será discutido o contexto da criação dos institutos de pesquisa de tempo presente, destacando as produções na França, a partir da década de 1970, com o Instituto de História do Tempo Presente em Paris, e no Brasil, quando o professor Francisco Carlos Teixeira da Silva fundou o Laboratório de Estudos do Tempo Presente, na UFRJ. Estas pesquisas, aliadas a um projeto de trabalho voltado para o desenvolvimento de grupos que integram o âmbito da graduação e da pós-graduação, através da promoção de pesquisas, reuniões e leituras em conjunto, fomentados por programas de incentivo do governo brasileiro, resultando na produção de livros, artigos e outros materiais que auxiliaram na consolidação dos estudos do tempo presente no nosso país.

A discussão sobre tempo presente na História, bem como a sua diversidade no trabalho com fontes também é um ponto a ser destacado nesta parte, pois com o avanço dos meios de comunicação a partir das revoluções tecnológicas intensificadas a partir da segunda metade do século XX, os historiadores aumentaram suas possibilidades de trabalho com materiais, principalmente o cinema e a internet.

Para o desenvolvimento deste capítulo, é importante destacarmos a importância do conceito de opinião pública, uma vez que é um elemento chave para pensarmos a

relação entre cinema e política¹³. Desta forma, partimos da compreensão de Jean-Jacques Becker, que afirma que a opinião pública é um elemento importante a ser estudado para compreender as sociedades em seus lugares espaciais e temporais, e não pode ser considerada de forma uníssona, uma vez que o público não tem a mesma forma de pensamento sobre determinadas temáticas. Assim, segundo o autor

(...) não podemos aceitar formulações tais como "a opinião pública pensa isto", "deseja aquilo" etc, cuja utilização, frequente aliás, pelos políticos em particular, esconde sobretudo uma vontade de dissimular as próprias escolhas por trás daquelas tomadas de empréstimo da opinião pública. É irreal considerar que tenham existido situações em que havia apenas uma única tendência.¹⁴

Para finalizar a primeira parte, faremos uma relação entre cinema e política a luz de autores centrais para o debate como Marc Ferro e Pierre Sorlin. A partir da escrita sobre a importância dos estudos de política, cinema e guerra, destacaremos o método de história cruzada, principalmente as propostas formuladas por Michael Werner, Benedict Zimmermann e José D'Assunção Barros, que será base para a construção do processo de análise fílmica através do estabelecimento de categorias fixadas a partir da análise da política norte-americana.

No segundo capítulo desenvolveremos os aspectos da política norte-americana, dando destaque para os movimentos conservadores. Em primeiro lugar, faremos uma análise do conceito de conservadorismo aplicado aos Estados Unidos, a partir de leituras de autores como Edmund Burke, Russell Kirk e Norberto Bobbio, quando discutiremos a questão da dualidade entre esquerda e direita na ciência política. Além disso, apresentaremos as principais semelhanças e diferenças entre os neoconservadores e os paleoconservadores, uma vez que eles possuem origens distintas que influenciaram na formação de suas bandeiras.

Para aprofundarmos a questão sobre os neoconservadores e o Tea Party, faremos um histórico de cada grupo. O primeiro será baseado em características gerais e na

¹³ Existem diversos trabalhos sobre opinião pública, que não é a questão central da nossa tese, embora seja um acessório importante. Uma boa discussão sobre o conceito pode ser vista na tese de doutoramento do prof. Karl Schurster, que trabalhou com a análise da opinião durante o terceiro Reich, partindo para o debate sobre os cartazes de propaganda produzidos pelo nazismo e como eles eram relacionados à sociedade, que recebiam pesquisas de opinião produzidas pela Gestapo. O autor fez uma análise aprofundada de autores centrais para o debate sobre opinião pública e propaganda, discutindo as obras de Goebbels e Sergei Tchakhotine. Para mais informações, ver: SCHURSTER, Karl. *A História do Tempo Presente e a nova historiografia sobre o Nacional Socialismo*. Tese de doutorado defendida no programa de Pós-Graduação em História Comparada - UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

¹⁴ BECKER, Jean-Jacques. *A opinião pública*. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 190.

produção de biografias dos principais neoconservadores. Estas trajetórias políticas das lideranças são fundamentais para compreendermos as bandeiras produzidas pelo grupo, pois estas foram pensadas a partir da carreira política de cada ator. A produção de biografias para compreender a atuação dos neoconservadores é um elemento presente em diversas obras, com destaque para a Enciclopédia do conservadorismo, editada pelo professor Bruce Frohnen, da Universidade de Ohio¹⁵. A partir das trajetórias de Irving Kristol, Jeanne Kirkpatrick e Newt Gingrich, por exemplo, podemos compreender como os neoconservadores mudaram do partido Democrata para o Republicano entre os anos 1970 e 1980, consolidando sua força durante o governo de Ronald Reagan (1981 - 1988).

As biografias são partes importantes da História Política, uma vez que os indivíduos são objetos históricos, contribuindo para os estudos sobre a história das instituições¹⁶. A evolução destes estudos reside na superação da visão da "História dos grandes homens" defendida durante o século XIX, com a consideração de novos atores que sejam ou não representativos de Estados e governos. Neste sentido, a biografia de personagens dos movimentos conservadores ajudam a explicar a consolidação do grupo e suas bandeiras políticas.

Sobre o Tea Party, realizaremos um histórico do movimento, considerando as primeiras manifestações no início do governo Barack Obama contra a cobrança excessiva de impostos. Partindo das principais discussões, que vão desde a questão da economia americana até o sistema educacional em alguns estados, analisaremos as principais bandeiras do grupo, divulgadas através da publicação oficial do Tea Party, escrita por Steve Eichler¹⁷.

Finalizando a segunda parte da tese, faremos um levantamento das eleições presidenciais e para o congresso dos Estados Unidos entre 1992 e 2012, analisando as mudanças de assentos no Senado e na Câmara dos Deputados. Estes dados serão estudados a partir do contexto do país em cada período, considerando a atuação de

¹⁵ FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006.

¹⁶ Há um grande debate consolidado sobre os usos das biografias, acompanhando as questões sobre a Nova História, pensada a partir da década de 1970, quando o fazer histórico passou a ser desenvolvido considerando novos atores e elementos graças a ascensão de movimentos sociais que trouxe nova questões a serem discutidas na sociedade. Para acompanhar estes debates, ver os artigos de Pierre Bourdieu e Giovanni Levi sobre biografias, escritos no livro organizado por Janaina Amado e Marieta Ferreira de Moraes: AMADO, Janaina (org.); MORAES, M. M. F. (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

¹⁷ EICHLER, Steve. *LAST CHANCE FOR LIBERTY: LIBERTY IS IN TROUBLE IN AMERICA*. United States: Whitelock Publishing, 2013.

republicanos e democratas quando estiveram tanto na situação quanto na oposição. O levantamento das eleições, aliado com a atuação dos movimentos conservadores no país, nos auxiliará a compreender o contexto da produção dos filmes e o estabelecimento das categorias utilizadas para o cruzamento destas obras cinematográficas a serem analisadas na tese.

No último capítulo analisaremos os filmes citados, considerando as categorias oriundas da agenda dos movimentos conservadores e o contexto de produção. Antes disso, faremos um histórico da indústria cinematográfica norte-americana, considerando seu funcionamento a partir da constituição de mecanismos de regulamentação da produção e distribuição de filmes nos Estados Unidos. A produção da trajetória de Hollywood nos auxiliará a compreender porque a linguagem do cinema norte-americano é repetitiva e aborda temas comuns à sociedade.

Para desenvolvermos o estudo sobre os longas-metragens escolhidos, faremos uma breve discussão acerca da relação entre cinema e cultura política nos Estados Unidos, partindo da tese de que as produções realizadas pela indústria norte-americana são resultados de uma cultura política do país, em que liberais e conservadores possuem diversas agendas parecidas com relação a política e a economia, mas costumam se diferenciar no método de gastos públicos e questões sociais.

A análise fílmica será feita a partir do cruzamento de categorias centrais para a discussão sobre as bandeiras políticas dos movimentos conservadores. Depois, consideraremos as "exceções" e como a questão do aborto, da gravidez na adolescência e os homossexuais são tratados nos filmes. Com estas análises, finalizaremos a o último ponto partindo para a repercussão das mesmas em periódicos declarados conservadores, como o *The Weekly Standard*, revista da capital do país, e o jornal *New York Post*, localizado no centro financeiro dos Estados Unidos.

A conclusão será desenvolvida a partir da importância da relação entre cinema e política, reforçando a necessidade de intensificarmos os estudos com filmes em trabalhos de História, pois eles nos auxiliam a compreender a sociedade em que está inserido. No caso dos Estados Unidos, percebemos que, apesar da indústria cinematográfica ser considerada liberal, por influência do público que frequenta as salas de cinema, as temáticas relacionadas à defesa das instituições americanas, política externa e segurança discutidas possuem pautas do movimento conservador e são aceitos pelo público, constatado com os índices de bilheteria. As questões mais sensíveis, voltadas para um discurso liberal e que atacam a pauta dos conservadores, possuem

menor audiência no país e são pouco discutidas ou até mesmo ignoradas pelos críticos conservadores.

São estes os pontos centrais do trabalho desenvolvido ao longo da pesquisa de doutorado e de discussões prévias, oriundas das viagens aos Estados Unidos para coleta de fontes, realizadas ainda no período do mestrado, e dos debates realizados em sala de aula e no Tempo.

Capítulo 1 - CINEMA E POLÍTICA: AS REPRESENTAÇÕES NO TEMPO PRESENTE.

O campo da História do tempo presente é cercado de questões em torno de seus desafios. Dentre os pontos discutidos estão a produção de uma "História Imediata", ligada a uma análise superficial dos fatos, que pode ser comparada a um "jornalismo"; o uso excessivo de fontes, que, gerado pelo desenvolvimento dos meios de comunicação, pode levar o pesquisador a perder o *leitmotiv* de seu trabalho; e a necessidade do historiador realizar um *distanciamento* do seu objeto, em busca da objetividade no fazer histórico.

Para compreendermos tal debate, é importante que voltemos aos propósitos da criação do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP)¹⁸ para pensar este campo, que hoje tem como objetivo (principalmente no Brasil) inovar os estudos e o ensino de História, a partir de uma formação humanista, que busca a construção de um raciocínio entre interlocutor e público, diferente da metodologia de reprodução de conteúdos, que não permite uma interação, tampouco incentiva a formação de gerações engajadas na sociedade contemporânea.

Um dos primeiros trabalhos a desenvolver uma história do tempo presente foi a obra de Marc Bloch, intitulada *A estranha derrota*. Escrito entre Julho e Setembro de 1940, o historiador francês tinha como objetivo fazer uma análise da derrota da França na Segunda Guerra Mundial, pensando como o país vencedor em 1918, que dispunha de um grande aparato militar, perdeu a luta contra o exército alemão em pouco tempo de enfrentamento, culminando com a tomada de Paris e a instauração da República de Vichy.

O trabalho é dividido em três partes. A primeira, de nome *Apresentação do testemunho*, consiste na introdução ao relato. Nestas páginas, Bloch mostrou a importância de o historiador ser engajado com as questões do seu tempo presente, ou seja, se *interessar pela vida*, o que seria fundamental para a compreensão do fazer e do ensino de História. Para Bloch

Escrever e ensinar história: este é, há quase 34 anos, o meu ofício. Ele me levou a folhear muitos documentos de épocas

¹⁸ <http://www.ihtp.cnrs.fr/> Acessado em 01/03/2014.

diversas para fazer, o melhor que pudesse, uma triagem entre o verdadeiro e o falso; e também a olhar e observar muito. Pois sempre pensei que o dever primeiro de um historiador, como dizia meu mestre Pirenne, é se interessar "pela vida". A atenção particular que dediquei, em meus trabalhos, à questão rural acabou por me convencer de que sem contemplar o presente é impossível compreender o passado;¹⁹

A experiência de vida de Bloch é central para a produção desta obra. O autor consegue fazer a relação entre relato e análise com exemplos de sua trajetória, pois serviu na Primeira Guerra Mundial como sargento de infantaria, passando para tenente e coronel no serviço de informações do estado-maior de regimento e na Segunda Guerra Mundial como membro do estado-maior do exército, na logística de distribuição de combustíveis.

A segunda parte, intitulada *O depoimento de um vencido*, Bloch escreveu suas memórias sobre o conflito, mostrando quais foram os trabalhos realizados junto aos diferentes grupos nos lugares onde serviu e como eram realizados o processamento e divulgação das informações às tropas nas cidades do leste do país. Durante o relato, o autor critica a condução da guerra pelo estado-maior, que repassava os dados de forma confusa e desatualizada para os diferentes setores, comprometendo um combate mais efetivo ao exército alemão, que avançava em direção à Paris. Além do processamento de informações, Bloch criticava a continuidade dos comandantes da Primeira Guerra Mundial, feita por confrontos de pouca movimentação, na liderança do país nas batalhas da Segunda Guerra Mundial, caracterizada por ter lutas de mobilidade, aliando avanço de tropas, com carros táticos e ataques aéreos, pois os generais vitoriosos em 1918 não se atualizaram para combater o novo exército alemão, investindo novamente em fortificações nas fronteiras. Partindo deste pensamento, o autor afirma que os alemães ganharam de forma intelectual, pois souberam inovar para modificar suas forma de combate²⁰, enquanto os franceses estavam atrasados. Bloch reconhece que esta afirmação é polêmica e dura em relação ao exército francês, principalmente no período em que ela é formulada. Ele afirma

Essa guerra foi feita, portanto, de surpresas perpétuas. O resultado, no plano moral, parece que teve consequências muito graves. Tocarei aqui num assunto delicado, sobre o qual, sabemos, não tenho o direito de emitir impressões vagas. Mas é importante que certas coisas sejam ditas, brutalmente, se

¹⁹ BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011. P. 11.

²⁰ Idem. p. 41.

necessário. O homem é feito de tal forma que, se tiver que enfrentar um perigo previsto, no local onde foi previsto, ele o fará com mais tranquilidade do que se tiver que enfrentar o surgimento brusco de uma ameaça de morte na curva de um caminho pretensamente agradável. Na época, depois do Marne, vi uma tropa marchar corajosamente em linha sob um terrível bombardeio e, no dia seguinte, entrar em pânico porque três obuses caíram, sem ferir ninguém, ao longo de uma estrada em que tinham acabado de descansar armas para beber água. "Fomos embora porque os alemães estavam lá". Tradução: lá onde não esperávamos que estivessem, lá onde nada nos levava a supor que deveríamos esperar por eles. De modo que certas falhas que, sinto muito, não podem ser negadas, tiveram sua origem principal no ritmo demasiado lento dos nossos cérebros. Nossos soldados foram vencidos: em certa medida, eles se deixaram vencer com muita facilidade sobretudo porque nós pensávamos com atraso.²¹

A terceira parte, intitulada *Exame de consciência de um francês*, é o resumo da produção de um trabalho de História do Tempo Presente. Considerando o relato, neste caso as suas próprias memórias, o autor fará uma análise dos acontecimentos, buscando compreender como a França perdeu o conflito. Diferente da segunda parte, em que são considerados os aspectos militares, o debate é político e social sobre a sociedade francesa. Nesta parte é que temos a compreensão do título do livro - a *estranha* derrota. Para o autor, este elemento reside na falta de combate de oficiais e no pouco engajamento de determinadas classes sociais no impedimento do avanço das tropas alemães, ou seja, uma parte da sociedade francesa não participou da resistência e deixou Hitler instaurar um regime no qual eles colaboraram para a máquina nazista funcionar, através da ajuda na caça aos resistentes e na perseguição aos judeus. Para chegar a tal conclusão, Bloch voltou suas análises para o modelo de sociedade na França, em que as camadas mais abastadas eram conservadoras e não concordavam com a ascensão dos mais pobres, participando da repressão aos movimentos populares durante o século XIX, como ocorrido na Primavera dos Povos em 1848 e na Comuna de Paris em 1871. O autor afirma que o pensamento conservador das camadas mais ricas influenciaram na vitória dos alemães, pois o movimento popular poderia vencer a batalha e, conseqüentemente, instauraria um novo governo no país, que diminuiria a poder dos

²¹ Idem. p. 51.

mais ricos. Desta forma, a alta camada preferiu o nazismo ao perder suas regalias para as classes menos abastadas da sociedade francesa²².

A *estranha derrota* pode ser considerada, com a tese de que os franceses deixaram ser vencidos, um dos primeiros trabalhos sobre colaboracionismo durante a Segunda Guerra Mundial, que será o ponto central das discussões sobre a fundação do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP) nos anos 1970 e dos trabalhos produzidos na instituição.

O IHTP foi criado pelo historiador francês François Bedarida, que dirigiu o instituto até 1990, sucedido por Robert Frank (1990 - 1994), Henry Rousso (1994 - 2005), Fabrice d'Almeida (2006-2008) e Christian Ingrao (2008). Atualmente, o instituto tem como principais linhas de pesquisa: 1) o estudo sobre as guerras mundiais e a Guerra Fria, a partir de uma perspectiva comparada entre os conflitos, considerando as questões políticas, culturais e sociais destes eventos para compreender o século XX; 2) a análise dos regimes autoritários e do conceito de totalitarismo, através de pesquisas sobre stalinismo, nazismo e das políticas de administração e resistência nas sociedades coloniais; 3) Sociedade e cultura no mundo contemporâneo, buscando a relação entre artes, moda e política e como elas são fundamentais para compreendermos o tempo presente; 4) O "fazer histórico" do historiador do tempo presente, analisando temas como história e historiografia, memória e epistemologia, e o estudo de imagens.

A fundação do Instituto tem como base o Comitê de História da Segunda Guerra Mundial, criado em 1951 pelo presidente francês, o general Charles de Gaulle, que tinha como objetivo estudo e busca de documentação sobre a história da ocupação e libertação da França, fundamental para desenvolver o mito da resistência francesa, deixando em segundo plano o papel dos colaboracionistas durante a República de Vichy.

Em 1978, a comissão se desenvolveu e resultou na fundação do IHTP, que tinha como principais temas de estudo a história das guerras mundiais, o processo de descolonização e a história dos regimes totalitários. Associados a estes temas, estavam as análises sobre direito e justiça (principalmente por causa dos julgamentos de autoridades alemãs em Nuremberg entre 1945 e 1946), e construção da memória coletiva, na qual muitos colaboradores dos regimes fascistas durante a Segunda Guerra

²² Idem. pp. 117 - 158.

Mundial tiveram a chance de passar sua "história a limpo" e se isentar de culpas pelas mortes e perseguições no período.

Segundo o professor Francisco Carlos Teixeira da Silva, a fundação do IHTP, bem como o Centro de Pesquisas do Antissemitismo (ZfA) em Berlim e o Laboratório de Estudos do Tempo Presente no Brasil, foi cercada por discussões e críticas da academia em geral. Isto deve-se ao silêncio dos historiadores em relação à sociedade europeia pós-segunda guerra mundial, que "esqueceu" a participação popular no nazismo na Alemanha e na França ocupada em prol da reconstrução de uma Europa arrasada por duas guerras em menos de 40 anos. Desta forma, os pontos relacionados ao colaboracionismo foram postos em segundo plano até a criação destes centros de estudos a partir do final da década de 1970, que visavam questionar o mito dos resistentes na França e da vitimização na Alemanha. Para o professor

(...) no caso francês e alemão, pairava sob o passado recente, um passado presente em cada detalhe do cotidiano, mesmo nas ainda sombria ruínas urbanas de Berlim no início dos anos '80, a sombra de tragédias imensuráveis. No caso francês, não só a derrota e a humilhação da Ocupação (a "estranha derrota", escrevia Marc Bloch), mas, acima de tudo, a "Colaboração". O mito da França "resistente", da França "combatente", criado principalmente pelo gaulismo, obnubilava a existência de centenas de matizes. de trajetórias e de estratégias de sobrevivência sobre a "Ocupação", inclusive, claro, a pura e simples colaboração. (...) A história contemporânea francesa [e alemã] havia se calado sobre esta época recente, imediata, e em fim, denominada de "história presente" do país.²³

As teses sobre a vitimização da sociedade alemã (o povo não sabia da perseguição aos judeus ou estavam cumprindo ordens e tentando sobreviver no regime nazista) fazem parte de um projeto de construção de uma *versão apaziguadora da história*, formulada pelos responsáveis em reconstruir o país pós-1945, dentre eles o político Konrad Adenauer, que inspirou a fundação do Instituto Konrad Adenauer, com objetivo de promover a paz através do diálogo entre Estado e sociedade civil, possuindo mais de 70 escritórios no mundo que dialogam com, aproximadamente, 120 países²⁴. Neste sentido, para o professor Francisco Carlos, o projeto de reconstrução da Alemanha e da França na base do "esquecimento" é a tentativa de estabelecer um projeto de futuro para os dois países, que, naquele momento, encontravam-se no início

²³ SILVA, F.C.T. *Vox voces: (re)memorar*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012. p. 52

²⁴ Ver: FUNDAÇÃO KONRAD ADENAUER BRASIL. *Quem somos*. Disponível em: <http://www.kas.de/brasilien/pt/about/> Acesso em 27/08/2014.

das tensões bipolares entre Estados Unidos e União Soviética. É um passado, que não deve ser lembrado, uma "recusa defensiva de reviver o trauma"²⁵.

Partindo destas discussões, os centros de estudos do tempo presente na França e na Alemanha retomavam os debates pouco realizados pós-1945, encontrando forte resistência de uma academia conservadora, que não estava preparada para reativar estas discussões. Assim, tanto o IHTP quanto o ZfA foram renegados pelos catedráticos da Universidade de Paris e da Universidade Livre de Berlin (representados pelo Instituto Friedrich Meinecke), respectivamente. Com isto, na França, o IHTP precisou ser apoiado por instituições fora do meio acadêmico, como o Centro Nacional de Pesquisas Científicas (CNRS), ligado ao Ministério da Educação do país, e, na Alemanha, o Centro de Estudos do Antissemitismo foi instalado junto à Faculdade de Comunicação Social da Universidade Técnica de Berlin.

O historiador norte-americano Tony Judt na obra *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945* mostrou que a história da Europa no pós-Segunda Guerra Mundial é pautada em questões em torno dos julgamentos e do "esquecimento" da participação dos colaboracionistas em prol da reconstrução do continente a partir de uma imagem de luta e resistência. Segundo o autor

Por toda a Europa era firme a disposição de deixar o passado para trás e recomeçar, seguir a recomendação de Isócrates aos atenienses, no fim da Guerra do Peloponeso: "Governemos coletivamente, como se nada de mau tivesse acontecido."

Esse descrédito em relação à memória recente, a busca por mitos de antifascismo que pudessem ser úteis (...) foi o legado invisível mais importante da Segunda Guerra Mundial na Europa. No seu aspecto positivo, tal legado facilitou a recuperação nacional, permitindo que homens como o marechal Tito, Charles de Gaulle e Konrad Adenauer propiciassem a seus compatriotas uma concepção plausível e orgulhosa de si mesmos.²⁶

Desta forma, o IHTP tem como principal preocupação a necessidade de "lembrar": a memória do final da Segunda Guerra Mundial não só precisava (e ainda precisa) ser pensada a partir da sociedade europeia, fragmentada entre colaboracionistas e perseguidos pelo regime nazista, como também era necessário analisar as diferentes construções do passado para compreender questões contemporâneas, que, no caso

²⁵ SILVA, F.C.T. *Op. Cit.* p. 54.

²⁶ JUDT, Tony. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 75.

europeu, seriam os problemas em torno da ascensão de grupos e partidos de extrema-direita, principalmente a partir dos anos 1990²⁷.

A necessidade em torno da análise sobre a sociedade europeia pelo instituto está relacionada ao contexto de sua criação: o historiador francês René Remond, que participou da fundação do IHTP e foi um dos expoentes da chamada *Nova História Política*, e François Bedarida apontaram para a necessidade de o campo estar ligado a um engajamento do historiador, ou seja, a função social é relacionada a uma "experiência de vida" já apontada por Marc Bloch no célebre *Apologia da História*, em que é reforçada a tese na qual o pesquisador, para ter uma melhor perspectiva sobre os estudos de História, precisa ter vivência, possibilitando uma visão mais abrangente do mundo.

François Dosse relaciona a criação do IHTP ao trauma causado pela República de Vichy e os debates em torno do negacionismo, pois exigia do historiador um engajamento, uma luta travada com saberes contra estes tipos de discurso. Em entrevista dada à revista *História Agora*, o autor afirma

Tenho impressão que esta História do Tempo Presente é muito ligada aos deveres de memória e aos traumas da sociedade. Sim, é isso. Efetivamente, o lado traumático, o lado de curador, aquele que cura, do historiador. É verdade que se pode ver assim, quer dizer, podemos ver efetivamente o trabalho do historiador como alguém que acalma, de uma certa maneira, os sofrimentos e os traumas do passado, por um trabalho sobre a narrativa, sobre o relato. E como consegue efetivamente colocar em palavras, colocar em relatos, qualquer coisa que é da ordem de um traumatismo extremamente importante.²⁸

As disputas pela memória são fundamentais para compreendermos o trabalho do historiador do tempo presente. São elas que nos fazem compreender as escolhas de uma determinada sociedade, pois representam uma série de traumas e debates que aquele local quer "esquecer" ou "lembrar".

François Bédarida afirmou que a relação entre presente e passado é a principal fonte de inovação trazida pelo Instituto em sua criação, pois as diversas memórias

²⁷ Para mais informações sobre este assunto, ver: TEIXEIRA DA SILVA, F. C. (Org.) ; SCHURSTER, K. (Org.) ; LAPSKY, Igor (Org.), BRITTO, Giselda (Org.) . *Velhas e Novas Direitas: a atualidade de uma polêmica*. 01. ed. Recife: EDUPE, 2014. v. 01. 315p .

²⁸ Entrevista com François Dosse. **História Agora**. no. 7. 2007. Disponível em: <http://www.historiagora.com/revistas-antiores/historia-agora-no7/39/118-entrevista-com-francois-dosse> Acesso em: 01/03/2014.

construídas constituem o tempo presente a partir de "moradias provisórias"²⁹, que são voláteis, suscetíveis à mudanças repentinas. O desenvolvimento desta afirmativa está relacionado a três elementos considerados fundamentais para o autor: *História e verdade*, *História e totalidade* e *História e ética*.

O primeiro debate aborda um ponto central da discussão sobre o fazer histórico: é possível, com a abundância de documentos e temas "vivos" e/ou "quentes" (expressão que Bédarida remete ao professor Ernest Labrousse) que o tempo presente proporciona, chegar à verdade? Assim como os demais campos da área, o autor afirma que o historiador não consegue atingir tal patamar, mas precisa ter como objetivo a busca dele. Este fator deve-se à relação entre objetividade e subjetividade na produção do saber e sua dependência sobre o tema analisado, cabendo ao pesquisador distinguir os níveis distintos de verdade histórica, oriundos das diferentes construções de memória.

O segundo ponto de discussão é a relação entre História e totalidade. Bédarida afirma que novas abordagens, aumento do número e tipo de fontes e diversificação nos estudos a partir de análises multidisciplinares, contribuíram para a mudança nos estudos de História, influenciando na criação do IHTP. Desta forma, para compreendermos um fato, é preciso analisar as condições estruturais que levaram ao ocorrido, ou seja, a compreensão do *fenômeno* como um todo. Tal pensamento se dá graças à influência da história-problema, que mostra a possibilidade de objetos de estudos para o historiador do tempo presente.

O último ponto, História e Ética, é pensado por Bédarida a partir da "opção moral do historiador"³⁰. O autor discute a consciência do pesquisador, principalmente em relação à temas que envolviam as sociedades no tempo presente, desde torturas, genocídios e regimes ditatoriais até as relações de gênero e a saúde. É preciso reconhecer que, mesmo com a preocupação de equilíbrio entre objetividade e subjetividade durante uma pesquisa, a análise não será neutra: o historiador possui uma responsabilidade perante a sociedade, pois seu objetivo é pensar e questionar os discursos históricos.

A partir destes três pontos pensados por Bédarida, René Remond desenvolve a tese na qual o historiador do tempo presente vai de encontro com a escola positivista, pois, por reconhecer sua proximidade do tema, sua objetividade se torna frágil, porém

²⁹ BÉDARIDA, François. *Tempo presente e presença da história*. In: FERREIRA, M. M. F & AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editoria FGV, 2006. p. 233.

³⁰ Idem. p. 238.

suas análises contribuem para construir os fatos, que não são somente observados e minuciosamente descritos, como eram feitos no final do século XIX.

Para o pesquisador ser engajado ao tema, Remond aponta que o tempo presente precisa ser estudado a partir dos "vivos" e, portanto, deve-se sempre inovar seus objetos. Desta forma, a Segunda Guerra Mundial continuará sendo considerada como objeto de análise pelo campo, mas serão incorporados a temas mais recentes, como o final da Guerra Fria, os atentados terroristas aos Estados Unidos, dentre outros.

Desenvolvendo a tese de René Remond e Bédarida, François Dosse afirma que a leitura histórica no tempo presente não pode ser reduzida a um fato estudado, mas analisado a partir dos seus vestígios, compreendendo o discurso sobre determinado acontecimento a partir de suas sucessões. A noção de um tempo único e linear para o historiador é quebrada, pois o estudo sempre será um diálogo contínuo entre passado e presente³¹.

O tempo presente também pode ser visto como um grande laboratório para a relativização das relações causais para o historiador de outros recortes temporais, pois o fato em ocorrência força o pesquisador a testar hipóteses a partir da análise de estruturas e vestígios do fato, sem ter ideia de um ciclo fechado³².

Dosse afirma que o tempo presente dá vantagem ao historiador ter a possibilidade de trabalhar com testemunhos de um determinado acontecimento. As diversas memórias auxiliam na compreensão dos pontos de vista traçados, permitindo ao pesquisador fazer uma "história da subjetividade" na qual a crítica é utilizada para compreender e desconstruir a formação dos discursos históricos.

Ao contrário do que foi formulado por François Dosse, quando afirmou que a periodização do tempo presente poderia ser a consideração de um acontecimento-catástrofe, que proporcionaria uma nova ordem, ou o limite do relato, colocando o marco da Segunda Guerra Mundial em pauta (elemento central para o IHTP), Hugo Fazio Vengoa, professor titular da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade dos Andes, propõe uma nova demarcação para o tempo presente em artigo escrito no ano de 2009 para a *Revista de Estudios Sociales*³³, da instituição em que leciona.

Vengoa afirma que o fim do século XX foi marcado por discussões acerca da Queda do Muro de Berlim em 1989, o que proporcionou o aumento do interesse pelos

³¹ DOSSE, François. *A História*. São Paulo: EDUSC, 2003. P. 173.

³² Idem. p. 175.

³³ VENGOA, H. F. *Los años sesenta y sus huellas en el presente*. Revista de Estudios Sociales, no. 33, 2009.

analistas em "oferecer ferramentas analíticas estratégicas para a compreensão da contemporaneidade", a partir do estabelecimento de sínteses sobre o período após o fim da União Soviética, procurando formular e compreender a nova ordem instaurada após 1991. O autor mostra que, desta linha de pensamento, surgiram dois discursos que pautarão os debates nos anos 1990 sobre o que chamamos de Nova Ordem Mundial, ambos realizados nos Estados Unidos. O primeiro é formulado por um grupo de pesquisadores que apontavam para o início de uma nova era na humanidade, através da resolução de problemas restritos ao mundo bipolar, pois o capitalismo não sofreria mais ameaças do bloco socialista e o mercado passaria por um processo de expansão e universalização. Esta é a tese do *Fim da História* do cientista político Francis Fukuyama³⁴. O segundo discurso, muito discutido ao final da primeira metade dos anos 1990, servia como oposição à tese de estabilidade pós-fim da Guerra Fria, preferiu historicizar o presente e oferecer uma leitura do mundo contemporâneo a partir de eventos que poderiam representar a origem da atualidade e, com isto, produzir cenários sobre o futuro. Esta linha de pensamento está atrelada ao economista Samuel Huntington, ao formular a tese sobre o *choque de civilizações*³⁵.

Ao apresentar os dois debates, Vengoa reconhece a importância dos mesmos, pois ambos propuseram um estudo analítico da contemporaneidade, apresentando discursos distintos sobre um mesmo período. Para o autor a compreensão destas vozes destoantes nos permite ter uma melhor estudo do presente, afirmando que os eventos atuais necessitam de análises de longa duração, para que seja possível constituir a natureza do "presente histórico"³⁶.

Partindo desta discussão, a periodização do presente está relacionada ao tempo em que os problemas da atualidade surgem de forma mais ou menos clara. Com isto, o presente deixa de ser um *curto espaço de tempo*, fazendo alusão ao historiador britânico Timothy Garton ou um *recipiente de tempo*, pensado por Reinhart Koselleck. Para Vengoa

o presente é um intervalo temporal relativamente elástico, cujas fronteiras cronológicas variam permanentemente, em correspondência com o tipo de problema que se apresenta à humanidade em uma conjuntura específica. Portanto, conclui-se

³⁴ FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

³⁵ HUNTINGTON, Samuel. *O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997

³⁶ VENGOA, Op. Cit. p.17

que não existe nenhuma coisa ou situação que podemos definir como um presente cuja validade se estenda por todo tempo e lugar. O presente sofre uma permanente transformação e, com isto, está sempre alterando sua relação com o passado e o futuro³⁷. (tradução de sentido nossa)

Com esta afirmação, Vengoa defende a hipótese de que o ano de 1945, cultuada pelo IHTP, não pode mais ser considerado um marco de periodização do presente, pois os problemas existentes naquele momento não são relacionados com as questões da sociedade contemporânea, sem representar os assuntos nacionais e globais na atualidade. Para o autor, as problemáticas geradas após a Segunda Guerra Mundial foram solucionadas com o fim da Guerra Fria em 1989³⁸. Neste ponto, o autor se refere às questões políticas e econômicas, desconsiderando os movimentos de extrema-direita na Europa, por exemplo, e como eles retomam e renovam determinados discursos elaborados durante os regimes fascistas na década de 1930.

Além do fim da Segunda Guerra Mundial, o autor afirma que o ano da queda do Muro de Berlim, 1989, também não é um marco para o presente, pois ele afirma que o evento não causou o início de uma nova ordem mundial, e sim terminou com uma antiga, acompanhada dos problemas e contradições daquele período, pautados na bipolaridade entre o sistema capitalista e o bloco socialista.

Vengoa também discorda de outra data que ele aponta ser muito utilizada na atualidade para definir o marco do nosso tempo presente: a queda das torres gêmeas em 2001. O autor afirma que os ataques não geraram uma nova ordem, pois representam as consequências de um processo que já havia sido desencadeado anteriormente (Vengoa não desenvolve, mas é importante lembrar que o mesmo local já havia sofrido um atentado em 1993). Além disso, a tentativa de promover os atentados de 2001 como um nova ordem mundial foi de responsabilidade do primeiro governo de George W. Bush, pensamento que seria refutado em seu segundo mandato³⁹, principalmente com a crise econômica de 2008.

O autor defende a tese de que os movimentos de 1968 foram o marco do nosso presente, pois eles iniciaram debates e apontaram novos problemas que ainda podem ser vistos nas sociedades da atualidade. Para compreender esta data como periodização para o tempo presente no ocidente foi preciso distanciar-se por décadas para entender os

³⁷ Idem. p. 19.

³⁸ Idem. p. 20.

³⁹ Idem. pp 20 - 21.

processos de mudança na política, economia e sociedade do final dos anos 1960. Os movimentos sociais ganharam força, incorporando as minorias nas discussões políticas⁴⁰; a Academia mudou seus métodos de pesquisa, inserindo novas questões para debate; o modelo de produção foi alterado, acompanhando o início da Terceira Revolução Industrial, pautada na ausência de estoques e no imediatismo da produção (*just in time*); e foi iniciado o processo de globalização, que contribuiu para um redimensionamento do globo terrestre⁴¹.

Desta forma, Vengoa afirma que o tempo presente é um evento relacionado a um processo de maior duração, relacionado a uma conjuntura que dá condições ao desenvolvimento de uma nova época histórica. Se pensarmos nestes termos, os anos 1960, embora marcados pelo contexto da Guerra Fria, apresentam discussões atuais até o momento em que os problemas da sociedade contemporânea forem alterados, forçando a uma nova periodização.

As discussões sobre o tempo presente e o engajamento do historiador são abordadas no filme de Michael Verhoeven, *Uma cidade sem passado* (Das schreckliche Mädchen, Alemanha, 1990, 94 min.): Sonja Rosenberger, interpretada por Lena Stolze, é uma menina de uma cidade do interior da Alemanha que resolve estudar o passado do local, partindo da hipótese que seus habitantes foram resistentes ao nazismo durante a Segunda Guerra Mundial e que o único colaborador com o regime foi o prefeito Zumbotel, punido após o conflito. Ao longo de sua pesquisa, ela se depara com uma série de dificuldades e dúvidas, principalmente ao descobrir casos de delação de judeus por padres da cidade, que a faz mudar o foco de sua análise, buscando o histórico dos judeus naquele lugar.

O desenvolver da história mostra os problemas que Sonja passou para ter acesso aos arquivos da cidade, que continham informações sobre nomes de pessoas e documentos que comprovavam a participação de outros habitantes do local com o regime nazista, dentre eles, o professor Juckenack, uma figura importante e respeitada por todos os habitantes da cidade.

⁴⁰ Podemos destacar, além do movimento negro, a luta dos homossexuais para inserção na sociedade americana, principalmente com o ativista Harvey Milk durante os anos 1970, que foi o primeiro político declarado homossexual a ser eleito para um cargo e que acabou sendo assassinado durante o expediente no ano de 1978. Em 2008, um longa-metragem foi produzido em homenagem à importância de Milk no movimento dos homossexuais, intitulado em português *Milk: a voz da igualdade*, dirigido por Gus Van Sant.

⁴¹ VENGOA. *Op. Cit.* 21- 23.

Sonja, que era um símbolo de orgulho para a cidade, passou a ser malquista pelas pessoas, pois, através dos estudos e dos saberes, trouxe à luz uma memória que foi apagada, visto que mostrava como a maioria dos habitantes do local foram coniventes com a perseguição aos judeus e colaboraram com o regime nazista. Com o filme, Verhoeven exemplifica a importância do historiador do tempo presente e o seu papel combativo na sociedade.

O tempo presente no Brasil: uma produção voltada para o ensino e a inovação das pesquisas

O início da institucionalização dos estudos de História do Tempo Presente no Brasil nos anos 1990 encontrou diversos obstáculos assim como sua implementação na Europa na década anterior. A criação do Laboratório de Estudos do Tempo Presente (TEMPO) na Universidade Federal do Rio de Janeiro foi marcada por dificuldades, principalmente em relação à compreensão dos avaliadores da proposta. Segundo Francisco Carlos, o projeto, influenciado por seus estudos nos centros francês e alemão, estava inserido no processo de renovação da história contemporânea no Brasil e da democratização da UFRJ. As linhas de trabalho do TEMPO eram baseadas no recente processo de redemocratização do Brasil, em que se tornaram necessários estudos sobre o fenômeno das ditaduras em nossa história e as possibilidades de comparação com os demais fenômenos ditatoriais do século passado. Além disso, as temáticas atuais traziam aos métodos de pesquisa elementos inovadores, voltados para o ensino da História Contemporânea, que, para Francisco Carlos, buscava reviver a experiência de catedráticos da cadeira, como o professor Delgado de Carvalho e a professora Maria Yedda Linhares. O projeto apresentado foi inicialmente reprovado por alegar que as propostas teóricas e metodológicas do laboratório não correspondiam com a História, e sim com elementos da Ciência Política, Sociologia e Economia, refutando a tese levantada por Marc Bloch ao fundar os Annales com Lucien Febvre em 1929, que consistia na diversificação das ferramentas para o fazer histórico⁴².

O autor afirma que mesmo com as dificuldades impostas ao projeto, os casos europeus são diferentes do Brasil, pois enquanto a resistência na França e na Alemanha estava relacionada ao processo de ocultar o passado em prol da harmonização da

⁴² SILVA, F.C.T *Vox, voces*. p. 50 - 51.

sociedade no pós-segunda guerra mundial, o nosso caso estava (e ainda está) restrito ao caráter conservador das instituições universitárias brasileiras, ""departamentalista" e departamentalizada das ciências do homem e na sua busca eterna de nichos próprios"⁴³, pois embora o laboratório tenha se consolidado e inspirado a criação de trabalhos conjuntos no âmbito nacional e internacional, o tempo presente ainda continua sendo visto com dificuldade por especialistas de outras áreas e períodos temporais diferentes.

O TEMPO foi criado em 1994 junto ao Departamento de História, hoje Instituto de História, localizado no Largo de São Francisco, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Sob coordenação do professor Francisco Carlos Teixeira da Silva, o laboratório tinha como objetivo reunir pesquisadores de diversas níveis e áreas, aproximando estudantes de graduação, mestrado e doutorado com professores especialistas em determinadas temáticas, que tinham relação com o campo, não só no Brasil como em escala global. Tal diferenciação é importante ser explicitada, pois compreende o debate central para a polêmica em torno do tempo presente no Brasil. Sua periodização deveria compreender às "estruturas estruturantes" relacionadas ao país, que poderiam ser vistas ao longo de uma determinada duração, assim como teorizou Fazio Vengoa.

As discussões em torno da periodização do tempo presente no Brasil é fundamental para pensarmos a fundação do laboratório, pois os estudos de História Contemporânea do (e no) país não correspondiam aos debates atuais, sob argumento de que tais pontos eram pertencentes a outras áreas do conhecimento. Assim, para Francisco Carlos

Naquele tempo [1993] estudar História Contemporânea era um risco, ainda mais se esta história era do "tempo presente". Assim, invariavelmente os cursos de História do Brasil e de História Contemporânea encerravam-se nos anos de 1930, considerando-se que, depois desta data, a temporalidade não mais pertenceria ao campo da história. (...) A História, numa versão depravada de Marc Bloch, era a ciência do homem no tempo "passado". (...) "Esqueciam" a disposição militante e o preço pago por Marc Bloch [pela publicação de A estranha derrota] por ser um historiador do tempo presente (para além de sua imensa contribuição, claro, aos estudos medievais) e no tempo presente. Assim, a História do Tempo Presente, e seu laboratório, é um produto direto e reativo do silêncio dos tempos difíceis, onde a História Contemporânea era um território de alto risco.⁴⁴

⁴³ Idem. p. 79.

⁴⁴ Idem. p. 91.

Seguindo este pensamento, o tempo presente brasileiro deveria superar os debates da História Contemporânea que nos remete a Revolução de 1930 como grande marco, por não atender mais as condições atuais do país, uma vez que política, economia e sociedade se transformaram profundamente após este período. Além de 1930, outras datas também foram refutadas para o estabelecimento do marco para o tempo presente no Brasil.

Baseado nos estudos europeus, que influenciaram as pesquisas no campo das ciências humanas no país, os anos de 1945 e 1946, que representam o fim da Segunda Guerra Mundial, a derrubada de Vargas e a nova constituição, que reiniciava a experiência democrática no país, ampliada pela expansão do voto na década de 1930, foram refutadas por não atender o processo de mudança que auxilia na compreensão das questões atuais da sociedade brasileira.

O ano de 1954, também não poderia ser considerado um marco para o tempo presente brasileiro, pois a morte de Vargas, elemento marcante na história política do país, dá um caráter de "continuidade", que postergaria em 10 anos a crise nas instituições brasileiras, acompanhadas de um golpe de Estado com participação dos militares e da sociedade civil, que resultou na instauração de uma ditadura no país.

O golpe civil-militar de 1964, embora muito discutido em seus 40 e 50 anos de "comemoração"⁴⁵, foi refutado como marco para os estudos do tempo presente, pois alguns pontos centrais da sociedade brasileira já haviam sido iniciados, como os movimentos sociais, que tiveram um papel fundamental no governo de João Goulart e depois do golpe. Além disso, algumas correntes historiográficas, com destaque para o professor de História Contemporânea da Universidade Federal Fluminense, Daniel Aarão Reis Filho, afirmam que o movimento de 1964 era composto por atores que fizeram parte de outros golpes que ocorreram desde a década de 1920.

Sem as opções ditas "óbvias" pelo professor Francisco Carlos, ele aponta que o marco do tempo presente brasileiro está entre o suicídio de Getúlio Vargas e o golpe de 1964. Desta forma, os anos seriam 1958 e 1959, quando boa parte das questões que

⁴⁵ Houve diversas publicações ao longo do período que propunham fazer um revisão bibliográfica do golpe de 1964, principalmente me 2014, quando completamos 50 anos. Uma série de livros, edições especiais de revistas e eventos foram realizados para analisar pontos sobre o golpe. Citamos em especial a edição especial da Revista Eletrônica do Tempo Presente, lançada em Julho de 2014, que reuniu uma série de documentos sobre o golpe, mostrando como que a imprensa brasileira cobriu o fato, mostrando seu papel fundamental no processo e o apoio dos Estados Unidos através da Operação Brother Sam. Para mais, ver: "1964: documentos de uma história". Disponível em: www.tempopresente.org. Acesso em 29/08/2014.

discutimos na sociedade brasileira já podem ser vistas no país, como a entrada do futebol no dia-a-dia dos brasileiros (o primeiro campeonato, a "Taça Brasil", começou após a seleção ter ganho seu primeiro mundial em 1958 na Suécia), o projeto de interiorização do país, com a expansão das rodovias e o término da construção de Brasília, e a mudança nos movimentos artísticos, em especial o teatro e o cinema⁴⁶, que contemplavam novas temáticas e a cada dia partiam para um engajamento político, que se intensificará a partir dos anos 1960, com as pressões sobre o governo João Goulart e a oposição aos militares pós-1964. Para o professor

Em verdade optamos por um feixe de elementos mais amplo: de um lado, estruturais e, de outro comportamentais, focado numa data simples, de pouco brilho aparente, mas de grandes consequências: o espaço entre 1958 e 1959. Foram meses, dias, de "aceleração da História", o exato contrário do tempo parado e presentificado da longa duração das "estruturas estruturantes". (...) Foi um período notável, envolto em crises e expectativas de modernidade intensas para o país e sua gente. Não eram só as tais mudanças "estruturais". Os comportamentos, gostos e formas de "fazer e pensar o Brasil" mudavam rapidamente.⁴⁷

Firmado a periodização do tempo presente no Brasil e o método de trabalho, influenciado pela formação alemã de seu coordenador, o TEMPO foi consolidado e continua sendo considerado um grande centro de pesquisas na área. Em 1998, foi escolhido como um dos centros de referência do programa PRONEX, criado em 1996 pelo CNPq, com o projeto *Sociedade Agrária, Conflito e Conservadorismo*, que resultou em uma série de publicações ao longo deste período. Em 1999, contemplado pela CAPES, desenvolveu projetos no âmbito da relação entre História e Imagem, formando um dos eixos centrais para o laboratório, junto com os debates sobre Relações Internacionais e os regimes ditatoriais no século XX. Neste mesmo período, o TEMPO trabalhou com a temática dos esportes, contribuindo para a construção do Centro de Memória do clube de futebol Vasco da Gama, atualmente coordenado pelo professor Ricardo Pinto dos Santos (formado pelo laboratório), e resultando na construção do

⁴⁶ Em 1959, a peça *Eles não usam Black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri, era lançada discutindo a questão do movimento operário. Em 1962, a criação do Centro Popular de Cultura (CPC), por Guarnieri, Augusto Boal e Leon Hirszman, permite a expansão do *Cinema Novo*, com destaque para a série de episódios chamado *Cinco vezes favela*, realizada por diversos diretores, dentre eles Cacá Diegues, e as produções de Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos, com os respectivos filmes *Deus e Diabo na Terra do Sol* e *Vidas Secas*, ambos lançados em 1963, que tinham o sertão como tema principal. Ambos os filmes foram premiados e são até hoje celebrados no cenário internacional. Para saber mais sobre o assunto, ver a obra do professor Marcos Napolitano intitulada *1964: História do Regime Militar Brasileiro* (Editora contexto, 2014), em especial os dois primeiros capítulos, que fazem referência ao governo João Goulart e os movimentos artísticos no país durante a década de 1950 e 1960.

⁴⁷ SILVA, F.C.T. *Vox voces...* p. 94 - 95.

Laboratório de História do Esporte e do Lazer (SPORT-UFRJ), coordenado pelo professor dr. Victor Andrade de Mello, que possui uma série de publicações na área.

Outro momento importante para a consolidação do laboratório foi a iniciação da temática *Conflitos no tempo presente*, desenvolvida pela fundação do Grupo de Acompanhamento e Análise do Terrorismo Internacional (GAATI), inspirado pelas discussões de segurança internacional pós-11 de Setembro, e da parceria institucional entre o TEMPO, representando a UFRJ, e as instituições militares, principalmente no Rio de Janeiro (ESG, ECEME e EGN). Esta relação permitiu uma série de intercâmbios entre alunos de graduação e pós-graduação da universidade e a Escola de Guerra Naval, em que os estudantes tiveram a oportunidade de fazer cursos específicos no tema, ministrados por especialistas, e participando de debates que não eram desenvolvidos na universidade. Em contrapartida, os militares tiveram a oportunidade de ingresso em pós-graduação no nível *strictu sensu*, através do Pró-Defesa, programa da CAPES que tinha como objetivo "implantar redes de cooperação acadêmica no país na área de Defesa Nacional, possibilitando a produção de pesquisas científicas e tecnológicas e a formação de recursos humanos pós-graduados no tema"⁴⁸. Desta forma, a parceria entre o TEMPO e as instituições militares fizeram o Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ ser um dos programas de todo o Brasil que fizeram parte do projeto desenvolvido pelo governo brasileiro.

Em Outubro de 2005, tendo em vista a necessidade de desenvolver produções regulares do laboratório e divulgar as pesquisas, foi criado o sítio eletrônico do TEMPO (www.tempopresente.org), com objetivo de publicizar duas importantes linhas de pesquisa: *conflitos*, pelo GAATI, e *América do Sul*, que tinha como objetivo produzir relatórios de acompanhamento sobre países como a Bolívia, que passava por um intenso processo de mudança política, devido a candidatura de Evo Morales à presidência. A divulgação resultou na criação da *Revista Eletrônica Boletim do Tempo*, entre 2006 e 2007, que tinha como objetivo a publicação de textos produzidos por alunos e professores em uma periodicidade de 10 em 10 dias. Em 2012, a revista foi reformulada e passou a ter uma produção trimestral, mudando seu nome para *Revista Eletrônica do Tempo Presente*, com edições temáticas coordenadas por pesquisadores estrangeiros e da academia brasileira. A primeira edição deste formato, intitulada *Argentina, hoje*, foi ao ar em Junho de 2012 e desenvolvia os debates sobre a política na Argentina.

⁴⁸ Trecho retirado da página da CAPES: <http://www.capes.gov.br/bolsas/programas-especiais/pro-defesa>
Acesso em 30/08/2014.

Atualmente, a coordenação da revista planeja uma nova reestruturação, que deverá ser iniciada em 2015.

Em 2010, o TEMPO foi contemplado com investimento da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e CNPq para desenvolver um projeto em torno da temática da integração regional na América do Sul. O trabalho, fruto de pesquisas anteriores desenvolvidas pelo professor Francisco Carlos e pesquisadores como Daniel Chaves e Rafael Araújo⁴⁹, foi intitulado *Caminhos da Integração Sul-americana*, que propiciou a formação de jovens pesquisadores no âmbito da graduação e da pós-graduação. Neste projeto, a equipe, além de produzir material sobre a temática da integração regional, promoveu uma série de eventos voltados para a inovação e o incentivo à cultura. Dentre eles, destacamos a reconstrução de "pocket shows" na universidade, desenvolvendo aulas com leituras de textos literários acompanhados de performances teatrais e musicais⁵⁰. O projeto, finalizado em 2014, resultou numa série de livros publicados, dentre eles:

- *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. 01. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010. v. 01. 976p.
- *Terrorismo na América do Sul*. 01. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010. v. 01. 310p .
- *Histórias do Recife: entre narrativas do passado e interpretações do presente*. 01. ed. Rio de Janeiro: Multifoco Selo Luminária Acadêmica, 2011. v. 01. 330p
- *Autonomias - Bolívia no Tempo Presente*. 1. ed. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010. v. 1. 176p .
- *Entre "Rivals" : Futebol, Racismo e Modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2012. v. 1. 126p .

⁴⁹ O trio de pesquisadores realizaram uma série de relatórios de acompanhamento sobre países da América do Sul, que resultaram nos *clippings* divulgados no site do laboratório. De início, a periodicidade do material era diária, mostrando um grande volume de informações sobre a região. Este trabalho possibilitou a equipe do tempo em realizar o projeto Da Selva à Cordilheira, em que os pesquisadores tiveram a oportunidade de visitar os países pesquisados e elaborar um material fílmico da pesquisa, que resultou em dois produtos realizados em parceria com empresas públicas e privadas e o cineasta Eryk Rocha, filho de Glauber Rocha. Os produtos foram um filme intitulado *Pachamama* (Eryk Rocha, 2008) e uma série de 6 capítulos chamada *Da Selva à Cordilheira* (2008).

⁵⁰ Destacamos a produção do Pocket Show *Canto da América do Sul*, realizado em julho de 2010, quando os pesquisadores do TEMPO montaram um palco no térreo do IFCS e fizeram leituras e dramatizações de textos referentes ao tema, acompanhados de uma banda que tocava músicas de personagens marcantes da história do continente sul-americano. Para ver os melhores momentos deste evento, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=fTPYlyvZScw&feature=share> Acesso em 30/08/2014.

- *Campos da Política: discursos e práticas*. 1. ed. São Paulo: LP-Books, 2012. v. 01. 601p .
- *Argentina, hoje*. 1. ed. Rio de Janeiro: Integração Regional, Argentina, relações internacionais, 2012. v. 01. 129p .
- *Instituições na América do Sul: Caminhos da Integração*. 1. ed. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2013. v. 1. 408p .
- *Estratégias Regionais na América do Sul: Caminhos da Integração*. 1. ed. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2013. v. 1. 520p .
- *Atlântico, a história de um oceano*. 01. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. v. 01. 546p .
- *Velhas e novas direitas: a atualidade de uma polêmica*. 01. ed. Recife: Editora da Universidade de Pernambuco/EDUPE, 2014. v. 01. 316p
- *História Comparada: debates teóricos e metodológicos*. 01. ed. Recife: Editora da Universidade de Pernambuco/EDUPE, 2014. v. 01. 180p .

A trajetória do TEMPO, aliado com o estabelecimento de redes de cooperação no âmbito nacional e internacional, possibilitou a criação de grupos de pesquisa espalhados pelo país, em que muitos foram montados por ex-alunos e pesquisadores colaboradores do TEMPO, que decidiram levar o trabalho para outras instituições, aumentando o grupo de interessados na pesquisas relacionadas ao tempo presente. Desta forma, laboratórios e/ou grupos de estudos foram criados na Universidade Estadual de Maringá, Universidade Federal de Sergipe, Universidade Federal do Amapá, Universidade de Pernambuco, Universidade Federal Rural de Pernambuco, dentre outras. Com a instalação de diversos polos de pesquisa sobre tempo presente no Brasil, os coordenadores dos grupos se uniram e formaram uma rede de cooperação, chamada *Rede de Estudos do Tempo Presente* (TEMPO BRASIL), por iniciativa dos professores doutores Dilton Cândido dos Santos Maynard (UFS) e Francisco Carlos Teixeira da Silva (UFRJ), com secretaria de apoio em ambas as instituições. Os pontos foram decididos em reunião realizada na cidade de Natal em Julho de 2013, durante o XXVII Simpósio Nacional de História, formalizando eventos bianuais conjuntos e possibilidade de formação de cursos e publicações em cooperação com as diversas instituições envolvidas na rede.

Atualmente, o TEMPO continua operante a partir da rede e da revista eletrônica, além dos trabalhos do professor Francisco Carlos e a equipe de pesquisadores que incorporam o conselho editorial da revista e dos projetos em processo de desenvolvimento. Neste sentido, novas linhas de pesquisa foram incorporadas ao tempo presente no Brasil, todas voltadas para inovação e uma funcionalidade para a sociedade.

Partindo do pressuposto da formação humanista de profissionais voltados para o ensino, o grupo possui projetos voltados para o ensino de História e a atualização de professores da rede estadual e municipal no Rio de Janeiro. O objetivo é levar novos métodos e debates do tempo presente para a sala de aula, reforçando o papel do professor e historiador ter uma função social, a serviço da sociedade através da informação e divulgação de trabalhos inovadores, ou seja, o conhecimento produzido na academia precisa "sair dos muros" da universidade e ampliar o debate, principalmente nas escolas. Invertendo o processo, um dos projetos atuais deste grupo de pesquisadores que integram a rede é estudar como os traumas coletivos (o holocausto, as ditaduras militares, o apartheid) são ensinados em sala de aula, trazendo um debate da escola para a universidade.

1.1 - Tempo presente e informação: o problema com os veículos midiáticos.

Uma das polêmicas que envolvem o estudo do Tempo Presente é a sua relação com o jornalismo. Jean-Pierre Rioux afirma que a união destas duas profissões (historiador e jornalista) foi fundamental na consolidação da História do Tempo Presente, pois a produção intensa de notícias nos jornais, que, a partir dos anos 1960 passaram a utilizar o diálogo entre diferentes campos para construir uma linha argumentativa baseada em análises críticas realizadas por pesquisadores, continua incentivando a escolha de temas da atualidade a serem analisados⁵¹.

O "imediatismo" dos veículos midiáticos foi intensificado ao longo dos anos 1980 e 1990 a partir dos efeitos da globalização da informação, principalmente pelo desenvolvimento das redes de televisão por satélite e a internet, fundamentais para a

⁵¹ RIOUX, Jean-Pierre. *Entre História e Jornalismo*. In: CHAVENAU, A. e TÉTARD, Ph. (orgs.). *Questões para História do Presente*. São Paulo: EDUSC, 1999. p. 119 - 126.

propagação de notícias em tempo real, que muitas vezes impede o jornalista de estudar o fato e suas repercussões ou convidar algum especialista para realizar esta função.

Nesse sentido, os temas da atualidade passaram a gerar uma "faca de dois gumes": ao mesmo tempo que aumenta o debate na sociedade, o rigor teórico e metodológico é comprometido, podendo causar explicações e relações causais equivocadas e/ou perigosas, voltadas somente para um determinado tipo de discurso. Tais análises são informadas ao grande público por jornais, sites e programas de televisão, e reproduzidas por larga da parte da sociedade.

O professor Francisco Carlos Teixeira da Silva em seu recente livro *A História na Primeira Página* busca, em sua breve introdução, realizar uma análise deste embate constante entre historiadores e a mídia, pois enquanto o primeiro é "prolixo, cuidadoso, evita explicações acabadas ou afirmações peremptórias e ama citações e notas de rodapé eruditas", o segundo possui "um 'espaço reduzido', um tempo nervoso e fragmentado" e que demanda a formação de cenários (quase um "jogo de adivinhação"!). Desta forma, o afastamento do objeto necessário para compreender os vestígios e diferentes falas sobre o mesmo não ocorre, causando um risco acadêmico forçado por análises reducionistas e empobrecidas. Por outro lado, o professor reconhece a importância de o especialista participar dos grandes veículos de informação, pois são oportunidades de divulgação de pesquisas para o público⁵², além de poder cumprir seu papel perante a sociedade.

Esta discussão surge a partir da união entre jornalismo e história, fundamentado no que conhecemos como "História Imediata". François Dosse aponta para a importância de Jean Lacouture (jornalista e historiador), quando o mesmo escreveu na obra organizada por Jacques Le Goff⁵³ um artigo sobre a questão. Dosse argumenta que, naquele momento, o artigo de Lacouture serviu para chamar a atenção para os temas atuais, uma vez que a maioria dos historiadores voltavam-se para o período medieval e moderno, desconsiderando as questões do tempo presente⁵⁴. O motivo para o afastamento da História Imediata, segundo Dosse, está relacionada à visão da sociedade, que pensava a História como algo não imediato, pois fontes eram necessárias e serviam de testemunho para analisar fatos.

Daí surge a pergunta: História do Tempo Presente e História Imediata são iguais? A partir das discussões listadas acima, principalmente em relação à criação do

⁵² SILVA, F.C.T. *A História na Primeira Página*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013. P. 9-10.

⁵³ LE GOFF, J. (org.) *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

⁵⁴ Entrevista com François Dosse. **História Agora**. no. 7. 2007. p. 2.

IHTP, percebemos que a análise do Tempo Presente é baseada em um recorte temporal, de longa e curta duração, buscando a compreensão do fato a partir de processos e estruturas. Já o imediato teria um recorte temporal mais limitado, que consiste numa análise de um determinado instante, ou seja, um estudo do "fato pelo fato".

O retorno à questão, debatida ao longo dos anos 1970 e 80, é fundamental para compreendermos a diferenciação e reafirmar a importância do fazer histórico do pesquisador do tempo presente, pois os termos continuam sendo difundidos como sinônimos e breves comentários sobre determinados acontecimentos passam a ser apropriados como análises históricas, principalmente pelos jornais, com objetivo de aumentar seu público. Neste sentido, podemos citar como exemplo a abordagem sobre a rivalidade entre China e Estados Unidos, que passou a ser encarada como uma "Nova Guerra Fria"⁵⁵, por grandes veículos de informação norte-americanos, não considerando as especificidades que levaram o conflito com a União Soviética durante a segunda metade do século XX⁵⁶.

1.2 - Fontes: o tempo presente e sua capacidade de inovação

O trabalho com as fontes é uma das principais etapas da pesquisa dos pesquisadores das ciências humanas e deve ser realizado a partir de critérios determinados e explicados pelo historiador, pois elas não funcionam como o vestígio que traz a verdade tanto buscada nos estudos. Elas possuem um lugar de fala e cumprem um determinado objetivo, que dependerá do contexto em que está inserida.

A partir dos anos 1970, os temas passaram a ter uma maior inserção da cultura, que haviam sido dominados pela Economia após a criação dos *Annales* em 1929⁵⁷.

⁵⁵ Ver: TIME, 28/12/2012. *What if there was a Cold War between the US and China?* Disponível em: <http://world.time.com/2012/11/28/what-if-there-was-a-cold-war-between-the-u-s-and-china/> Acesso em 06/03/2014.

⁵⁶ As rivalidades não podem ser encaradas como "Nova Guerra Fria". A partir de 1947, quando compreende-se o início do conflito entre Estados Unidos e União Soviética, a divisão da Europa, antigo eixo central do mundo, e o medo de uma possível guerra nuclear mantiveram as duas superpotências numa constante preparação para a guerra que não ocorreria de forma direta, levando o foco para disputas de zonas de influência, gerando *guerras de baixa intensidade*. Atualmente, questões como as lutas dos ambientalistas e os acordos comerciais entre Estados Unidos e China impossibilitam recriar o mesmo contexto que tivemos entre os anos 1940 e 1970, considerados o auge da Guerra Fria. Sobre o conflito entre a União Soviética e os Estados Unidos, ver: HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX (1914 - 1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 223 - 252.

⁵⁷ A crítica do fazer histórico do século XIX, pautado exclusivamente numa história historicizante, teve seu principal expoente em Lucien Febvre e Marc Bloch, que fundaram a Revista dos *Annales*, tendo

Oriundos principalmente da geração de maio de 1968, teatro, literatura, música e, principalmente, o cinema passaram a entrar na pauta de discussões dos historiadores, que tiveram a oportunidade de inovar seus estudos, possibilitando trabalhar questões importantes para compreendermos a sociedade em diferentes períodos da história⁵⁸. Para a produção desta tese de doutoramento, daremos ênfase a dois tipos de fonte: o cinema e a Internet, pontos a serem abordados nos itens adiante.

O historiador francês Étienne François, ao escrever sobre a abertura das documentações referentes à polícia política da República Democrática Alemã (stasi)⁵⁹, afirma que o arquivo é cercado de expectativas, acompanhadas de frustrações por parte de pesquisadores. Sem rigor teórico e metodológico, espera-se que as novas informações sobre a Alemanha Oriental, apontada pelo autor como muito bem catalogadas e organizadas, sejam determinantes para a construção da verdade sobre aquele espaço, desconsiderando as condições nas quais os documentos foram escritos. Segundo o autor

(...) começa-se a perceber que tudo não é assim tão simples, que os novos arquivos não falam a verdade por si só, que, como todos os outros arquivos, eles devem ser submetidos a uma crítica exigente das fontes, que seu manuseio só pode ser feito se forem respeitadas as precauções éticas e metodológicas elementares, e que mesmo bem utilizados, e interrogados a partir de questões pertinentes, não dispensam o historiador de seu trabalho habitual de reconstituição e de interpretação - e não tem resposta para tudo.⁶⁰

A saída, para François, é lembrar que é necessário ter uma visão crítica das fontes, através do estabelecimento de questões sobre o arquivo, que irão nortear as pesquisas e revelar o presente e o ausente nas documentações⁶¹. Assim, precisamos compreender que não há um "arquivo perfeito", dotado de verdades incontestáveis e reveladoras, pois tais documentos são produzidos e manipulados para determinadas

como objetivo a proposta de novas formas e ferramentas do fazer histórico. A partir da segunda geração, principalmente, tivemos uma predominância dos estudos economicistas, que prevaleceram até a virada linguística nos anos 1970. Para mais, ver: BURKE, Peter. *A Escola dos annales, 1929 - 1989*. São Paulo: UNESP, 2003.

⁵⁸ Não é do escopo deste trabalho fazer uma análise de todas as fontes utilizadas pelos historiadores. Diversos autores discutiram e continuam tratando desta questão. Dentre eles, ver: PINSKY, C. B. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

⁵⁹ FRANÇOIS, Étienne. *Os "tesouros" da Stasi ou a miragem dos arquivos*. In: BOUTIER, Jean (org.); JULIA, Dominique (org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998. pp. 155 - 162.

⁶⁰ Idem. p. 157.

⁶¹ Idem pp. 157 - 159.

situações, podendo levar o historiador a reforçar a legitimidade pela funcionalidade da polícia política, seguindo o exemplo da Stasi.

Seguindo o debate sobre a preocupação em torno da relevância demasiada dada às documentações, a historiadora Élisabeth Roudinesco afirma que o arquivo deve ser dosado pelo pesquisador, pois seu excesso e sua ausência tornam impossíveis o fazer histórico, levando à inviabilidade da narrativa e fantasia, delírio e invenções de dogmas, respectivamente. Assim, produziríamos análises que desconsiderariam a ausência de vestígios ou que focassem somente no trabalho da memória, ambos combatidos pelo fazer histórico.⁶²

Os temas atuais da História do Tempo Presente são um fator que auxiliam na capacidade de inovação das pesquisas, devido a extensão dos arquivos e a utilização de novas fontes. Segundo o historiador francês Roger Chartier, o pesquisador deste campo causa inveja aos demais, por dois motivos: o primeiro é a possibilidade de ser estudado temas que possuem fontes contemporâneas, evitando um trabalho arqueológico, uma "busca desesperada de almas mortas"⁶³; o segundo é o grande volume de fontes que o historiador possui para realizar as pesquisas, podendo realizar um trabalho mais completo e polifônico. Estes pontos auxiliam na produção de novos temas, considerando uma enorme gama de documentação que pode ser encontrada atualmente, principalmente pela ajuda da internet.

As duas vantagens representam um risco para o historiador, pois ele pode cair nas armadilhas do monopólio do discurso, desconsiderando a polifonia e o embate entre pontos de vista, e perder o foco da pesquisa, com a quantidade de fontes que a internet proporciona ao pesquisador, sendo muitas delas de pouca qualidade e confiabilidade.

Chartier afirma que o historiador do tempo presente é o único capaz de chegar mais próximo da ambição da história ser "um discurso verdadeiro, capaz de dizer o que realmente aconteceu"⁶⁴. A partir do uso de suas fontes, acompanhado dos questionamentos frisados por Étienne François e Élisabeth Roudinesco, poderemos ter maior precisão dos processos, diferente de outros períodos, que permitem combater as falsificações deformadoras da memória do próprio presente e do passado.

O uso de novos materiais é importante não só para a pesquisa do historiador, como em sala de aula, na qual o professor tem como objetivo a construção de saberes,

⁶² ROUDINESCO, Elisabeth. *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 9.

⁶³ CHARTIER, Roger. *A visão do historiador modernista*. In: FERREIRA, M. M. F & AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editoria FGV, 2006. p. 228.

⁶⁴ Idem. p. 229.

buscando diálogo contínuo com a sociedade em que a escola está inserida. Assim, temos um projeto político pedagógico definido, baseado na relação entre professor, aluno e novos saberes para o desenvolvimento dos jovens e adultos estudantes. Desta forma, a utilização de filmes, músicas, jornais, poesias, etc, traz um "novo elemento", tornando debates sobre determinados temas mais completos e próximos da experiência do público. A mesma coisa pode ser feita em outros espaços, como salas de cinema e exposições de arte, onde é possível a análise de questões políticas e sociais e como elas são repassadas para o grande público, um dos principais objetivos desta pesquisa.

1.2.1 - Internet: a propagação de informações em tempo real.

A internet foi uma grande revolução para os meios de comunicação. Tornou o acesso à todo tipo de informação (seja ela de boa ou má qualidade) mais ágil e auxiliou no aumento do interesse nos estudos de temas internacionais de forma atualizada, fundamental para o desenvolvimento das pesquisas no tempo presente. Foi desenvolvida no contexto da Guerra Fria, durante a década de 1950, quando o governo norte-americano passou a estudar possibilidades de preservar a troca e arquivamento de informações, mesmo diante de um ataque nuclear ao país. Criou-se a ARPANET, oriunda da Agência de Projetos de Pesquisa Avançada ligada ao Departamento de Defesa dos EUA. Durante os anos 1960 e 1970, o desenvolvimento do conceito de troca de informações em uma rede de computadores passou a ser considerado e aprimorado para fins acadêmicos, consolidado na década de 1980, quando já haviam mais de 20 mil servidores criados para manutenção da comunicação⁶⁵.

Atualmente, com o caráter comercial da internet e a evolução dos computadores e telefones, temos informações em tempo real, que permitem um pesquisador no Brasil, por exemplo, pesquisar e escrever temas sobre golpes de Estado no Leste Europeu ou manifestações populares no Oriente Médio. Além disso, o desenvolvimento da tecnologia dos servidores torna a internet o local onde encontramos a maioria das fontes que os historiadores trabalham, principalmente para o tempo presente, pois a maioria das documentações feitas atualmente são disponibilizadas no meio digital.

⁶⁵ Não é nosso escopo apresentar uma História da Internet, mas como esta importante ferramenta deve ser utilizada nas pesquisas de temáticas do tempo presente, visto que ela comporta a maioria dos arquivos de pesquisa desta tese de doutoramento. Para uma trajetória da internet mais aprofundada, ver: RYAN, Johnny. *A History of the Internet and The Digital Future*. London: Reaktion Books, 2010.

Além de facilitar o acesso aos materiais digitalizados, os historiadores também buscam analisar o que é produzido de forma exclusiva para a rede. Blogs, fóruns virtuais e redes sociais são espaços que servem para compreendermos como se dá o processo do debate na sociedade atualmente, vide o exemplo das manifestações no Brasil em 2013 e a greve dos garis no Rio de Janeiro em 2014, quando as críticas ao monopólio da divulgação da informação pelos grandes meios de comunicação (televisão e jornais) se tornaram evidentes. Por outro lado, a internet também é utilizada para propagação de bandeiras de grupos extremistas que, através de suas páginas, publicam e compartilham manifestos e suas histórias de ações contra as minorias, principalmente os negros e homossexuais.

A internet é um meio no qual podemos ver as disputas em torno da construção de memórias e representações do tempo presente, baseada na diversidade dos discursos e na amplitude dos debates sobre questões em escala global. No Brasil, temos grupos especializados na pesquisa da temática, destacando o *Grupo de Estudos do Tempo Presente*, da Universidade Federal de Sergipe, que possui um núcleo para analisar a atuação na rede de grupos de extrema-direita na América do Sul⁶⁶.

Para realizar uma pesquisa na rede é importante que o historiador tenha cuidado com as armadilhas da proximidade ao discurso. O professor de História Contemporânea das Relações Internacionais da Universidade de Estrasburgo, Denis Rolland, afirma que o material produzido na internet, muitas vezes, não possui nível de credibilidade científica conhecida, e raramente é assinado, oferecendo ao internauta uma "história sem historiador"⁶⁷. O autor desenvolve seu argumento, apontando os perigos da utilização indiscriminada de materiais do meio virtual

a virtualidade da informação conduz facilmente a uma falta de distanciamento; em função de uma relação mais distante com fontes mais diversificadas, a informação que chega às telas é julgada e utilizada *a priori* por estudantes e jovens pesquisadores com menores filtros críticos do que a informação impressa. De certo modo, a magia da acessibilidade de dados distantes, somada à juventude do meio de informação, prejudica em parte o olhar potencialmente crítico.⁶⁸

⁶⁶ Para mais informações do grupo, ver: www.getempo.org Acessado em: 09/03/2014.

⁶⁷ ROLLAND, Denis. *Internet e história do tempo presente: estratégias de memória e mitologias políticas*. **Tempo**, Rio de Janeiro, no. 16. p. 60.

⁶⁸ Idem.

Tal argumentação é a base para a pesquisa de Rolland, pautada em como os sites dos Ministérios das Relações Exteriores de quatorze países escreviam seus históricos para os visitantes, que geralmente são estrangeiros. Em todos, a escrita funcionou da mesma forma como a *História Nacional*⁶⁹ foi desenvolvida no século XIX, selecionando pontos que auxiliavam na criação de uma identidade, no caso da internet, para que o visitante pudesse compreendê-la a partir da trajetória do país. As escolhas, principalmente as ausências de determinados fatos, são fundamentais para compreendermos o papel da memória na agenda política interna destes países e a tentativa da construção de sua imagem para os demais.

Além da internet, temos o cinema, que passou a ser objeto de estudos dos historiadores a partir dos anos 1970, e ainda encontra uma grande resistência dos pesquisadores, conforme veremos no item abaixo.

1.2.2 O CINEMA: Uma análise da sociedade do tempo presente.

A evolução técnica e conceitual do cinema

O cinema é uma invenção do século XX. Embora tenha sido iniciado em Dezembro de 1895, com a primeira turnê realizada pelos irmãos Lumière de diversos filmes, dentre eles, *A chegada do trem à estação*, as histórias, atuações e montagens, elementos fundamentais para compreendermos o sentido do filme, foram todos desenvolvidos no início do século passado. Até 1914, às vésperas da 1ª. Guerra Mundial, o cinema já havia experimentado boa parte da evolução técnica que conhecemos atualmente, exceto o uso de som, cores naturais e imagem em 3 dimensões, elementos inseridos nos anos 1920, 1930 e 1960, respectivamente.

Nos primeiros cinco anos do cinema, os filmes refletiam a época da sociedade burguesa, principalmente a europeia: uma busca por inovação tecnológica, pautada no pensamento modernista daquele período. Os filmes que dominavam a cena naquele momento eram os dos Irmãos Lumière (França) e Thomas Edison (Estados Unidos), que tinham como característica compreender o cinema a partir do conceito físico (cinema,

⁶⁹ A História Nacional do século XIX, amplamente abordada por Hobsbawm, faz parte do projeto da burguesia em construir uma identidade nacional em que todos os membros da sociedade pudessem se reconhecer como parte da nação. Este processo tinha como principal objetivo a diminuição das tensões entre classes, muito fortes após a Revolução Francesa. Para mais, ver: HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e terra, 1990.

oriundo da cinemática, movimento). Desta forma, os grandes sucessos nos primeiros anos foram vídeos que valorizavam a capacidade de objetos e pessoas se movimentarem, bem como pequenos documentários feitos com a invenção do kinetoscópio de Edison.

Os documentários, especialidade dos estúdios de Edison, buscavam registrar questões comuns à sociedade americana. Um exemplo deste trabalho foi o filme da dançarina do ventre Fatima Djemille, muito famosa por suas exhibições que eram duramente interrompidas pela polícia, devido ao excesso de sensualidade na dança do ventre, contrária a moralidade da sociedade norte-americana naquele momento⁷⁰. A dançarina foi filmada por *James H. White* em 1896, que nomeou o trabalho de *Fatima's Coochee-Coochee Dance*. O filme mostra Fatima fazendo sua performance em um palco, trajando roupas típicas da dança do ventre. Assim como as apresentações, o filme seria censurado no início do século XX pela comitê de censura de Chicago, sob alegação de que o trabalho era muito sensual para exibição. Desta forma, foi colocado uma espécie de selo para cobrir as partes do corpo da dançarina (ver figura abaixo).

Censura em *Fatima's Coochee-Coochee Dance*⁷¹.



Trechos do filme *Fatima's Coochee-Coochee Dance* (Thomas Edison, EUA, 1896). Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=AxLJJK_ZQyM Acesso em 09/04/2014.

⁷⁰ Ver: MUSSER, Charles. *Edison Motion Pictures, 1890 - 1900: An Annotated Filmography*. Washington D.C: Smithsonian Institution Press, 1997. p. 131-132.

⁷¹ As imagens mostradas neste capítulo servem como ilustração das ideias desenvolvidas. Não temos objetivo, neste momento, de fazer análise de imagens e produzir um debate fora do escopo desta pesquisa.

A partir da primeira década do século XX, os trabalhos cinematográficos evoluíram para a produção de uma narrativa interna, um texto que guiaria as histórias que passariam a ser contadas nas projeções. Um dos nomes mais influentes deste período foi o do francês George Méliès que, em 1902, produziu *Viagem à lua*, um dos primeiros filmes de ficção científica da história do cinema, que mostrou uma série de efeitos especiais utilizados para a realização de diversas cenas.

Nos Estados Unidos, em 1903, Edwin Stanton Porter produziu *O Grande Assalto ao Trem*, que ficou caracterizado por desenvolver uma narrativa fílmica que alterava a noção temporal dos filmes. Antes, as filmagens mostravam um tempo único, sem possibilidades de eventos concomitantes, e, no filme de Porter, percebemos relações diacrônicas e sincrônicas entre as cenas realizadas.

Com a introdução da narrativa nos filmes, as atuações também passaram a ser um ponto fundamental para a produção fílmica, visto que os personagens deveriam convencer e cativar o público com a história contada. Desta forma, as angulações de câmera e enquadramentos⁷² também foram desenvolvidos neste período, não só para dar ênfase ao ator, como também serviu para construções de grandes cenários e diversificações de enredos.

O cinema, que no início era reconhecido por sua inovação tecnológica e tinha como principal conceito a relação com a Física (a cinemática - movimento), passou a ser reconhecido como arte na década de 1910, graças ao *Manifesto das Sete Artes*, escrito pelo italiano Ricciotto Canudo em 1914 que defendia a tese sobre o cinema (assim como o teatro) ser um somatório das demais artes: arquitetura, dança, escultura, música poesia e dança. Tal ideia foi bastante discutida e polêmica, pois a compreensão sobre arte naquele período combinava com a sociedade existente: as obras deveriam voltar-se para a elite⁷³ (óperas, balés e exposições não eram acessíveis ao grande

⁷² Neste momento, temos o desenvolvimento do chamado plano-americano, pensado pelo cineasta David Wark Griffith, que consistia no enquadramento do personagem do joelho ou da cintura até a cabeça, com objetivo de mostrar o personagem e sua linguagem corporal. Este tipo de posicionamento da câmera foi fundamental para o aumento da popularidade dos atores, que passaram a ser utilizados como ícones de publicidade para lançamento de filmes a partir da década de 1910 nos Estados Unidos. Sobre esta questão, ver: PEREIRA, Wagner P. *O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolf Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933 - 1945)*. São Paulo: Alameda, 2012. pp. 190 - 201.

⁷³ ver: HOBSBAWM, Eric. *As artes transformadas. In: A era dos Impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

público) e os filmes foram desenvolvidos para a massa, de acordo com o preço do ingresso e as localizações das salas de cinema⁷⁴.

A partir do fim dos anos 1920, o cinema se aproximou ao que observamos na atualidade. O desenvolvimento da tecnologia, a partir de experimentos e invenções, permitiu a inserção das cores e, principalmente, do som nos filmes, trazendo novos elementos a serem observados pelo espectador.

O primeiro filme com som foi realizado nos Estados Unidos pela produtora Warner Brothers: *Don Juan* (1926, Alan Crosland), no qual uma música gravada acompanhava o filme, causando um enorme impacto aos espectadores, que estavam acostumados em escutar uma orquestra dentro do cinema para tocar músicas que seguiam as cenas do filme.

Em 1927, o primeiro filme falado foi também lançado pela Warner Brothers e intitulado *The Jazz Singer* (O Cantor de Jazz, 1927, Alan Crosland), no qual o ator Al Jolson disse a frase que marcou o início do filme sonoro no cinema: “You ain’t heard nothin’ yet” (vocês ainda não escutaram nada). Esta fala tinha uma sincronização melhor do que as gravações musicais feitas anteriormente e tinha como principal objetivo mostrar que era possível emitir sons de fala no cinema e manter a sincronia, mesmo imprecisa, entre movimentos de lábios e voz.

⁷⁴ O preço do ingresso nos Estados Unidos no início da década de 1900 era de 5 cents, um nickel, acessível à classe trabalhadora. Além disso, os chamados *nickelodeons* localizavam-se nas grandes cidades, geralmente próximos aos centros de trabalho, de forma estratégica para captar os trabalhadores. As exibições dos irmãos Lumière eram também voltadas para o grande público e o Kinetoscópio de Thomas Edison funcionava com centavos.

Cartazes dos primeiros filmes sonoros dos Estados Unidos produzidos na década de 1920: Don Juan (1926) e The Jazz Singer (1927)



Arquivo digital da Warner Brothers. Disponível em: <http://www.warnerbros.com/movies/warner-archiv/> Acessado em 17/04/2014.

Em 1930, a tecnologia da empresa norte-americana *General Electric* aprimorou o som, tornando a sincronização mais eficaz, possibilitando o aumento da produção de filmes sonoros por Hollywood. A inserção do som permitiu a produção dos musicais nos Estados Unidos, que marcariam os anos 1930 e 1940 no país, principalmente com os trabalhos do ator americano *Fred Astaire*. A popularidade dos filmes norte-americanos pelo mundo, aliado à introdução do som no cinema, fez com que os Estados Unidos aumentassem a exportação para outros países.

A inserção da tecnologia sonora demandou mudanças na estrutura dos estúdios e cinemas norte-americanos. Aos estúdios seriam necessários aprimoramentos na infraestrutura dos locais de gravação, como construção de salas à prova de som externo para não interferir nas gravações, melhoria dos instrumentos de filmagem e luz com intuito de diminuir ruídos dos aparelhos, aquisição de aparelhos de captação eficientes e contratação de engenheiros de som responsáveis por construir, manter a nova estrutura e participar de todas as etapas da produção do filme.

Os cinemas tiveram que melhorar a acústica, através de reforma das salas e aquisição de aparelhos de som eficientes para projetar os filmes. Além disso, foram demitidas as orquestras contratadas para acompanhar os filmes mudos, as mesmas que realizavam eventos em datas comemorativas para o público.

Os processos de produção fílmica também foram alterados de acordo com o desenvolvimento dos sons no cinema, pois os roteiristas deveriam fazer cenas mais longas, que possuíam diálogos e canções. Este fator também exigiu do ator melhor preparo para a realização de um filme, pois a atuação demandaria novos elementos como falar e dançar.

A indústria cinematográfica norte-americana, mesmo com o sucesso da inserção do cinema sonoro, sofreu perdas ao longo da década de 30. O aumento da produção de musicais e o desenvolvimento de diálogos com maior duração nos filmes tornou o idioma uma barreira para o público internacional e, conseqüentemente, diminuiu a importação de filmes norte-americanos⁷⁵. Em 1931, a indústria cinematográfica dos Estados Unidos perdeu força diante dos reflexos da crise econômica, iniciada dois anos antes, e diversas salas de cinema tiveram que ser fechadas por falta de público e verba para manutenção. Enquanto isso, o cinema europeu se fortaleceu, devido a diminuição da importação de filmes e a inserção de tecnologias de som nos filmes nacionais, financiados principalmente pela Siemens, empresa alemã de tecnologia.

A solução da crise no cinema norte-americano foi através da ajuda de investidores sobreviventes da quebra em Wall Street e do incentivo do governo norte-americano de Franklin Delano Roosevelt, que procurou ceder uma grande linha de crédito aos estúdios e financiou a produção de filmes no país⁷⁶. A produção de filmes “B”, de baixo custo e rápida realização, também ajudou no reerguimento do cinema no país, pois filmes de ação e westerns passaram a ser feitos em larga escala por produtoras de menor expoente no mercado, tornando os ingressos mais baratos e acessíveis à população, que voltou a lotar as salas de cinema.

Ao final dos anos 1930, os Estados Unidos já tinham reerguido sua indústria cinematográfica e grandes filmes sonoros foram dirigidos pelo cineasta americano Victor Fleming como *Gone with the Wind* (E o vento levou, 1939) e *The Wizard of Oz* (O mágico de Oz, 1939).

⁷⁵ As grandes produtoras de filmes norte-americanos como Paramount Pictures, MGM e Warner Brothers criaram filiais de seus estúdios em países como França e Alemanha para realizar coproduções de filmes multilinguais. As histórias, sets e modelos de filmagem seriam os mesmos e somente atores e o idioma seriam alterados. Porém, a iniciativa demandava um custo muito alto para manter estúdios, realizar filmagens e distribuir os filmes, tornando impossível tal empreitada. Para mais, ver: DIBBETS, Karl. *The introduction of sound*. In: NOWELL-SMITH, Geoffrey. *Op. Cit.* Pp. 211 – 219.

⁷⁶ Um bom trabalho sobre a relação entre cinema e propaganda pode ser visto no livro do professor Wagner Pinheiro Pereira, em que é feita uma análise sobre como a indústria cinematográfica se aproximou da política na década de 1930, culminando na Segunda Guerra Mundial. Ver: PEREIRA, Wagner P. *O Poder das Imagens: Cinema e Política nos Governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt (1933-1945)*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2011.

As cores no cinema foram desenvolvidas entre 1926 e 1932⁷⁷ e, neste período, foram lançados em torno de 30 filmes nos Estados Unidos com a utilização de uma ou mais cores. Entre 1932 e 1935, o norte-americano *Walt Disney* possuía a exclusividade de realização de filmes coloridos em animações como *Three Little Pigs* (Os três porquinhos, 1933).

Com a inserção das cores e som no cinema norte-americano, os estúdios passaram a utilizar a tecnologia nas televisões, aumentando a produção e número de programas exibidos. A partir dos anos 1950, os estúdios passaram a investir em som estéreo e imagem em tela ampla (Widescreen), melhorando a experiência do público nas casas e salas de cinema.

A qualidade de som e imagem foi melhorando a partir do desenvolvimento de novos aparelhos, que aumentavam a qualidade de captação e gravação na produção do filme e de emissão nas salas de cinema. Filmes que contavam com extensos efeitos especiais, como a Trilogia *Star Wars* dirigido por George Lucas, no final dos anos 1970, aprimoraram não somente a qualidade de som, mas também a imagem, evoluindo até os dias atuais, com a tecnologia digital.

Com a consolidação das tecnologias no cinema, novas compreensões sobre o mesmo puderam ser utilizadas. De inovação tecnológica a arte, o cinema também passou a ser compreendido como uma forma de indústria voltada para o entretenimento, principalmente por causa da organização do sistema de estúdio (primeiramente pensado pelos Estados Unidos). Compreendemos as diferentes conceituações a partir do contexto de cada sociedade daquele tempo: a noção de inovação tecnológica e arte acompanhava o debate sobre o pensamento modernista que dominava as sociedades dos países desenvolvidos no final do século XIX, e a ideia de indústria e entretenimento era baseada no modo de produção em massa para o grande público, influenciado pelo fordismo, que ditou as políticas econômicas dos Estados Unidos durante a primeira metade do século XX.

⁷⁷ *The Great Train Robbery* (Edwin S. Porter, 1903) já tinha indícios de cores amarelas nas cenas de tiros, mas era devido a uma reação química utilizada no filme para captação da coloração. A partir dos anos 20, os instrumentos de gravação começaram a ser testadas na gravação em colorido.

A relação entre história e cinema é um fator muito discutido entre os historiadores e tem como base o debate da utilização do filme como fonte, principalmente através da compreensão do contexto no qual é inserido o trabalho cinematográfico escolhido para ser estudado. Um dos primeiros historiadores a defender o uso deste tipo de fonte foi *Marc Ferro*, na obra *Cinema e História*, publicada em 1977, na qual o autor analisa o uso de filmes através da compreensão das sociedades contemporâneas, classificando os trabalhos cinematográficos como “agentes de história”⁷⁸.

O historiador francês aponta que o cinema não era pensado como uma fonte histórica, devido a hierarquia dos documentos. No início do século XX, a História privilegiava o estudo da nação e tinha como fontes documentos escritos que eram relacionados aos feitos dos atores responsáveis pela sociedade: líderes estatais, diplomatas, magistrados, empresários e administradores.

O filme também não era aceito pelas classes dirigentes, o que dificultava a credibilidade do uso desta fonte pelos historiadores. Além disso, um dos argumentos utilizados era que as imagens, “essa pretensa representação da realidade, são selecionáveis, modificáveis, transformáveis, porque se reúnem por uma montagem não controlável, um truque, uma falsificação.”⁷⁹. Desta afirmação, surgem alguns pontos de reflexão: os documentos escritos não são passivos de “falsificação”, montagem, transformações? O que o faz ser tão diferente do cinema?

Ferro mostra que a necessidade de estudar o filme em História se dá a partir do momento em que todas as classes passaram a frequentar o cinema e a mudança que o marxismo, principalmente nos anos 1960, proporcionou aos estudos das ciências humanas, fazendo surgir uma *história nova*, que teria um papel importante na revisão dos tipos de fontes e seus usos para o historiador.

O cinema para Ferro funcionaria a partir de uma análise que não é proposta pelos documentos escritos. O filme, composto pelo roteiro (texto) e o visível (atuações, cenários, cores - subtexto), dotado de um discurso, é uma contra-análise da sociedade,

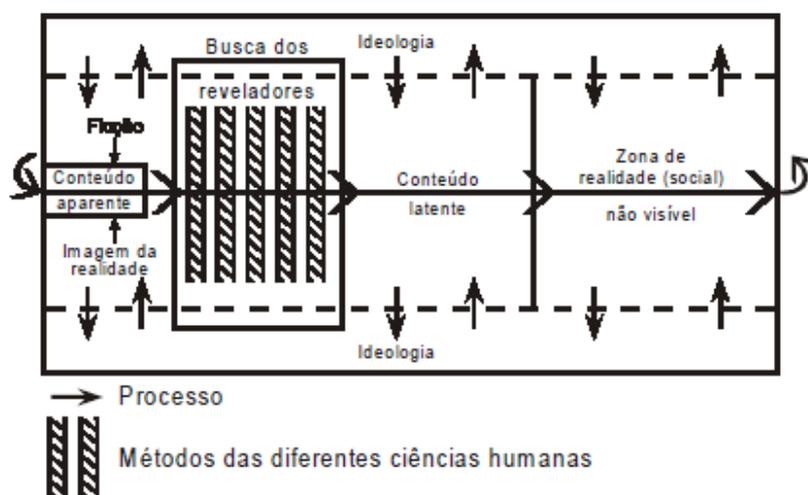
⁷⁸ FERRO, Marc. *O filme: uma contra-análise da sociedade?* In: Nora, Pierre (org.) *História Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 199 - 215.

⁷⁹ FERRO, Marc. Op. Cit. p. 201.

pois não é realizada pelos meios convencionais, ou seja, este tipo de documento não faz parte da hierarquia das fontes utilizadas nos estudos históricos.

Marc Ferro foca suas análises na produção de sentido dos filmes e defende que o cinema é portador de dois tipos de conteúdo, que se complementam no processo emissão do sentido. O primeiro é o conteúdo aparente, ficcional, composta pela história do filme, seu enredo e personagens, em que a narrativa tem papel fundamental para o desenvolvimento do trabalho cinematográfico; o segundo é o conteúdo latente, correspondente a uma mensagem embutida na narrativa do filme, funcionando como uma espécie de "mensagem subliminar". O conteúdo latente só pode ser percebido a partir da experiência do público, que poderá identificar um discurso desenvolvido durante a história a partir do que Ferro chama de "busca dos reveladores", que estariam relacionados ao tempo presente da produção, conforme podemos ver no esquema abaixo apresentado pelo autor. Assim, o contexto seria fundamental para a compreensão deste processo, uma vez que o filme possui uma análise da sociedade em que está localizado.

Imagem 3 - esquema de Marc Ferro da relação entre conteúdo aparente e conteúdo latente⁸⁰



A importância de estudar os filmes é que eles, embora possam ser ficções, fazem parte do imaginário de uma determinada sociedade, localizada em tempo e espaço específicos. A produção cinematográfica, que tem como objetivo cativar o grande

⁸⁰ Disponível em: FERRO, Marc. *O cinema uma contra-análise da sociedade?* P.10

público, busca temas condizentes com a sociedade do seu tempo presente, ou seja, todos os filmes que são realizados e postos em cartaz são consequências de debates atuais, presentes tanto no texto quanto no subtexto.

Marc Ferro, além de introduzir a questão sobre a necessidade do uso de filmes como fonte histórica, propõe uma metodologia de análise fílmica a ser utilizada pelos historiadores, que resultarão na divisão de três gêneros diferentes: filmes de ficção, de atualidades e documentários e filmes políticos ou de propaganda. Neste momento, o autor não desenvolverá análises sobre filmes históricos, que tratam de temas relacionados ao passado.

Em relação a metodologia proposta por Ferro, em primeiro lugar, o autor mostra a necessidade de compararmos o filme à alguma obra literária que possa ter influenciado na produção do texto, com objetivo de diferenciar aspectos da história. Este tipo de análise pode ser vista nos estudos de Siegfried Kracauer que, em 1946, publicou a obra intitulada *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*⁸¹, na qual desenvolveu a tese sobre os filmes do *expressionismo alemão*, característico da década de 1920, mostrarem os traços de uma sociedade autoritária e miserável durante a República de Weimar e que tais questões são importantes para explicar a ascensão de Adolf Hitler no início da década de 1930. Kracauer utilizou a comparação de obras literárias e filmes produzidos para demonstrar o caráter autoritário de determinados personagens dos principais filmes naquele período, além de explicar sobre a centralização dos processos de produção fílmica pela *Unviersum Film AG* (UFA), criada em 1917.

Em segundo lugar, Ferro propõe a comparação entre filmes de temáticas semelhantes ou do mesmo diretor, a partir de determinados pontos importantes da história, que devem ser explicitados pelo pesquisador, junto ao contexto de produção do filme. Desta forma, o historiador poderá não só desenvolver um estudo temático sobre os filmes selecionados, como também conseguirá traçar uma característica do processo de realização do filme por um determinado diretor (no caso do texto, o russo Lev Kulechov).

Outro autor que trabalhará a questão do cinema e as diversas possibilidades de análise fílmica, é o professor Dudley Andrew, da Universidade de Yale. Ele afirma que o filme é um sistema de significados que forma, em conjunto com outras produções, um

⁸¹ KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

sistema (o cinema) com diversos subsistemas, representados pelos gêneros. O papel do crítico é analisar estes significados e compreender as diferenciações de cada gênero⁸².

O desafio para o crítico do cinema, segundo o autor, é conseguir aliar o estudo teórico com a experiência cinematográfica, ou seja, a relação de empatia que o espectador possui com o filme. Quanto mais estudo sobre o tema, maior é o afastamento do crítico em relação à mensagem do filme, pois esta experiência é parte importante do processo de análise fílmica.

Desenvolvendo os pontos sobre análise fílmica, Andrew irá nos nortear por sua abordagem metodológica. Ele afirma que o processo de compreensão do filme precisa ser realizado a partir de perguntas, que acompanhará desde o início da produção até o produto finalizado, culminando com a interação com o público. Para tal, ele divide sua análise em quatro categorias, em que serão desenvolvidas perguntas⁸³. São elas:

- “Matéria-Prima” – O que começa o processo cinematográfico? O que foi utilizado e por quê?
- “Métodos e técnicas” – Como foi utilizada a matéria-prima?
- “Formas de modelos” – O trabalho foi bem adaptado? A montagem foi bem sucedida? Qual o gênero? O filme foi bem aceito?
- “Objetivo e valor” – O que representa este cinema para a humanidade? Qual é a mensagem?

Para o autor, estas perguntas são fundamentais para a compreensão e formulação não somente dos filmes, mas também auxiliam na análise dos grandes teóricos do cinema, pois podemos compreender a formação de modelos teóricos e a evolução do conceito de cinema ao longo de sua história⁸⁴.

O historiador francês Pierre Sorlin, no livro intitulado *The Film in History*⁸⁵, lançado em 1980, afirma que o historiador precisa compreender que o texto não é mais importante que as outras formas de expressão (cores, formatos, movimentos, edição, som, música, etc), pois elas completam o sentido do filme. O autor afirma que a maioria dos estudos sobre cinema são impressões sobre a narrativa, dando grande ênfase à história que é necessária para compreender as questões escolhidas nos filmes a partir de

⁸² ANDREW, J. Dudley. *As Principais Teorias do Cinema*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. p. 14

⁸³ ANDREW. Op. Cit. p. 17 – 18.

⁸⁴ O autor trabalha com uma série de teóricos que foram importantes para a formação de teorias do cinema e que contribuíram para a discussão conceitual, defendendo o filme como uma obra artística em momentos em que ele ainda era visto como uma "inovação tecnológica".

⁸⁵ SORLIN, Pierre. *A film in history: restaging the past*. New Jersey: Barnes & Nobles Books, 1980.

reflexões e sentimentos sobre o filme, possíveis graças aos elementos que formam o seu sentido⁸⁶.

Sorlin desenvolve o debate introduzido por Marc Ferro ao conceituar um filme histórico. Segundo o autor

O filme histórico é uma dissertação sobre uma história que não questiona seu tema - aqui ele é diferente de um trabalho do historiador - mas que estabelece relações entre fatos e oferece uma visão mais ou menos superficial sobre os mesmos. A compreensão dos mecanismos históricos desenvolvidos no cinema é um outro campo de nossa pesquisa [dos historiadores].⁸⁷

O autor vai defender a tese de que o cinema é uma experiência social. Ir ao cinema é um ritual que vai desde a escolha do filme até a discussão com outras pessoas sobre questões abordadas na história. Além disso, o público dialoga sempre com o filme, expondo suas emoções, sejam elas boas ou ruins, de acordo com os momentos de catarse⁸⁸.

O cinema norte-americano, neste sentido, é compreensível na argumentação de Pierre Sorlin, pois a característica deste cinema é a produção de narrativas simples e diretas, que cativa o público e o traz para uma experiência de "ser inserido na história". Estes filmes consistem em histórias que mostram um final feliz, marcado por uma reviravolta acompanhada de catarse.

Sobre este modelo de cinema, em especial as produções de David Griffith, a abordagem de Gian Piero Brunetta em *Nacimiento del relato cinematografico* é vista do ponto de vista técnico, abordando a construção das câmeras e os primeiros filmes feitos. Brunetta afirma que as gravações eram feitas com o objetivo de guardar imagens. O autor coaduna com os demais estudiosos no ponto do uso do filme como fonte histórica. Primeiramente, os historiadores não utilizavam as informações, devido ao empirismo clássico. A mudança da metodologia na história motivou a busca de razões e "inícios", sendo o filme uma experiência e hipótese⁸⁹.

Outra obra a ser apontada é a organizada por *Mark C. Canes*, intitulada *Passado Imperfeito: A história no cinema*. Ao selecionar artigos sobre diversos filmes, atenta em mostrar erros dos filmes, causando uma preocupação para o autor, pois em sua

⁸⁶ Idem. p. XI.

⁸⁷ Idem. p. 21.

⁸⁸ SORLIN, Pierre. *Sociología del cine: La apertura para la historia de mañana*. México: Fondo de Cultura Económico, 1992.

⁸⁹ BRUNETTA. Op. Cit. p. 10.

introdução, *Canes* argumenta o uso do cinema nas escolas como fonte de conhecimento. O objetivo do autor nos traz pontos de reflexão: tirando aspectos técnicos, podemos dizer que os filmes apresentam erros históricos em seu conteúdo? O cinema pode ser pensado a partir de releituras relacionadas aos debates contemporâneos da sociedade e a forma de como nós vemos o passado? Podemos ver, com os demais autores discutidos, que os filmes são uma espécie de reprodução do passado pelo presente e devemos relativizar e compreender os erros históricos de filmes, que, as vezes, podem ser frutos de um determinado discurso.

O historiador francês *Christian Delage* defenderá que o filme é utilizado como fonte, podendo ser contatada a história, no exemplo do autor, de um julgamento. O livro *La Vérité par L'image: De Nuremberg au procès Milosevic* analisa as filmagens dos julgamentos de Nuremberg, além de analisar o caso do julgamento de *Adolf Eichmann* realizado em 1961, questionando e debatendo o uso da imagem como prova judicial.

Em seu capítulo de introdução da Revista *Vertigo*, de 1997, o pesquisador do Instituto de História do Tempo Presente afirma o cinema como arte, portadora de um discurso. Porém, para o autor, os historiadores do início do século XX pouco utilizavam a imagem como fonte⁹⁰, concentrando-se nas fontes escritas, mantendo a tradição da historiografia do século XIX.

Delage afirma a importância de *Marc Ferro* para a utilização de filmes como fonte histórica. *Ferro*, um dos primeiros profissionais da área a trabalhar com a ideia da utilização de filmes como fontes históricas, afirmava a necessidade de confrontar os filmes com a história, através de forma crítica, para a obtenção de sentido e de utilidade do filme para os historiadores.

Além disso, o autor mostra a necessidade da compreensão de filmes através das configurações sociais, mostrando as diferentes interpretações dos filmes em cada sociedade, devido às diversas perspectivas de visão de mundo e conhecimento das pessoas de grupos distintos⁹¹.

Em seu livro intitulado *The Scene of the Mass Crime: history, film and international tribunals*⁹², *Delage* afirma que o filme funciona como uma espécie de prova documental, uma evidência. Para desenvolver tal pensamento, o autor discute

⁹⁰ DELAGE, Christian. *Cinéma, Histoire: La réappropriation des récits*. In: DELAGE, Christin (org.). *Vertigo: Esthétique et Histoire Du Cinéma: Le cinéma Face à l'Histoire*. Vertigo, no. 17, 1997. p. 16.

⁹¹ Idem. p. 19.

⁹² DELAGE, Christian. *The scene of the mass crime: history, film and international tribunals*. New York: Routledge, 2013.

sobre os julgamentos filmados e como eles podem ser compreendidos por suas formas teatrais, levando o público a "descobrir" as atrocidades cometidas pelos réus, que são demonizados pela câmera.

O historiador Jorge Nóvoa no livro *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*, obra organizada em conjunto com Soleni Fressato e Kristian Feigelson, trata da relação entre história e cinema, através da questão social. Para Novoa, o cinema é uma das linguagens mais complexas inventada pelo homem, pois torna possível a substituição da realidade por imagens em movimento, que seriam acompanhadas de som e cores, num processo evolutivo da técnica e tecnologia empregada nos filmes. Partindo deste princípio, o autor procura elaborar uma definição do cinema

Com a riqueza de sua história poderíamos definir o cinema assim também como uma forma de consciência social que representa o real através de narrativas que envolvem imagens e sons tal qual eles existem na vida humana e no universo e o quanto mais ele, o cinema seja capaz de inventar.⁹³

A representação do real para Novoa pode ser desenvolvida a partir das narrativas produzidas pelos diretores. O filme contém questões que abordam desde a comunicação, as emoções do espectador até interpretações de questões políticas pertinentes a uma sociedade. Desta forma, a produção cinematográfica tem potencial para realizar uma *tese explicativa* sobre fenômenos históricos, sociais ou psicológicos. Para fundamentar o argumento, o autor cita exemplos como o filme *Arquitetura da Destruição* (Peter Cohen, 1989) e *Morrer em Madri* (Frédéric Rossif, 1963), que a partir de suas imagens, produzem teses debatidas pela sociedade relacionadas ao nazismo e à Guerra Civil Espanhola, respectivamente⁹⁴.

Para o autor, o cinema contribui para a História devido às novas formas de narrar um acontecimento, não utilizando apenas de "argumentos nacionais", como também de outros pontos que são necessários para a compreensão de determinados eventos, aliando o rigor da pesquisa (o processo de produção fílmica conta com uma série de consultores) com as emoções, auxiliando no debate de temas que ultrapassam os saberes obtidos nos estudos históricos⁹⁵. Neste sentido, o cinema determina um *novo paradigma* na narrativa dos fatos, trazendo a *razão poética* para o processo⁹⁶.

⁹³ NOVOA, Jorge, FRESSATO, Soleni, FIELGESON, Kristian (orgs). *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. São Paulo: EDUSP, 2009. p. 159 - 160.

⁹⁴ Idem. p. 160.

⁹⁵ Durante a dissertação de mestrado, analisamos a relação entre os atentados terroristas e o cinema, buscando compreender como que os filmes poderiam nos dar uma noção do conceito de terrorismo, muito

Segundo o autor, o cineasta tem a capacidade de discutir questões históricas e construir mitos fundadores antes da historiografia. Um exemplo para Novoa é a produção do cinema soviético, principalmente com Sergei Eisenstein, que construiu a imagem do trabalhador como o grande herói da Revolução Russa. Neste sentido, o cineasta russo tinha como objetivo a transformação da mentalidade da massa soviética através dos filmes, que funcionavam como elemento pedagógico e um *agente da transformação*⁹⁷. Eisenstein, com suas produções cinematográficas, teria sido um dos pioneiros da relação entre História e Cinema, antes das obras de Siegfried Kracauer nos anos 1940 e Marc Ferro nos anos 1970, mas que não consolidou estes pontos de forma direta, nem desenvolveu uma teoria e método de análise, como fez o historiador francês.

Ferro, portanto, é apontado por Novoa como o primeiro a desenvolver a relação entre História e Cinema de forma teórica e metodológica, mostrando a necessidade de o filme ser considerado uma fonte histórica. Para o autor

(...) Marc Ferro será realmente o primeiro pensador que realmente pensa o cinema, em toda a sua extensão, de modo dirigido aos objetivos da historiografia e das ciências sociais. Do cinema-documento, ao cinema-representação, ao cinema enquanto agente da história e quanto memória ou discurso sobre a história, até a fórmula mais sociológica do "cinema como contra-análise das sociedades", Ferro reflete sobre cada uma dessas instâncias, e de outras, em função da história enquanto ciência e da produção do conhecimento sobre os fenômenos da história.⁹⁸

Novoa, partindo do trabalho de Marc Ferro e das análises sobre Siegfried Kracauer e Sergei Eisenstein, afirmará que o cinema é a maior tentativa de representação do passado pelo presente, trazendo a experiência ao público a partir dos diversos textos do filme, que mostram e influenciam os debates existentes na sociedade contemporânea.

De forma parecida, o professor emérito do Instituto de Tecnologia da Califórnia, o canadense Robert Rosenstone, analisa a relação entre História e Cinema no livro A

discutido pela academia, mas sem um consenso, devido às questões de categorização de determinados grupos e países. No trabalho, defendemos que algumas cenas dos filmes escolhidos conseguem explicar melhor o conceito de terrorismo do que os diversos livros que existem sobre a temática, trazendo a discussão para o campo das imagens e das emoções. Para mais, ver: LAPSKY, Igor. *A popularização da guerra através do cinema: uma análise comparada dos terroristas antes e depois do 11 de Setembro*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2012.

⁹⁶ NOVOA, Jorge. *Op. Cit.* p. 161.

⁹⁷ *Idem.* p. 170.

⁹⁸ *Idem* p. 173.

História nos Filmes, os Filmes na História, em que sua principal tese é a que o filme deve ser equiparado a um texto produzido por historiadores, pois embora não seja dotado do mesmo rigor acadêmico guiado pelos procedimentos do *fazer histórico*, a produção cinematográfica também produz uma análise do passado pelo presente, superando os trabalhos escritos por possibilitar mostrar mais do que "palavras em uma página". Suas primeiras frases do livro mostram a tese do autor

Isto não deveria ser um livro. São necessárias mais do que palavras impressas em uma página para entender como o cinema apresenta o mundo do passado. São necessárias imagens em movimento em uma tela, música e também efeitos visuais. As palavras não cumprem totalmente a tarefa de compreender a experiência cinematográfica.⁹⁹

A afirmativa desenvolvida por Rosenstone vai de encontro ao pensamento formulado por Marc Ferro, que analisava o filme a partir da produção de sentido, deixando em segundo plano o papel das imagens em relação ao conteúdo. Desta forma, o autor canadense afirma que o as imagens são fundamentais, pois mostra "um mundo na tela que indica, alude e representa"¹⁰⁰.

O autor continua sua tese mostrando que é possível a elaboração de filmes históricos (para Rosenstone são produções que tentam recriar o passado de forma consciente) considerados "sérios", criticando a visão da Academia, que não aceita o filme como uma produção histórica, incluindo Marc Ferro e Pierre Sorlin neste pensamento, uma vez que estes não consideraram trabalhar com filmes históricos devido a falta de reconhecimento do esforço do cinema em contar o passado. Ele desenvolve esta tese a partir de sua própria experiência como consultor de história em filmes na década de 1980, quando trabalhou aproximadamente 8 anos no processo de pré-produção e produção do filme *Reds* (1981), baseado na vida do jornalista John Reed, conhecido pela obra que analisava a Revolução Russa, intitulada *Dez dias que abalaram o mundo*.

Rosenstone afirma que tanto o cinema quanto a televisão precisam ser melhor estudados pelos historiadores, pois as mídias visuais são o principal meio de transmitir a cultura ocidental para as diversas sociedades, funcionando muitas vezes de forma

⁹⁹ ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes, os filmes na história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. p. 13.

¹⁰⁰ Idem.

pedagógica. Para o autor, não é possível desconsiderar o papel do cinema nas sociedades ocidentais:

(...) o cinema e, mais tarde, o seu rebento eletrônico, a televisão, se tornaram, em algum momento do século XX, o principal meio para transmitir as histórias que nossa cultura conta para si mesma - quer elas se desenrolem no presente ou no passado, sejam elas factuais, ficcionais, ou uma combinação das duas coisas. (...) Deixá-los fora da equação quando pensamos o sentido do passado significa nos condenar a ignorar a maneira como um segmento enorme da população passou a entender os acontecimentos e as pessoas que constituem a história.¹⁰¹

Além do reconhecimento do cinema e da televisão como elementos centrais da cultura ocidental, o autor afirma que estes meios geram uma série de debates em relação a determinados fatos históricos, como no caso do filme alemão *Uma cidade sem passado*, discutido anteriormente neste capítulo. Rosenstone afirma que a repercussão do filme está em mostrar uma cidade do interior cujos habitantes apoiaram o nazismo, auxiliando na perseguição aos judeus.

Rosenstone mostra duas formas de trabalho na relação entre história e cinema. A primeira seria o pensamento sobre as "metáforas visuais", no qual se encaixa os filmes históricos e que servem para mostrar como o passado é reproduzido pelo presente. A segunda maneira é o trabalho com o campo das representações e discursos, voltado para a visão de Ferro sobre os debates e conteúdo aparente e conteúdo latente, apresentados anteriormente. Para ser possível compreender ambas as formas, é necessário que o espectador se distancie do filme (parecido com o posicionamento em relação ao distanciamento do objeto) para que ele possa compreender as questões centrais. Partindo deste princípio, determinados "erros", como anacronismos e estabelecimento de estereótipos são incluídos em debates fora do âmbito da técnica, relacionados a metáforas e discursos.

Para defender a complexidade e necessidade de realizar estudos sobre filmes históricos, Rosenstone separa este tipo de produção em três categorias:¹⁰²

1. Drama comercial: formato mais utilizado pelo cinema norte-americano, que tem como objetivo mostrar uma narrativa próxima da realidade para que o espectador possa ter uma interação com o filme, possibilitando uma relação de empatia com os personagens na história. Geralmente, o enredo é de simples

¹⁰¹ Idem. p. 17.

¹⁰² Idem. p. 33 - 36

compreensão e possui uma cadência formatada, que pode ser comparada aos demais filmes desta mesma categoria.

2. História de oposição ou inovador: o maior exemplo desta categoria é o cinema soviético, principalmente os filmes de Sergei Eisenstein. Ao contrário do cinema americano e dos dramas comerciais, o trabalho de Eisenstein consistia em uso de montagens impactantes, que causavam um desconforto no público. O choque de imagens era utilizado para evidenciar uma ideia do cineasta. No filme *A greve* (1924), por exemplo, Eisenstein utiliza a montagem para comparar determinados personagens a animais, e o burguês, dono da fábrica, é mostrado como o lobo. Além da montagem impactante, o protagonista destes filmes é sempre a massa, deixando personagens individuais para crítica, em contraposição ao coletivo.
3. Documentário de compilação: uma história linear e com uma mensagem moral. As imagens não são encenadas, e sim captadas pela câmera. Além disso, os objetivos iniciais do diretor podem ser vistos ao longo do filme, pois geralmente as cenas são gravadas de acordo com o processo de produção da história já finalizado.

Partindo de tais análises, a leitura de Rosenstone é importante para compreendermos o papel dos filmes norte-americanos naquela sociedade, pois eles funcionam de forma pedagógica, sendo um importante meio de divulgação da cultura e das agendas políticas de determinados grupos do país.

A compreensão do cinema pela sociedade é a principal relação entre filme e documento histórico e como o mesmo deve ser considerado uma obra do tempo presente, embora possa ser desenvolvido a partir de diferentes temáticas, que ultrapassam barreiras espaciais e temporais. Desta forma, a *experiência* do público, consequência da socialização proporcionada pelo cinema, é atrelada a discursos, o que explica o uso desta forma de entretenimento como propaganda durante os conflitos ocorridos no século XX.

Cinema e guerra: a relação entre experiência e política.

A melhor forma de relacionarmos cinema e política é através do papel que os filmes tiveram durante as guerras no século XX. As produções passaram a ter uma linguagem voltada de forma direta ou indireta para os conflitos, a partir de seus textos.

Assim, o cinema passou a reforçar posicionamentos políticos e produzir imagens que dominariam o imaginário das sociedades ocidentais, elemento que ainda podemos ver na atualidade e que será fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. Para compreendermos estas relações, devemos retornar as leituras de autores que, em sua maioria, escreveram textos para pensar a experiência que o cinema produzia sobre as guerras, fomentando uma série de debates políticos.

Segundo o historiador francês Paul Virilio, os inventores do cinema se inspiraram em mecanismos de armas para construir seus equipamentos de fotografia e filmagem, assim como os militares utilizaram de câmeras para gravar o movimento dos inimigos durante a guerra¹⁰³. A produção fotográfica e cinematográfica, neste sentido, acompanhou a tecnologia empregada na guerra, quando se inspirou em câmeras baseadas em armas de repetição (os tubos rotatórios do cano das pistolas), elaboração de equipamentos de filmagens aéreas, com objetivo de produzir imagens de reconhecimento dos inimigos, utilizada posteriormente nos filmes.

O principal argumento trabalhado pelo autor é que o objetivo da vitória na guerra não é somente a derrota da força inimiga, mas sim impor medo aos futuros adversários. Virílio mostra que a percepção funciona de forma semelhante na guerra e no cinema, pois assim como os filmes causam impactos ao público através de combinações de imagens, e a guerra é um espetáculo no qual a força empregada durante os confrontos gera um efeito que relaciona a posse de arma com a morte¹⁰⁴.

O autor mostra que a guerra e o cinema relacionam-se a partir dos significados que as imagens possuem em cada um destes pontos: na primeira tem como característica a obtenção de vitória na *imaterialidade* dos campos de percepção, muito mais do que o ganho material, ou seja, o imaginário em relação ao vencedor deveria ser mais importante do que o ato da vitória, pois este movimento evitaria novas tentativas de conflito; no segundo é construído o imaginário sobre aliados e inimigos através do conflito entre o bem e o mal, representado pelos super-heróis, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial.

Segundo Virílio, a luta pelo monopólio do campo das percepções a partir dos anos 1930 é fundamental para compreendermos o desenvolvimento da indústria cinematográfica alemã e norte-americana. Diversos cineastas do movimento expressionista fugiram da Alemanha a partir de 1933 e foram acolhidos pelos Estados

¹⁰³ VIRILIO, Paul. *Guerra e cinema: logística da percepção*. São Paulo: Boitempo, 2005. PP. 42-45.

¹⁰⁴ VIRILIO, Paul. *Op. Cit.* P. 15

Unidos, fortalecendo a produção de filmes no país. Por outro lado, o cinema alemão intensificou a corrida tecnológica no cinema, desenvolvendo a tecnologia de cores nos filmes para concorrer com as produções norte-americanas, que passaram a ser desenvolvidos no início da década de 1930 no estúdios Walt Disne. Além disso, os alemães investiram na produção de filmes épicos para constatar a grandeza do Terceiro Reich, muito influenciados pelos filmes norte-americanos considerados grandiosos naquele momento, como *Gone with the wind*.¹⁰⁵

Na obra *Cinema e Política*, os professores Leif Furhammar e Folke Isaksson argumentam que os filmes não podem ser considerados apenas diversão ou/e arte. Os trabalhos cinematográficos são frutos de "correntes e atitudes existentes numa sociedade, sua política. O cinema não vive num sublime estado de inocência, sem ser afetado pelo mundo; tem também um conteúdo político consciente ou inconsciente, escondido ou declarado."¹⁰⁶ Tais leituras só podem ser realizadas se a mensagem passada pelo filme for condizente com a realidade do seu lugar de fala.

Outra discussão a ser destacada sobre a relação entre guerra e cinema está presente no artigo de Francisco Carlos Teixeira da Silva no seu artigo *Cinema e guerra: um encontro no tempo presente*.¹⁰⁷ O autor faz um panorama da história do cinema, principalmente no que diz respeito às guerras, iniciando o texto com uma análise teórica do cinema, afirmando a utilização do texto e subtexto nos filmes e encaixando a produção de sentido na atualidade da sociedade na qual está inserida, afirmando a perspectiva do tempo presente no cinema.

Após esta análise, Silva irá dividir a história do cinema através de períodos determinados pela guerra, como na Primeira e Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria e a Guerra do Vietnã, em que os principais filmes serão localizados e contextualizados com a época, relacionando política, movimentos sociais e culturais e a tentativa de os cineastas se posicionarem a estas questões através do cinema.

David Griffith foi um dos primeiros cineastas permitidos a gravar cenas de batalha em fronts durante a Primeira Guerra Mundial. Essas gravações auxiliaram Griffith a produzir *Nascimento de uma Nação*, em 1915, e posteriormente o credenciou

¹⁰⁵ Idem. p. 27 - 28.

¹⁰⁶ FURHAMMAR, Leif & ISAKSSON, Folke. *Cinema & Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 06.

¹⁰⁷ SILVA, F.C.T. *Cinema e guerra: um encontro no tempo presente*. TEMPO, Rio de Janeiro, no. 16, pp 93 - 114

a ser financiado pelo governo britânico para fazer o filme de propaganda *Hearts of de World*¹⁰⁸ (Corações do mundo, 1918), no qual a Alemanha seria culpada pela guerra.

O filme de Griffith repercutiu nos Estados Unidos. O jornal *The New York Times* publicou nota anunciando o lançamento do filme como o retorno do grande diretor que iria mostrar ao povo americano uma história de amor destruída pelos horrores da guerra¹⁰⁹.

O início da Segunda Guerra Mundial fez com que a temática do cinema em torno da guerra começasse a ganhar destaque nas telas, mostrando o seu caráter propagandístico para a população. De um lado, a Alemanha nazista, tendo como principal ícone a UFA e a diretora Leni Riefenstahl e de outro, Hollywood, com cineastas alemães foragidos da perseguição aos judeus na Europa e norte-americanos, responsáveis pela promoção da campanha de incentivo à guerra, após o ataque à *Pearl Harbor* em 1941.

O caráter de propaganda do cinema se consolidou durante a guerra, permanecendo no período bipolar do mundo. Os EUA e a URSS mostravam, através da propagação de seus respectivos ideais, a sua força e influência nas regiões mais distantes do globo terrestre. Cineastas americanos eram perseguidos, acusados de serem subversivos: na era da “Caça às Bruxas”, diretores de cinema foram seguidamente chamados ao tribunal para explicar a relação que existia com o comunismo, uma vez que a Justiça julgava o filme condizente com as ideias do inimigo.

Com o desenvolvimento das teorias do cinema, sobretudo na segunda metade do século XX nos EUA, o cinema passou a analisar a sociedade sob um olhar mais crítico, contendo em seu subtexto mensagens sobre o comportamento dos indivíduos e dos políticos. Podemos citar como auge destas críticas filmes com conteúdo pacifista: *From Here to Eternity* (Um Passo para a Eternidade, 1953), *Hiroshima Mon Amour* (Hiroshima Meu Amor, 1959), *Johnny Got His Gun* (Johnny Vai a Guerra, 1971) e *Gallipoli* (Galípoli, 1981).

A Guerra do Vietnã foi o momento em que a propaganda política não conseguiu tantos adeptos quanto os conflitos anteriores. O filme do republicano *John Wayne, The Green Berets* (Os Boinas-Verdes, 1968) foi muito criticado pela população norte-americana, uma vez que justificava a guerra como necessária para a libertação do povo vietnamita sempre ameaçado pelos vietcongues. O ano do filme foi preponderante para

¹⁰⁸ Não há tradução em português correta para o filme.

¹⁰⁹ THE NEW YORK TIMES. 04/04/1918. P. 11.

as críticas: o movimento pacifista estava nas ruas, assim como o movimento negro e dos homossexuais.

Em contrapartida ao filme de *Wayne*, na segunda metade da década de 1970, podemos destacar: *The deer Hunter* (O franco-atirador, 1978) e *Apocalypse Now* (1979). O primeiro qualificará a guerra como fator gerador de trauma nos soldados, enquanto o segundo mostrará a falta de preparo do exército americano, analisando os indivíduos envolvidos no conflito, denotando o fracasso daquela guerra.

A Guerra Fria também levou à corrida tecnológica e armamentista aos cinemas, através da figura da série 007, um agente secreto da Inglaterra portador de tecnologias avançadas para o combate ao inimigo, que geralmente possuía relações com a URSS. Além disso, o medo de uma guerra nuclear entre os dois blocos gerava filmes como *The Day Earth Stood Still* (O Dia em que a Terra Parou, 1951), *Dr. Stangelove or how I learned to stop worrying and love the bomb* (Dr. Fantástico, 1960), *The Day After* (O Dia Depois de Amanhã, 1983), que abordavam as consequências no mundo caso este tipo de conflito ocorresse.

O fim dos anos de 1970 e início de 1980 mostram a tendência das distopias no cinema. As obras de *Phillip K. Dick* inspiraram filmes como *Blade Runner* (O Caçador de Andróides, 1982), *Videodrome* (A Síndrome do Vídeo, 1983) e *Total Recall* (O Vingador do Futuro, 1990). A projeção do futuro era pessimista, uma vez que o clima obscuro, o controle das massas e a tentativa de supressão dos “subversivos” anunciariam o fim da Guerra Fria, com o poder do mundo decidido pelos Estados Unidos, após a Queda do Muro de Berlim em 1989 e a assinatura do Tratado de Paris, em 1991.

A Nova Ordem Mundial dos anos 1990, acompanhada da globalização, deram aos Estados Unidos uma “falsa” noção de segurança, pois não havia naquele momento forças declaradas inimigas para ameaçar o país. O ataque ao *World Trade Center* em 1993, quando um carro-bomba explodiu na garagem do prédio, matando seis pessoas e deixando mais de mil feridas¹¹⁰, e a explosão do prédio em *Oklahoma* em 1995, causando 169 mortes e 800 feridos¹¹¹, derrubou tal pensamento.

O cinema não deixou de fazer a sua parte: foi iniciada uma série de filmagens abordando o tema, retomando as tendências em filmes da década anterior como *Black*

¹¹⁰ Estes dados podem ser vistos em: *The World Trade Center Bombing*. In: http://www.adl.org/learn/jttf/wtcb_jttf.asp Acesso em 08/09/2009.

¹¹¹ Ver: *OKC BOMBING LEGACY: MORE ISLAMIC TERROR ATTACKS*. In: <http://www.apfn.net/messageboard/04-07-07/discussion.cgi.69.html> Acesso em: 08/09/2009.

Sunday (Domingo Negro, 1977) *The Night Hawks* (Os Falcões da Noite, 1980) e o primeiro filme da série *Die Hard* (Duro de Matar, 1988). Porém, a partir destes ataques a visão da sociedade norte-americana muda, reverberando nos longas-metragens. Antes, o policial norte-americano estava preparado para qualquer acontecimento, possuía o melhor treinamento. Após os ataques nos anos 1990, o Estado norte-americano continuou poderoso, mas a superação do protagonista dos filmes era o que contava, não mais o seu perfeito preparo: a abordagem da insegurança e ameaça iminente tornavam-se presentes nestes filmes.

Em 11 de Setembro de 2001, o maior ataque terrorista em terras norte-americanas foi executado, resultando na queda do *World Trade Center*. O resultado do atentado foi quase três mil mortos e milhares de feridos. O episódio mudou os rumos da política externa americana e o então presidente *George W. Bush* reforçou a defesa no país, restringindo a liberdade da sociedade que passou a ser vigiada sob o discurso de proteger o povo americano¹¹².

Além da mudança na política externa norte-americana e na estrutura de defesa do país, a indústria cinematográfica do país notou a necessidade de aumentar a produção de filmes sobre o terrorismo e a dificuldade do governo norte-americano em capturar os responsáveis e proteger o povo americano, sem restringir a liberdade. Os diretores de cinema fizeram e continuam fazendo trabalhos tentando explicar e/ou criticar a ação do governo em relação ao terror.

Podemos ver no cinema, durante este período, diferentes falas à sociedade: em 2002, o filme “A Soma de Todos os Medos”, dirigido por *Phil Alden Robinson*, nos mostra a possibilidade de um ataque nuclear aos Estados Unidos. O filme aponta para o aumento da defesa no país, mas não considera a ascensão de um novo inimigo além da Rússia, revivendo os dias da Guerra Fria.

No ano de 2005, podemos perceber uma rejeição da guerra pela sociedade norte-americana. O seriado *Over There*, produzido por Chris Gerolmo, procurou mostrar o cotidiano dos soldados na Guerra do Iraque, apontando para uma nova “síndrome de Vietnã”¹¹³: os combatentes passavam por diversos problemas, desde baixas em

¹¹² O presidente norte-americano discursou mostrando repúdio ao ataque e evidenciando a necessidade de combate contra o terrorismo. Alguns trechos do discurso pode ser visto em: *Transcript of President Bush's address to a joint session of Congress on Thursday night, September 20, 2001*. In: <http://archives.cnn.com/2001/US/09/20/gen.bush.transcript/> Acesso em 08/09/2009.

¹¹³ A enorme quantidade de caixões no desembarque dos aviões da Forças Armadas dos Estados Unidos abalou a sociedade, gerando um grande trauma da guerra. Para mais, ver: LEUCHTENBURG, William (Org.). *O século inacabado*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

acidentes até problemas emocionais gerados pelas demandas do alto escalão do Exército americano. A audiência começou com 4 milhões de espectadores, mas após os 13 episódios da primeira temporada, a série foi cancelada¹¹⁴, por ter perdido a audiência durante o período em que estava sendo exibida, chegando a 1 milhão no capítulo final. Além disso, *Over There* estava no ar no mesmo período em que o escândalo das torturas na prisão de Abu Ghraib, no Iraque, foram reveladas pelo jornalista Seymour Hersh, fazendo com que os produtores optassem pelo cancelamento do programa, buscando evitar os debates políticos em relação ao conflito¹¹⁵.

A sociedade americana passou a ver a guerra como algo disseminador do ódio. No longa-metragem “O Reino” (2007), dirigido por *Peter Berg*, a cena final mostrando o ressentimento pela morte do companheiro de trabalho e a perda do familiar fabricante de bombas de forma concomitante, o agente do FBI e a criança árabe expõem a mesma frase sobre os distintos problemas: “vamos acabar com todos eles”.

“Guerra ao terror” produzido por Kathryn Bigelow, mostra a rotina de um esquadrão antibombas no Iraque e serve de crítica ao conflito. Por ter ganhado o Oscar de 2010, o longa-metragem possuiu mais visibilidade no cenário mundial, utilizando da vitória para estratégia de marketing nas salas de cinema de todo o mundo. O desenvolvimento da história nos mostra um esquadrão com diversos problemas pessoais que sofrem um atentado durante um desarme de bomba, matando o líder do grupo.

A evolução do cinema ao longo do século XX e XXI acompanhou os conflitos mundiais, em que filmes norte-americanos mostraram posição favorável ou contrária às guerras, dependendo do posicionamento da sociedade. Segundo as professoras de comunicação da Universidade de Boston, Marilyn Matelski e Nancy Street, a posição dúbia sobre os conflitos se deve ao funcionamento do sistema de Hollywood, que tem como objetivo a maior obtenção de lucro possível com o lançamento de um filme¹¹⁶.

As autoras mostram que a forma de produção dos filmes de guerra nos Estados Unidos se deu de duas formas distintas: 1) em cenários como a Primeira e Segunda Guerra Mundial, os filmes de propaganda foram realizados por grandes produtoras e financiados pelo governo norte-americano e a recepção do público foi bastante positiva, e 2) os filmes norte-americanos contrários às guerras passaram a ser produzidos a partir

¹¹⁴ *HBO war miniseries 'Kill' in search of a target audience. In: http://www.usatoday.com/life/television/news/2008-07-09-generation-kill_N.htm Acesso em 13/07/2014.*

¹¹⁵ Ver: REUTERS. *Fx Network ends Iraq war drama Over There*. Disponível em: <http://www.tv.com/news/fx-network-ends-iraq-war-drama-over-there-2218/> acesso em 06/09/2014.

¹¹⁶ MATELSKI, Marilyn J. e STREET, Nancy L. *War and film in America: historical and critical essays*. North Carolina: McFarland, 2003.

da Guerra do Vietnã, no contexto dos movimentos sociais no país, que tornaram a sociedade mais resistente às guerras¹¹⁷.

O crítico de cinema do jornal *Chicago Reader*, Jonathan Rosenbaum, realizou um balanço sobre filmes norte-americanos durante os conflitos e dialoga com Matelski e Street sobre o funcionamento de Hollywood, mas afirma que o público também é um ator participante para a tendência de criação dos filmes e na mudança de roteiros propostos pelos produtores. Ele cita exemplos de filmes de guerra muito violentos, em que o diretor tinha como objetivo apresentar ao público os horrores da guerra, porém causou efeito reverso no público, que trata como positiva as cenas de violência dos filmes¹¹⁸.

A comparação no cinema: o desenvolvimento de análises fílmicas temáticas.

A comparação é um método fundamental e bastante utilizado recentemente pela análise fílmica em História. Marc Ferro, em seu texto sobre o uso dos filmes como fonte histórica, já havia apontado para a necessidade de comparar filmes para estabelecer um padrão de análise sobre determinado tema ou diretor. Pierre Sorlin também utilizará a comparação entre filmes a partir de temáticas pré-estabelecidas, buscando desenvolver sua análise.

Segundo *Marc Bloch*, a História Comparada é um método que tem como função buscar semelhanças e diferenças entre dois objetos de estudos diferentes, mas que sejam comparáveis¹¹⁹. Para *Ciro Flamarion Cardoso*¹²⁰, a história comparada é um elemento alternativo para a impossibilidade de o historiador fazer experiências sobre estudos históricos, pois não há concretização nestes, diferente das ciências exatas, que podem testar em laboratórios diversas amostragens. Olivier Dumoulin, professor de História Contemporânea da Universidade de Caen, afirma que os historiadores recorrem ao

¹¹⁷ Aqui há uma exceção: o papel de John Wayne nos anos 1950 no cinema norte-americano apresentava o símbolo do patriotismo. Em filmes como *O Álamo* (1960) e *Os boinas-verdes* (1968) a recepção do público foi positiva lotando as salas de cinema. Para mais, ver: JEFFERSON, Bonnie S. *John Wayne: American Icon, Patriotic Zealot and Cold War Ideologue*. In: MATELSKI, Marilyn J. e STREET, Nancy L. *Op. Cit.* pp. 25 – 42.

¹¹⁸ ROSENBAUM, Jonathan. *Movie wars: Hollywood and the media conspire to limit what films we can see*. Chicago: Capella books, 2000. P. 69.

¹¹⁹ BLOCH, M. *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998.

¹²⁰ CARDOSO, C.F.S & BRIGNOLI, Héctor. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

método da comparação para compreender as distâncias, resistências e diferenças, não visando estabelecer leis¹²¹.

Segundo o professor Heinz-Gerhard Haupt¹²², as bases para a História Comparada surgiram nos estudos de Émile Durkheim, que utilizava a comparação para estabelecimento de leis e relações, auxiliando no estudo das sociedades. No campo da História, o processo se desenvolveu a partir da renovação das pesquisas propiciadas pela internacionalização dos estudos, pois a historiografia tradicional era voltada para o estudo do Estado-Nação, compreendendo os debates sobre mitos fundadores, principalmente na França.

Partindo da questão sobre a preferência pelos estudos nacionais, Haupt afirma que a tese de Marc Bloch teve maior influência fora da França. Para comprovar este ponto, o autor traz a própria estrutura dos *Annales* para o debate a partir da citação da historiadora Lucette Valensi, mostrando que o sumário da revista não contempla o método comparado, dando ênfase às sequências cronológicas¹²³.

Para o professor José D' Assunção Barros, a história comparada pode ser vista como uma "família mais ampla que inclui diversos gêneros historiográficos, tais como 'história cruzada', 'histórias entrelaçadas', 'histórias interconectadas', histórias transnacionais', 'história global'" e outros construídos ao longo do século XX¹²⁴. Desta forma, desenvolvendo o pensamento inicial desenvolvido por Marc Bloch, há diversas categorias para comparação, que serão utilizadas de acordo com os objetivos de cada pesquisador, auxiliando na compreensão de igualdades e diferenças, e na criação de padrões em análises sistêmicas.

Para a realização da tese de doutoramento, as fontes serão estudadas a partir da História Cruzada, no qual utilizaremos categorias fixas, neste caso aspectos gerais da agenda política dos conservadores norte-americanos, para cruzar com as fontes selecionadas, filmes de grande bilheteria dos Estados Unidos. Este método, para os professores da Escola de Estudos Avançados em Ciências Sociais, Michael Werner e

¹²¹ DUMOULIN, Olivier. *Comparada (História)*. In: BURGUIÈRE, André. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. P. 167.

¹²² HAUPT, H.-G. *O lento surgimento de uma História Comparada*. In: BOUTIER, J.; JULIA, D. (Org.). **Passados recompostos: campos e canteiros da História**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora FGV, 1998. pp. 205-216.

¹²³ Idem. p. 206.

¹²⁴ BARROS, José D' Assunção. *Ao lado da História comparada: Histórias interconectadas, Histórias cruzadas e outras histórias*. In: ALVES, Gracilda (org.); LAPSKY, Igor (Org.); SCHURSTER, Karl (Org.). *História Comparada: debates teóricos e metodológicos*. Recife: Edupe, 2014.

Bénédicte Zimmermann¹²⁵, tem como principal objetivo a interseção dos objetos de estudo e relaciona aspectos culturais, sociais e políticos supondo que há uma relação entre os elementos selecionados.

Segundo Werner e Zimmermann, a história cruzada remete a um conjunto de histórias, sem especificar um cruzamento, que nos faz utilizar o termo no plural: *histórias cruzadas*. Este método possui uma ambição de tratar questões específicas que vão além da comparação, possibilitando ao pesquisador a sondagem de escalas, categorias de análise (o caso desta tese), relação entre sincronia e diacronia e regimes de historicidade¹²⁶.

Todo cruzamento gera um ponto de intersecção através de uma perspectiva multidimensional, em que os objetos de pesquisa são analisados de formas iguais entre eles e o estudo sobre os mesmos não são limitadas aos encontros, buscando compreender as modificações de perspectiva sobre o objeto causados pelo entrelaçamento.

Segundo Barros, a história cruzada possibilita o pensamento sobre "historiografias cruzadas", que teriam como objetivo romper com a perspectiva ocidental (tanto eurocêntrica quanto norte-americana), pois seriam considerados a polifonia de estudos, dando margem a novas perspectivas para determinados objetos¹²⁷.

A história comparada e suas ramificações são importantes para serem utilizadas no cinema, pois auxiliam no estudo de semelhanças e diferenças entre discursos desenvolvidos pelos filmes e torna possível o estabelecimento de categorias de análises. Assim, o trabalho com os filmes norte-americanos em conjunto podem nos dar um melhor panorama de como podemos compreender a interação entre público, linguagem cinematográfica e política, ponto central do nosso estudo.

A polifonia nos discursos e a relativização de perspectivas dominantes é um dos pontos centrais nos debates do tempo presente. As novas temáticas oriundas da ascensão de outros atores na política e nas sociedades ocidentais após a década de 1960 possibilitam a maior diversidade no uso de fontes, que contribuem para desenvolver estudos diferentes nas pesquisas de História no tempo presente. Auxiliando o processo de estudo com fontes diferentes das "tradicionais" (o arquivo), os diversos gêneros de comparação nos auxiliarão a criar e testar modelos e categorias para pensar o cinema

¹²⁵ WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. *Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade*. **Textos de História**, vol. 11, no. 1/2, 20003.

¹²⁶ WERNER e ZIMMERMANN. *Op. Cit.* p. 90.

¹²⁷ BARROS. *Op. Cit.* p. 177.

norte-americano a partir das bandeiras políticas dos principais grupos conservadores dos Estados Unidos na atualidade, os neoconservadores e o Tea Party, que serão analisados no capítulo seguinte deste trabalho.

Capítulo 2 - POLÍTICA NORTE-AMERICANA E CONSERVADORISMO NO TEMPO PRESENTE.

Neste capítulo analisaremos a política norte-americana durante a década de 1990 até as eleições de 2012, período em que a agenda dos movimentos conservadores apontaram para novos debates, reformulados após o fim da Guerra Fria. É inegável a importância do governo Ronald Reagan para o fortalecimento dos neoconservadores, nos quais suas carreiras políticas, ilustradas em breves biografias dos principais nomes da cúpula que trabalhou durante o governo George W. Bush, são fundamentais para compreendermos as bandeiras levantadas pelo movimento.

O período escolhido para a elaboração do capítulo se justifica pelas eleições nos Estados Unidos em 1994, quando ocorreu a chamada *Revolução Republicana*, que auxiliou no reestabelecimento dos neoconservadores, e o surgimento e fortalecimento do *Tea Party*, responsável pelas principais discussões políticas de oposição no país durante a candidatura de Obama em 2008 e sua reeleição em 2012.

Para analisarmos estes grupos (neoconservadores nos anos 1990 e Tea Party no final da primeira década deste século) e suas bandeiras políticas, focaremos em três pontos: 1) nos principais debates sobre o conceito de conservadorismo, fundamentais para compreendermos a atuação dos dois grupos; 2) um histórico dos grupos e de seus membros e/ou lideranças que concorreram a cargos importantes na política americana; e 3) no mapeamento das eleições nos Estados Unidos, mostrando o mapa da divisão entre Democratas e Republicanos nos pleitos, acompanhados das questões levantadas em cada pleito.

2.1 - O pensamento conservador nos Estados Unidos

Os grupos políticos nos Estados Unidos possuem um viés conservador muito significativo. Tanto o Partido Democrata quanto o Partido Republicano possuem membros declarados conservadores, que tomam decisões para o partido pautados em aspectos morais e religiosos. Atualmente, os dois principais grupos no país, tanto no âmbito dos partidos quanto nos movimentos sociais, são os neoconservadores, presentes na política desde os anos 1950, e o Tea Party, movimento que tem uma grande participação da população a partir de 2009, sob reflexo da crise econômica do país. Para

compreendermos estes grupos e a base da atuação dos mesmos, é preciso debater sobre o conceito de conservadorismo aplicado como base de pensamento para estes grupos, principalmente as reflexões de Edmund Burke e o escritor Russell Kirk¹²⁸.

Francisco Carlos Teixeira da Silva em sua tese apresentada para a banca de professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, afirma que o termo conservadorismo foi cunhado no sentido político por François-René de Chateaubriand, que defendia uma postura de reação às consequências da Revolução Francesa.¹²⁹

Nesse sentido, Edmund Burke na obra *Reflexões sobre a Revolução na França* (*Reflections on the Revolution on France*) criticou a maneira como foi feita a Revolução, tendo como principal argumento as bases do movimento ocorrido na Inglaterra no século XVII, que derrubou a figura centralizada do Rei em prol de uma monarquia constitucional na qual o parlamento seria a instituição principal do país. Burke acreditava que a Revolução deveria ter sido feita a partir de elementos que deveria ser retomados do passado, sem criar novas ordens, defendendo o pensamento da História como um ciclo que traz noções antigas à tona¹³⁰.

Segundo a introdução do Dicionário Crítico do Pensamento da Direita¹³¹, o conservadorismo se baseia em características como a descrença na razão como guia; compreensão da sociedade como organismo vivo, impossibilitando a transferência de experiências históricas; e uma aversão a mudanças abruptas, conforme exposto por Edmund Burke em obra citada acima.

Outro ponto a ser destacado é que não podemos confundir tradição com direita e conservadorismo. Segundo Francisco Carlos Teixeira da Silva, o tradicionalismo pode ser considerado de esquerda ou direita, dependendo do contexto do posicionamento¹³². A tradição faz parte do discurso elaborado pelos conservadores, mas não é uma característica fixa do grupo. Podemos ver esse exemplo em Burke, ao afirmar que a

¹²⁸ Não é do nosso escopo trabalhar as bases teóricas que fundaram o pensamento conservador nos Estados Unidos, mas sim aplicar o pensamento aos grupos existentes no tempo presente. Muitas discussões e teses foram elaboradas em relação a esta questão, que desenvolvem o debate sobre o conservadorismo na história dos Estados Unidos, com destaque para a tese do professor Rodrigo Farias, defendida em 2013 na Universidade Federal Fluminense. Para mais, ver: FARIAS, Rodrigo. *William F. Buckley Jr., National Review e a crítica conservadora ao liberalismo e os direitos civis nos EUA, 1955-1968*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2013.

¹²⁹ SILVA, F.C.T. *Europa ou o concerto das Nações: ideias conservadoras e política internacional na obra de Leopold von Ranke (1795-1886)*. Tese de titular apresentada ao concurso da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

¹³⁰ BURKE, Edmund. *Reflections on the Revolution on France*. New York: Oxford University Press, 2009.

¹³¹ SILVA, F.C.T (org.). *Dicionário Crítico do pensamento da direita: ideias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: Campus, MAUAD, 2000.

¹³² SILVA, F.C.T. *Europa ou o Concerto das Nações*. P. 14.

Revolução Gloriosa foi importante para a Inglaterra, pois mudou para o referencial político do país, e exaltou instituições antigas, como o Parlamento.

Uma análise importante sobre direita é feita pelo cientista político Norberto Bobbio, tendo como ponto principal a dualidade entre esquerda e direita, termos antitéticos que dividem o pensamento das ações políticas. Para o autor, estas distinções não podem ser reduzidas apenas à ideologias: elas indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence à política, apontando contrastes de ideias e interesses a partir de diferentes valores da sociedade¹³³.

Bobbio afirma que a direita reconhece a desigualdade como um elemento imutável, não por tentar defender um imobilismo social, mas por ela ser natural e só ser eliminada a partir da supressão da liberdade. Além disso, esta linha de pensamento acredita que a desigualdade, além de natural, é útil pois promove a incessante luta pela melhoria da sociedade¹³⁴.

A principal tese do trabalho de Bobbio é que direita e esquerda não são conceitos absolutos, mas sim lugares do espaço político, que variam de acordo com o contexto. Elas podem até possuir bases distintas, como pode ser visto no pensamento sobre a igualdade por exemplo, mas tem suas ações flexíveis, dependendo de cada posição levantada pelo debate, e que não anulam a noção de dualidade.

O pesquisador norte-americano Russell Kirk (1918 - 1994) pode ser apontado como uma das principais referências do pensamento conservador nos Estados Unidos. Suas obras foram voltadas para o reestabelecimento do conservadorismo no país, que havia perdido espaço para os projetos de modernidade, principalmente após a Primeira Guerra Mundial.

A partir do pensamento formulado por Russell Kirk, podemos dividir o cenário político e intelectual dos Estados Unidos a partir do século XVIII entre as posturas *reacionária*, feitas a partir de um ideal no passado, defendendo as tradições e lutando contra as tentativas de mudanças, *liberal (progressista)*, baseada na luta contra as instituições, defendendo a revolução como a melhor forma de implementar as mudanças

¹³³ BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: UNESP, 1995.

¹³⁴ *Ibid.* p. 20.

na sociedade, e o *conservador*, baseado nas experiências do passado, promovendo a *prudência*, mudanças gradativas na sociedade¹³⁵.

O termo *prudência* para o autor é o que define o pensamento conservador. Em todas as suas indagações, a mediação e o equilíbrio a partir da ordem são fundamentais para a sustentação da sociedade, que é naturalmente desigual e deve ser mantida desta forma, sustentando o argumento formulado por Norberto Bobbio sobre as direitas em relação à questão da igualdade.

Partindo do debate sobre *prudência* e da questão das mudanças abruptas causadas por revoluções, Kirk no livro fundante do pensamento conservador contemporâneo nos Estados Unidos, intitulado *The Conservative Mind: from Burke to Eliot*¹³⁶, criticará o pensamento liberal em quatro pontos fundamentais para entendermos as discussões entre os dois grupos:

1. Os liberais possuem a crença de que a educação pode tornar o homem perfeito, gerando possibilidades ilimitadas de progresso na sociedade, e desconsiderando a tendência natural do ser humano à violência.
2. A tradição é colocada em segundo plano pelos liberais, pois estes acreditam que a razão, o impulso e o determinismo são mais confiáveis que a sabedoria oferecida pelos ancestrais em relação ao bem-estar social.
3. Os liberais defendem a igualdade política, condenando a ordem e o privilégio, a partir da democracia total.
4. A igualdade econômica é reivindicada pelos liberais a partir do ataque à propriedade privada.¹³⁷

Em resposta ao posicionamento dos liberais, Kirk formula os seus cânones do pensamento conservador, que vão de encontro às argumentações postadas acima:

1. A existência de uma ordem transcendente, em que os problemas políticos são religiosos e morais.
2. Entendimento da condição de mistério da existência humana e suas diferenças, opondo ao pensamento igualitário dos liberais.

¹³⁵ CATHARINO, Alex. *Apresentação à Edição Brasileira: A formação e o desenvolvimento do pensamento conservador de Russell Kirk*. In: KIRK, Russell. *A política da prudência*. São Paulo: Realizações editora, 2014. P. 37.

¹³⁶ O livro tem várias edições e traduções por todo o mundo. A versão utilizada neste trabalho é: KIRK, Russell. *The Conservative Mind: from Burke to Eliot*. Indiana: Gateway editions, 1978.

¹³⁷ KIRK, Russell. *The conservative mind*. P. 9.

3. Existência de uma sociedade constituída de ordens e classes, buscando reforçar as desigualdades, que só não existem perante os tribunais de justiça e o julgamento divino.
4. Liberdade e propriedade estão ligadas ao progresso econômico.
5. Crença nos costumes, na convenção e no consagrado para frear as tendências inovadoras do ser humano, que são acompanhadas de um impulso anárquico.
6. Reconhecer que as mudanças devem ser realizadas pelos estadistas a partir da preservação, sem precipitações.¹³⁸

Kirk afirma que o conservadorismo não pode ser elencado com um modelo político, pois não há uma ideologia presente nele. Esta forma de pensamento é sustentada a partir do indivíduo, sem formulações teóricas da base do racionalismo defendido pelos liberais. Para o autor

Talvez fosse adequado, na maioria das vezes, utilizar a palavra "conservador" mormente como um adjetivo. Não existe modelo conservador, e o conservadorismo é a negação da ideologia: é um estado de espírito, um tipo de caráter, um modo de ver a ordem civil e social.

A posição chamada conservadora se sustenta em um conjunto de sentimentos, e não em um sistema de dogmas ideológicos. (...O) movimento ou o conjunto de opiniões conservador é capaz de acomodar uma diversidade considerável de pontos de vista sobre um número de assuntos, não existindo "Atos de Prova" ou "Trinta e Nove Artigos" da fé conservadora.¹³⁹

Kirk se contradiz, pois ao afirmar que o pensamento conservador não possui dogmas ideológicos, ele desconsidera as teorias formuladas por Edmund Burke e T.S. Eliot, os autores que mais influenciaram o desenvolvimento de seu argumento. Burke, por exemplo, se embasou em formulações jurídicas para produzir a crítica em relação à Revolução Francesa. Além disso, a experiência histórica e o saber são dotados de um conjunto de ideias sobre determinados acontecimentos, formando uma ideologia. Desta forma, parafraseando Bobbio, quando argumentou sobre o fim das ideologias pós-Guerra Fria¹⁴⁰: *não há nada mais ideológico do que dizer que não há ideologia.*

O pensamento conservador nos Estados Unidos pode ser dividido em dois grupos: os conservadores, chamados também de paleoconservadores, e os

¹³⁸ Idem. p. 7-8.

¹³⁹ KIRK, Russell. *A política da prudência*. P. 102-103.

¹⁴⁰ BOBBIO. *Op. Cit.* p. 33

neoconservadores. O pesquisador Alex Catharino, especialista em conservadorismo nos Estados Unidos e no pensamento de Russell Kirk afirma que estes dois grupos se sucederam em períodos históricos e com objetivos distintos, desmembrando em três os grupos que eram contrários a agenda liberal no país.

Dois de três grupos se preocupavam com os debates sobre política e economia, que formaram os *neoconservadores*. O primeiro grupo era formado pelos libertários, que eram contrários à plataforma do *New Deal* implementada pelo presidente Franklin Delano Roosevelt durante a década de 1930, e ao Estado de Bem-Estar social, que previa uma maior participação do Estado na economia e nos investimentos na área social. A argumentação era baseada nas obras de Friedrich Von Hayek (1899 - 1992), que relacionava o crescimento do planejamento econômico do Estado com a redução da liberdade individual e política. O segundo grupo foi formado durante a Guerra Fria, que procurava defender os ideais norte-americanos, o cristianismo e a caça aos comunistas, influenciados pela Doutrina Truman, implementada em 1947, um dos marcos da rivalidade entre Estados Unidos e União Soviética. As discussões políticas e econômicas podem ser vistas hoje sob forma de debates em relação à regulação do mercado, os investimentos do Estado em gastos sociais e na política externa, que já foram pautas para diversas lideranças do *neoconservadorismo*, que serão apresentadas neste trabalho.

O último grupo que criticava a agenda liberal tem Russell Kirk como principal liderança. Ao invés da discussão ser pautada na política e na economia, este grupo enfatizava as questões sobre a existência humana, trabalhando as questões da tradição e da constituição da sociedade americana, a partir do pensamento cristão em relação à família e o debate sobre moralidade. Assim, os *paleoconservadores* se preocupam mais com a condição do indivíduo, os costumes da sociedade, que hoje tomam forma a partir do debate sobre a união civil de homossexuais, o aborto e o matrimônio, vistas em algumas das bandeiras levantadas por determinados grupos do Tea Party, que serão discutidas adiante.

O trabalho intitulado *American Conservatism: an encyclopedia*¹⁴¹, realizado por Bruce Frohnen, professor da Universidade de Ohio, Jeremy Beer e Jeffrey O. Nelson, membros de grupos conservadores que organizam produções sobre a temática como a

¹⁴¹ FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006.

revista *The American Conservative*¹⁴² e o *Russell Kirk Center*¹⁴³, reúne uma série de verbetes relacionados ao pensamento conservador norte-americano, pautado desde discussões políticas até questões sociais e comportamentais. Além disso, a enciclopédia nos fornece informações importantes sobre membros dos grupos conservadores dos Estados Unidos.

No verbete *Conservadorismo*, escrito por Bruce Frohnen, é realizado uma análise sobre o conceito, baseado em seu histórico, e uma defesa do grupo, procurando explicar as bandeiras dos conservadores, que usualmente são criticadas pelos liberais norte-americanos desde as discussões sobre o New Deal na década de 1930. Para o autor, o conceito de conservadorismo consiste na relação entre sociedade, instituições e a religião cristã

O conservadorismo é uma filosofia que procura manter e enriquecer as sociedades caracterizadas pelo respeito às instituições herdadas, crenças e práticas, em que os indivíduos desenvolvem um bom caráter, cooperando uns com os outros em associações locais, tais como famílias, igrejas e grupos sociais destinados a promover o bem comum, agradando a Deus.¹⁴⁴

Frohnen afirma que o termo é usualmente relacionado ao pensamento contrário à Revolução Francesa formulado por Edmund Burke. A mudança política e social, para o autor, desestruturou uma sociedade pautada na hierarquia, em que a Igreja possuía um papel fundamental no Estado, resultando num período de opressão e execuções em praça pública conhecido como o *Reino do terror*.¹⁴⁵

Por este motivo, os liberais acreditam que os conservadores são contrários à qualquer tipo de mudança proposta, argumento refutado pelo autor. O ponto central do pensamento conservador em contraposição aos demais grupos é a rejeição da tentativa de aperfeiçoar a natureza humana a partir da formulação de políticas de desenvolvimento, pautadas em incentivos econômicos, e da remodelação do caráter do indivíduo, através de terapia e educação progressiva. Para os conservadores, o ser humano é naturalmente imperfeito, e deve seguir os mandamentos Cristãos em prol da comunidade e do bem comum, aceitando as diferenças de cada um. Segundo Frohnen,

¹⁴² <http://www.theamericanconservative.com/> Acesso em 16/09/2014.

¹⁴³ <http://www.kirkcenter.org/index.php> Acesso em 16/09/2014.

¹⁴⁴ FROHNEN, Bruce. Conservatism. In: FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006 (e-book). Loc. 5417.

¹⁴⁵ Idem.

os conservadores defendem uma visão positiva e integrada sociedade a partir de cada papel do indivíduo na comunidade.¹⁴⁶

Frohnen afirma que os conservadores são ligados à tradição do humanismo Cristão, que consiste na subserviência à Deus a partir das relações sociais diárias de cada indivíduo. A partir deste ponto, há uma luta em prol da manutenção das instituições que regem a moral dos cidadãos norte-americanos. Desta forma, a defesa da família é um dos pontos centrais para a definição do bom caráter, atacando, a partir de argumentos religiosos, a união de homossexuais e o aborto. Por outro lado, o autor argumenta que o pensamento conservador dos Estados Unidos não pode ser aplicado em outras culturas, visto que possui elementos específicos que não pertencem a realidade das sociedades orientais, por exemplo.¹⁴⁷

O autor afirma que o movimento conservador nos Estados Unidos sofreu diversas alterações ao longo do século XX, mudando suas pautas de discussão relacionadas à política, o que gerou a ascensão de grupos distintos, como os neoconservadores e os paleoconservadores, citados anteriormente. Desta forma, os debates sobre economia, política e sociedade são variáveis de acordo com a crença e funcionamento de cada grupo, conforme veremos nos itens seguintes.

2.1.1 - Conservadorismo e grupos políticos: neoconservadores e Tea Party.

2.1.1.1 - Os neoconservadores: a política externa e a economia em debate.

O neoconservadorismo é uma vertente distinta do "conservadorismo clássico" ou paleoconservadorismo, desenvolvido por autores como Russell Kirk. Pautados em discussões sobre agendas políticas acima dos preceitos morais da sociedade, quando os neoconservadores se formaram a partir do fim da década de 1950, se consolidou a caça aos comunistas nos Estados Unidos. Os neoconservadores eram oriundos de um pensamento popular e munidos de posicionamentos radicais em relação às agendas políticas do país. Segundo o historiador John Lukacs, as formas de atuação dos conservadores e neoconservadores são distintas e oriundas de discussões em torno do caráter elitista do movimento, pois enquanto o primeiro defende um debate

¹⁴⁶ Idem. Loc. 5441.

¹⁴⁷ Idem. Loc. 5501.

intelectualizado e exclusivo, o segundo promove medidas práticas, oriundas de apelo popular. Para o autor

O casamento - ou melhor, a coabitação - dos conservadores e neoconservadores é desconfortável. Não existe muita compatibilidade em uma aliança entre os penas-vermelhas nacionalistas com intelectuais preocupados, pensando que o neoconservadorismo completava a aculturação dos EUA. Não é necessário ser algum profeta para ver quem em caso de uma crise perigosa os nacionalistas prevaleceriam. A linhagem radical e populista estava lá desde o princípio do movimento conservador, com parte das idéias do normalmente ponderado Richard Weaver, que disse que Tom Paine, "um filósofo de princípios dos mais rígidos", era preferível a Burke, ou como parte das idéias de Willmoore Kendall, que defendia um populismo majoritário, algo quase como o fenômeno que Tocqueville havia chamado de a tirania da maioria pela virtude.¹⁴⁸

Lukacs afirma que a mudança dos grupos conservadores e o fortalecimento dos neoconservadores se deu com a evolução da sociedade norte-americana, que passou a adotar pautas distintas do final do século XIX e início do século XX após a ascensão dos movimentos sociais e culturais durante a década de 1960, propiciando a entrada de novos atores nos debates políticos no país, como os homossexuais, as mulheres e os negros. Com isto, a rediscussão das crenças e costumes tradicionais, a dissolução da religião e o afrouxamento das famílias cresceu junto com a evolução do pensamento conservador neste período, possibilitando que na década de 1980, eleitores votassem no candidato Ronald Reagan, mesmo praticando atos contrários aos preceitos conservadores, como por exemplo a leitura de revistas masculinas como a *Playboy*¹⁴⁹.

Para o historiador britânico John Ehrman¹⁵⁰, o neoconservadorismo é uma vertente à direita do Liberalismo americano, que surgiu durante o final da Segunda Guerra Mundial, que suscitou o debate em torno da manutenção das reformas propostas por Franklin Delano Roosevelt através do New Deal nos anos 1930. Segundo o autor, um grupo do partido Democrata, leal ao presidente Harry S. Truman, defendia o desenvolvimento do sistema capitalista, reduzindo as políticas reformistas, que fortaleciam os comunistas nos Estados Unidos. Os neoconservadores se fortaleceram

¹⁴⁸ LUKACS, John. *Uma Nova República: História dos Estados Unidos no Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. P. 331.

¹⁴⁹ Idem. p. 332.

¹⁵⁰ EHRMAN, John. *Neoconservatism*. In: FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006.

entre as décadas de 1960 e 70 como reação dos movimentos de esquerda, que levantavam novas questões da sociedade nos Estados Unidos.

Durante os anos 1970, com o fortalecimento de setores liberais no partido Democrata, que levantavam as bandeiras oriundas dos movimentos ocorridos no final da década de 1960, os neoconservadores perderam espaço no partido, sendo derrotados nas primárias para as eleições presidenciais de 1972 e 1976, quando apoiaram o senador Henry Jackson, derrotado por Herbert Humphrey e Jimmy Carter, respectivamente. O "racha" com o partido aconteceu durante o governo de Carter, quando os neoconservadores criticaram a política externa dos Estados Unidos, que havia sido derrotado com a Revolução no Irã e a intervenção da União Soviética no Afeganistão no final da década de 1970.

Com isto, os neoconservadores se aliaram ao partido Republicano no início dos anos 1980, conseguindo eleger Reagan, que representou a consolidação deste grupo nas comissões governamentais e instituições que perduram até os dias atuais, principalmente nas pastas da Economia e da Política Externa.

Ehrman afirma que os neoconservadores possuem uma ideologia bem definida, a partir de produções bibliográficas sobre questões relacionadas à ineficiência à intervenção do Estado na economia, o excesso de políticas de bem-estar social, a crítica ao pensamento igualitário, a tentativa de amenização das tensões raciais e, no âmbito das Relações Internacionais, a luta contra o comunismo e a promoção do modelo democrático americano pelo mundo¹⁵¹.

O grupo, ao contrário dos conservadores, tem como característica o pensamento sobre o futuro, a evolução da sociedade em detrimento de preservar as instituições tradicionais. Assim, os estudos que envolvem moral e comportamento do indivíduo são colocados em segundo plano, comparados às temáticas que tratam de agendas políticas do Estado.

Segundo Ehrman, o neoconservadorismo possui quatro características principais, que servem para compreender a atuação do grupo durante o seu desenvolvimento até os dias atuais, que funcionam como oposição ao governo Obama. São elas:

1. Os problemas sociais podem ser amenizados, mas não há solução definitiva. Desta forma, o excesso de programas sociais federais não auxilia na solução do problema e devem ser reduzidos.

¹⁵¹ Idem.

2. Aceitação da desigualdade social e econômica, a partir do pensamento de que uma sociedade igualitária é impensada e impossível, pois a liberdade individual, permite o indivíduo arriscar e obter sucesso ou falhar em suas empreitadas..
3. Os neoconservadores apoiam o uso controlado do Estado de Bem-Estar Social, defendendo o desenvolvimento os programas iniciados e criticando a formatação de novos projetos, pois onera a máquina estatal.
4. Defesa da democracia ocidental no âmbito das Relações Internacionais, vinculadas às campanhas anticomunistas desenvolvidas durante a Guerra Fria e a campanha de intervenções no Oriente Médio no final do século XX e início do XXI, justificadas pela promoção de regimes democráticos e a guerra contra o terrorismo, após 2001.¹⁵²

Para compreendermos melhor a atuação deste grupo ao longo de sua consolidação no Partido Democrata e na mudança para o Republicano, é importante que analisemos a trajetória política de lideranças que foram fundamentais para os governos Reagan, George H. W. Bush e George W. Bush, pois eles formularam a maioria das bandeiras políticas a partir de suas produções fomentadas por institutos de pesquisa (*think tanks*) que se predispõem a promover debates sobre Política Externa e Economia norte-americana, e jornais de grande porte.

Irving Kristol (1920 - 2009) - o "pai" do pensamento neoconservador nos Estados Unidos.

Jornalista norte-americano nascido em Brooklyn, Nova Iorque, em 1920. Filho de migrantes judeus, serviu durante a Segunda Guerra Mundial, em campanhas na Europa, na infantaria. Ao retornar da guerra, passou a escrever sobre política na *Comentary Magazine*, revista fundada pelo Comitê judaico norte-americano em 1945 que tinha posição contrária à União Soviética, entre 1947 e 1952.

A partir da década de 1950, Kristol tornou-se mais atuante na política, aderindo ao recém-formado *Congress for Cultural Freedom* (CCF, 1950), um grupo anticomunista fundado em Berlim Ocidental, que ganhou notoriedade e expandiu para diversos países durante a Guerra Fria. Em 1953, auxiliou na fundação da revista *Encounter*, que serviu como expansão do CCF na Inglaterra. Com o conjunto de notícias publicados pela *Rampart's*, uma revista de esquerda que tinha como objetivo

¹⁵² Idem.

denunciar medidas governamentais dos Estados Unidos durante a década de 1960, sobre a relação entre CIA e o CCF¹⁵³, Kristol saiu do grupo para aderir à *American Enterprise Institute* (AEI), uma instituição sem fins lucrativos fundada em 1938 e dedicada às pesquisas sobre política e economia, que se desenvolveu e tornou-se um importante centro do pensamento neoconservador no país a partir da década de 1980.

Em 1965, Kristol fundou a revista *The Public Interest*, cujo objetivo era desenvolver questões sobre economia política e cultura, centrado em artigos de jornalistas, especialistas e atores políticos do período. Foi neste periódico que o termo neoconservadorismo foi divulgado e debatido ao longo dos anos 1970 e figuras como Samuel Huntington e Francis Fukuyama participaram do desenvolvimento da revista.

Entre 1972 e 1997, o jornalista atuou no quadro de articulistas do *Wall Street Journal*, um dos maiores e mais importantes periódicos em circulação dos Estados Unidos, em que sua função era realizar análises sobre política e economia, tornando-se um dos principais nomes da oposição ao governo Clinton nos anos 1990.

Em 2002, Kristol recebeu do presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, a *Medalha da Liberdade* (Medal of Freedom) devido suas contribuições à sociedade norte-americana como articulista que desenvolvia questões pertinentes sobre política há mais de 40 anos. Morreu em Setembro de 2009, aos 89 anos, e deixou todo seu legado de discussões políticas construído desde a década de 1940 para o seu filho, William Kristol.

Em 2011, em homenagem à vida dedicada à política norte-americana, a esposa de Irving Kristol, a historiadora conservadora Gertrude Himmelfarb, publicou um livro com os principais artigos publicados pelo jornalista entre 1942 e 2009. A obra, intitulada *The neoconservative persuasion*¹⁵⁴, caracteriza de forma sistemática o pensamento neoconservador nos Estados Unidos: os artigos tem como preocupação central o estudo sobre economia, democracia e liberdade, além de análises sobre moralidade e religião na sociedade americana.

¹⁵³ O escândalo se deu pois as matérias denunciavam que a CIA financiava o grupo para publicar matérias e recrutar adeptos à causa anticomunista, não só pelos Estados Unidos, como também nos países da Europa Ocidental. Para mais, ver: THE RAMPARTS AFFAIR, 1967. Disponível em: <http://www.globalsecurity.org/intell/ops/ramparts.htm> Acesso em 23/04/2014.

¹⁵⁴ KRISTOL, Irving. *The neoconservative persuasion: selected essays, 1942-2009*. Nova Iorque: Basic Books, 2011.

No artigo intitulado *The Welfare State's Spiritual Crisis*¹⁵⁵, por exemplo, Kristol analisa o Estado de bem-estar social, apontado por ser o responsável de ter corrompido a família, considerada a instituição social fundamental. Segundo o jornalista, isto ocorre porque o Estado de bem-estar social proporcionou mudanças no comportamento da sociedade, dentre elas a questão da relação entre sexualidade e liberdade, muito criticada pelo autor. Desenvolvendo a temática, Kristol analisa a questão do papel do cidadão, que passa a ser um sujeito que optou por uma segurança controlada pelo Estado, oferecida através de investimentos sociais e sobretaxa de impostos às camadas mais ricas, ao autogoverno, afirmando que a sociedade norte-americana vive uma versão moderna do feudalismo, em que os países mais avançados em tecnologia, economia e aparatos militares, serão os resistentes às agendas ditadas pelos países mais pobres¹⁵⁶.

William "Bill" Kristol (1952) - a continuação de um legado.

Professor de filosofia política, comentarista da rede televisão Fox News e editor da revista *The Weekly Standard*, William Kristol nasceu em 1952 na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos. Filho do jornalista Irving Kristol, falecido em 2009, e da historiadora Gertrude Himmelfarb, foi um dos principais conselheiros do partido Republicano durante os governos de George H. W. Bush (conhecido como "Bush pai") e de George W. Bush, após os ataques terroristas aos Estados Unidos em 2001.

Em 1964, aos 12 anos, trabalhou como voluntário na campanha de Hubert Humphrey, vice-presidente eleito em 1964 com Lyndon Johnson. Em 1972, cursando o bacharelado de Artes em Harvard, Kristol organizou um comitê na universidade que apoiava o Senador Henry Jackson, democrata nomeado pelos neoconservadores para ser uma oposição dentro do partido¹⁵⁷. Em 1979 recebeu seu PhD em Política em Harvard.

Durante a primeira metade da década de 1980, William Kristol foi professor de filosofia política e política americana da Universidade da Pennsylvania e também da escola de administração pública de Harvard (*John F. Kennedy School of Government*).

¹⁵⁵ KRISTOL, Irving. *The Welfare State's Spiritual Crisis*. In: *The neoconservative persuasion: selected essays, 1942-2009*. Nova Iorque: Basic Books, 2011. p. 95 - 98.

¹⁵⁶ KRISTOL, Irving. Op. Cit. p. 96.

¹⁵⁷ A derrota de Henry Jackson nas primárias do partido democrata para as eleições presidenciais de 1976 foi o fim da tentativa dos neoconservadores de continuarem ativos no partido democrata, iniciando assim sua migração para o partido republicano. Para mais, ver: VAISSE, Justin. *Neoconservatism: the biography of a movement*. Cambridge: Belknap, 2010.

Entre 1985 e 1988 foi chefe de gabinete de William Bennett, político conservador, Secretário de Educação durante o governo Reagan, e dirigiu a campanha de Alan Keyes para senador de Maryland.

William Kristol ganhou notoriedade na política norte-americana durante a década de 1990¹⁵⁸, quando participou da organização *Project for the Republican Future*, responsável por organizar a vitoriosa campanha do Partido Republicano em 1994, quando obtiveram um grande percentual de votos nas eleições de senadores e deputados. Em Setembro de 1995, fundou a revista *The Weekly Standard* que debate temas sobre política, economia e sociedade, pautadas na agenda dos neoconservadores, que serviu de oposição ao governo Clinton e, atualmente, critica as medidas governamentais do presidente Barack Obama, principalmente em relação ao novo sistema de planos de saúde do país.

Em 1997, Kristol fundou o *Project for the new american century* (PNAC), um *think tank* (Instituição de pesquisa), que tinha o objetivo de pensar a política a partir do período Reagan, ou seja, os Estados Unidos deveriam retomar o fortalecimento do aparato militar e dos valores cristãos na política norte-americana. A instituição apoiou a candidatura de George W. Bush para presidência e auxiliou na organização da política externa do país pós 11 de Setembro, quando os Estados Unidos promoveram a "Guerra contra o terrorismo" e enviaram tropas ao Afeganistão e ao Iraque¹⁵⁹.

Com a eleição de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos em 2008, Kristol passou a oposição junto com o Partido Republicano, utilizando seus artigos, livros e participações semanais na rede de televisão Fox News para criticar as medidas governamentais do novo presidente e estimular o discurso contrário às políticas sociais e econômicas implementadas nos Estados Unidos.

Durante as eleições de 2012, Kristol foi ator central do enfraquecimento da figura do candidato republicano Mitt Romney, pois o articulista preferiu apoiar outros candidatos do partido e criticou a campanha de Romney, principalmente em relação a sua trajetória política¹⁶⁰.

¹⁵⁸ Uma ficha da atuação política de Kristol pode ser vista em: http://rightweb.irc-online.org/profile/kristol_william Acesso em 30/04/2014.

¹⁵⁹ Em 2003, William Kristol lançou um livro que defendia a ação dos Estados Unidos contra o Iraque. O autor pensava que a promoção da democracia e a derrubada de regimes ditos "ditatoriais" deveriam ser o papel dos Estados Unidos no mundo e que tal problema estava além do Iraque. Para mais, ver: KRISTOL, William. *The War Over Iraq: Saddam's Tyranny and America's Mission*. Tennessee: Encounter Books, 2003.

¹⁶⁰ William Kristol utilizou sua revista para criticar os discursos realizados por Mitt Romney e apoiar o senador Paul Ryan para a candidatura à presidência dos Estados Unidos pelos democratas. Para mais, ver:

Jeane Kirkpatrick (1926 - 2006) - a doutrina de apoio aos governos autoritários

Nascida em 1926 em Oklahoma, Kirkpatrick foi uma importante figura durante o governo Reagan, sendo conselheira sobre política externa e a primeira mulher a assumir a embaixada dos Estados Unidos na ONU. Ficou conhecida pela "doutrina Kirkpatrick", que consistia no apoio dos Estados Unidos à regimes autoritários para combater o comunismo no terceiro mundo no contexto da Guerra Fria.

Em 1945, como caloura da Faculdade de Barnard, localizada em Nova Iorque, ela entrou para a Liga dos jovens socialistas (Young People's Socialist League), um braço do Partido Socialista dos Estados Unidos. No final da década de 1960, Kirkpatrick obteve seu PhD em Ciências Políticas pela Universidade de Columbia e começou a ministrar aulas na Universidade de Georgetown.

Na década de 1970, ela entrou para o partido democrata, se envolveu na vitoriosa campanha ao senado por Minnesota do ex-vice presidente Hubert Humphrey e dirigiu as duas tentativas de Henry Jackson para ser nomeado como candidato à presidência dos democratas. Em 1976, ela fundou o Comitê sobre os perigos atuais, que tinha como objetivo discutir e combater o comunismo nos Estados Unidos¹⁶¹. Neste comitê, Kirkpatrick passou a escrever diversos artigos analisando como deveria ser a atuação do país frente aos regimes socialistas no mundo e apontado que era necessário o apoio aos regimes autoritários para para conter o avanço da União Soviética¹⁶².

A atuação de Kirkpatrick no Comitê foi acompanhada por Ronald Reagan, que após a vitória nas eleições de 1980, convidou-a para participar do gabinete presidencial como conselheira de relações exteriores. Em 1981, Reagan a nomeou embaixadora dos Estados Unidos nas Nações Unidas, a primeira mulher a assumir o cargo, que acumulou até 1985.

A Note on Romney's Arrogant and Stupid Remarks. Disponível em: http://www.weeklystandard.com/blogs/note-romney-s-arrogant-and-stupid-remarks_652548.html Acesso em 01/05/2014 e *Ryan-Rubio 2012: Why not the best?* Disponível em: http://www.weeklystandard.com/blogs/ryan-rubio-2012_526803.html Acesso em 01/05/2014.

¹⁶¹ O Comitê ainda está ativo e hoje tem como princípio o combate ao terrorismo e as ideologias que o movem. Para mais, ver: http://www.committeonthepresentdanger.org/index.php?option=com_content&view=article&id=51&Itemid=55 Acesso em 01/05/2014.

¹⁶² Esta política é fundamental para compreendermos a atuação dos Estados Unidos no apoio ao governo Pinochet no Chile e em El Salvador no início da década de 1980. Para mais, ver: WURMAN, Ilan. *Jean Kirkpatrick and the End of the Cold War: Dictatorships, Democracy and Human Rights*. California: Claremont Colleges, 2009 (tese). p. 69 - 117.

Kirkpatrick foi um personagem central no desenvolvimento da estratégia de George W. Bush na guerra contra o terrorismo, contribuindo com artigos, papers e participação em reuniões com a cúpula do presidente para aconselhá-lo em assuntos relacionados à política externa, assim como havia feito durante o governo de Ronald Reagan.

Newt Gingrich (1943) - o contrato com a América e o fortalecimento dos neoconservadores

Consultor político e historiador, Newt Gingrich nasceu no Estado da Pensilvânia em Junho de 1943. Seu pai adotivo, Robert Gingrich, era um militar de carreira que serviu na Guerra da Coreia e na Guerra do Vietnã, e sua formação escolar é feita basicamente nas bases militares em que sua família estava lotada.

Em 1965, Gingrich recebeu o bacharelado em História pela Universidade de Emory, localizada em Atlanta, intensificando seu interesse por política desenvolvido por influência da educação militar recebida nas diversas bases em que viveu nos Estados Unidos e Europa. No final dos anos 1960 e início dos anos 1970, obteve o mestrado e o PhD em História Ocidental pela Universidade de Tulane, localizada em Nova Orleans, e foi contratado como professor assistente do departamento de História da Faculdade de West Georgia. Em 1968, Gingrich trabalhou para Nelson A. Rockefeller, candidato nas eleições primárias para escolher o candidato do partido republicano (perdeu Richard Nixon, que ganhou o pleito no final do ano).

Durante a década de 1970, Gingrich tentou três vezes o pleito para o Congresso no 6o. distrito do estado da Geórgia, todos pelo Partido Republicano: em 1974 e 76, perdeu para o democrata John James Flynt Jr., e em 1978, ganhou de Virginia Shapard, sendo reeleito 6 vezes seguidas pela região.

Durante a década de 1980, Gingrich participou da reorganização de agendas importantes para a cúpula conservadora do Partido Republicano: em 1981, auxiliou na fundação das convenções políticas para a reforma militar e da aviação e espaço, responsáveis por aumentar os gastos no setor de defesa dos Estados Unidos durante o governo Reagan¹⁶³. Em 1983, fundou a *Conservative Opportunity Society* (COS), um

¹⁶³ As convenções, tanto de 1981 quanto de 1985, apontaram para a necessidade de um aumento de gastos na defesa dos Estados Unidos e uma melhor organização do Departamento de Defesa, orientando um maior diálogo entre o departamento e as demais instituições militares do país. Para mais, ver: THE

grupo de jovens ativistas que se encontravam para discutir questões sobre política interna e externa, resultando numa rede importante de comunicação e influência no cenário político do país. Em 1989, Gingrich foi nomeado uma das lideranças dos republicanos, responsável por organizar a mudança de estratégia do partido para conseguir a nomeação de porta-voz do Congresso nos anos 1990.

Em 1994, Newt Gingrich, junto com a família Kristol, foi o responsável por fazer o Partido Republicano conseguir a maioria do Congresso pela primeira vez em quarenta anos. Sua estratégia foi pautada na construção do *Contract with America*, documento publicado às vésperas das eleições que propunha dez pontos para a reformulação da política, economia e sociedade do país, que são as principais características dos neoconservadores¹⁶⁴:

1. Responsabilidade fiscal: limitação dos impostos e descentralização da responsabilidade fiscal realizada pelas instituições. Nota-se a influência do pensamento neoliberal neste ponto, retornando a política promovida por Ronald Reagan na década de 1980.
2. Recuperar nossas "ruas": cortar gastos sociais para intensificar o investimento em segurança da população e das crianças nas escolas. Além disso, o documento prevê uma "efetiva pena de morte".
3. Responsabilidade pessoal: cortar gastos sociais para jovens mães para desencorajar a gravidez precoce, além de negar aumento da assistência do governo à família que tem mais de uma criança e não tem condições de criá-las.
4. Reforço familiar: incentivo à adoção com desconto de impostos, fortalecer o ensino pautado nos valores de família e combate intensivo à pornografia infantil.
5. Restauração do sonho americano: promoção de crédito de 500 dólares por criança, revisar a taxa sobre benefícios acumulados por casais e a criação de uma organização para diminuir as taxas cobradas à classe média.
6. Restauração da segurança nacional: retirada de soldados americanos das tropas comandadas pela ONU e restauração do sistema de segurança interna e manutenção da credibilidade do país ao redor do mundo.

UNITED STATES NAVAL WAR COLLEGE, 1985. *The Politics of Military Reform*. Disponível em: <http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a158220.pdf> Acesso em 02/05/2014.

¹⁶⁴ Ver: REPUBLICAN CONTRACT WITH AMERICA. Disponível em: <http://www.gvpt.umd.edu/jgloekler/documents/contract.pdf> Acesso em 02/05/2014.

7. Justiça para os idosos: diminuir impostos cobrados na previdência e aumentar limites de arrecadação para que os idosos possam ter uma renda maior, viabilizando sua saída do mercado de trabalho.
8. Criação de empregos e aumento dos salários: incentivo às pequenas empresas e programas de incentivo fiscal para criação de mais empregos e promoção de maiores salários.
9. Processos litigiosos: estabelecimento de limites às ações punitivas de litígios.
10. Legislação cidadã: Limitar o tempo para membros do Congresso em 12 anos.

Segundo o articulista da *Heritage Foundation*, Jeffrey Gayner¹⁶⁵, o contrato com a América propunha as maiores mudanças na legislação do país desde a década de 1930, reexaminando o papel do governo na sociedade. Ao contrário do que havia ocorrido após a crise de 1929, quando Roosevelt pensou uma maior participação do Estado para reestabilizar a economia, o documento reivindicava que as instituições não poderiam ser sobrecarregadas em gastos sociais e na regulação da economia.

Com a derrota nas eleições de 1998 (os republicanos perderam 5 assentos do Congresso para os democratas), Gingrich foi forçado a se retirar da função de porta-voz do partido, por ter sido responsabilizado por planejar uma estratégia errada para o pleito: os republicanos insistiram em divulgar o escândalo sexual ocorrido na Casa Branca envolvendo o presidente Bill Clinton e a estagiária Mônica Lewinsky no mesmo ano, e perderam as discussões sobre plataformas políticas para os democratas.

No início do século XXI, Gingrich continuou na cena política com o papel de conselheiro político dos conservadores, discutindo sobre questões em torno da economia, das políticas de saúde e da guerra contra o terrorismo e o fundamentalismo islâmico. Além disso, o ex-senador foi um ator importante da oposição ao presidente Barack Obama durante as eleições de 2008 e 2012, a quem acusa de promover um regime comunista no país¹⁶⁶, por investir em políticas sociais que sobrecarregam as camadas da sociedade com o excesso de impostos cobrados.

¹⁶⁵ GAYNER, Jeffrey. *The Contract with American: Implementing New Ideas in the U.S.* The Heritage Foundation, 1995. Disponível em: <http://www.heritage.org/research/lecture/the-contract-with-america-implementing-new-ideas-in-the-us> Acesso em: 02/05/2014.

¹⁶⁶ GINGRICH, Newt. *To Save America: Stopping Obama's Secular-Socialist Machine.* Washington DC: Regnery publishings, 2010.

Paul Wolfowitz (1943) - a doutrina de supremacia norte-americana pós-Guerra Fria.

Secretário de Defesa durante o Governo George W. Bush, Paul Wolfowitz nasceu em Nova Iorque em 1943 em uma família descendente de migrantes judeus e poloneses. Sua formação universitária é em Matemática e Química pela Universidade de Cornell, localizada em Nova Iorque, e Ciências Políticas pela Universidade de Chicago, onde obteve seu PhD orientado por Albert Wohlstetter, um dos pensadores sobre possíveis guerras nucleares controladas durante a Guerra Fria, com a tese intitulada *Proliferação nuclear no Oriente Médio*¹⁶⁷. Entre 1970 e 1972, Wolfowitz trabalhou no Departamento de Ciência Política da Universidade de Yale.

Sua atuação na política começou na década de 1970, quando integrou a Agência norte-americana de controle da armas e desarmamento (ACDA), indicado pela cúpula do presidente eleito Richard Nixon. O organismo tinha como objetivo "conduzir, apoiar e coordenar buscas e pesquisas para formulação de uma política para controle de armas de desarmamento", além de gerenciar a participação dos Estados Unidos no controle de armas pelo mundo e as negociações de desarmamento dos países¹⁶⁸. Ao mesmo tempo, Wolfowitz fez parte do chamado Time B da inteligência, uma concorrência pelo controle de informações sobre desenvolvimento de armas da União Soviética entre a CIA e o Pentágono¹⁶⁹. Em 1977, Wolfowitz foi alocado para o Pentágono como membro da equipe de apoio do Secretário de Defesa Harold Brown, democrata indicado pelo presidente Jimmy Carter para o cargo.

Durante o Governo Reagan, Wolfowitz ganhou notoriedade por participar como assistente da Secretaria de Estados para assuntos do Leste Asiático e do Pacífico entre 1982 e 1985 e Embaixador da República da Indonésia entre 1986 e 1989, quando participou de decisões importantes dentro da cúpula governamental, principalmente em relação às intervenções dos Estados Unidos na Indonésia no início da década.

Entre 1989 e 1993, na presidência de George H. W. Bush, trabalhou como subsecretário de defesa, chefiado por Dick Cheney. Eles foram os responsáveis por

¹⁶⁷ WOLFOWITZ, Paul. *Nuclear proliferation in the Middle East: the politics and economics of proposals for nuclear desalting*. Tese de doutoramento. University of Chicago, Dept. of Political Science, 1972.

¹⁶⁸ Ver: NATIONAL ARCHIVES. *Records of the U.S. Arms Control and Disarmament Agency (ACDA)*. Disponível em: <http://www.archives.gov/research/guide-fed-records/groups/383.html> Acessado em 03/05/2014.

¹⁶⁹ Para mais, ver: TEAM B Strategic Objectives Panel. Disponível em: http://www.rightweb.irc-online.org/profile/team_b_strategic_objectives_panel Acesso em 03/05/2014.

organizar a política externa do país após a Guerra Fria, ditando as condições para a Guerra do Golfo, ocorrida entre 1990 e 1991.

Em 1992, um documento revisado e organizado por Wolfowitz e Dick Cheney apontava possibilidade para um novo pensamento estratégico para os Estados Unidos: o país deveria se tornar a única superpotência do mundial e tomaria ações agressivas para prevenir que outros países pudessem competir com a supremacia econômica e militar norte-americana, considerando inclusive aliados como Japão e Alemanha. Este documento, o Plano de Defesa 94 - 99, ficou conhecido como a *Doutrina Wolfowitz* e destacava os seguintes pontos¹⁷⁰:

1. Redução da ameaça soviética: os Estados Unidos não considerariam a Rússia como inimiga, mas fiscalizaram armas e controlariam forças que surgiram após o fim da União Soviética, com objetivo de evitar a ascensão de novos grupos hostis na região.
2. Combate à proliferação de armas: o país utilizaria suas forças-tarefas e aliados para combater a proliferação de armas, oriundas da produção no leste europeu, pois apresentavam um perigo em potencial para o mundo.
3. Aumento do investimento na área militar: a tecnologia utilizada pelas tropas norte-americanas deveriam ser as mais avançadas para manter a segurança do mundo e a supremacia do país.
4. Estratégia de defesa regional: previa o uso de armas não nucleares e o enfoque em áreas de interesse dos Estados Unidos, decretando o fim da era da Guerra Fria¹⁷¹.
5. Alianças internacionais: os Estados Unidos deveriam manter as parcerias, com alterações. O país deveria ser o coordenador de todas as ações da comunidade internacional e, preocupados com sua defesa, poderia reduzir a utilização de suas tropas nas forças de paz.

A Doutrina Wolfowitz é fundamental para compreendermos o pensamento neoconservador, uma vez que durante os anos 1990, a agenda da supremacia norte-americana e o papel dos Estados Unidos como patrulha do mundo, resgatado por George W. Bush após o 11 de Setembro, são elementos centrais apontados pelo grupo.

¹⁷⁰ DEPARTMENT OF DEFENSE. *94 - 99 Defense Planning Guidance*. 1992. Disponível em: http://www2.gwu.edu/~nsarchiv/nukevault/ebb245/doc03_full.pdf Acesso em 03/05/2014.

¹⁷¹ Idem. p. 8.

Em 1997, participou do desenvolvimento do Projeto para o Novo Século Americano (*Project for the New American Century - PNAC*), com objetivo de reforçar o pensamento adotado na concepção da doutrina wolfowitz e adaptar a política armamentista do período de Ronald Reagan para os anos seguintes.

Durante a primeira década do século XXI, wolfowitz foi um personagem central no governo do presidente George W. Bush. Entre 2001 e 2005, foi nomeado vice-secretário de Defesa dos Estados Unidos, quando participou da execução do planejamento das operações no Iraque e Afeganistão, oriundo dos ataques em 11 de Setembro¹⁷². De 2005 a 2007, assumiu a presidência do Grupo Banco Mundial para realizar projetos de infraestrutura no continente africano e financiamentos no setor de energia.

Richard "Dick" Cheney (1941) - o vice-presidente da Era Bush.

Vice-presidente de George W. Bush e um dos principais nomes do planejamento da política externa dos Estados Unidos durante o início do século XXI, Dick Cheney nasceu em 1941 em Lincoln, cidade localizada no estado de Nebraska. É formado em Ciência política pela Universidade de Wyoming, onde cursou graduação e mestrado.

A entrada na política se deu no final da década de 1960, quando trabalhou como estagiário do congressista representante de Wyoming, William Steiger, do Partido Republicano. No início da década de 1970, Cheney foi incorporado a equipe de Donald Rumsfeld, com quem estabeleceu uma relação profissional que contribuiu para a consolidação da política norte-americana pós-11 de Setembro. Ao longo dos anos 1970, trabalhou como assistente na Casa Branca e ganhou bastante visibilidade entre os republicanos com o governo de Gerald Ford, entre 1974 e 1977, credenciando-o para as eleições de 1978, quando foi escolhido para representar o estado de Wyoming no congresso, onde trabalhou até 1989 (foi reeleito cinco vezes).

¹⁷² Este planejamento, segundo a imprensa, foi estruturado em 2 dias após os atentados. Segundo artigo publicado pelo jornalista Jason Leopold, em 2003, o plano foi estruturado a partir de documentos de inteligência da CIA desenvolvidos durante a década de 1990, que acusavam o Iraque de possuir armas químicas, que poderiam ser utilizadas para atacar os Estados Unidos. Ver: LEOPOLD, Jason. *Wolfowitz Admits Iraq Was Planned Two Days After 9-11*. 2003. Disponível em: <http://www.scoop.co.nz/stories/HL0306/S00005.htm> Acesso em: 03/05/2014.

Entre 1989 e 1993, Cheney foi Secretário de Defesa do governo de George H. W. Bush, encarregado de dirigir a invasão dos Estados Unidos ao Panamá¹⁷³ em 89 e a operação Tempestade do Deserto em 1991, que tinha como objetivo derrotar as forças iraquianas de Saddam Hussein que invadiram o Kuwait no final da década de 1980. Durante este período, Cheney participou da elaboração do plano de defesa 94 - 99, junto com Paul Wolfowitz. No final do governo "Bush pai", Dick Cheney entrou para a *American Enterprise Institute* e entre 1995 e 2000, integrou o comitê executivo da Halliburton, umas das principais multinacionais que trabalham no campo de extração de petróleo, atuando em mais de 80 países.

Sua relevância no Partido Republicano e o papel de liderança nos grupos formados pelos neoconservadores (tanto a AEI quanto o PNAC) o credenciou a ser o vice-presidente do país durante o governo de George W. Bush entre 2001 e 2009. Cheney foi um dos principais atores da política norte-americana neste período, auxiliando na remodelação da política externa do governo Bush pós 11 de Setembro e na campanha pelo aumento do orçamento militar, que possibilitou as guerras do Afeganistão e Iraque.

Além da política externa e defesa, Cheney foi um dos responsáveis por investir no desenvolvimento da capacidade de produção das indústrias sem se preocupar com o meio ambiente, através da revogação de leis que controlavam a emissão de gases e trabalhos com material nuclear¹⁷⁴.

Após o fim do mandato de Bush, Dick Cheney foi um dos principais nomes da oposição ao governo Obama, criticando-o pela sua política econômica e as reformas na saúde promovidas pelo atual presidente dos Estados Unidos. Durante as eleições de 2012, trabalhou para a campanha de Mitt Romney, a partir da busca de investidores para o candidato republicano.

¹⁷³ A invasão dos Estados Unidos ao Panamá ocorreu devido às novas eleições panamenhas que resultaram em um golpe de Estado liderado pelo general Manuel Noriega, acusado de facilitar o tráfico de drogas no país. Os EUA invadiram o país com intuito de derrubar a ditadura, combater o tráfico e, principalmente, manter o acesso ao Canal do Panamá, local estratégico para as rotas comerciais norte-americanas. COLE, Ronald H. *OPERATION JUST CAUSE: the planning and execution of joint operations in Panama*. Washington D.C: 1995.

¹⁷⁴ GELLMAN, Barton; BECKER, Jo. *Leaving no tracks*. Washington Post, 27/06/2007. A01.

Donald Henry Rumsfeld (1932) - a doutrina militar norte-americana pós-11 de Setembro

Secretário de Defesa durante o primeiro mandato de George W. Bush, Donald Rumsfeld nasceu em 1932 na cidade de Evanston, Illinois. Sua formação foi voltada para o treinamento militar, na Universidade de Princeton. Ele serviu à Marinha entre 1954 e 1957 como instrutor de voo.

A vida política de Rumsfeld começou em 1957, quando começou a trabalhar como assistente administrativo do deputado de Ohio, David Dennison Jr, do Partido Republicano. Em 1962, foi eleito deputado do 13o. distrito de Illinois e ganhou novamente o pleito entre 1964 e 1968, participando de comitês importantes para os rumos da política norte-americana naquele momento, como o de Economia e o subcomitê de Operações Militares e Internacionais.

Durante o governo de Richard Nixon, Rumsfeld foi nomeado diretor do gabinete de oportunidade econômica, criado em 1964 por Lyndon Johnson para combater a pobreza a partir de programas de incentivo ao crédito para pequena empresa, projetos de educação e saúde voltado para as classes mais baixas da sociedade. Seu mandato foi cercado de polêmicas, visto que Rumsfeld não havia apoiado a criação do gabinete em 64 e não fez medidas expressivas em relação às demandas da população. Em 1973, foi indicado para ser o embaixador dos Estados Unidos na OTAN, lotado na Bélgica, onde trabalhou no comitê de planejamento de defesa e no grupo de planejamento nuclear.

No mandato de Gerald Ford, Rumsfeld foi nomeado Secretário de Defesa, o mais jovem a trabalhar no cargo. Como secretário, ele promoveu a campanha pelo aumento dos gastos militares, investimento em novas tecnologias de mísseis guiados, desenvolvimento do programa de construção de embarcações para a marinha e coordenou a transição do alistamento militar, que terminou com o serviço militar obrigatório no país.

Durante os governos de Ronald Reagan, "Bush pai" e Bill Clinton, Donald Rumsfeld ficou como conselheiro da ala republicana e participou de comissões importantes, como o Comitê de controle de armas e Economia Nacional nos anos 1980, e membro do conselho de política externa em 2000. Além disso, Rumsfeld foi um dos signatários da PNAC, junto com outros nomes como Dick Cheney, com quem havia trabalhado em comitês durante a década de 1970, Paul Wolfowitz e William Kristol.

Com a eleição de George W. Bush e Dick Cheney à presidência e vice-presidência respectivamente, Rumsfeld foi indicado para ser o Secretário de Defesa, graças à relação que havia mantido com Cheney durante os governos Nixon e Ford na década de 1960 e 70 e na consolidação do PNAC nos anos 1990. Rumsfeld foi o responsável por pensar a nova forma de combate das tropas norte-americanas nas guerras do Afeganistão e Iraque, conhecido como *Doutrina Rumsfeld*¹⁷⁵, que propunha os seguintes pontos fundamentais:

- Uso intenso da tecnologia em combates.
- Bombardeios aéreos.
- Utilização de pequenos grupamentos de soldados em terra.
- Rápida movimentação.

A doutrina Rumsfeld foi muito criticada durante o conflito no Iraque, uma vez que não foram previstas as dificuldades das tropas americanas, que conseguiram derrubar Saddam Hussein rapidamente, mas não souberam lidar com a resistência da população e dos seguidos ataques às bases, gerando uma grande quantidade de mortos e a pressão da opinião pública nos Estados Unidos. Este problema foi fundamental para a saída de Rumsfeld do Departamento de Defesa em 2006, cedendo o lugar para Robert Gates, ex-diretor de inteligência do governo "Bush Pai".

Em 2007, montou a fundação Rumsfeld, que tem como objetivo dar suporte às tropas no Afeganistão e Iraque, além de buscar investimentos para a reconstrução destes países e financiar estudantes da região para frequentar as principais universidades dos Estados Unidos, através de parcerias estabelecidas com a fundação¹⁷⁶.

George Walker Bush (1946): o presidente da "Guerra contra o terror"

George W. Bush (conhecido também como Bush filho) nasceu em 1946 na cidade de New Haven, no estado de Connecticut. Ele foi o 43o presidente dos Estados Unidos e governou entre 2001 e 2009, período em que o país sofreu o maior ataque de sua história e passou por profundas mudanças no setor de segurança e política externa.

Bush é formado em História pela Universidade de Yale e possui mestrado em administração de negócios por Harvard. No início dos anos 1970, período em que foi

¹⁷⁵ *Commentary: it's time to shelve the Rumsfeld Doctrine.* Disponível em: <http://www.businessweek.com/stories/2004-04-25/commentary-its-time-to-shelve-the-rumsfeld-doctrine>. Acesso em 05/06/2014.

¹⁷⁶ Para mais, ver: <http://www.rumsfeldfoundation.org/> Acesso em 05/06/2014.

desligado da Força Aérea, iniciou seus trabalhos na política ao trabalhar na campanha do senador do partido republicano, Winton Blount, que perdeu para o democrata John Sparkman por aproximadamente 300 mil votos¹⁷⁷. Em 1978, concorreu como deputado do 19o distrito de Texas e perdeu para o democrata Kent Hanees por 6 mil votos¹⁷⁸.

Durante o governo Reagan, quando seu pai, George H. W. Bush, foi vice-presidente, investiu no ramo de petróleo a partir da criação de empresas de extração como a *Arbusto Energy*, que atuava no Oriente Médio a partir da relação com investidores sauditas¹⁷⁹. No final dos anos 1980, trabalhou na campanha presidencial de seu pai, que assumiu o governo em 1989 com 53,37% dos votos¹⁸⁰, ganhando do democrata Michael Dukakis.

Em 1994, nas eleições que decretaram a grande vitória do partido republicano no Congresso, George W. Bush ganhou o pleito para governador do Texas com 53,48% dos votos contra 45,88% da democrata Ann Richards. Seu primeiro governo foi pautado no combate ao crime, investimentos na educação e num intenso corte de impostos, o que o levou a reeleição em 1998, com 69% dos votos.

Os sucessos consecutivos nos pleitos de 1994 e 98 credenciaram Bush a se candidatar para as eleições presidenciais dos anos 2000. Para tal, indicou Dick Cheney para ser o seu vice-presidente, obtendo apoio de grande parte da ala republicana que havia se mobilizado para ganhar a maioria do Senado.

O governo Bush ficou marcado pelo 11 de Setembro de 2001. A política intensiva de redução de impostos; aumento dos gastos públicos no setor de defesa; enriquecimento dos bancos, através do aumento das linhas de crédito e investimentos feitos a partir das dívidas dos clientes; e os gastos realizados para as guerras do Afeganistão e Iraque se desdobraram a partir do ataque ao World Trade Center e ao Pentágono, que matou cerca de 3000 mil pessoas e deixou milhares de feridos. É importante notar que tais medidas são todas baseadas nas agendas dos

¹⁷⁷ UNITED STATES GOV. *Statistics of the presidential and congressional election of 1972*. Washington d.c., 1973. p. 1.

¹⁷⁸ UNITED STATES GOV. *Statistics of the congressional election of 1978*. Washington d.c, 1979. p. 36.

¹⁷⁹ Alguns setores da oposição durante o governo Bush relacionaram o presidente com a família de Osama Bin Laden, por causa das relações comerciais que a *Arbusto energy* possuía com os sauditas durante os anos 1980. Desta forma, a imprensa acusou Bush de "financiar" Bin Laden. Para mais, ver: WILES, Rick. *Bush's former oil company linked to bin Laden family*. American Freedom News, 2001. Disponível em: <http://www.rense.com/general14/bushsformer.htm> Acesso em 07/06/2014.

¹⁸⁰ Mapa eleitoral disponível em: <http://www.presidency.ucsb.edu/showelection.php?year=1988> Acesso em 07/06/2014.

neoconservadores, que tinham muita força principalmente por conta da presença de Cheney, Wolfowitz e Rumsfeld na cúpula do governo.

O presidente, que não era popular por causa da polêmica das eleições de 2000¹⁸¹, ganhou apoio da população ao promover o discurso da *Guerra contra o terrorismo*, em 20 de Setembro de 2001, quando defendeu o papel dos Estados Unidos como liderança na caça mundial aos terroristas, que, segundo o discurso de Bush, ameaçavam os ideais democráticos e a liberdade do ser humano, e buscou unir a sociedade norte-americana em prol da reconstrução do país, não só estrutural, no caso do Pentágono e das Torres em Manhattan, como também moral, pois o ataque abalou o povo, que precisava readquirir confiança e retomar as atividades¹⁸².

Em 2004, Bush foi reeleito com 50,7% dos votos (e 286 delegados) e continuou com a política de manutenção das tropas no Afeganistão e intensificou as tropas no Iraque. Os diversos casos de oficiais e jornalistas sequestrados e torturados pelos resistentes, além da forma de funcionamento da prisão de Abu Ghraib¹⁸³ geraram uma grande pressão sobre Bush durante o seu segundo mandato.

A crise econômica de 2008 marcou o fim do governo Bush. Segundo o premiado documentário Trabalho Interno (*Inside job*, EUA, 2010), produzido por Charles Ferguson, a política econômica do governo Bush, pautada no aumento do orçamento do governo para financiar as guerras fora do país e na continuidade da flexibilização das leis que controlavam o mercado financeiro norte-americano, culminou na derrubada do sistema bancário do país e foi determinante para a falência de empresas e vencimentos de hipotecas feitas em todo o país.

Em 2009, após o término do seu mandato, Bush fundou a *Bush Institute* em Dallas, com objetivo de expandir a liberdade e desenvolver oportunidades para indivíduos em todo o mundo, a partir de seis pontos fundamentais¹⁸⁴:

¹⁸¹ Veremos esta questão no pondo 2.2, referente às eleições.

¹⁸² Full text: President Bush Declares "War on Terror". Disponível em: <http://middleeast.about.com/od/usmideastpolicy/a/bush-war-on-terror-speech.htm> Acesso em 07/06/2014.

¹⁸³ O escândalo da prisão de Abu Ghraib, em 2004, deu-se a partir das denúncias de tortura e abuso sexual sofrido pelos prisioneiros, homens ou mulheres. Um dos jornalistas que expôs o caso foi Seymour Hersh, o mesmo que havia denunciado o massacre de My Lai ocorrido em 1968, quando uma tropa americana invadiu a aldeia no Vietnã e matou todos os habitantes, a maioria deles eram mulheres e crianças. Sobre a denúncia de Abu Ghraib feita por Hersh, ver: HERSH, Seymour M. *Torture at Abu Ghraib*. The New Yorker, 2004. Disponível em: http://www.newyorker.com/archive/2004/05/10/040510fa_fact?currentPage=all Acesso em 07/06/2014.

¹⁸⁴ Todos podem ser vistos em: <http://www.bushcenter.org/george-w-bush-institute> Acesso em 10/06/2014.

1. Crescimento econômico, pautado na redução de gastos do governo para atingir a meta de crescimento em 4% ao ano, que poderia levar a criação de 10 milhões de novos empregos no país. Para fundamentar tal ideia, a fundação publicou a obra *The 4% solution*¹⁸⁵, em que são debatidas as questões relacionadas ao tema.
2. Reforma na educação, a partir do investimento em programas de fortalecimento de escolas, formação profissionalizante, contratação de diretores e professores experientes. Além disso, a fundação tem como objetivo auxiliar no aprimoramento do ensino de base, para preparar melhor as crianças para as séries seguintes (*high school*).
3. Saúde global, com a criação do programa *Pink Ribbon Red Ribbon* para investir no desenvolvimento do tratamento de câncer na África sub-saariana e na América Latina, principalmente a partir de campanhas de luta contra o câncer de mama. Uma das medidas mais significativas da fundação foi o início do trabalho de renovação de clínica de oncologia na Zâmbia em 2013¹⁸⁶.
4. Liberdade do indivíduo, a partir do suporte à luta pela democracia através do estabelecimento de parcerias e eventos pelo mundo.
5. Apoio ao serviço militar, com busca de financiamento para as tropas norte-americanas estabelecidos por parcerias com o setor privado.
6. Iniciativa feminina, a partir de campanhas de apoio às mulheres no Afeganistão.

Colin Powell (1937): o estrategista da Guerra do Golfo.

General quatro estrelas aposentado e Secretário de Estado do presidente George W. Bush entre 2001 e 2005, Colin Luther Powell nasceu em 1937, na cidade de Nova Iorque. Em 1954, iniciou seus estudos na Faculdade da cidade Nova Iorque, onde entrou para o curso de treinamento para as forças armadas (ROTC) e se formou em 1958, como Segundo tenente das Forças Armadas do país.

¹⁸⁵ BUSH INSTITUTE (org.). *The 4% solution: unleashing the economic growth America needs*. USA: Bush Foundation, 2012.

¹⁸⁶ Ver: <http://www.bushcenter.org/press-releases/2013/06/23/president-and-mrs-bush-will-travel-zambia-refurbish-cervical-cancer-clinic> Acessado em: 10/06/2014.

Durante a década de 1960, serviu duas vezes no vietnã: a primeira, em 1963, como observador, o que lhe rendeu uma série de condecorações, dentre elas a medalha de Coração Púrpura e a Estrela de Bronze; e a segunda, entre 1968 e 1969, para investigar o caso do massacre da aldeia de My Lai, denunciado pelo jornalista Seymour Hersh, que levou o tenente William Calley a ser julgado pelo ataque.

Nos anos 1970, Powell foi designado para o gabinete de administração e orçamento durante o governo Nixon e serviu na Coreia como comandante de batalhão, credenciando-o a assumir cargos no Pentágono e ser promovido ao generalato. Neste período, o general apoiou a transição da gestão do Departamento de Defesa entre o fim do governo de Jimmy Carter e início do governo Reagan.

Powell trabalhou como assistente militar para a Secretaria de Defesa até 1986, auxiliando na coordenação da invasão de Granada, na qual as tropas norte-americanas invadiram a ilha de Granada para derrubar o regime instaurado por Bernard Coard através de um golpe de Estado realizado em 1983, e no ataque aéreo à Líbia em 86, quando os Estados Unidos bombardearam a Líbia em represália ao atentado à discoteca em Berlim, no qual 200 pessoas ficaram feridas e 3 morreram. Em 1987, foi nomeado conselheiro de segurança nacional do presidente Reagan, cargo em que ficou até o final do mandato.

Durante o governo Bush sênior, Powell assumiu o Comando das Forças Armadas do país e foi nomeado integrante do Conselho Gestor do Departamento de Defesa. Em 1991, quando começou a Guerra do Golfo, Collin Powell traçou a estratégia que marcaria a atuação das forças armadas norte-americanas durante os anos 1990: o intenso uso de bombardeios, pouca utilização de soldados de infantaria e auxílio da tecnologia, conhecido como *doutrina powell*. Tal concepção foi utilizada para diminuir ao máximo as baixas no efetivo americano, evitando repetições da *síndrome do Vietnã*¹⁸⁷.

No primeiro governo de George W. Bush, foi nomeado Secretário de Estado e organizou, junto com Donald Rumsfeld, Dick Cheney e Condoleezza Rice, a estratégia de ataque ao Iraque, fortalecendo o discurso da existência de armas de destruição em

¹⁸⁷ Durante a Guerra do Vietnã, as imagens de soldados mortos e caixões de madeira que retornavam ao país chocaram a sociedade norte-americana, que passaram a pressionar o governo para acabar com a Guerra. Para mais, ver: SILVA, C. L. B. *Guerra do Vietnã*. In: SILVA, F.C.T (coord.) [et al]. *Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

massa no país. Sua imagem foi abalada após os observadores da ONU não conseguirem localizar vestígios de armamentos no Iraque e os Estados Unidos atacarem o país, mantendo sua posição na guerra contra o terrorismo e o papel que ela assumiu na Oriente Médio. Em 2005, saiu do cargo para dar lugar a Condoleezza Rice e se foi trabalhar no setor privado.

Condoleezza Rice (1954): A diplomacia no Oriente Médio pós 11 de Setembro.

Secretária de Estado do presidente George W. Bush entre 2005 e 2009, Condoleezza Rice nasceu em 1954 na cidade de Birmingham, Alabama. É a segunda mulher e a primeira negra a assumir o cargo nos Estados Unidos (Madeleine Albright no governo Clinton foi a primeira a ser nomeada). É bacharel em Ciência Política pela Universidade de Denver, mestrado na Universidade de Notre Dame e doutorado em Denver nos anos 1974, 1975 e 1981, respectivamente, em que se especializou em política e forças armadas no contexto da Guerra Fria. Atualmente, é professora de Ciência Política da Universidade de Stanford, na Califórnia.

Sua carreira política começou no final da década de 1970, durante o governo de Jimmy Carter, quando trabalhou como estagiária no Departamento de Estado e na *Rand Corporation*, um *think tank* financiado pelo governo voltado para a produção de relatórios sistemáticos sobre as forças armadas dos Estados Unidos. A posição de Carter em relação a invasão do Afeganistão pelos soviéticos foi criticada por Rice, pois ela acreditava que os Estados Unidos deveriam ter tomado uma iniciativa mais enérgica contra a União Soviética¹⁸⁸.

No início dos anos 1980, quando foi contratada como professora assistente do departamento de Ciência Política da Universidade de Stanford, Rice migrou para o Partido Republicano, apoiando a campanha de Ronald Reagan, que trazia um discurso sobre o fortalecimento das forças armadas dos Estados Unidos. Sua atuação na universidade de Stanford, principalmente com a publicação de livros sobre a Europa, dentre eles, *The Soviet Union and the Czechoslovak Army* (1984), que a credenciou para trabalhar como conselheira da *Joint Chiefs of Staff*, um grupo do alto comando do Departamento de Defesa. Em 1989, com o início do Governo Bush pai, Rice foi

¹⁸⁸ HUBBARD-BROWN, Janet. *Condoleezza Rice: Stateswoman*. New York: Chelsea House Pub. 2008. p. 30 - 31.

nomeada Diretoria de Assuntos Soviéticos e do Leste Europeu junto ao Conselho de Segurança Nacional.

Durante o governo de Bill Clinton, Rice retornou para Stanford, onde foi nomeada para o cargo de chefe do gabinete acadêmico e orçamentário, a primeira mulher a assumir a função na instituição. Na sua gestão, os cortes orçamentários foram grandes, atingindo o programa de bolsas e diversos estudantes beneficiados pelo mesmo, principalmente os hispânicos¹⁸⁹. Além disso, integrou quadros de conselheiros em importantes empresas, como a Hewlett-Packard e a petroleira Chevron.

Em 2001, com a eleição de George W. Bush, foi nomeada para ser assistente do presidente para assuntos de segurança nacional (*National Security Advisor*), cargo que ocupou até 2005, quando passou a ser a secretária de Estado do governo Bush. Sua atuação durante o governo Bush foi decisiva para compreendermos a política externa pós 11 de Setembro, pois a guerra (contra o terrorismo e as intervenções no Afeganistão e no Iraque) passou a ser a primeira opção nas relações internacionais, utilizando a força antes das negociações¹⁹⁰. Neste sentido, o aumento do orçamento militar nos Estados Unidos era um ponto fundamental defendido por Rice, assim como havia sido durante os governos Reagan e Bush sênior.

Com o final do governo Bush, em 2009, Rice retornou à Stanford, onde continua lecionando no Departamento de Ciência Política da Instituição, além de integrar a Instituição Hoover, um *think tank* ligado à universidade, que produz análises políticas e econômicas sobre diversas regiões do mundo.

2.1.1.2 - Tea Party - a defesa da constituição americana e dos "Pais Fundadores".

O Tea Party é um movimento conservador cujo nome tem como inspiração o *Boston Tea Party* (Festa do Chá de Boston), evento ocorrido em 1773, no contexto da Revolução Americana, em que colonos americanos protestaram contra a alta carga de impostos cobrados sobre o chá, principal bebida da população no período. Foi organizado em Fevereiro de 2009 nos Estados Unidos em resposta à política econômica do governo de Barack Obama, que adotou diversas medidas para sanar os problemas

¹⁸⁹ HUBBARD-BROWN. Ibid. p. 48.

¹⁹⁰ Para mais, ver: DA SILVA, F.C.T. *O sorriso de Condoleeza Rice*. Carta Maior, 2006. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-sorriso-de-Condoleeza-Rice/19323> Acesso em 10/06/2014.

econômicos oriundos da crise de 2008, causada pelo colapso das linhas de crédito oferecidos à população e empresas norte-americanas.

O grupo tornou-se popular em 2009 como um grupo que tem como principal demanda a questão econômica desdobrada a partir da cobrança de impostos exercidas pelo governo norte-americano, fruto das consequências da política norte-americana pós 11 de Setembro. Ao aumentar o percentual do orçamento militar ao longo da primeira década do século XXI, os Estados Unidos oneraram sua máquina administrativa, culminando na baixa dos impostos com intuito de ganhar apoio popular para a invasão do Iraque, gerando graves consequências às grandes empresas, bancos e população, que faliram após o comprometimento da extensa linha de crédito do país.

Assistimos a uma crise econômica em 2008 de escala global, comparada à quebra da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929, que deixou centenas de pessoas desabrigadas, devido hipotecas e crediários de imóveis, desaquecendo a economia. Para superar a crise, o presidente norte-americano eleito em 2008, Barack Obama, propôs uma grande reforma nos impostos e em questões sociais, que serviriam para auxiliar a população a reerguer a economia do país, principalmente fortalecendo o mercado interno e dando segurança para as grandes empresas do país.

As manifestações no país voltaram-se ao conservadorismo. Segundo Jill Lepore, historiadora da Universidade de Harvard, esta tendência se mostra na história dos Estados Unidos, pois todas as crises que ocasionaram problemas econômicos e sociais fez com que a população fortalecesse os movimentos conservadores, seja na questão migratória ou no debate em torno dos impostos. Dessa forma, os conceitos de liberdade e direito são colocados por esses indivíduos a partir do passado da revolução americana, funcionando como uma espécie de revisitação ou *remake* das manifestações ocorridas naquela época¹⁹¹.

Neste contexto, o grupo se fortaleceu em Fevereiro de 2009, quando Rick Santelli, jornalista e comentarista do noticiário matinal da CNBC, criticou em público a política econômica do novo governo, a partir de um pensamento político embasado nos Pais Fundadores¹⁹², reforçando a necessidade de uma mobilização da população contra o excesso de impostos cobrados. A luta seria pela liberdade, assim como havia sido

¹⁹¹ LEPORE, Jill. *The White of their eyes: the Tea Party's revolution and the battle over American history*. New Jersey: Princeton University Press. 2010.

¹⁹² Pais Fundadores é o termo dado aos indivíduos que influenciaram ou articularam a declaração de independência dos Estados Unidos, tendo como principais ícones: Thomas Jefferson, George Washington, Thomas Paine, Benjamin Franklin, dentre outros.

durante a Festa do Chá, manifestação popular ocorrida em 16 de Dezembro de 1773 contra impostos cobrados pela Coroa Britânica no contexto da Revolução Americana.

Em 15 de Abril de 2009, no *Tax Day* (dia de recolhimento das taxas para o tesouro americano), manifestantes foram às ruas de diversas cidades nos Estados Unidos para protestar contra o excesso de impostos, lembrando histórias da revolução e como o povo americano havia conseguido o direito à liberdade. Barack Obama foi chamado de arrogante e sua administração comparada à das colônias americanas pela Inglaterra no século XVIII.

Diversos setores da sociedade norte-americana passaram então a fazer parte do Tea Party não somente para protestar contra a política econômica do país como também reivindicar mudanças em aspectos sociais como a proibição da união civil de homossexuais, sob o argumento de que o Estado foi criado por homens cristãos, que acreditavam no matrimônio como base para a constituição da família.

O Tea Party não é um movimento uníssono visto que existem divergências de ideias entre alas e cidades. Por exemplo, a crítica feita por membros do grupo sobre a visão da mídia norte-americana em classificar o movimento como racista e xenófobo, pois uma ala do movimento critica Obama por ter nome muçulmano e ser negro. A coalizão com Sarah Palin, candidata a vice-presidência nas eleições de 2008 pelo partido republicano e ex-governadora do Estado do Alaska mostrou a partir dos debates travados entre alas do movimento que diversos setores do grupo não concordavam com determinadas ideias (principalmente o ataque direto à Obama e não sua administração), mas a apoiavam por ser oposição ao presidente dos Estados Unidos.

Outra questão debatida neste período foi o currículo escolar. No Texas, a comissão de educação sugeriu propostas de alteração nos estudos de História: as figuras das personalidades, neste caso os Pais Fundadores, seriam exaltadas enquanto temas como direitos civis - que abordavam a questão dos negros, mulheres e homossexuais -, foram preteridas para ser estudado nacionalismo e cidadania. Conceitos também foram alterados em sala de aula: capitalismo e escravidão passaram a ser ensinados como livre concorrência e economia triangular no período colonial, respectivamente. Temas como Macarthismo e a ressurgência dos movimentos conservadores na década de 1980 passaram a ser tratados como pontos positivos da política americana, que auxiliaram no desenvolvimento do país.

Durante as eleições de 2010, quando dos trinta e quatro senadores eleitos¹⁹³, vinte eram Republicanos, o movimento mostrou-se bastante ativo, mas somente quatro dos dezesseis candidatos apoiados pelo Tea Party conseguiram ganhar o pleito ao Senado. Em 2012, com as campanhas presidenciais, o movimento decidiu apoiar Mitt Romney, do Partido Republicano, que tinha como bandeira a defesa dos preceitos cristãos para a governança, crítica ao aborto e a união civil de homossexuais, além de questionar as políticas sociais voltados para a saúde e as migrações. Romney perdeu as eleições, mas atingiu cerca de 47,2%, apontando uma diferença em torno de 5 milhões de votos para Obama.

"Última chance para a liberdade"

Mesmo que o candidato apoiado à presidência pelo movimento tenha sido derrotado em 2012, o Tea Party continua ativo no país, a partir das manifestações e grupos que crescem em formato de células que procuram estimular o debate local, como objetivo de disseminar as ideias em todas as regiões que o grupo se faz presente nos Estados Unidos.

Para tal, o movimento possui um sítio eletrônico (www.teaparty.org) em que é trabalhado todo procedimento de cadastro de novos grupos e como as pessoas podem participar de projetos para pressionar os congressistas a aprovarem ou reprovarem determinadas medidas propostas pelo governo Obama. Criado em Setembro de 2004, o grupo se apresenta como um movimento que se preocupa, principalmente, com a soberania e a segurança do país:

O Tea Party é um movimento popular que exige consciência para qualquer problema que desafia a segurança, a soberania, ou a tranquilidade doméstica da nossa amada nação, os Estados Unidos da América. Desde a nossa fundação, o Tea Party representa a voz dos verdadeiros donos dos Estados Unidos: nós, o povo [primeira expressão da constituição dos Estados Unidos].¹⁹⁴

Os projetos apresentados atualmente no sítio eletrônico do Tea Party são: o uso do fax, que consiste no envio de mensagens à todos os membros do congresso com reivindicações sobre a questão do controle de armas, impeachment de Obama (devido à

¹⁹³ Ver em: UNITED STATES SENATE. Class III - Senators Whose Terms of Service Expire in 2017. In: http://www.senate.gov/pagelayout/reference/two_column_table/Class_III.htm Acesso em 26/07/2013.

¹⁹⁴ Disponível em: www.teaparty.org/about-us/ Acesso em 11/07/2013.

sua política interna e os casos de tortura realizada pelos soldados norte-americanos em Benghazi), a reprovação do ObamaCare e o fim da anistia aos imigrantes ilegais; o uso de ligações telefônicas para os membros do congresso para promover as ideias do movimento, principalmente a partir de acusações ao presidente norte-americano e à necessidade do povo se manifestar contra o governo para recuperar os princípios fundantes do país (*America Must Recover*); e a petição online criada para manifestar-se contrário à política de controle de armas proposta pelo governo. Todos os três projetos tem como fio condutor o pensamento de liberdade individual e valores tradicionais, contidos no pensamento conservador.

As discussões ideológicas podem ser feitas através da rede social do grupo (<http://teapartyorg.ning.com/>), em que os usuários debatem sobre as bandeiras do movimento e apresentam diversas notícias sobre denúncia de fraude nas eleições e medidas *ditatoriais* do governo norte-americano¹⁹⁵.

O movimento também tem um esquema organizado de criação de células em diversas cidades do país para promover o pensamento conservador a partir de reuniões promovidas semanalmente pelas lideranças locais. No momento do cadastro para começar um grupo, o usuário tem a opção de escolher fazer parte de um existente perto de sua residência (eles possuem um mapeamento completo no sítio eletrônico, bastando inserir o Zip Code para localizar os grupos da região) ou de criar um próprio grupo. Para a segunda escolha, o sítio eletrônico fornece diversas informações, como os principais pontos defendidos e um vídeo explicativo sobre o grupo que o usuário poderá inserir em seu blog ou enviar por e-mail para todos os contatos.

A organização do movimento é feita por Steve Eichler, que é bacharel em Ciências pela *Liberty University*, possui doutorado profissional em Direito pela *Trinity Law School* e é membro da *International Bar Association*. As instituições acadêmicas por onde Eichler fez seus cursos têm posições ideológicas em comum: o comportamento humano a partir dos mandamentos cristãos e tradicionais da camada conservadora da sociedade norte-americana. A *Liberty University*, por exemplo, tem como fundador da Universidade, Jerry Falwell, um pastor que havia montado na década

¹⁹⁵ Em alguns casos, os usuários comparam o governo de Obama com regimes grandes regimes ditatoriais do século XX, como o Nazismo e até mesmo o Stalinismo.

de 1950 um programa de rádio para divulgar o pensamento cristão ao máximo de pessoas nos Estados Unidos¹⁹⁶.

Eichler possui diversos artigos sobre política e economia norte-americanas publicados na imprensa em periódicos como *Canada Free Press*, *World Net Daily*, *Wall Street Journal* e *Newsweek*, nos quais ele procura desenvolver suas críticas sobre o atual governo dos EUA a partir de questões que envolvem taxa de imposto, segurança, migração, dentre outras.

O presidente do movimento lançou um manifesto em 2013 intitulado *Last Chance for Liberty: liberty is in trouble in America* (Última chance para a Liberdade: Liberdade está com problemas na América), em que o autor explica todas as bandeiras do movimento e como as pessoas podem se organizar e manifestar-se contra as medidas tomadas pelo governo norte-americano. Esta é a principal publicação do movimento, pois além de ser escrita pela liderança, aponta suas inspirações doutrinárias.

O livro tem como objetivo analisar a partir de uma abordagem conservadora as medidas tomadas pelo governo Obama. Eichler começa a obra criticando como a individualidade nos Estados Unidos tem sido "atacada" através da alta cobrança de impostos decorridas do cumprimento de medidas sociais como o *Health Care* (conhecido pelos conservadores como *Obamacare*)¹⁹⁷, pois, segundo o argumento do autor, o cidadão não teria mais direito de escolha em ter ou não plano de saúde e ainda teria que pagar mais impostos para sustentar a classe que não teria condições para sustentar a mensalidade do plano.

Notamos no decorrer da obra que o discurso sobre liberdade é o ponto central do autor. Ele desenvolve todas as temáticas abordadas (questões sociais, controle de armas, segurança e impostos) a partir do histórico da sociedade norte-americana, que buscou lutar pelos seus ideais durante a Revolução Americana do século XVIII, trabalhando a ideia de que o governo Obama pode ser comparado à Inglaterra na época das Leis Intoleráveis e o povo deve lutar para que tais medidas sejam derrubadas.

Eichler afirma que a sociedade é naturalmente desigual e por isso não podemos fazer com que o governo pautue sua política em medidas assistencialistas ao invés de organizar suas estruturas para que o indivíduo possa criar suas oportunidades. Ele acusa

¹⁹⁶ ver: Liberty University. About Liberty. Disponível em: <http://www.liberty.edu/index.cfm?PID=6921> Acesso em 22/07/2013.

¹⁹⁷ Projeto que obriga a todos os norte-americanos a possuírem plano de saúde e, quem não puder pagar, o governo oferecerá planos acessíveis. Além disso, todos os registros médicos ficarão armazenados em um servidor central, gerando uma ficha de cada paciente nos Estados Unidos. ver: <https://www.healthcare.gov/> Acesso em 22/07/2013.

o governo de tentar instaurar o *comunismo global* e diz que Obama é hoje "o homem mais perigoso da América e, possivelmente, do mundo"¹⁹⁸.

A liberdade do indivíduo também não pode ser limitada a partir da proposta de controle de armas, discutida pelo Senado. Mesmo com uma série de casos de tiroteios em escolas e universidades norte-americanas, Eichler defende que portar armas é um direito do cidadão e que o governo tomou estas medidas para limitar um confronto armado direto entre população e autoridades¹⁹⁹.

O autor afirma que as regras de organização para 'proteger a liberdade' podem ser realizadas a partir de 5 passos, funcionando a partir de graus evolutivos: criar sua organização, através da fundação de grupos locais, organizados por reuniões que servem para a discussão de ideias e recrutamento de novos membros; começar a propaganda, pois, com o grupo organizado, os adeptos precisam promover o debate na região que atua; lançar operações defensivas através de denúncia sobre as ações do governo, sobretudo em relação à economia e às demandas sociais; iniciar campanhas políticas através de protestos, desobediência civil e não cooperação, evitando esvaziar o movimento sempre procurando manter-se na legalidade; aceitar o fato de que o movimento pode ter sucesso, a partir da organização dos movimentos e as ações de denúncia e protesto bem-sucedidos, os candidatos de oposição poderão se fortalecer e ganhar as eleições²⁰⁰.

A discussão sobre a diferenciação entre liberais e conservadores²⁰¹ feita na obra é um fator importante para compreendermos os pontos levantados pelo autor, principalmente em relação às críticas ao governo Barack Obama. Segundo o autor, o liberalismo é uma crença na qual alguns indivíduos são iluminados e obrigados a usar sua influência para guiar e prover para aqueles que eles governam. Tal conceituação seria uma constatação de que existem pessoas iluminadas e não iluminadas, e que indivíduos seriam governados rumo ao pensamento liberal. Eichler continua sua argumentação afirmando que tais ideais são impositivos, arrogantes (pois são evolucionistas e os iluminados são mais evoluídos que os demais) e que combinam com qualquer forma de governo, incluindo os ditatoriais.

¹⁹⁸ EICHLER, Steve. *LAST CHANCE FOR LIBERTY: LIBERTY IS IN TROUBLE IN AMERICA*. United States: Whitelock Publishing, 2013. P. 31.

¹⁹⁹ Ibid. p. 30 - 37.

²⁰⁰ Ibid. p. 54-56.

²⁰¹ Ibid. p. 13 - 29.

Já o conservador tem como ponto de partida a necessidade de se apegar a valores, crenças que formam um "núcleo" do ser humano, compostas por responsabilidade, autodisciplina, autoconfiança e individualismo, que influenciarão todas as decisões tomadas por ele no dia-a-dia. Nesse sentido, os conservadores são resistentes às mudanças impostas pelos governantes "iluminados", pois vão de encontro ao pensamento de tradição e da existências de leis naturais, largamente influenciadas pelos mandamentos cristão.

Ao analisarmos as bandeiras políticas do Tea Party desenvolvidas na obra de Eichler e compararmos com os argumentos trabalhados por Edmund Burke em resposta aos franceses no final do século XVIII, a questão da tradição e a crítica à ilegalidade do processo são elementos em comum na fala dos dois autores, marcando aspectos atemporais no pensamento conservador. Russel Kirk, em *O Pensamento Conservador (The Conservative Mind)* - uma das obras das quais o Tea Party tem como inspiração filosófica - analisa Burke a partir da sua reação contra mudanças bruscas e ilegais, apontando que, a partir da realidade política inglesa no século XVIII, a Revolução Francesa não era legítima para o pensador inglês²⁰². Esta mesma linha de pensamento é explorada por Eichler ao mostrar que as medidas 'socialistas' de Obama, como o Obamacare por exemplo, são mudanças abruptas na sociedade e infringem a Constituição Americana, documento considerado sagrado para os membros do Tea Party.

O mesmo argumento foi desenvolvido em torno da questão da igualdade social. Segundo o pensamento conservador, embora todos tenham sido criados por Deus, a propriedade privada, garantida pelas leis naturais²⁰³, mostra que a desigualdade é inevitável e importante para o desenvolvimento. Kirk corrobora tal ideia a partir do trabalho com os diversos autores citados defendendo que a igualdade não pode ser forçada na humanidade, pois assim acabaria a liberdade do indivíduo. Eichler desenvolve sua tese no mesmo sentido, ao afirmar que os Estados Unidos, conhecido como a terra das oportunidades, não pode basear-se em garantias às camadas mais baixas da população, pois elimina o risco de o indivíduo lutar para ser bem-sucedido²⁰⁴.

²⁰² KIRK, Russel. *The Conservative Mind: from Burke to Eliot*. Washington D.C.: Regnery Publishing, 1986.

²⁰³ Tal pensamento pode ser encontrado no filósofo inglês John Locke em *Dois Tratados Sobre o Governo Civil*. O Direito Natural tem como principais pontos a defesa da vida, a liberdade e a propriedade privada.

²⁰⁴ Eichler, *Ibid.* p. 38 - 40.

Portanto, ao analisarmos os discursos do Tea Party a partir do conceito de conservadorismo, trabalhado por autores clássicos, como Edmund Burke, e contemporâneos, como Russell Kirk, podemos concluir que tradição, religião e liberdade individual são elementos em comum, desenvolvidos de forma distinta, principalmente de Burke para os demais autores. As questões específicas levantadas pelos norte-americanos procuram aplicar o conceito trabalhado por Burke durante a Revolução Francesa.

Assim, o discurso em torno da 'luta pela liberdade' pode ser vista a partir do desenvolvimento do conceito de conservadorismo. Analisando a obra de Steve Eichler lutar pela liberdade individual é histórico e fundamental para o bem-estar da sociedade norte-americana, que tem na Constituição sua 'bíblia' para corroborar todas as críticas ao governo Barack Obama e suas tentativas de reformas nos Estados Unidos.

O discurso firmado por Steve Eichler também pode ser visto no livro do jornalista da rede Fox news, Todd Starnes²⁰⁵, em que ele afirma que os Estados Unidos estão passando por uma guerra religiosa, em que o presidente Barack Obama, desde seu mandato como Senador em Chicago, vem tomando medidas para caçar os Cristãos, culminando nos discursos em prol da convivência com outras religiões no país. Starnes foca sua crítica no discurso de Obama quando candidato à presidência em 2008, quando disse que a nação americana não era mais Cristã, mas também era Judia, Muçulmana, Budista, Hindu e de ateus.

Para aprofundar a questão, Starnes desenvolverá uma série de argumentos voltados para uma análise do sistema educacional do país, que deixou de ter referenciais Cristãos devido ao impedimento de orações públicas nas escolas e da tentativa de laicizar a relação entre professor e aluno em sala de aula. Além disso, aspectos relacionados à família também são debatidos pelo autor, que aponta a união civil de homossexuais como uma afronta a família, uma das instituições mais sagradas dos conservadores. O autor defenderá que há um complô para caçar os cristãos, como no caso da abertura do debate sobre os direitos dos homossexuais e a restrição de cristãos em empregos e nos meios de publicidade, como o caso do jogador de futebol americano Tim Tebow, declaradamente religioso, e que estes devem se preparar para defender as suas crenças e atacar a mídia liberal, principal veículo de opressão²⁰⁶.

²⁰⁵ STARNES, Todd. *God Bless America*. Florida: Frontline, 2014.

²⁰⁶ Idem. p. xii.

Starnes defende a tradição da sociedade americana, baseada na defesa da hierarquia familiar e nos mandamentos cristãos. Muito ligado ao debate em relação à Primeira Emenda, relacionada à liberdade de expressão dos cidadãos, o autor defende que os tempos mudaram e os modelos de sociedade cristã foram alterados, afirmando que

Eu cresci em um tempo mais simples - quando blackberry era uma torta, e *dirty dancing* significava que alguém esqueceu de limpar o celeiro para as danças de casais. Era um tempo em que o pai era o mais sábio - em que meninas eram meninas e homens eram homens. Eu cresci em um tempo em que um arco-íris era um sinal divino e não o símbolo dos direitos dos homossexuais. (...) Como os tempos mudaram.²⁰⁷

Este corrompimento da sociedade e a opressão do governo norte-americano, apontada tanto por Starnes quanto por Eichler são pontos centrais de reivindicação de determinados grupos que integram o Tea Party. Estes grupos fortaleceram dois atores centrais que participaram da política norte-americana nos últimos anos: a governadora do Alaska Sarah Palin, que formou a coalizão com Joseph McCain nas eleições presidenciais de 2008, e Mitt Romney, candidato que disputou com Obama o pleito de 2012. Para compreender melhor como as discussões sobre moralidade se relacionam à política, se torna necessária uma análise da trajetória destes dois personagens, que levaram o discurso em prol da religião cristã para as mesas de debate e como plataforma de governo.

Sarah Palin (1964): os debates morais no século XXI

Sarah Palin nasceu em 1964, na cidade de Sandpoint, no Estado de Idaho. Ela foi governadora do Alaska entre 2006 e 2009 e atuante nas manifestações dos conservadores que ganharam as ruas a partir do final da primeira década do século XXI. Palin é formada em comunicações com ênfase em jornalismo pela Universidade de Idaho, onde obteve seu grau de bacharelado em 1987.

Sua carreira política começou em 1992, quando venceu as eleições para o conselho da cidade de Wasilla, no estado de Alasca. Em 1996, ganhou o pleito para prefeitura do local, derrotando o democrata John Stein, com a campanha pautada no Contrato com a America, documento divulgado por Newt Gingrich para as eleições de

²⁰⁷ Idem. p. 1 - 2.

1994²⁰⁸. Notamos que a vitória de Palin está diretamente relacionada aos efeitos da carta de Gingrich na sociedade americana: os pontos levantados pela candidata à prefeitura de Wasilla foram relacionados ao excesso de impostos cobrados, a crítica ao aborto, a defesa do modelo cristão de família (pai, mãe, filhos) e o direito do cidadão americano em portar armas para autodefesa. Ela se reelegeu em 1999, com a continuidade na política de redução de impostos e no investimento em infraestrutura da cidade.

No início do século XXI, Palin foi indicada para a Comissão de Conservação de Óleo e Gás do Alasca, que tem como objetivo expandir a exploração dos recursos baseado na segurança do meio ambiente a partir da regularização dos processos de extração realizados pelas empresas²⁰⁹. Em 2006, concorreu às eleições para governadora do Alasca, ganhando do candidato a reeleição Tony Knowles, tornando a primeira mulher no cargo do estado, com a campanha pautada na redução de impostos e investimentos em infraestrutura, permitindo a expansão de empresas na região.

Seu sucesso como prefeita e governadora serviu de inspiração para os líderes do Tea Party. Conforme explicado anteriormente, o grupo tinha como principal bandeira a luta pela redução dos impostos e a atuação mínima do Estado na economia e na política do bem-estar, que daria condições do cidadão buscar oportunidades "correndo maiores riscos". Diversas reuniões do Tea Party tiveram Palin como convidada de honra, buscando realizar discursos em prol da família cristã norte-americana, a crítica ao aborto e a defesa da posse de armas. Com grande apelo popular, foi a vice-presidente indicada pelo Senador John McCain nas eleições presidenciais de 2008, que concorreu pelo partido Republicano contra o democrata Barack Obama.

Em 2009, Palin fundou um comitê de ação política no Alasca, que tem o objetivo de expandir o debate e as ideias sobre economia e política externa, entendida por Palin como a "perseguição do interesse nacional, não o interesse dos outros". Para o grupo, a política norte-americana deve ser voltada para a proteção das necessidades da família cristã e o Partido Republicano representa uma importante peça neste processo, a partir da reforma no sistema de saúde, educacional e no governo²¹⁰. Atualmente é comentarista de política do canal Foxnews, onde faz críticas às decisões do governo de Obama.

²⁰⁸ THE NEW YORK TIMES. *Palin's Start in Alaska: Not Politics as Usual*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2008/09/03/us/politics/03wasilla.html?pagewanted=all> Acesso em 10/06/2014.

²⁰⁹ Para mais informações, ver: Alaka Department of Administration. Disponível em: <http://www.doa.alaska.gov/ogc/index.html> Acesso em 11/06/2014.

²¹⁰ Para mais informações, ver: www.sarahpac.com Acesso em 11/06/2014.

Willard Mitt Romney (1947): a liderança dos conservadores nas eleições de 2012.

Governador de Massachussets entre 2003 e 2007, Mitt Romney nasceu em 1947 na cidade de Detroit, no estado de Michigan. É bacharel em Artes pela Brigham Young University (BYU) e mestre em administração pública por Harvard. Ele concorreu a última eleição presidencial em 2012, sendo o indicado pelos republicanos para ser o adversário de Obama.

Sua vida política começou nos anos 1960, quando organizou um movimento na universidade de Stanford contrário ao grupo que se manifestava contra o programa de alistamento das forças armadas que ocorria na universidade em 1965 e 1966²¹¹. Em 1966, foi para a França como mórmon, com apoio dos familiares, que também haviam servido como missionários.

Nos anos 1970, entrou para o *Boston Consulting Group*, existente até hoje como uma das grandes empresas de consultoria de estratégia de negócios, com mais de 80 escritórios no mundo, e se especializou no ramo, trabalhando em diversas companhias em Massachussets. Nos anos 1980, com a consolidação do mercado financeiro nos Estados Unidos, Romney comprou e investiu em diversas empresas de grande porte no país a partir da *Bain Capital Private Equity*, fundada por ele em 1984.

Em 1993, Romney resolveu se candidatar a Senador pelo partido republicano, através da sua rede de contatos e relações com grandes investidores do estado de Massachussets. Concorreu as primárias do partido, mas perdeu para Ted Kennedy, que ficou com a indicação final.

Em 2002, Romney se candidatou para governador de Massachussets, utilizando seus conhecimentos no setor privado. Sua campanha seguia alguns pontos fundamentais levantados pelos republicanos nos anos 1990: o corte de gastos do estado e a redução dos impostos. Ganhou o pleito com 49,77% dos votos, derrotando o democrata Shannon O'Brien, que obteve 44.94%²¹². Seu governo foi pautado no corte em gastos públicos, aumento da renda do estado, investimento em infraestrutura e reformas na saúde. Em 2008, Romney se candidatou para as primárias do partido para as eleições presidenciais e acabou perdendo para John McCain, que obteve 66,2% dos votos.

²¹¹ THE BOSTON GLOBE. *Privilege, Tragedy and a young leader*. Disponível em: http://www.boston.com/news/nation/articles/2007/06/24/privilege_tragedy_and_a_young_leader/?page=9 Acesso em 11/06/2014.

²¹² Ver: <http://uselectionatlas.org/RESULTS/state.php?fips=25&year=2002&f=0&off=5> Acesso em 11/06/2014.

Em 2012, foi o candidato indicado para concorrer contra o atual presidente Barack Obama. Sua campanha foi pautada nas críticas em relação às reformas propostas por Obama (principalmente o Obamacare); à fraqueza em relação a política externa, permitindo o massacre na luta entre rebeldes e forças do governo na Síria e da falta de negociação com a Rússia em relação à extradição de Edward Snowden, que vazou uma série de documentos classificados das agências de inteligência dos Estados Unidos; e à economia, enfraquecida pelos efeitos da crise de 2008. Além disso, Romney fez uma grande campanha em prol da família cristã, atacando a prática do aborto e a união civil de homossexuais, o que gerou uma grande aceitação pelos conservadores no país. Ele perdeu a eleição por, aproximadamente, 4% dos votos para Barack Obama e se mantém na oposição, fazendo discursos e comentários em entrevistas sobre o atual governo.

2.2 - Eleições norte-americanas: a polarização entre Democratas e Republicanos.

Neste ponto, faremos um apanhado dos resultados das eleições norte-americanas e os debates que envolveram cada pleito. Este serão fundamentais para compreendermos como os grupos políticos se mobilizaram entre 1992 e 2012, quando observamos mudanças nas ocupações dos assentos no Congresso pelos dois partidos, que dominam a cena política do país. É importante lembrar que a divisão partidária nos Estados Unidos não é voltada somente para o Partido Republicano e o Partido Democrata: há no país 47 partidos políticos que compõe a ala dos "independentes".

Durante os anos 1990, com a campanha de luta contra os impostos e a necessidade do fortalecimento das Forças Armadas norte-americanas para sustentar sua posição de liderança no mundo, os Republicanos conseguiram a maioria no Congresso, algo que não havia realizado no período de 40 anos. Como veremos nos gráficos e tabelas abaixo, tal vantagem termina em 2008, com efeitos da crise econômica e o discurso dos democratas contra as tropas no Iraque e no Afeganistão.

1992: a campanha presidencial de Bill Clinton e George H. W. Bush

As eleições de 1992 nos Estados Unidos foi centrada em diversas discussões sobre as questões internas do país. O governo de George H. W. Bush foi pautado na continuidade da política de Ronald Reagan de fortalecer o país no cenário internacional

e aumentar os gastos do Estado para investimento nas forças armadas e intervenções realizadas durante a década de 1980. Apesar de sair fortalecido pela atuação na Guerra do Golfo, quando utilizou a tecnologia para desmobilizar as forças iraquianas, a sociedade norte-americana criticava o governo por ter aprovado o aumento da taxa de impostos e redução dos gastos do governo em aproximadamente 492 bilhões de dólares²¹³.

O candidato democrata Bill Clinton ganhou as primárias do partido e realizou a campanha vitoriosa baseada em torno da recuperação da economia norte-americana, reformas na saúde e investimento do governo na criação de empregos para a população, que sofria com a recessão. Além disso, Clinton utilizou de ataques ao presidente Bush, afirmando que os republicanos não tomavam medidas para realizar um plano de resgate da economia nem para recuperar a classe média norte-americana, enfraquecida pelos 11 anos de governos anteriores ao pleito²¹⁴.

Tabela 1 - número e percentual de votos dos candidatos à presidência em 1992.

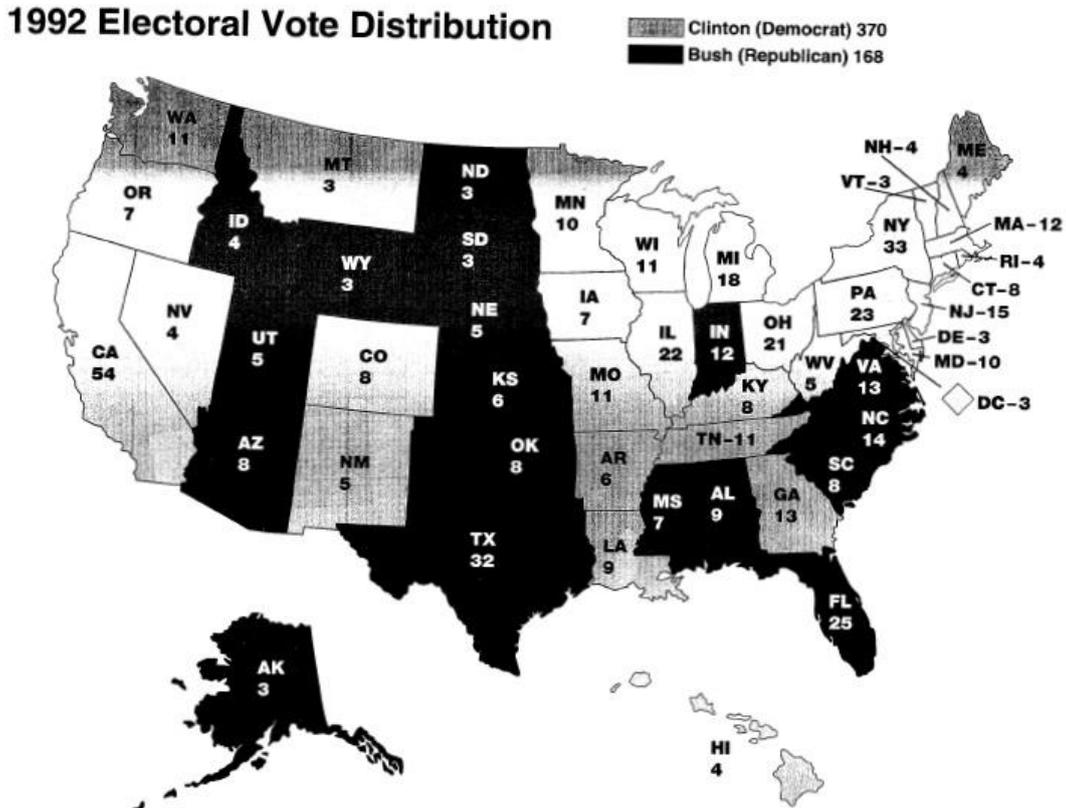
Candidato	Partido	Número de votos (população)	Percentual
Bill Clinton	Democrata	44.909.889	43,01
George Bush	Republicano	39.104.545	37,45
Ross Perot	Independente	19.742.267	18,91
Andre Marrou	Libertário	291.628	0,28
James Gritz	Populista/América Primeiro	107.002	0,1
Outros		271.328	0,35

FEDERAL ELECTION COMISSION, 1993. *Federal Elections 92*. Disponível em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe1992/federaelections92.pdf> Acesso em: 10/07/2014

²¹³ KABASERVICE, Geoffrey. *Rule and Ruin: The Downfall of Moderation and the Destruction of the Republican Party, From Eisenhower to the Tea Party*. New York: Oxford University Press: 2012. P. 482.

²¹⁴ Discurso realizado na Universidade de Philadelphia em 16 de Abril de 1992. Disponível em: <http://www.ibiblio.org/nii/econ-posit.html> Acesso em 11/06/2014.

Imagem 1 - distribuição dos votos dos delegados dos partidos por estado.



FEDERAL ELECTION COMMISSION, 1993. *Federal Elections 92*. Disponível em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe1992/federalections92.pdf> Acesso em: 10/07/2014.

As eleições para o senado em 1992 foram vencidas pelos democratas, que conquistaram 19 dos 34 estados que participaram do pleito naquele ano, representando cerca de 55,8%. As campanhas acompanharam o discurso realizado por Clinton em prol da recuperação da economia americana, que convenceu a maioria dos eleitores dos estados da Califórnia, Nevada, Flórida e da maioria da região centro-norte do país, como Kentucky, Ohio e Illinois. Os republicanos ganharam na maioria dos estados do nordeste, com destaque para Nova Iorque e Pennsylvania.

O pleito para a câmara dos deputados (*House of Representatives*) também mostrou a vitória dos democratas nestas eleições, que ganharam 258 assentos na câmara enquanto os republicanos conseguiram 176.

1994: a virada republicana

As eleições de 1994 ocorreram no final do segundo ano de mandato de Bill Clinton. O início de seu governo ficou marcado pelo primeiro ataque ao World Trade Center em fevereiro de 1993, quando um carro-bomba estacionou na garagem subterrânea da torre sul, matando 6 pessoas e deixando cerca de mil feridos. O objetivo dos terroristas, oriundos de grupos extremistas islâmicos do Oriente Médio, era derrubar as duas torres com o comprometimento das fundições. Tal fator levou a uma intensa discussão sobre a segurança do país e como que os Estados Unidos foram desafiados no cenário internacional: sofrer um ataque no centro financeiro por grupos de menor força militar após a Guerra do Iraque.

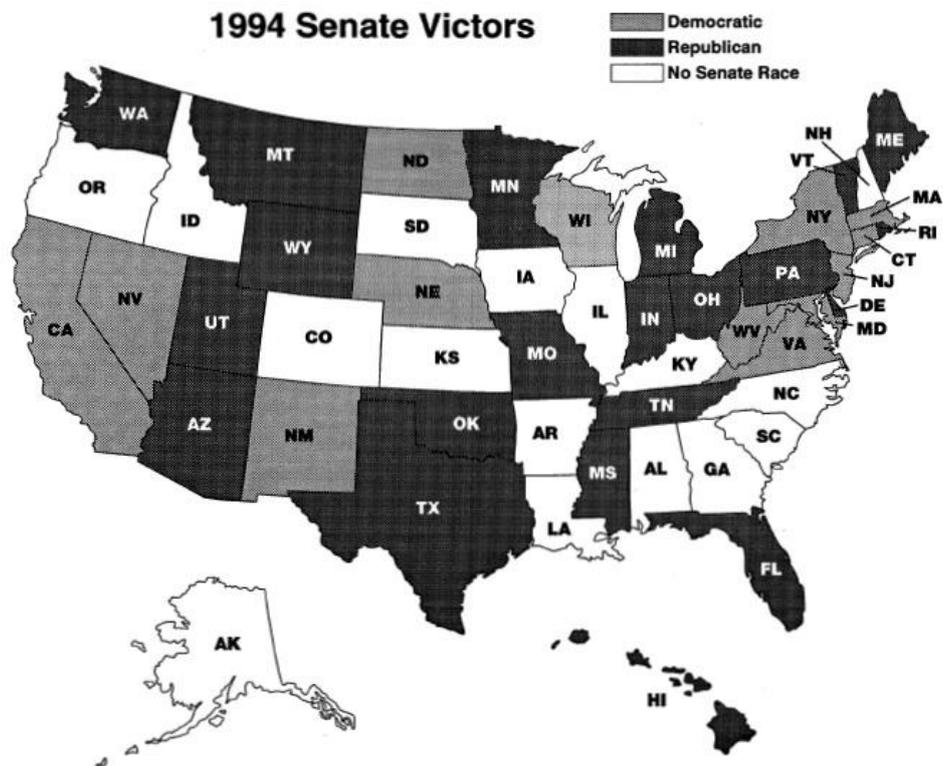
As críticas dos republicanos ao governo clinton foram em relação ao não cumprimento da promessa de diminuir os impostos, embora o presidente tenha investido em reformas para melhorar a qualidade de vida da população americana, com a alteração do piso dos salários e mudanças na educação, e a política externa do país, que inicialmente não reagiu contra o conflito nos Bálcãs e não conseguiu solucionar a guerra civil na Somália, onde as tropas americanas foram derrotadas pelos milicianos somalis. Além disso, os republicanos também criticaram a campanha de aceitação de homossexuais nas forças armadas, que tinha como slogan o termo "Don't ask, don't tell"²¹⁵.

Para reagir à administração do presidente Clinton, que tinha apoio da maioria do congresso, os republicanos realizaram uma campanha reafirmando pontos fundamentais para os conservadores, como o fortalecimento do país perante o cenário internacional e a redução dos impostos e gastos do governo em políticas de bem-estar. A campanha ficou conhecida como *Contrato com a América* e foi liderada pelo congressista Newt Gingrich, já apresentados neste capítulo. A iniciativa dos republicanos foi um grande sucesso e levou o partido à vitória nas urnas no final de 1994.

A votação para o senado ocorreram em 34 estados, junto com as eleições gerais para a câmara dos deputados em todos os distritos do país. Os senadores republicanos obtiveram 20 assentos, representando cerca de 58,8% dos lugares disputados. O partido dominou o pleito no centro e no sul do país, principalmente em estados como Texas e Flórida, conforme demonstrado no mapa abaixo.

²¹⁵ ver: <http://content.time.com/time/nation/article/0,8599,1707545,00.html> Acesso em 11/06/2014.

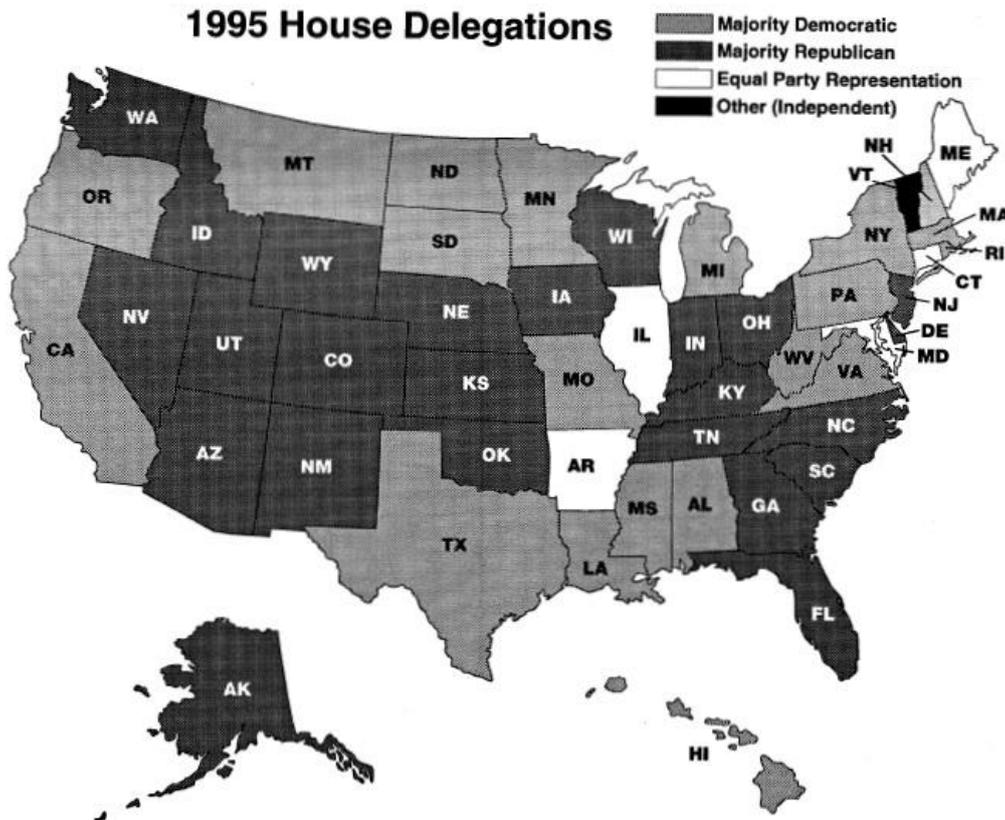
Imagem 2 - mapa dos eleitos ao senado em 1994



FEDERAL ELECTION COMMISSION, 1995. *Federal Elections 94*. p. 9. Disponível em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe1994/federaelections94.pdf> Acesso em: 13/07/2014.

Na contagem de votos para a câmara dos representantes, os republicanos obtiveram a maioria em 25 dos 50 estados no país, principalmente na região do centro e no sul do país, com destaque para a Flórida, enquanto os democratas ganharam em 20 estados, conforme mostra o mapa abaixo.

Imagem 3 - divisão por partido dos deputados eleitos para assumir em 1995



FEDERAL ELECTION COMMISSION, 1995. *Federal Elections 94*. p. 29. Disponível em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe1994/federalections94.pdf> Acesso em: 13/07/2014.

1996: a reeleição de Bill Clinton e a vitória dos democratas

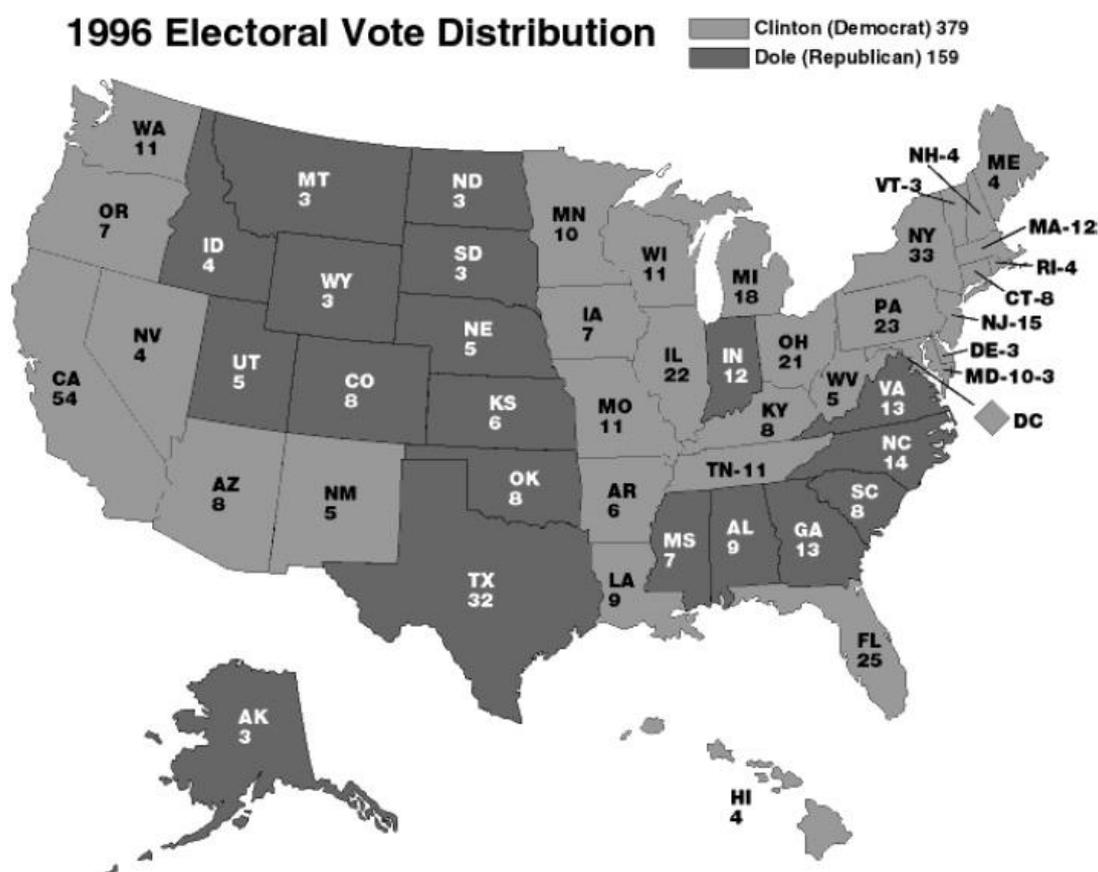
Nas eleições de 1996, os republicanos indicaram Bob Dole, ex-senador do estado de Kansas, para concorrer com Bill Clinton. Dole ganhou as primárias com 59,11%, seguido do colunista Patrick Buchanan com 21,07% e do editor Malcom Forbes (10,56%)²¹⁶. O partido havia ganhado força após as eleições de 1994 e tinha apoio de membros do congresso (a maioria republicanos naquele momento)

As campanhas eram baseadas nos discursos realizados em 1994: enquanto Dole reforçava a agenda divulgada por Newt Gingrich, principalmente em relação a redução de impostos e a política externa do governo, Clinton rebatia as críticas mostrando os perigos que a parceria Gingrich e Dole seriam para as reformas sociais feitas durante o

²¹⁶ Disponível em: <http://uselectionatlas.org/RESULTS/national.php?f=0&year=1996&elect=2>. Acesso em: 13/07/2014.

mandato, em destaque para a saúde (Medicare) e o programa de seguridade social²¹⁷. O fortalecimento dos republicanos nas últimas eleições não foi suficiente para derrotar Clinton, que só não obteve pelo menos 30% dos votos em 6 estados do país, enquanto Dole atingiu 50% dos votos em apenas 6 estados. Conforme o mapa abaixo, Clinton conseguiu 379 colégios eleitorais, e seu oponente obteve 159, uma diferença de aproximadamente 30%.

Imagem 4 - mapa de distribuição dos colégios eleitorais por estado



Disponível em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe1996/map1.htm> Acesso em: 15/07/2014.

As eleições para o congresso também apresentaram o fortalecimento dos democratas, com o aumento de 2 assentos na câmara dos representantes em relação à votação em 1994 e obtiveram a maioria dos deputados em 16 estados (representando cerca de 32% da união), com destaque para a Califórnia, Texas, Nova Iorque e o

²¹⁷ THE NEW YORK TIMES, 7/10/1996. *Clinton and Dole, face to face, spar over Medicare and Taxes*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1996/10/07/us/clinton-and-dole-face-to-face-spar-over-medicare-and-taxes.html> Acesso em 12/06/2014.

Distrito de Columbia. É importante notar que, com exceção o Texas e da Florida, as maiores vitórias dos deputados foram em locais onde Clinton obteve os maiores colégios eleitorais, como Califórnia e Nova Iorque²¹⁸.

1998: o debate em torno da polêmica Lewinsky.

As eleições de 1998 foram realizadas no meio do segundo mandato de Clinton. Este ano ficou marcado pelo escândalo sexual ocorrido na Casa Branca, quando o presidente foi acusado de manter relações com a estagiária de 23 anos Monica Lewinsky. Clinton foi forçado a admitir os atos e acabou sofrendo um processo de impeachment, após a eleição, pela Câmara dos Representantes por ter mentido em juízo, uma vez que negou o fato nos primeiros interrogatórios. Clinton foi absolvido e conseguiu terminar seu mandato, que foi até o final do ano 2000²¹⁹.

Os republicanos utilizaram o escândalo sexual para atacar os democratas, questionando a moralidade do presidente. Porém, a economia norte-americana estava fortalecida, com um produto interno bruto de aproximadamente 9.8 trilhões de dólares em 1997, o maior da história do país até aquele momento²²⁰. Além disso, a taxa de desemprego no país baixou de 7,5 para 4,9% entre 1992 e 1997²²¹, mostrando a eficácia do governo em comparação aos mandatos de Reagan e Bush. Desta forma, os Republicanos foram derrotados nas eleições, pois não conseguiram aumentar sua margem de vantagem no congresso.

Para o senado, democratas e republicanos mantiveram o seu número de assentos, 45 e 55 respectivamente. O partido do presidente ganhou as eleições no extremo leste e oeste do país, com destaque para Califórnia, Flórida e Nova Iorque, enquanto os opositores ganharam em praticamente toda a região central do país e o estado da Pensilvânia (ver imagem 5). Dos 34 estados, a divisão ficou entre 18 para os democratas e 16 para os republicanos, que representam respectivos 52,9% e 47,1%.

²¹⁸ Dados disponíveis em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe1996/tcontent.htm> Acesso em 13/09/2014.

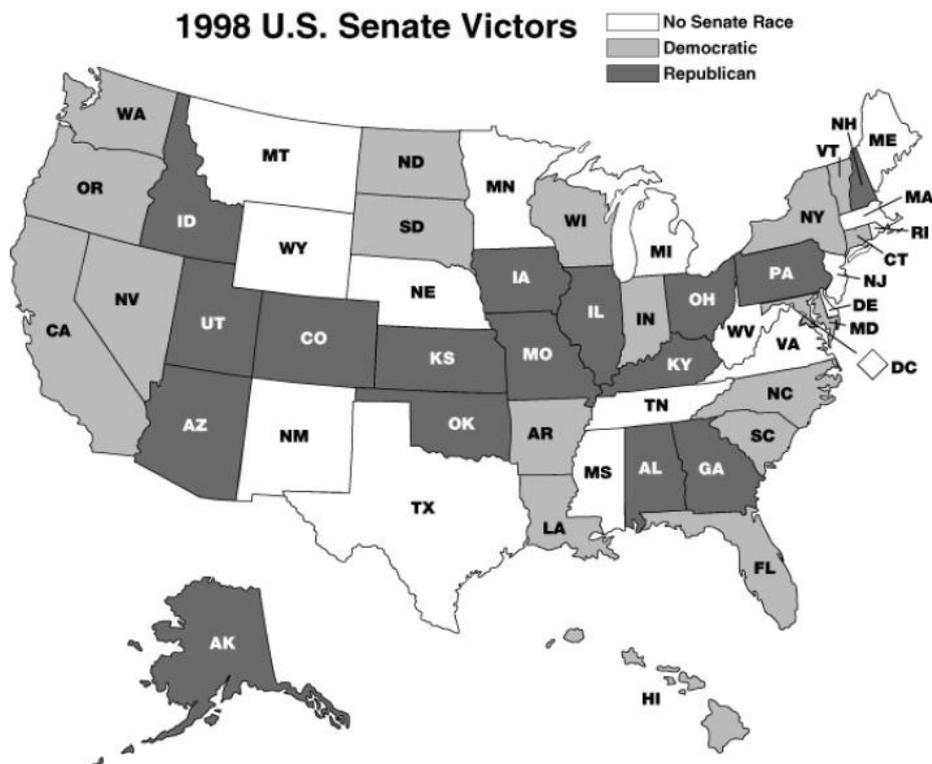
²¹⁹ Ver: ABCNEWS. *Remembering the Monica Lewinsky Scandal*. Disponível em: <http://abcnews.go.com/US/remembering-monica-lewinsky-scandal/story?id=23611528> Acesso em 12/06/2014.

²²⁰ Dados disponíveis em: *Real Gross Domestic Product by State*. http://www.eia.gov/state/seds/sep_use/notes/use_gdp.pdf Acesso em 12/06/2014.

²²¹ Disponível em: *United States Department of Labor, Bureau of Labor Statistics*. http://data.bls.gov/timeseries/LNU04000000?years_option=all_years&periods_option=specific_periods&periods=Annual+Data Acesso em 12/06/2014.

Nas eleições para a Câmara dos Representantes, os democratas saíram vitoriosos, mas permaneceram com a minoria dos assentos. O partido do presidente Clinton ganhou 5 assentos (Washington +2, Nevada, Novo México, Kansas e Missouri), enquanto os republicanos conseguiram somente 2 (Califórnia e Carolina do Norte), conforme mostra a imagem 6.

Imagens 5 e 6 - mapas com a divisão dos estados por país para a eleição do Senado e da Câmara dos Representantes



Disponível em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe1998/svictor.htm> Acesso em: 15/07/2014.

Tabela 2 - resultado das primárias do Partido Republicano

Candidato	Estado	Número de votos	Percentual
George W. Bush	Texas	11.877.869	60.41%
John McCain	Arizona	6.457.696	32.84%
Alan Keyes	Maryland	1.009.232	5.13%
Outros		317.940	1.62%

Dados disponíveis em: <http://uselectionatlas.org/RESULTS/national.php?f=0&year=2000&elect=2> Acesso em 13/07/2014.

A campanha de Al Gore foi fundamentada na continuidade da política de combate ao desemprego, da manutenção do crescimento da economia e das reformas sociais oriundas do governo Clinton. Além disso, um dos pontos fortes do discurso de Gore era baseado no controle da emissão de gases na atmosfera e o aquecimento terrestre, muito debatido no final dos anos 1990, com o ciclo de conferências sobre meio ambiente.

George W. Bush utilizou o escândalo sexual de 1998 para criticar a conduta de Bill Clinton na Casa Branca e questionou sobre o excesso da regulamentação da economia pelo governo, altos impostos e a política externa, principalmente em relação a atuação das tropas norte-americanas no Kosovo, que não conseguiram o controle da região, mesmo utilizando de ataques aéreos diários na região²²³.

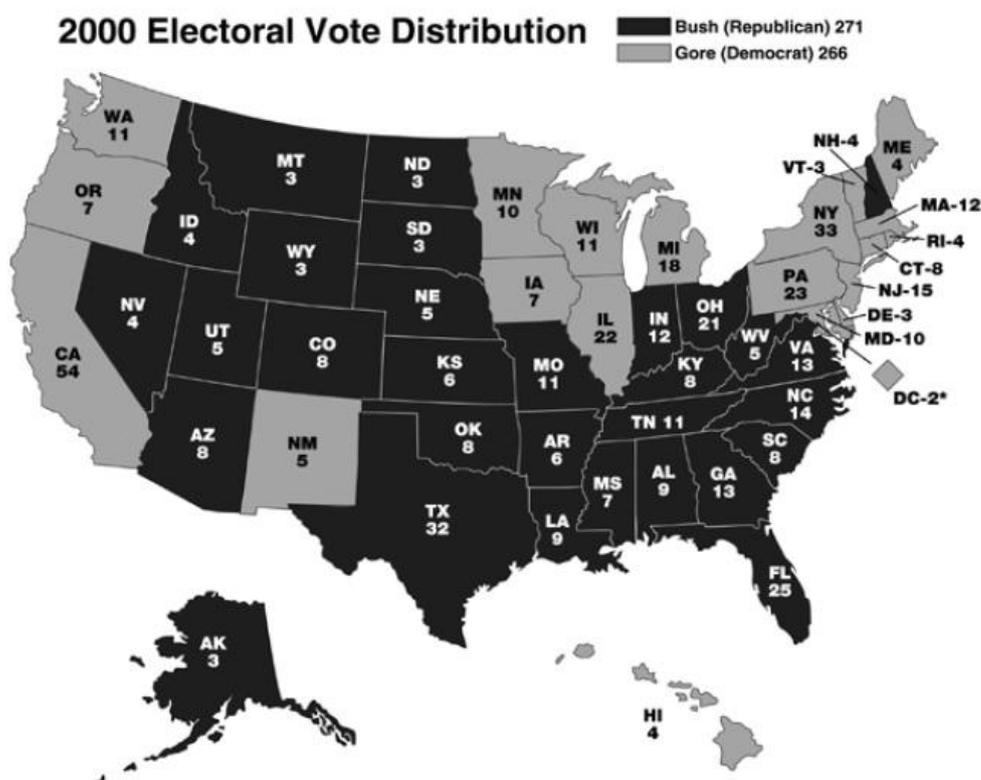
A votação foi polêmica, pois embora Gore tenha conseguido maior número de votos da população, Bush ganhou nos estados com a maior quantidade de delegados, responsáveis por indicar o presidente. O candidato republicano só ganhou a eleição após o sistema judiciário aceitar a recontagem dos votos do estado da Flórida, que continha 25 delegados, um dos maiores colégios eleitorais do país, e dava vitória à George W. Bush²²⁴.

Os republicanos ganharam em 30 estados, totalizando 271 delegados, com destaque para a Flórida, Texas e Carolina do Norte, que possuíam 25, 34 e 14 delegados, respectivamente, enquanto os democratas obtiveram a maioria nos outros 20 estados, com destaque para a Califórnia, o maior colégio eleitoral do país.

²²³ Os bombardeios não garantiam o controle do local, uma vez que as tropas kosovares resistiram, fator que não foi previsto pelas tropas norte-americanas. Além disso, o planejamento de guerra não era voltado para o uso de forças terrestres, ponto fundamental para interromper o conflito étnico na região. Para mais, ver: PHILLIPS, J.; ANDERSON, J. H. *Lessons from the War in Kosovo*. The Heritage Foundation, 1999. Disponível em: <http://www.heritage.org/research/reports/1999/07/lessons-from-the-war-in-kosovo> Acesso em 13/06/2014.

²²⁴ Ver: http://www.pbs.org/wnet/supremecourt/future/landmark_bush.html Acesso em: 13/07/2014.

Imagem 7 - distribuição de votos dos estados para eleição presencial de 2000



<http://www.fec.gov/pubrec/fe2000/electvotemap.htm> Acesso em 13/07/2014.

A votação para o congresso mostrou que os democratas estavam fortalecidos no final do governo Clinton, embora tenham perdido a presidência. Nas eleições para o Senado, os democratas conseguiram 19 estados contra 15 dos republicanos, dominando a votação no centro-norte e na costa leste do país, como na Flórida e em Nova Iorque. Na Câmara dos Representantes, os democratas ganharam 9 assentos, contra 6 dos republicanos (que ainda perderam 1 no estado da Virgínia)²²⁵.

2002: a eleição pós 11 de Setembro e os reflexos do discurso da "Guerra contra o terror"

As eleições no meio do primeiro mandato do presidente Bush foram marcadas pelas discussões em torno dos atentados em 2001. As mudanças na política interna e externa do país, especialmente em relação aos setores de segurança com a criação do Departamento de Segurança Interna (*Department of Homeland Security*), que unificou o

²²⁵

Ver: <http://www.fec.gov/pubrec/fe2000/housemap2.htm>
<http://www.fec.gov/pubrec/fe2000/senmap1.htm> Acessados em: 15/07/2014.

processo de supervisão e da regulamentação de alguns setores do país (desde alimentos até a imigração). Todas as alterações foram propostas e sacramentadas por Bush, através do USAPATRIOT ACT (Uniting and Strengthening America by Providing Appropriate Tools Required to Intercept and Obstruct Terrorism Act) assinado no mês seguinte aos atentados ao World Trade Center.

O fortalecimento da imagem de Bush também foi importante para o rumo das eleições de 2002. O presidente, logo após os atentados, realizou o discurso da *Guerra Contra o Terrorismo* (War on Terror), que foi responsável pelo grande aumento de sua aprovação pelos americanos. Conforme podemos ver na tabela abaixo, até a pesquisa entre 7 e 10 de Setembro, o maior índice de aprovação que Bush havia obtido foi de 63%, em Março de 2001. Após os atentados, os números aumentaram de 51% para 86%, chegando a 90% no dia seguinte a sua fala em rede nacional, que ocorreu no dia 20 de Setembro.

Tabela 3 - índice de popularidade do presidente Bush em 2001.²²⁶

<i>Você aprova ou desaprova a forma como George W. Bush está conduzindo seu cargo como presidente?</i>			
	Aprova (%)	Desaprova (%)	Sem opinião (%)
2001 Dec 14-16	86	11	3
2001 Dec 6-9	86	10	4
2001 Nov 26-27	87	8	5
2001 Nov 8-11	87	9	4
2001 Nov 2-4	87	9	4
2001 Oct 19-21	88	9	3
2001 Oct 11-14	89	8	3
2001 Oct 5-6	87	10	3
2001 Sep 21-22	90	6	4
2001 Sep 14-15	86	10	4
2001 Sep 7-10	51	39	10

²²⁶ Disponível em: <http://www.gallup.com/poll/116500/presidential-approval-ratings-george-bush.aspx#1>
Acesso em 19/07/2014.

2001 Aug 24-26	55	36	9
2001 Aug 16-19	57	34	9
2001 Aug 10-12	57	35	8
2001 Aug 3-5	55	35	10
2001 Mar 5-7 (o maior índice)	63	22	15
2001 Feb 1-4 (a primeira pesquisa)	57	25	18

A fala de Bush foi em rede nacional às 9 horas da noite, horário de pico de audiência, e realizada para unir os habitantes do país e os partidos em torno da recuperação não só da cidade de Nova Iorque e de Washington, como também do moral da população, amedrontada pelo impacto causado pelos atentados. Durante o discurso, Bush agradeceu o apoio dos países que fizeram homenagens e enviaram ajuda para resgate e assistência aos parentes de vítimas, principalmente do World Trade Center. Ele desenvolve a ideia afirmando que o 11 de Setembro serviu de união dos povos, inclusive os árabes, em prol do combate contra o terrorismo, representado pelo Al-Qaeda, que tinha como objetivo matar Cristãos e Judeus, sem distinções entre alvos militares e civis, incluindo mulheres e crianças.

Bush estabeleceu o relacionamento do grupo terrorista com a situação econômica e social do Afeganistão, dizendo que o regime Talibã, apontado pelos Estados Unidos como uma ditadura, deveria ser condenado por deixar milhares de pessoas na miséria, privadas de sua liberdade, por acolher os líderes da Al-Qaeda e manter abertos campos de treinamento para o grupo.

O modelo democrático dos Estados Unidos também foi apontado por Bush como um dos motivos de ódio dos terroristas, pois tornava as pessoas livres ao invés serem aprisionadas em ditaduras. Desta forma, a Guerra do Afeganistão deveria ser o início da cruzada mundial contra o terrorismo, que seria focada no Oriente Médio²²⁷.

O discurso foi amplamente aceito no país (vide os índices de aprovação) e fortaleceu os republicanos para o pleito do ano seguinte. As eleições para o senado e

²²⁷ Todo o discurso pode ser visto em vídeo ou poder lido pelo texto divulgado pela assessoria de imprensa. Estes arquivos estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=zzObO14tQxM> (Vídeo) e <http://www.theguardian.com/world/2001/sep/21/september11.usa13> (Texto). Acessados em 19/07/2014.

para a Câmara dos Representantes foram vencidas pelo partido de Bush, que ganhou 13 assentos para deputados e conquistou a vaga para senador em 21 dos 30 estados (70%) que ocorreram a disputa²²⁸. Desta forma, o partido republicano conquistou a maioria no Congresso, auxiliando na implementação da política de caça aos terroristas e no aumento do gasto com o setor de defesa do país.

2004: a reeleição de Bush e o debate sobre a invasão ao Iraque.

As eleições de 2004 foram pautadas na manutenção da política externa norte-americana voltada para o Oriente Médio, culminando na Guerra do Iraque, iniciada no ano anterior, que tinha como objetivo destituir o líder Saddam Hussein do governo do país.

O conflito foi motivado a partir da continuação do discurso em torno da Guerra contra o terrorismo e a expansão da "democracia" pelo mundo. Assim como haviam feito no Afeganistão em 2001, os Estados Unidos apontaram o Iraque como o próximo alvo de sua cruzada, pois acusavam Saddam Hussein de possuir armas de destruição em massa escondidas no país, que poderiam ser utilizadas para atacar os americanos e seus aliados²²⁹.

A Guerra do Iraque foi iniciada no dia 20 de Março, dois dias após o discurso do ultimato de Bush ao governo iraquiano e um dia após o atentado suicida à Bagdá, que matou 22 membros da ONU, incluindo o diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello²³⁰, presente no país para negociar uma solução para pacífica para o iminente conflito com os Estados Unidos. A fala de Bush foi pautada na classificação do Iraque como um "estado terrorista", que, desde a Guerra do Golfo, tinha um regime voltado para a

²²⁸ Disponível em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe2002/tcontents.htm> Acesso em 19/07/2014.

²²⁹ Estas acusações passaram a ser realizadas em 2002, quando Bush realizou um discurso na ONU sobre como o governo de Saddam Hussein era um grande perigo para o Oriente Médio, apontando para a existência de armas químicas e biológicas no país que poderiam ser utilizadas contra os aliados dos Estados Unidos na região (ver discurso em: <http://www.cbsnews.com/news/text-of-bush-iraq-speech-to-un-12-09-2002/> Acesso em 19/07/2014). Após as acusações feitas pelo presidente norte-americano, diversos observadores da ONU foram enviados para o Iraque com objetivo de buscar vestígios da existência de armas de destruição em massa, mas nada foi encontrado pelas autoridades internacionais. Desta forma, Bush se embasou em relatórios escritos em 2002 pela CIA que afirmavam que o Iraque possuía armas de destruição em massa e representavam um ameaça direta, sustentando a teoria para obter o apoio necessário pelo congresso americano para ir à guerra. Para saber mais sobre as discussões em torno da invasão ao Iraque, ver: HERSH, Seymour. *Cadeia de Comando: a guerra de Bush do 11 de Setembro às torturas de Abu Ghraib*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 227-272.

²³⁰ CNN. *Truck bomb kills chief U.N. envoy to Iraq*. Disponível em: <http://www.cnn.com/2003/WORLD/meast/08/19/sprj.irq.main/> Acesso em 19/07/2014.

ameaça aos países vizinhos e a opressão do povo iraquiano²³¹. O conflito teve duas fases: a primeira foi a tomada de Bagdá e a derrubada do governo de Hussein, entre 20 de Março e 02 de Maio, um sucesso estratégico das forças armadas norte-americanas, que utilizaram de rápidas movimentações e alta tecnologia para desmobilizar as forças inimigas que ainda estavam no local; a segunda foi a manutenção da ordem no país e a resistência iraquiana, em que as tropas americanas foram derrotadas, não só por perder muitos soldados por causa de atentados e sequestros, mas por serem acusadas de praticar torturas e outros crimes contra o povo no país, aumentando sua impopularidade no local.

As eleições de 2004 foram realizadas durante a segunda fase da guerra, quando a presença das tropas americanas no Iraque começava a ser questionada, principalmente pela oposição. Neste sentido, o cineasta norte-americano *Michael Moore* lançou um documentário em junho daquele ano chamado *Fahrenheit 9/11* (EUA, 2004, 122 min), com objetivo de criticar o governo Bush com relação à política norte-americana no Iraque. Moore questionava como era possível investir em guerras externas enquanto o país lutava não só para recuperar as cidades atacadas em 2001, como também passavam dificuldades para investir em locais desvalorizados pelo crime, falência de empresas e altos contrastes sociais, como a cidade de Detroit, com um alto índice de criminalidade nos Estados Unidos.

Mesmo com as críticas sofridas por causa da Guerra do Iraque, o índice de popularidade do presidente continuava estável, com a média de 50,7% em todo o ano de 2004, o que influenciou na sua vitória contra os democratas, que indicaram o Senador de Massachussets, John Kerry, para concorrer ao pleito presidencial. O momento de popularidade mais baixa do governo Bush foi entre Maio e Julho deste ano (os índices ficaram entre 46 e 49%), decorrente do escândalo publicado na imprensa norte-americana pelo jornalista Seymour Hersh, que denunciou os abusos cometidos pelos soldados contra os presos em Abu Ghraib²³², localizado a 32 km de Bagdá.

As primárias do partido democrata para escolher o candidato foram dominadas por Kerry, que só tinha como concorrente o senador John Edwards da Carolina do

²³¹ Ver: THE GUARDIAN, 18/03/2003. *Full text: Bush's Speech*. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2003/mar/18/usa.iraq> Acesso em 19/07/2014.

²³² A imprensa norte-americana divulgou fotos tiradas pelos soldados americanos que mostravam os abusos cometidos com os presos, como lesões corporais e abusos sexuais. O escândalo pressionou o governo, que precisou realizar investigações para levantar dados e concluir que o comando da prisão estava ciente das ações cometidas por seus soldados. Sobre o escândalo, ver a matéria de Seymour Hersh: THE NEW YORKER, 10/05/2004. *Torture at Abu Ghraib*. Disponível em: http://www.newyorker.com/archive/2004/05/10/040510fa_fact?currentPage=all Acesso em 20/07/2014.

Norte. O resultado da indicação foi uma grande vitória de Kerry, que conseguiu 61% dos votos, enquanto Edwards obteve 19,37% das escolhas dos democratas²³³.

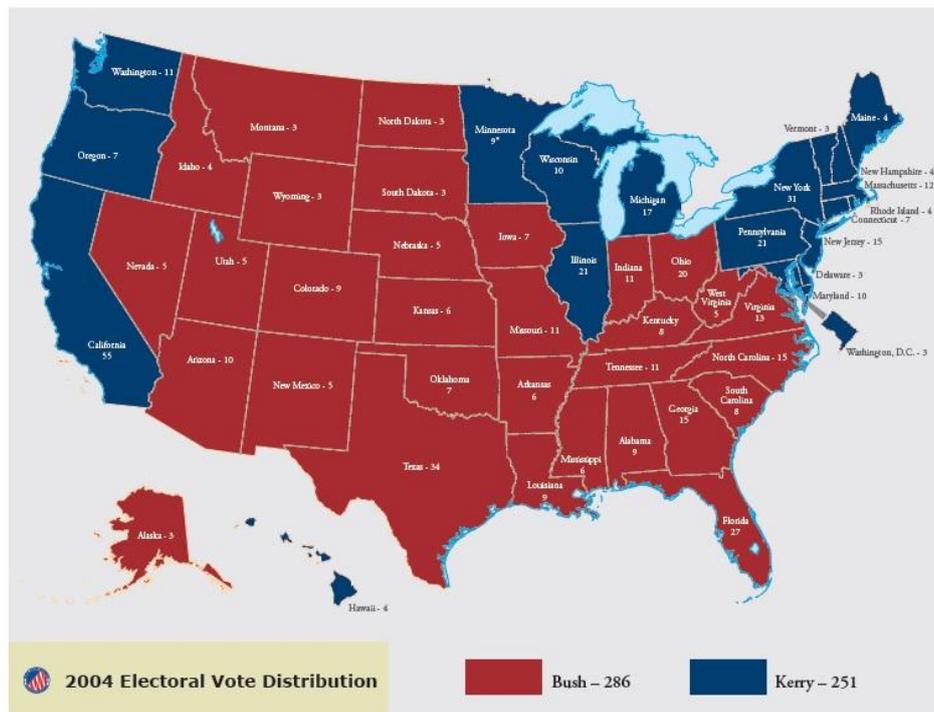
Enquanto Kerry investia em críticas à entrada dos Estados Unidos na Guerra do Iraque, Bush insistia na campanha que havia dado certo em 2002, promovendo a continuação da guerra contra o terrorismo e a caça à Osama Bin Laden. Além disso, o candidato à reeleição tinha como meta de governo a expansão das linhas de crédito para financiar compra de casas, custos universitários e planos de saúde, aumentando o poder de compra da população e fortalecendo as transações financeiras.

Bush ganhou de Kerry tanto no voto distrital quanto no popular. Ele obteve 286 delegados (ver distribuição na imagem 8), ganhando em estados como a Florida e o Texas com mais de 50% dos votos e perdendo na Califórnia com cerca de 43,2%, e aproximadamente 62 milhões de votos em todo o país, representando cerca de 50,73% do total da eleição.

Para o congresso, os republicanos também obtiveram uma grande vitória e continuaram com a maioria: após o pleito, o partido tinha a maioria dos assentos na câmara dos representantes em 30 dos 50 estados do país, contra 16 dos democratas. No senado, os republicanos ganharam 4 assentos dos democratas e ganharam em 19 dos 34 estados que participaram das eleições (ver a distribuição na imagem 9).

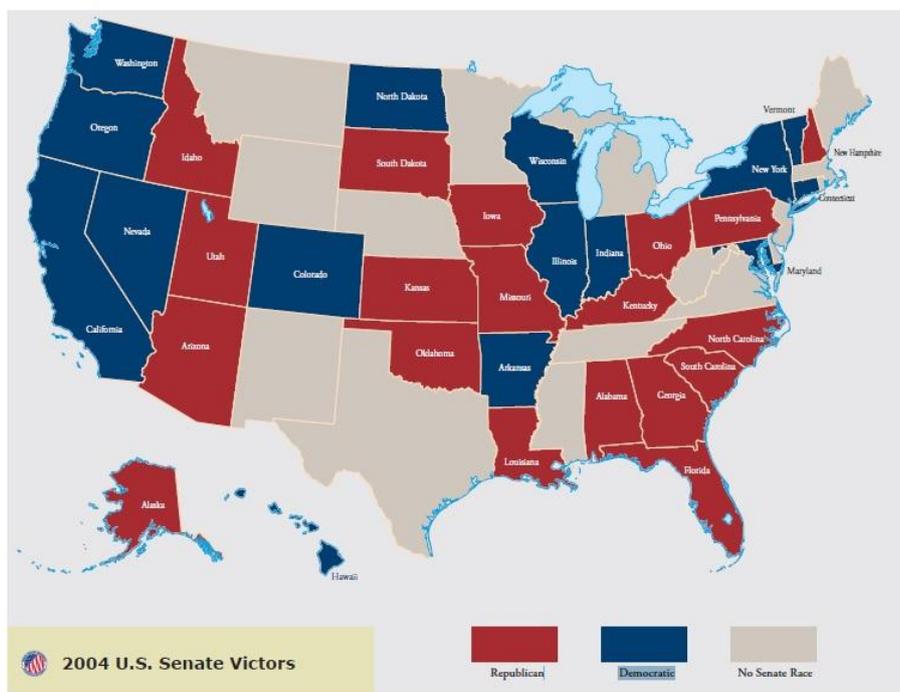
²³³ <http://uselectionatlas.org/RESULTS/national.php?f=0&year=2004&elect=1> Acesso em: 16/07/2014.

Imagem 8 - distribuição de votos das eleições presidenciais por colégio eleitoral



FEDERAL ELECTION COMMISSION, 2005. *Federal Elections 04*. p. 13 Disponível em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe2004/federalections2004.pdf> Acesso em 17/07/2014.

Imagem 9 - distribuição de votos para o senado pelos estados participantes da eleição de 2004



FEDERAL ELECTION COMMISSION, 2005. *Federal Elections 04*. p. 18 Disponível em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe2004/federalections2004.pdf> Acesso em 17/07/2014.

2006: "*Uma nova direção para a América*" e a virada democrata

As campanhas para as eleições do meio do segundo mandato do governo Bush ocorridas em 2006 foram marcadas pelo aumento das críticas às guerras do Iraque e do Afeganistão, além do aumento dos casos de abusos cometidos pelos soldados americanos no Oriente Médio e o número excessivo de baixas causados pelos ataques da resistência. Ao redor do mundo, os protestos contra a Guerra do Iraque aumentaram entre 2005 e 2006 e a demanda da população era a retirada imediata dos soldados americanos da região, pois sua presença aumentava a ameaça de ataques terroristas em escala global²³⁴. Além disso, o governo bush era pressionado pela comunidade internacional pelo fechamento de Abu Ghraib e Guantánamo, onde torturas eram cometidas contra os presos.

O governo também foi criticado pela forma como gerenciou a catástrofe natural ocorrida no sul dos Estados Unidos, que devastou a cidade de Nova Orleans em 2005. O furacão Katrina, de categoria 5, matou quase 2 mil pessoas e deixou outras milhares desabrigadas e sem mantimentos por semanas, pois o governo não possuía um plano de contingência eficiente para ajudar os necessitados, não agilizou as instâncias burocráticas para liberar a participação das tropas federais no resgate e demorou a disponibilizar verbas para suprimentos que deveriam ser distribuídos e utilizados na cidade²³⁵.

Os democratas realizaram uma campanha eleitoral para tentar reconquistar o espaço perdido no congresso americano. Assim como havia sido feito pelos republicanos em 1994, quando publicaram o *Contrato com a América* atacando a administração Clinton, a congressista da Califórnia Nancy Pelosi, uma das lideranças do partido democrata, assinou o documento *Uma nova direção para a América* (A new direction for America), mais conhecido na mídia como *seis para 2006* (six for '06)²³⁶. O documento atacava os republicanos, afirmando que desde que eles conseguiram a maioria dos assentos no congresso, os Estados Unidos estavam tomando um rumo errado, pois o povo estava sofrendo com os altos gastos em serviços essenciais, como

²³⁴ *World Public says Iraq War has increased global terrorist threat*. Disponível em: <https://www.globalpolicy.org/images/pdfs/0228bbcpoll.pdf> Acesso em 20/07/2014.

²³⁵ ver: THE WASHINGTON POST, 12/02/2006. *Katrina Report Spreads Blame*. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2006/02/11/AR2006021101409.html> Acesso em 20/07/2014.

²³⁶ ver: CNN, 28/07/2006. *Democrats launch 'Six for '06' agenda*. Disponível em: <http://www.cnn.com/2006/POLITICS/07/27/campaign.2006/> Acesso em: 21/07/2014.

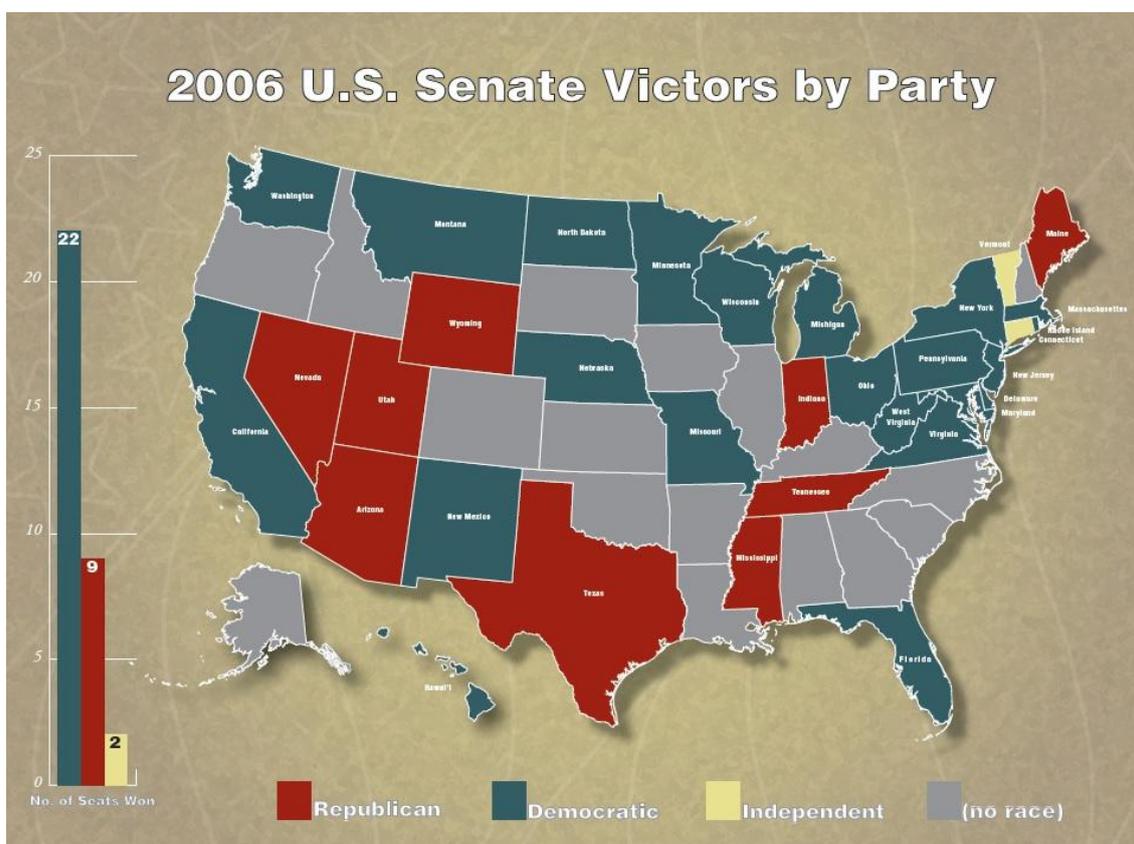
saúde, previdência e energia, e a política externa de Bush levava o país a correr mais riscos do que garantia a segurança dos americanos²³⁷. Os democratas destacavam seis medidas importantes para recuperar os Estados Unidos:

1. Segurança (doméstica e internacional) - programa de treinamentos intensivos e reequipamento da Guarda Nacional, polícia e corpo de bombeiros das cidades dos Estados Unidos, com objetivo de torná-los mais eficientes contra atentados no país; estabelecer uma comissão bipartidária de 11 de Setembro, para aumentar a fiscalização das fronteiras e portos; retirada gradual das tropas do Iraque, devolvendo aos iraquianos a responsabilidade sobre seu país; e aumento das Forças Especiais para caçar Osama Bin Laden e desarticular redes terroristas pelo mundo.
2. Prosperidade (melhores empregos e melhores salários) - proibição do aumento dos pagamentos no congresso até o salário mínimo ser reajustado; término da isenção de impostos para companhias que transfiram escritórios para fora do país, o que diminuía a oferta de emprego nos Estados Unidos.
3. Oportunidade (expansão do acesso à universidade) - mensalidades dedutíveis de impostos de forma permanente; corte da taxa de juros para empréstimos estudantis; expansão do programa de financiamento para estudantes de baixa renda, conhecido como *Pell Grant*.
4. Independência energética (diminuir o custo da gasolina) - investimento na tecnologia de biocombustíveis e outras alternativas energéticas, com objetivo de libertar o país da dependência do petróleo estrangeiro; fim dos incentivos fiscais das companhias de petróleo americanas e estabelecer leis para interromper o aumento do preço dos combustíveis.
5. Plano de saúde acessível - programa de organização de listagem de distribuição de remédios, colocando os idosos na frente da fila; negociação com as empresas farmacêuticas para diminuir o preço dos remédios; política de fiscalização de desperdício praticado pelas empresas; estímulo à pesquisa com células-tronco.
6. Previdência - impedir a privatização do Seguro Social e incentivar a abertura de poupanças.

²³⁷ A NEW DIRECTION FOR AMERICA. p. III. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-srv/special/politics/political-rallying-cry/new-direction-for-america.pdf> Acesso em: 21/07/2014.

A campanha dos democratas foi um sucesso e repercutiu nas urnas: dos 31 estados que tiveram eleições para senador, o partido ganhou em 22 (cerca de 71%), enquanto os republicanos tiveram sucesso em 9 (29%) (ver imagem 10). Nas eleições para a câmara, os democratas ganharam 31 assentos e os republicanos perderam 30, ficando com o menor número de assentos na disputa entre os dois partidos (233 e 202, respectivamente)²³⁸.

Imagem 10 - mapa dos senadores eleitos em 2006 por partido



FEDERAL ELECTION COMMISSION, 1997. *Federal Elections 06* p. 12; Disponível em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe2006/federalections2006.pdf> Acesso em 16/07/2014.

2008: o fim do governo republicano

A vitória dos democratas em 2006 aumentou a pressão sobre Bush, que precisou fazer mais concessões à oposição para governar o país. Sua popularidade entre 2007 e

²³⁸ Dados disponíveis em: FEDERAL ELECTION COMMISSION, 1997. <http://www.fec.gov/pubrec/fe2006/federalections2006.pdf> Acesso em 16/07/2014.

2008 atingiu os menores índices de todo o seu mandato, com uma média de 31,7%²³⁹. A população norte-americana pressionava ainda mais o governo pela retirada das tropas do Iraque e pela recessão econômica nos Estados Unidos, pois a taxa de crescimento caiu a partir de 2005, de 3,4% para 2,7% e 1,8% em 2006 e 2007, respectivamente²⁴⁰.

A pressão sobre os republicanos aumentou no ano eleitoral, quando se instaurou uma das maiores crises econômicas da história do país. A falência de bancos, companhias de seguros e diversos setores da indústria norte-americana afetou a economia do país e o índice de desemprego, que antes era de 4%, chegou a quase 6% em 2008, fazendo com que o mercado interno perdesse força²⁴¹. Além disso, a linha de crédito oferecida para a população foi interrompida e milhares de pessoas ficaram desabrigadas por causa da falta de condições de pagar os empréstimos pedidos aos bancos. As críticas à administração Bush foram direcionadas principalmente pela demora em adotar uma medida para conter o alastramento da crise (o Plano Emergencial de Estabilização Econômica só foi aprovado em Outubro de 2008) e o corte de gastos em programas populares ao mesmo tempo em que subiu a gasto para operações militares, que obteve o recorde de 505 bilhões de dólares²⁴².

As eleições primárias para a indicação do candidato à presidência do partido democrata foram bastante concorridas. Os dois nomes que lideravam as intenções de voto eram o senador do estado de Illinois, Barack Obama, e a ex-primeira dama Hillary Clinton, uma das lideranças dos democratas. Embora tenha conseguido um maior voto popular (48,06% contra 47,31%²⁴³), Hillary desistiu de sua candidatura e Obama foi indicado pelos democratas.

No partido republicano, as primárias foram dominadas pelo Senador do Arizona John McCain, que ganhou o pleito com 47,25% dos votos populares, enquanto o segundo colocado, o governador do Arkansas Mike Huckabee, obteve 20%. Mesmo com alto percentual, o candidato eleito não tinha condições de disputar com o democrata indicado, por causa dos efeitos da administração Bush citados acima²⁴⁴.

²³⁹ Entre 2001 e 2006, Bush teve uma média de popularidade de 56,3%. Dados disponíveis em: <http://www.gallup.com/poll/116500/presidential-approval-ratings-george-bush.aspx#1> Acesso em 19/07/2014.

²⁴⁰ Dados obtidos no Banco Mundial. Disponível em: <http://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.MKTP.KD.ZG?page=1> Acesso em 21/07/2014.

²⁴¹ Dados do Departamento do Trabalho dos Estados Unidos. Disponível em: <http://data.bls.gov/timeseries/LNS14000000> Acesso em 21/07/2014.

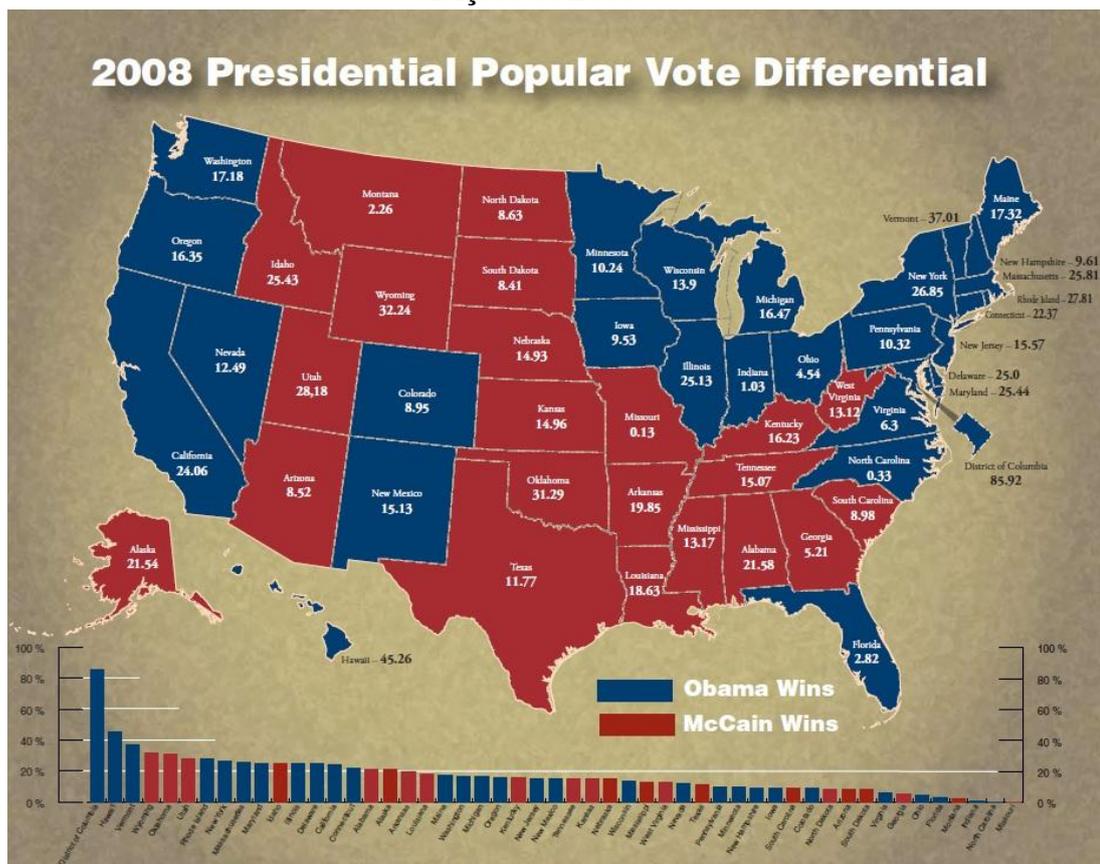
²⁴² FY 2009 Federal Budget: The Story Behind the Largest Deficit in U.S. History. Disponível em: <http://useconomy.about.com/od/usfederalbudget/p/FY-2009-Federal-Budget.htm> Acesso em: 21/07/2014.

²⁴³ <http://uselectionatlas.org/RESULTS/national.php?year=2008&elect=1> Acesso em: 21/07/2014.

²⁴⁴ <http://uselectionatlas.org/RESULTS/national.php?year=2008&elect=2> Acesso em: 21/07/2014.

Barack Obama focou sua campanha na reconstrução econômica e política do país, enquanto John McCain visava manter o aumento dos gastos militares ao invés de encontrar soluções para a crise. "Não ser Bush" era uma estratégia importante de Obama, visto que os eleitores queriam uma solução para a administração anterior e não uma continuidade do governo republicano²⁴⁵. Desta forma, os discursos realizados pelo candidato democrata eram baseados na integração dos povos e na *mudança*, com o slogan *sim, nós podemos* (yes, we can). A campanha repercutiu de forma positiva pelos Estados Unidos e Obama ganhou a eleição com 52,9% dos votos, conseguindo a maioria dos votos em 28 dos 50 estados, concentrando suas vitórias na costa leste e nos estados da costa oeste, com destaque para a Califórnia, enquanto McCain ganhou na parte central do país, como pode ser visto na figura abaixo.

Imagem 11 - mapa de distribuição da diferença dos votos entre os candidatos nas eleições de 2008



FEDERAL ELECTION COMMISSION, 2009. *Federal Election 08*. p.20 Disponível em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe2008/federalections2008.pdf> Acesso em: 21/07/2014

²⁴⁵ THE NEW YORKER, 17/11/2008. *Battle Plans: How Obama Won*. Disponível em: <http://www.newyorker.com/magazine/2008/11/17/battle-plans?currentPage=all> Acesso em: 21/07/2014.

Nas eleições para o congresso, os democratas ganharam dos republicanos e ficaram com a maioria do senado e da câmara, com 57 e 257 assentos respectivamente. Na distribuição do senadores pelo país, o partido democrata ficou com pelo menos uma vaga em 33 estados, enquanto os republicanos tinham representantes em 27. Na câmara, os republicanos conseguiram aumentar a quantidade de candidatos eleitos somente em 3 dos 20 estados que tiveram eleições para o cargo, representando uma grande derrota para o partido de George W. Bush²⁴⁶.

2010: os efeitos das reformas sociais de Obama

Nas eleições de 2010 para o congresso, os debates nos Estados Unidos giravam em torno dos efeitos causados pelas propostas formuladas pelo governo Obama em fazer reformas em diversos setores do país, principalmente na saúde. O *plano de proteção ao paciente e assistência médica acessível* (Patient Protection and Affordable Care Act), chamado pela mídia de "Obamacare", consistia na medida do governo em incentivar a todas as camadas da população norte-americana a possuir plano de saúde, que teriam pacotes de preços acessíveis financiados pelo governo para as camadas mais pobres. A medida foi muito criticada pelos conservadores, tanto no âmbito do partido republicano como nos movimentos populares, com a ascensão do Tea Party em 2009, pois argumentavam que o projeto de reforma na saúde aumentaria os custos do governo, que precisava ter como prioridade a solução da crise econômica instaurada na administração anterior e os gastos com o setor de defesa. Além de onerar a máquina estatal, os impostos cobrados à população também aumentariam, causando um descontentamento em determinadas camadas da sociedade americana²⁴⁷. A reforma teve sua tramitação dificultada pelo congresso, mesmo com a maioria democrata, e só foi aprovada e legalizada pela Suprema Corte dos Estados Unidos em 2012²⁴⁸.

²⁴⁶ Dados disponíveis em: FEDERAL ELECTION COMMISSION. Federal Elections 2008. p. 17 - 23. Disponível em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe2008/federalections2008.pdf> Acesso em 21/07/2014.

²⁴⁷ MOFFIT, Robert E. ; NIX, Kathryn. *The future of Health care reform: Paul Ryan's "Roadmap" and its critics*. The Heritage Foundation, 2010. Disponível em: <http://www.heritage.org/research/reports/2010/12/the-future-of-health-care-reform-paul-ryan-s-roadmap-and-its-critics> Acesso em: 22/07/2014.

²⁴⁸ A reforma foi levada à justiça em 2011 e foi julgada em 2012 com decisão favorável ao plano proposto pelo presidente Obama. A medida está prevista para entrar em funcionamento em 2014. Para saber mais sobre o processo, ver a ata emitida pela Suprema Corte dos Estados Unidos, que está disponível em: <http://www.supremecourt.gov/opinions/11pdf/11-393c3a2.pdf> Acesso em 22/07/2014.

A popularidade de Obama havia caído de uma média de 59% em 2009 para 46% em 2010, graças às dificuldades causadas pelas reformas na saúde, a recessão econômica no país, que teve um índice de crescimento de -2,8% em 2009 e o aumento dos gastos do governo, na contramão das condições financeiras do país²⁴⁹.

Com as dificuldades encontradas pelos democratas em realizar as propostas divulgadas nas eleições de 2008, o partido republicano obteve um crescimento em 2010, devido ao fortalecimento do movimento conservador nas ruas, com lideranças políticas como a governadora do Alaska, Sarah Palin. Desta forma, os republicanos conseguiram a virada na câmara, com 242 assentos (55,6%) e ganharam 24 das 47 vagas para o senado²⁵⁰.

Conforme podemos ver no mapa de distribuição dos deputados após as eleições de 2010 disposto abaixo, percebemos que os republicanos dominaram na maioria das regiões dos Estados Unidos, com destaque para os estados da costa leste do país, onde o partido ganhou muitos assentos em estados como Pennsylvania, Illinois (a "casa" do presidente) e Nova Iorque. Pode-se relacionar o aumento do número de candidatos republicanos nestas localidades com o fortalecimento dos movimentos populares conservadores na costa leste, principalmente nos estados de Illinois e Massachussets.

²⁴⁹THE TELEGRAPH, 12/03/2010. Barack Obama's approval rating drops to 46 per cent. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/barackobama/7430145/Barack-Obamas-approval-rating-drops-to-46-per-cent.html> Acesso em 22/07/2014.

²⁵⁰ Dados disponíveis em: FEDERAL ELECTION COMISSION, 2011. *Federal Elections* 10. Disponível em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe2010/federalelections2010.pdf> Acesso em: 22/07/2014.

elementos, discutia-se, desde a eleição anterior, a pressão do congresso sobre Obama, pois a maioria dos assentos eram controlados pelo partido Republicano. Assim, muitas das medidas propostas pelos democratas não puderam ser realizadas como planejado, uma vez que os democratas precisaram cortar gastos do governo em diversos setores, principalmente os voltados para investimentos sociais²⁵³.

A guerra contra o terrorismo foi o ponto central o sucesso da campanha dos democratas. Em Maio de 2011, durante visita ao Brasil, Barack Obama autorizou a operação militar das tropas americanas no Paquistão, que foi responsável por assassinar Osama Bin Laden. Com o sucesso da ação, o presidente discursou em rede nacional lembrando o que o terrorista havia causado, analisando que o atentado devastou, mas uniu o povo americano em prol da reconstrução do país. Segundo o presidente, a morte de Bin Laden não desmobilizaria a Al Qaeda, mas foi um grande passo dos Estados Unidos contra o terrorismo²⁵⁴. Na semana após o discurso, o índice de popularidade de Obama subiu 7% entre os americanos, a maior alteração em todo o seu mandato²⁵⁵.

Além da morte de Bin Laden, Obama autorizou a retirada total das tropas do Iraque, uma demanda feita pela sociedade desde 2004. Em 15 de Dezembro de 2011, os últimos soldados foram retirados do país e a segurança e manutenção do governo do Iraque passou a ser de total responsabilidade das tropas iraquianas.

Além disso, a campanha abordou as questões sociais do governo. O investimento em criação de empregos e o desenvolvimento de setores essenciais, como a saúde, eram apontados como motivos para a reeleição de Obama²⁵⁶. A administração do democrata criou 1,8 milhões de empregos no ano de 2012²⁵⁷, abaixando o índice de desemprego de 9,6% em 2010 para 8,1% no ano da eleição.

²⁵³ Democratas e republicanos disputaram pelo orçamento de 2012 para o país. O primeiro orçamento previa o gasto de 7.2 trilhões de dólares, a maioria do gastos em serviços essenciais para a população, negado pelos republicanos, que apresentavam uma proposta cortando 5 trilhões em gastos essenciais. Após muita discussão no congresso, o gasto permitido pelo congresso foi de 3.5 trilhões, sendo que 57% eram voltados para serviços essenciais. Para mais, ver: <http://useconomy.about.com/od/usfederalbudget/p/US-Government-Federal-Budget-FY2012-Summary.htm> Acesso em 23/07/2014.

²⁵⁴ THE WHITE HOUSE. *Osama Bin Laden Dead*. Disponível em: <http://www.whitehouse.gov/blog/2011/05/02/osama-bin-laden-dead> Acesso em: 23/07/2014.

²⁵⁵ <http://www.gallup.com/poll/116479/barack-obama-presidential-job-approval.aspx> Acesso em: 23/07/2014.

²⁵⁶ Diversas obras foram realizadas para promover a campanha de reeleição de Obama. Dentre elas, destacamos a obra do comentarista político Bernard Whitman, intitulado *52 reasons to vote for Obama*, em que os principais pontos para legitimar o governo democrata eram a morte de Bin Laden e os investimentos na área social, junto com a solução da crise de 2008.

²⁵⁷ <http://www.cbsnews.com/news/december-jobs-18-million-jobs-created-in-2012/> Acesso em 23/07/2014.

As primárias do partido republicano foram disputadas por Mitt Romney, governador de Massachussets entre 2003 e 2007, e Rick Santorum, senador da Pensilvânia entre 1995 e 2007, que desistiu da candidatura após a segunda rodada de votos.

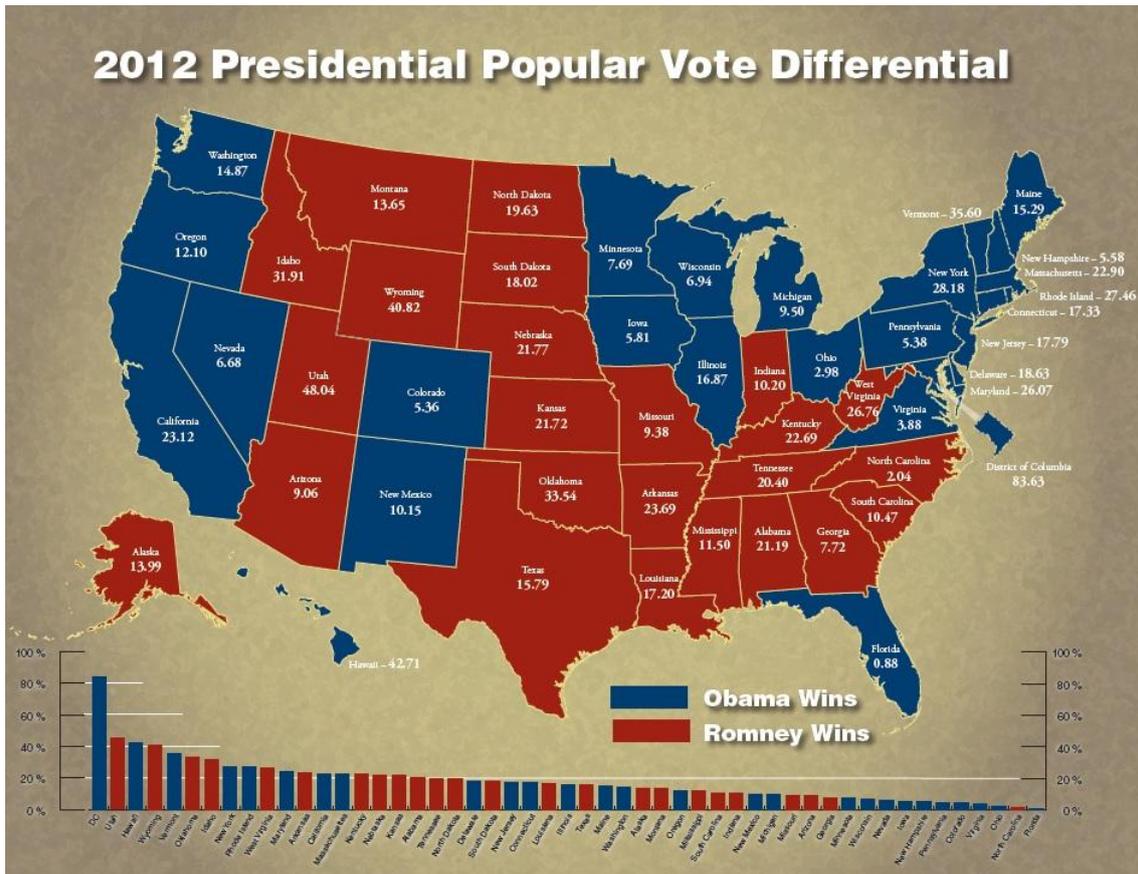
A campanha de Romney abordou os seguintes pontos principais²⁵⁸:

- Economia: balancear o déficit orçamentário através de cortes de gastos do governo e diminuição da cobrança de impostos, permitindo o maior gasto da sociedade americana.
- Reforma na saúde: anulação da lei de incentivo do governo aos planos acessíveis de assistência médica criado por Obama.
- Política externa: recuperação do poderio norte-americano a partir da reconquista da liderança do país nas decisões mundiais.
- Imigração: estabelecimento de programas de incentivo de trabalho no país para mão-de-obra estrangeira qualificada e maior fiscalização dos trabalhadores contratados, proibindo imigrantes ilegais de serem contratados.
- Crítica ao casamento homossexual, reafirmando a questão da família formada por pai, mãe e filhos, apontada pelos conservadores como ambiente ideal para crianças.

Os democratas foram os vencedores da eleição, conseguindo reeleger Barack Obama, por uma diferença de 5 milhões de votos populares e 128 delegados. Analisando o mapa da diferença dos votos, Obama ganhou em 26 estados, contando com a capital, a maioria por margens acima de 10%, com destaque para a Califórnia, Vermont, Massachussets (residência de Mitt Romney) e Nova Iorque, onde as diferenças foram mais de 20% dos votos. Romney ganhou em quase todos os estados da região central, por uma grande diferença dos votos populares, com destaque para Wyoming, Utah e Idaho, onde a vitória foi por mais de 30% (ver imagem 13).

²⁵⁸ Disponível em: <http://www.cnn.com/election/2012/primaries/candidates.html> Acesso em 23/07/2014.

Imagem 13 - mapa da diferença dos votos populares por estado nas eleições presidenciais de 2012



FEDERAL ELECTION COMMISSION, 2013. *Federal Elections 12* p. 14. Disponível em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe2012/federalections2012.pdf> Acesso em: 23/07/2014.

No congresso, os democratas também obtiveram vitórias, ganhando dos republicanos 2 e 8 assentos no senado e na câmara, respectivamente. Mesmo com a acréscimo de lugares, os republicanos ainda possuem o maior número de deputados, com projeção para igualar o número de senadores nas eleições de 2014²⁵⁹.

Os números da eleições apresentados desde 1992 até 2012 nos mostra que o Partido Republicano ganhou força a medida em que os movimentos conservadores atuaram no âmbito político e social, divulgando bandeiras políticas a partir de documentos distribuídos para a sociedades e organizando passeatas contrárias aos governos democratas. Os efeitos causados pelos documentos e passeatas organizadas evidenciam que a população norte-americana possui um número substantivo de conservadores, em equilíbrio com os liberais. O baixo percentual de diferença nas eleições presidenciais e um equilíbrio de Forças no Congresso americano nos mostra

²⁵⁹ <http://www.electionprojection.com/2014-elections/2014-senate-elections.php> Acesso em 23/07/2014.

que o pensamento conservador nos Estados Unidos não pode ser desconsiderado e ainda participa de forma significativa do jogo político do país.

As mensagens passadas pelos neoconservadores e conservadores nos Estados Unidos a cada dia atingem um maior número de pessoas, objetivando o aumento de adesões a estes grupos. São incontáveis a quantidade de livros nas prateleiras das livrarias norte-americanas que abordam a defesa dos preceitos cristãos contra a evolução dos Direitos civis no país. Além disso, o cinema, que atende grande parte da população, é controlado em larga parte por grandes empresários formados na *Ivy League*, o conjunto das oito universidades mais importantes do Nordeste dos Estados Unidos e as mais ricas do país, e busca reforçar as bandeiras políticas levantadas principalmente pelos neoconservadores. A mensagem em grande escala pelos filmes de maior bilheteria será o ponto central da discussão no próximo capítulo deste trabalho.

Capítulo 3 - BLOCKBUSTERS E O PENSAMENTO CONSERVADOR: A RELAÇÃO ENTRE PÚBLICO E POLÍTICA

Neste capítulo faremos uma análise dos filmes de maiores bilheterias nos Estados Unidos, destacando os principais pontos das histórias desenvolvidas por diretores e suas equipes que constituem os diversos textos que formam o sentido dos longas-metragens. Tais partes serão analisadas e relacionadas às bandeiras levantadas pelos conservadores, principalmente os neoconservadores, que comparados aos paleoconservadores ou *conservadores religiosos*, se predispõem a discutir pautas políticas como economia, segurança e posse de armas, política externa e a expansão dos ideais de democracia americana pelo mundo, deixando os debates morais e comportamentais em segundo plano, como a questão do aborto e a união civil dos homossexuais.

O objetivo da análise dos filmes relacionadas às pautas dos movimentos conservadores é mostrar que as grandes bilheterias são um reflexo de determinadas discussões centrais destes atores. Mesmo analisando pesquisas que relacionam o público de cinema nos Estados Unidos aos liberais, conforme veremos ao longo do capítulo, os *blockbusters* lançados entre 1994 e 2012 se predispõem a discutir pontos levantados pelos neoconservadores, utilizando metáforas e histórias (muitas delas, "mirabolantes") para apresentar um posicionamento político diluído.

Para desenvolvermos o argumento e chegarmos à conclusão de que para compreender a relação entre cinema e política nos Estados Unidos é necessário analisar as bandeiras dos movimentos conservadores nos contextos de lançamento dos filmes, se torna necessário compreender, em primeiro lugar, o funcionamento da indústria cinematográfica do país e como ela, historicamente, assume um papel importante na cultura política da sociedade norte-americana. Desta forma, faremos um breve histórico de *Hollywood*, que, neste caso, não é só uma localização geográfica (cidade localizada no sudoeste do estado da Califórnia, em Los Angeles), como também a nomenclatura que representa toda indústria cinematográfica do país, contando com produções tanto na Costa Leste quanto na Costa Oeste, principalmente no Estado da Florida, onde está localizado os estúdios da Disney.

A compreensão acerca do funcionamento de Hollywood nos permitirá compreender que o sistema-cinema dos Estados Unidos é complexo e único comparado aos demais países que produzem filmes em grande escala, pois, atualmente, o cinema americano possui um grande financiamento internacional, em que as produtoras possuem diversos membros estrangeiros e parcerias com empresas europeias e asiáticas. O uso de capital privado na produção de filmes de grande orçamento cria uma dinâmica de mercado, existente desde a consolidação de Hollywood nos anos 1910, que consiste na aproximação com o público, que consome de forma massiva os lançamentos semanais do cinema americano. Este mecanismo nos remete às análises de Max Horkheimer e Teodor Adorno quando pensaram sobre a noção de *indústria cultural*²⁶⁰, evidenciando que o cinema e o rádio, a partir da repetição excessiva que resulta na alienação das pessoas, foram fundamentais para o desenvolvimento de uma cultura para as massas, que será utilizada em larga escala durante a Segunda Guerra Mundial em diante.

Após a análise do funcionamento de Hollywood, passaremos ao estudo dos filmes e a relação das histórias com a sociedade americana. Para tal, os longas-metragens que serão trabalhados neste capítulo seguiram um critério de seleção baseado no volume de bilheteria, obtido através do lucro com a venda de ingressos e o número de cinemas que o filme foi exibido nas respectivas semanas de estreia. Além disso, para consolidarmos a ideia de que os debates comportamentais foram deixados em segundo plano, analisaremos duas produções que levantaram uma série de discussões na mídia mas não obtiveram um grande apelo popular, gerando uma baixa bilheteria. Os filmes que trabalharemos, por ordem decrescente de lucro de bilheteria, são:

- Avatar (James Cameron, 2009, 162 minutos).
- The Avengers (Os Vingadores, Joss Whedon, 2012, 143 minutos).
- The Dark Knight (O Cavaleiro das Trevas, Christopher Nolan, 2008. 152 minutos).
- The Dark Knight Rises (O Cavaleiro das Trevas Ressurge, Christopher Nolan, 2012, 165 minutos).
- Spider-Man (O Homem-Aranha, Sam Raimi, 2002, 121 minutos).
- Spider-Man 3 (O Homem-Aranha 3, Sam Raimi, 2007, 139 minutos).

²⁶⁰ ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*. In: _____. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986. p. 113 - 156.

- Independence Day (Roland Emmerich, 1996, 145 minutos).
- Saving Private Ryan (O resgate do soldado Ryan, Steven Spielberg, 1998, 169 minutos).

Os dois filmes que trabalharemos as questões relacionadas ao comportamento da sociedade, que não obtiveram um grande público mas serviram de debates para a imprensa, foram:

- Juno (Jason Reitman, 2007, 96 minutos).
- Brokeback Mountain (O segredo de Brokeback Mountain, Ang Lee, 2005, 134 minutos).

Os debates e a relação destes filmes listados acima com as questões políticas e comportamentais nos Estados Unidos serão realizados através do trabalho com a recepção especializada, feita por artigos e resenhas publicados por críticos e especialistas em cinema na época de lançamento destes longas-metragens.

Para avançarmos na análise dos filmes, faremos um histórico de Hollywood no próximo item, que nos ajudará a compreender as formas de funcionamento do sistema-cinema norte-americano.

3.1 - Hollywood e a lógica do filme como mercadoria.

O complexo de Hollywood é fruto da mudança de localização de diversas produtoras independentes devido ao truste formado em 1907 pelas maiores empresas cinematográficas dos Estados Unidos chamado de *Moving Picture Patents Company* (MPPC)²⁶¹. Além do truste, outra causa das mudanças de diversos produtores para a costa oeste dos Estados Unidos deve-se à cobrança de patentes da empresa de Thomas Edison, localizada em Nova Jersey, que reclamava a exclusividade do uso da tecnologia utilizada para a gravação e exibição de filmes.

Outra causa da mudança das companhias para o oeste dos Estados Unidos deve-se ao clima e a quantidade de montanha e locais áridos perto da região, permitindo a utilização da paisagem próxima aos estúdios para gravação de filmes. Este fator é

²⁶¹ A união durou até 1911, quando a principal empresa de rolo de filmes participante do truste, *Eastman Kodak*, mudou o contrato de exclusividade e passou a vender material para produtoras independentes.

fundamental para compreendermos a quantidade de westerns lançados pelas produtoras, o principal gênero de filme norte-americano nos primeiros anos do cinema no país.

O sistema de produção de Hollywood foi sendo desenvolvido com objetivo de lançar grande quantidade de filmes para produzir lucro aos produtores. Os estúdios no local passaram a centralizar todas as etapas de produção de filme: gravação em lugares fixos ou paisagens próximas ao complexo, processo de edição, organização, divulgação e distribuição. O objetivo do complexo era manter a produção de filmes em escala, possibilitando as mais de 20 mil salas de cinema dos Estados Unidos nos anos 1910, ter novos trabalhos cinematográficos em exibição semanal, pois a fórmula inicial, em que os lançamentos eram exibidos quinzenalmente, não era suficiente para manter o funcionamento de todas as salas de cinema.

A dificuldade em torno da manutenção dos cinemas estava na estrutura complexa que existia no funcionamento das mesmas. Segundo o professor emérito da Universidade de Maryland, Douglas Gomery²⁶², o sistema implantado em 1916 pela empresa *Balaban & Katz*, em Chicago, obteve muito sucesso e foi disseminado por todo o país. Segundo o autor, a empresa adotou uma estratégia em 5 estágios para captação de público no cinema:

1. *Localização*: a escolha do local para ser construída sala de cinema deveria ser através do critério de concentração de capital. Considerando que a sociedade norte-americana trabalhava no centro da cidade e a classe alta possuía prédios na região, Balaban & Katz montavam cinemas nestas regiões, pois assim as salas estariam sempre cheias, devido ao grande volume de filmes lançados.
2. *Arquitetura*: os cinemas, como ficavam em locais com grande circulação de capital, grandes construções com design clássico, que remetiam à França e Espanha, com detalhes de arte contemporânea. As salas possuíam escadas monumentais, tornando a entrada do público um momento espetacular, com salões espaçosos e um grande letreiro luminoso na entrada. As salas eram baseadas nos grandes teatros e casas de ópera, onde as pessoas eram divididas em balcões e plateia.
3. *Serviços*: durante os primeiros anos do cinema, não existia uma preocupação em fazer filmes voltados para o público infantil, dificultando o acesso das famílias

²⁶² GOMERY, Douglas. *The Hollywood Studio System*. In: NOWELL-SMITH, Geoffrey. *The oxford history of world cinema: the definitive history of cinema worldwide*. New York: Oxford University Press: 1997, pp. 43 - 52.

ao cinema. Diante deste quadro, Balaban & Katz ofereciam um serviço para cuidar de crianças em locais específicos nos cinemas: grandes salas com brinquedos eram construídas para pais deixarem seus filhos com pessoas contratadas para cuidar deles durante a exibição do filme.

4. *Atrações*: eventos especiais eram realizados durante feriados, como musicais e rápidos shows de palco que antecediam o filme. Além disso, uma orquestra se localizava dentro da sala para tocar música de acordo com o gênero e cenas dos filmes, para melhorar a experiência do público.
5. *Estrutura*: antes do sistema de Balaban & Katz, os cinemas nos Estados Unidos ficavam fechados na época do verão por causa do calor intenso nas salas de projeção. Além de todo o serviço oferecido ao público, a empresa também fez os primeiros experimentos de ar-condicionado no cinema, através da utilização de sistema de gelo picado nas tubulações, possibilitando a abertura das salas. O ar-condicionado foi um dos principais meios de captação do público, pois as propagandas durante o verão utilizavam o cinema, além de ser diversão, como um meio de amenizar a temperatura da época.

O sistema implantado por Balaban & Katz foi disseminado por todo o país com muito sucesso e todos os elementos analisados acima ainda permanecem como estratégia de captação de público no cinema.

Aliado ao desenvolvimento das salas de cinema nos Estados Unidos, também ocorrem no país a exibição dos primeiros épicos feitos por cineastas norte-americanos. Inspirado no cinema italiano, principalmente nas obras de Giovanni Pastrone (em especial, *Cabiria*, de 1914), o cineasta David Wark Griffith produziu *The Birth of a Nation* (1915) e *Intolerance* (1916), os filmes que iniciaram o gênero épico no país, que se relacionou com os novos sistemas de sala e do modelo de produção e distribuição industrial que percebemos a partir da segunda metade da década de 1910.

A figura de Griffith é central para o desenvolvimento desta indústria cinematográfica. Embora tenha passado para a produção independente após o lançamento de suas obras mais importantes, a consolidação do gênero épico deve-se a atuação deste cineasta. Portanto, é necessário que façamos uma breve exposição de sua trajetória, para compreender o papel que ele possui na história da indústria cinematográfica norte-americana.

David Wark Griffith: o cineasta que desenvolveu os filmes épicos nos Estados Unidos

No final da primeira década do século XX, com a aceitação do cinema pelo público, as indústrias de filmes norte-americanas investiam em velocidade e quantidade de trabalhos lançados, devido à rivalidade entre produtoras distintas, dentre elas: *Edison* e *Biograph*. Diante deste quadro de concorrência surgiu David Wark Griffith, uma das maiores figuras do cinema norte-americano, que contribuiu para os estilos de planos característicos de filmes americanos durante todo o século XX e início do século XXI.

Griffith nasceu em Kentucky, Estados Unidos, em 23 de Janeiro de 1875. Seu pai, Jacob Griffith, foi membro do Exército dos soldados confederados durante a guerra civil americana. David Griffith estudou e tentou ser dramaturgo, mas desistiu após fracassar na produção da peça *A fool and a girl* em 1907, exibida em Washington D.C. Após este momento, Griffith entrou para a indústria cinematográfica como planejador de cenários para as companhias *Edison e American Mutoscope and Biograph Company* (Biograph).

Em 1908, devido ao desenvolvimento intensivo do cinema, a grande produção de filmes fez com que a *Biograph* contratasse novos diretores para atender a demanda, chamando Griffith para o cargo. O primeiro filme, lançado no mesmo ano de sua contratação, foi o curta-metragem *The adventures of dollie* (As aventuras de Dollie 1908). Griffith trabalhou na *Biograph* até 1914 e produziu cerca de 450 obras.

O diretor americano teve como principal influência o cinema europeu, principalmente os filmes italianos. Esta importância se dá devido à proeminência do cinema europeu no mundo até a primeira Guerra Mundial: os principais mercados eram França, Itália e Dinamarca e cerca de 60% dos filmes importados na Europa e Estados Unidos eram franceses²⁶³.

A partir da década de 10 do século XX as grandes filmagens coordenadas em espaço e tempo que utilizavam mais de um rolo de filme, prolongando a história foram vistas nos filmes italianos *Dante's Inferno* (Milano Films, 1909), *Fall of Troy* (Giovanni Pastrone, 1910), *The Crusaders* (Enrico Guazzoni, 1911) *Quo Vadis?* (Enrico Guazzoni, 1913) e *Cabiria* (Giovanni Pastrone, 1914). Este último era a principal referência de Griffith para a elaboração de filmes, pois Pastrone foi o primeiro diretor a

²⁶³ NOWELL-SMITH, Geoffrey. *Op. Cit.* P. 23.

utilizar câmeras móveis para filmagem, possibilitando novos ângulos e maiores cenários.

Em 1914, David Griffith demitiu-se da Biograph para produzir filmes de forma autônoma. O primeiro trabalho realizado foi *The Birth of a Nation* (1915), em que abordou a história da Guerra Civil americana, a partir das batalhas travadas e da sociedade estadunidense da segunda metade do século XIX, discutindo assuntos polêmicos como a escravidão. Este trabalho fez com que David Griffith se tornasse um ícone da história do cinema norte-americano, pois ele transformou o filme num objeto de impacto social ao abordar questões em pauta na sociedade contemporânea.

O segundo filme autônomo, *Intolerance* (1916) foi feito sob influência do filme *Cabíria*, que havia sido lançado nos Estados Unidos após *Birth of a Nation*. Neste filme, Griffith mostra a capacidade do cinema em retornar ao passado, viajando pelo tempo através de uma temática definida: a intolerância diante de quatro períodos históricos escolhidos pelo autor. As partes mais marcantes do filme estão em *The Fall of Babylon*, quando o diretor mostra as influências do cinema italiano em suas obras, ao trabalhar a cena a partir de grandes planos, com o uso de câmeras móveis para apresentar os muros da cidade para o espectador e as batalhas travadas, e *The mother and the law*, em que Griffith utilizou o debate em torno do papel da mulher e as críticas sofridas com relação à imagem do negro em *The Birth of a Nation* para demonstrar a sociedade contemporânea.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, com a ascensão de Hollywood no circuito cinematográfico norte-americano, as produções de David Griffith decaíram. O diretor tentou fazer novos filmes de sucesso com grandes orçamentos e produziu outros trabalhos durante a década de 1920, mas todos foram um fracasso de público. O fim de sua carreira como diretor foi em 1931, após fazer dois filmes com utilização de som (*Abraham Lincoln*, 1931 e *The Struggle*, 1931) que o levaram a falência. Griffith, a partir de então, nunca mais produziu filmes e faleceu em 1948, trabalhando como consultor de roteiros.

Griffith, nesse sentido, foi um ator importante para a consolidação do cinema e da indústria de filmes que se desenvolveu ao longo da década de 1910. Porém, ao passar para a produção independente, Griffith perdeu espaço para o desenvolvimento de Hollywood, que passou a criar mecanismos de manter o monopólio do mercado a partir da união de grandes produtoras, que ditam as características das produções até os dias atuais.

Os códigos de conduta da indústria cinematográfica norte-americana: da criação do monopólio ao lobby político.

Um dos elementos fundamentais para situarmos o desenvolvimento da cinema norte-americano como uma indústria que produz histórias comuns é o estabelecimento de códigos de conduta dos filmes. Segundo Douglas Gomery, estes códigos serviam para garantir o monopólio da produção e, principalmente a distribuição de filmes nos Estados Unidos, uma vez que o número de produtoras naquele momento propiciava uma alta concorrência nas grandes cidades²⁶⁴.

A primeira tentativa de monopólio a partir da formação de trustes foi o *Motion Pictures Patent Company* (MPPC), fundado por Thomas Edison em 1908 para controlar o uso de equipamento pela *Biograph*, *Edison*, *Vitagraph* e empresas concorrentes no cenário internacional, como a *Pathé*. O acordo tinha como objetivo enfraquecer as empresas que estavam surgindo e criar modelos de produção para o cinema norte-americano. Neste sentido, o processo de realização de filmes foi padronizado desde a quantidade de rolo, que determinava a duração, até o processo de distribuição, só permitido para salas cadastradas ao grupo. Com o desenvolvimento de outros gêneros, principalmente o épico, e o fortalecimento de Hollywood, o MPPC foi a falência em 1918, devido a sua iniciativa ter sido considerada ilegal nos Estados Unidos²⁶⁵, acompanhado da instauração do modelo industrial pensado por Adolph Zukor, dono e fundador da Paramount Pictures.

Adolph Zukor estruturou um modelo de produção cinematográfica em bases industriais. O sistema de estúdio, em que as várias etapas da elaboração do filme são feitas em um local, possibilitou o aumento da produtividade das empresas em crescimento, que passaram a dominar o mercado norte-americano a partir da década de 1920, quando os filmes sonoros começaram a ser realizados. Neste contexto, são criados diversos organismos para controlar a produção e manter o monopólio dos *Big Five*, composto por Paramount, MGM, Fox, Warner e RKO, como a *Motion Picture Producers and Distributors of America* (MPPDA) em 1922 por Will H. Hays.

Hays, presidente do órgão entre 1922 e 1945, montou uma série de regras ao longo da década de 1920, conhecidas como *Código Hays*, que as empresas deveriam

²⁶⁴ GOMERY, Douglas. *The Hollywood Studio System: A History*. London: British Film Institute, 2008.

²⁶⁵ Idem. p. 7.

cumprir para terem seus filmes distribuídos para os cinemas do país. Os filmes não poderiam ter cenas de sexo, nudez, cenas de amor prolongadas, tornar vícios atraentes, como o jogo e a bebida, ofender crenças religiosas, enfatizar violência e divulgar gestos vulgares²⁶⁶. Com isto, Hays, influente no Partido Republicano, argumentava que a própria indústria tinha seus mecanismos de censura, conseguindo findar as tentativas de intervenção do governo na produção de filmes. Porém, com os anos 1930 e a entrada de Franklin Delano Roosevelt na presidência dos Estados Unidos, Hays precisou ceder e aliou o código de conduta com as exigências do governo, firmando uma parceria que embasaria a produção de filmes ao longo da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria. Com a morte de Roosevelt em 1945, Hays é substituído do cargo por Eric Johnston, republicano e membro da Câmara de Comércio dos Estados Unidos.

Johnston formulou o código pensado por Hays durante a Guerra Fria, baseado no anticomunismo idealizado pelo presidente Henry Truman e o senador Joseph McCarthy. Sua primeira iniciativa foi alterar o nome do órgão para *Motion Pictures Association of America* (MPAA), nomenclatura existente até os dias atuais. Segundo Gomery, Johnston utilizou sua influência tanto na política quanto em Hollywood para projetar os ideais norte-americanos pelo mundo, sendo considerado um melhor gestor do que Hays. Uma das principais tomadas por Johnston medidas foi a revisão do código com objetivo de conseguir competir com a indústria da televisão, que tinha uma proposta de levar a experiência do cinema para as casas das famílias. Segundo o Gomery

Embora a distribuição estrangeira permanecem abertas, a transição estúdios para uma nova era no mercado interno nunca foi tão bem. Johnston tentou mediar os negócios da Big Five formados a cisão de suas cadeias de teatro. Ele podia fazer pouco para ajudar os estúdios ganhar uma posição vantajosa na indústria da televisão emergente. Hays foi conhecido pela criação de Código e sua fixação, com o que a indústria poderia retratar; Johnston afrouxou o Código de modo a oferecer o que a TV não se atreveu.²⁶⁷

Com a mudança do código escrito por Will Hays, novas temáticas passaram a ser abordadas no cinema, tornando a proposta dos filmes mais ousadas e trazendo mais público para as salas de exibição. Neste sentido Johnston, foi um ator central para o aumento da divulgação de filmes que quebravam alguns tabus da sociedade norte-americana, principalmente em relação ao sexo e à violência. Ele morreu em 1963,

²⁶⁶ Idem. p. 67.

²⁶⁷ Idem. p. 182.

deixando vaga a presidência da MPAA, que foi assumida pelo interino Ralph Hetzel até 1966, quando foi indicado pelos estúdios o lobista Jack Valenti, assistente do presidente Lyndon Johnson, que ficaria no cargo até 2004.

Segundo Gomery, Valenti foi responsável por findar a maioria dos pontos pensados pelo conjunto de regras escritas por Hays, seguidas da flexibilização proposta por Johnston. Uma das primeiras medidas feitas em relação ao código foi em 1968, quando adotou o sistema de classificação etária para o cinema, divididos em quatro categorias que definiam o público de cada filme. Este sistema passou a ser utilizado também pela televisão a partir dos anos 1990.

Com uma boa relação com democratas e republicanos, utilizou sua influência em Washington para aumentar o poder dos grandes estúdios, fortalecendo ainda mais a indústria cinematográfica norte-americana. Além disso, foi responsável por conseguir realizar as transmissões da entrega do Oscar²⁶⁸ em todo o mundo a partir de 1969. Com a internacionalização da cerimônia da premiação da indústria cinematográfica norte-americana, os estúdios ganharam mais força em outros países, expandindo seus modelos de produção para outros mercados²⁶⁹.

Valenti ficou na presidência da MPAA até 2004 devido sua grande influência política. Segundo Gomery, para obter apoio do governo, ele cedia atores do cinema e da televisão para campanhas políticas e atuou em todas as eleições, desde Nixon até George W. Bush. Isto o transformou no lobista mais bem pago dos Estados Unidos nos anos 1990, ganhando cerca de 100 mil dólares por ano para sustentar o poder da indústria cinematográfica em Washington²⁷⁰.

Após a saída de Jack Valenti, foi indicado o democrata Dan Glickman para o cargo. Antigo secretário da agricultura no governo Clinton entre 1995 e 2001, assumiu a

²⁶⁸ O Oscar criado na década de 1920, sob o contexto do fortalecimento da indústria cinematográfica norte-americana. A primeira cerimônia ocorreu em 1929, quando a associação avaliou os filmes realizados nos dois anos anteriores. Entre as premiações dadas, podemos destacar: Melhor filme artístico, Melhor Diretor de filme dramático, Melhor roteiro adaptado, Melhor roteiro original, Melhor direção de filme de comédia, Melhor atriz, Melhor Ator, e Melhor Filme. Naquele momento, foram doze categorias avaliadas e não existiam todas as categorias que podemos ver nos últimos anos da entrega do Oscar, que acontece no final do inverno nos Estados Unidos (atualmente são 24, sem contar as premiações de homenagens). A primeira premiação consolidou o poder da chamada Academia, que se expandiu ao longo da década de 1950, quando passou a ser exibida na televisão nos Estados Unidos. Para mais informações, ver: <http://oscar.go.com/oscar-history> Acesso em: 26/09/2014.

²⁶⁹ A premiação para melhor filme estrangeiro começou em 1947, ao final da Segunda Guerra Mundial e deu a premiação para o filme italiano *Sciuscià*, de Vitorio de Sica. Nos primeiros anos, a premiação foi dominada pelos cinemas italiano, francês e japonês, que possuem 9 dos 10 primeiros prêmios entregues nesta categoria. Para mais, ver: <http://www.oscars.org/awards/academyawards/legacy/> Acesso em 26/09/2014.

²⁷⁰ Idem. pp. 288 - 298.

função para alterar a forma de trabalho da MPAA e integrá-la ao mundo digital, tecnologia que havia se desenvolvido ao longo do fim do século XX e já estava popularizada em 2004. Um dos maiores desafios de Glickman foi a tentativa de combate à pirataria virtual²⁷¹, acompanhando o que a indústria fonográfica já havia feito no início dos anos 2000, quando o criador do Napster, programa de compartilhamento de músicas, foi processado por pirataria por representantes do Metallica, banda de trash metal fundada nos anos 1980²⁷².

Em 2011, o cargo foi assumido por Christopher Dodd, senador do estado de Connecticut pelo partido democrata entre 1981 e 2011, que continuou a luta contra os crimes na internet, sendo um dos principais apoiadores da SOPA, uma proposta para criar um conjunto de leis com objetivo de regularizar a navegação na internet, colocando a responsabilidade da pirataria nas pessoas que disponibilizam o material na rede e nos que fazem o download do mesmo²⁷³.

A atuação destas lideranças da MPAA durante o século XX nos mostra como que a indústria cinematográfica está relacionada à política norte-americana. Além da produção de filmes de propaganda na Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria e na Guerra contra o terrorismo, as relações entre os estúdios e os partidos eram estabelecidas para fortalecer a indústria e a própria imagem dos políticos. A criação de um "código de disciplina" pelo cinema começou como uma tentativa de fortalecer um determinado grupo e terminou como manobra política, conduzida por lobistas e membros dos governos. Neste sentido, estas questões são fundamentais para compreendermos a relação entre cinema e cultura política nos Estados Unidos, tópico seguinte a ser discutido neste trabalho.

3.2 - Cinema e cultura política nos Estados Unidos

O cinema norte-americano possui uma característica distinta das outras grandes indústrias cinematográficas pelo mundo. O seu caráter voltado estritamente para o

²⁷¹ Ver: CNET. *MPAA wants ISP help in online piracy fight*. Disponível em: <http://www.cnet.com/news/mpaa-wants-isp-help-in-online-piracy-fight/> Acesso em 26/09/2014.

²⁷² Para mais informações, ver: Rolling Stone Brasil. *Metallica x Napster aconteceu há 8 anos*. Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/noticia/metallica-x-napster-aconteceu-ha-8-anos/#imagem0> Acesso em 26/09/2014.

²⁷³ LA TIMES. *MPAA's Chris Dodd takes aim at SOPA strike*. Disponível em: <http://latimesblogs.latimes.com/entertainmentnewsbuzz/2012/01/dodd-lashes-out-at-sopa-strike.html> Acesso em 26/09/2014.

consumo propicia uma relação maior entre filme e público, uma vez que a maior parte do lucro obtido pelos produtores são oriundos de bilheteria e viagens de divulgação, situação nas quais a audiência é fundamental para o sucesso do projeto.

A linguagem dos filmes americanos são formatadas para a maior aproximação com o público. O cinema "realista" cria uma identificação do espectador com os personagens, fazendo com que o "herói" ou o "galã", assim como a "princesa" ou a mulher desejada, sirvam como inspiração para as pessoas que assistem ao filme. Desta forma, a narrativa do cinema americano é marcada por "viradas": 1) um personagem simples, com identificações do cotidiano, mas que possui características específicas que o define; 2) elemento que põe em risco uma determinada ordem, seguida pelo personagem; 3) o personagem chega ao limite da dificuldade (o "fundo do poço"), sem esperanças de resolução do problema; 4) elemento auxilia no momento de superação do protagonista; 5) o protagonista ascende e resolve o problema, como uma fênix ressurgindo das cinzas. Esta ordenação pode ser vista em todos os filmes de grande bilheteria dos Estados Unidos, o que nos possibilita alguns questionamentos relacionados ao nosso estudo: quem define o que é visto no cinema? o filme ajuda na construção de tendências de comportamento da sociedade ou ele é um espelho da mesma?

Antes de respondermos estas questões, é necessário que reforçemos a diferenciação dos filmes relacionados à política nos Estados Unidos. Segundo Ian Scott, professor da Escola de Artes, Linguagens e Culturas da Universidade de Manchester, as nomenclaturas sobre esta questão são: *filmes políticos*, que possuem histórias baseadas na política americana, como eleições, lideranças e biografias de presidentes; e os *filmes que abordam política*, que consistem em qualquer narrativa que pode ser interpretada através de questões políticas do cotidiano²⁷⁴. Em suma, a primeira categoria trabalha a política em seus *textos*, enquanto a segunda desenvolve o debate a partir do *subtexto*. Neste trabalho, assim como foi apontado na introdução, faremos uma análise dos filmes que abordam política, pois as maiores bilheterias encontram-se nesta categoria.

Scott argumenta que o cinema norte-americano produz uma série de filmes políticos, mas que geralmente são um fracasso de bilheteria. Para exemplificar este argumento, citamos o filme *Lincoln* (Steven Spielberg, 150 minutos), lançado em 2012, que contava a história da atuação de um dos presidentes mais famosos e celebrados da

²⁷⁴ SCOTT, Ian. *American Politics in Hollywood Film*. Scotland: Edinburgh University Press, 2011.

História Política dos Estados Unidos durante a aprovação da abolição da escravidão no país, no contexto da Guerra Civil Americana. O filme, que conta com a atuação do ator Daniel Day-Lewis na figura de Abraham Lincoln, não ficou nem entre os 10 mais assistidos naquele ano, perdendo o posto para outras produções de caráter comercial, como as continuações de *Madagascar*, a série *Crepúsculo* e os filmes de super-heróis e agentes secretos²⁷⁵.

A baixa audiência dos filmes políticos está relacionada à uma crise de representatividade na cena política nos Estados Unidos durante a década de 1990. Tal questionamento acerca dos políticos pode ser constatado com as diversas mudanças nas eleições durante esta década, no qual é visto uma ascensão dos democratas na eleição de Clinton, seguido da recuperação do Partido Republicano no Congresso dois anos depois. Para Scott, estas questões são fundamentais para compreendermos a não aceitação do público de filmes políticos nas telas do cinema, optando por outros gêneros

A resposta [para rejeição dos filmes políticos nos anos 1990] pode estar na psique política do público norte-americano na época. O mantra familiar, "gostar de política, odiar os políticos", muitas vezes veio à mente. Americanos respeitam as suas instituições, mas não respeitam as pessoas que colocam nelas; com uma taxa de reeleição de mais de 90 por cento na década de 1990, os americanos votaram novamente nos políticos que foram muito criticados, gerando uma contradição.²⁷⁶

Por outro lado, os filmes sobre política possuem um papel importante na história da indústria cinematográfica dos Estados Unidos. Desde os anos 1930, quando Hollywood se aliou à Washington através do financiamento da produção de obras de propaganda contra o nazismo e o comunismo, os produtores e diretores passaram a desenvolver uma série de narrativas que apresentavam um discurso político voltado para alguma questão. Com o aprimoramento do *Código Hays*, que ajudou a construir uma das fases mais produtivas da indústria cinematográfica norte-americana (os anos de ouro de Hollywood) entre as décadas de 1950 e 1960, os filmes tinham como objetivo a valorização das instituições do país e, principalmente, da defesa do capitalismo, diluída no *american way of life*. Para o autor, esta é a ideia central do estudo dos filmes sobre política nos Estados Unidos

Em primeiro lugar, os filmes sobre política estão tentando transmitir ideias: em suma, os valores, crenças e identidade que

²⁷⁵ Dados disponíveis em: <http://www.boxofficemojo.com/yearly/chart/?yr=2012&p=.htm> Acesso em 21/09/2014.

²⁷⁶ Idem. p. 239.

são atrelados na ideologia da crença americana. Hollywood sempre cumpriu, com seriedade, o seu papel neste ponto. Tem sido muitas vezes visto como o campeão da democracia, e tornou-se um participante ativo nos debates que envolviam a vida política americana.²⁷⁷

Segundo Scott, os filmes sobre política possuem uma linguagem em comum que consiste na vitória do bem sobre o mal, um reforço do pensamento maniqueísta que conquista o espectador, a democracia vence, e o explorado ou os menores atores conseguem destruir as grandes organizações. Neste sentido, Hollywood funciona como uma "instituição social", que mostra aspectos comportamentais e modelos da sociedade americana²⁷⁸.

Tal discussão nos remete às duas questões formuladas anteriormente. As duas podem ser respondidas a partir da compreensão sobre a lógica do mercado da indústria cinematográfica dos Estados Unidos. Quem define o que é visto no cinema norte-americano? Segundo Daniel P. Franklin, professor do Departamento de Ciência Política da Universidade Estadual da Georgia no livro *Politics and Film: the political culture of film in the United States*²⁷⁹, a definição dos gêneros e fluência das narrativas devem ser compreendidas a partir da dinâmica do mercado: os produtores precisam lucrar com os filmes, que devem atender o maior público possível. As produtoras norte-americanas, que tem grandes investidores internacionais em comitês administrativos, atualmente são geridas por capital privado, propiciando o desenvolvimento de temáticas voltadas para a maioria da população norte-americana ("o que o povo quer ver").

A segunda pergunta, se o cinema define os comportamentos da sociedade ou se é um espelho da mesma, deve ser respondida a partir do desenvolvimento da primeira e das discussões realizadas sobre *filmes políticos* e *filmes sobre política*. Partindo do pressuposto da lógica do mercado na indústria cinematográfica desenvolvida por Franklin, as narrativas construídas são voltadas para a realidade da sociedade norte-americana, ou seja, segundo o autor, se os filmes possuem um maior índice de nudez, sexo entre adolescente, uso de drogas e violência, eles estão acompanhando uma questão social crescente nos Estados Unidos.

²⁷⁷ Idem. p. 19.

²⁷⁸ Idem. p. 22.

²⁷⁹ FRANKLIN, D. P. *Politics and Film: the political culture of film in the United States*. United States: Rowman & Littlefield, 2006.

Para desenvolver a questão sobre a definição de comportamento pelo cinema, Franklin utiliza o debate sobre a violência nos filmes e na televisão²⁸⁰. Segundo o autor, uma parcela da sociedade americana argumenta que a mídia propicia o aumento do índice de violência nas diversas regiões, atacando os filmes, programas de televisão e jogos. Segundo o autor, este pensamento é comumente assimilado pela direita americana, principalmente os conservadores²⁸¹.

Franklin mostra que o pensamento sobre a mídia ser responsável pelo aumento da violência no país possui dez erros de relação causa/efeito²⁸²:

1. Pesquisadores atacam o problema baseado em questões generalizantes, assumindo que há uma relação entre mídia e comportamento e, a partir de formulações injustificadas, mostram que filmes e outros elementos influenciam a sociedade de forma negativa.
2. Tratar as crianças como "páginas em branco", através da afirmação de que o jovem não possui discernimento entre certo e errado, fazendo com que a mídia seja a responsável por suas atitudes violentas.
3. Realização de pesquisas a partir de posições ideológicas pré-assumidas.
4. Falha na definição do objeto de estudo. No caso da violência, o autor afirma que não há uma delimitação da questão: os filmes de guerra são tão violentos quanto aqueles que falam de crimes, ofensas psicológicas e violência familiar.
5. Estudos de laboratório são assumidos como verdades universais, exagerando análises e desconsiderando as questões específicas de cada amostragem.
6. A metodologia de estudos sobre efeitos da mídia é falha, pois não se pode presumir que dois eventos que ocorrem de forma concomitante tenham necessariamente uma correlação.
7. A definição de *comportamentos indesejáveis* serve para uma determinada perspectiva ideológica. Os ataques contra a sexualidade e estilos de vida distintos são realizados a partir da visão de um grupo, que critica o restante da sociedade a partir do argumento da influência da mídia no comportamento do indivíduo.
8. O pesquisador seleciona os pontos para estudo a partir de censores públicos, ou seja, em determinados pontos das pesquisas, o grupo de estudo selecionado pelo

²⁸⁰ Idem. pp. 75 - 89.

²⁸¹ Idem. p. 87.

²⁸² Idem. p. 84 - 85

pesquisador tem uma visão pré-concebida única, tornando a pesquisa tendenciosa e reforçando a visão censora dos conservadores, por exemplo.

9. Não há base teórica para os estudos sobre efeitos da mídia, desconsiderando questões fundamentais para a realização de uma análise mais precisa da relação entre mídia e comportamento.
10. O pesquisador não tem como objetivo compreender os significados da mídia, retirando questões específicas do contexto e do seu lugar de fala, alterando o sentido do estudo.

Partindo desta discussão, Franklin afirma que a indústria cinematográfica norte-americana é *liberal*. Mesmo que os produtores sejam conservadores, como nos casos de Rupert Murdoch, CEO da Fox, Michael Eisner, da ABC e Sumner Redstone, da Viacom, dona da Paramount, os filmes precisam atender a demanda do público, que, em geral, é liberal, mas possui limites, principalmente relacionados ao comportamento do indivíduo²⁸³.

Hollywood produz uma série de filmes sobre violência, sexo e drogas que são atacados pelos conservadores, mas possuem um grande apelo da audiência. Porém, algumas discussões são sensíveis para ambos os grupos, como a questão da sexualidade, pois, segundo o autor, é mais aceitável para o grande público aceitar dois homens se matarem no filme do que os mesmos se beijarem ou fazerem relações sexuais, conforme vemos no caso de *Brokeback Mountain*, que no ano de lançamento não ficou nem entre as 20 primeiros índices de audiência no país e só foi exibido em 5 cinemas no fim de semana da estreia em todo os Estados Unidos²⁸⁴.

A partir da apresentação dos argumentos acima, podemos refletir sobre *quem assiste* ou *quem vai* ao cinema nos Estados Unidos. Em pesquisa feita no Estado da Geórgia, Daniel Franklin afirmou que, naquele local, a maioria dos espectadores que frequentavam o cinema mais de 2 vezes por mês eram considerados democratas, apontados como mais liberais, enquanto que os republicanos iam menos de uma vez ao mês, alegando que possuíam outros afazeres nos finais de semana (período com maior público), como ir ao culto ou igreja, conforme relatado pelo autor²⁸⁵. Porém, os Estados Unidos é um país que possui mais 50 estados (contando com o Distrito de Colúmbia) e

²⁸³ Idem. pp. 55 - 60.

²⁸⁴ Disponível em: <http://www.boxofficemojo.com/yearly/chart/?yr=2005&p=.htm> Acesso em 21/09/2014.

²⁸⁵ Idem. pp. 65 - 68.

tal tiragem não representa a totalidade da audiência no país. Desta forma, uma forma alternativa de avaliarmos o público que vai ao cinema é a partir da bilheteria dos filmes que tratam de temáticas relacionadas aos diversos grupos políticos do país. Considerando o exemplo de *Brokeback Mountain* e as grandes bilheterias durante os últimos anos, podemos dizer que os temas discutidos e defendidos pelos liberais são os assuntos de preferência do público norte-americano? Esta pergunta é a que permeará o tópico seguinte, quando analisaremos os filmes a partir das bandeiras específicas dos neoconservadores e dos conservadores clássicos, discutindo as questões sobre defesa da democracia norte-americana, segurança, relações internacionais, a proximidade com o outro nas grandes bilheterias e aspectos sociais, como o aborto e a homossexualidade, em filmes específicos.

3.3 - Blockbusters e o pensamento conservador norte-americano

Os filmes norte-americanos são considerados liberais, segundo as discussões desenvolvidas no ponto anterior. Porém, nosso objetivo é mostrar que os discursos dos filmes combinam os debates tanto dos liberais quanto dos conservadores, na medida em que ambos defendem uma redução da presença do Estado na economia e produzindo debates em relação às áreas de investimento no âmbito social. Além disso, a defesa dos ideais americanos de liberdade e democracia, bem como a preocupação com segurança e a visão dos Estados Unidos como a grande liderança do globo terrestre também são pontos próximos entre estas duas linhas de pensamento na sociedade norte-americana. Para tal, analisaremos os filmes a partir de categorias (*tags*) fixadas através das principais pautas debatidas pelos grupos e partidos políticos e faremos um cruzamento das obras cinematográficas, enumeradas no início deste capítulo. As categorias serão apresentadas na seguinte ordem:

- *Defesa dos ideais americanos.*
- *Segurança interna e controle de armas.*
- *Política externa e segurança internacional.*
- *Meio ambiente e exploração de recursos naturais.*

No âmbito voltado para as discussões de comportamento, apresentaremos as categorias *aborto e homossexualidade*, em que serão analisados filmes que tratam destas temáticas,

procurando mostrar que as questões de maior disparidade entre os grupos e partidos políticos são colocados em segundo plano pela sociedade norte-americana no cinema.

Após desenvolvermos as análises, iremos ao debate de jornais e revistas de grande circulação que cobriam o lançamento dos filmes, buscando a recepção especializada para debatermos os pontos relacionados ao pensamento conservador.

Defesa dos ideais americanos - liberdade e democracia

Um dos pontos mais discutidos pelos grupos conservadores dos Estados Unidos é a noção de liberdade e democracia. Segundo Daniel Franklin, estes pontos são centrais nas bandeiras dos partidos americanos, que se embasam na formulação da constituição americana para afirmar que a liberdade do indivíduo deve ser a maior prioridade do país, desenvolvendo o discurso baseado nas concepções clássicas do liberalismo para criticar as tentativas de intervenção do Estado na economia e na sociedade, defendendo a ótica do *less state* (menos Estado)²⁸⁶.

Desenvolvendo o argumento, Franklin afirma que as bandeiras dos partidos são parecidas em relação à crença nos ideais liberais, mas que a forma que eles devem ser empregados são o centro da discussão nos Estados Unidos. Para o autor

Pode ser surpresa para alguns que a ideologia política americana é geralmente considerada como sendo relativamente homogênea. Nos Estados Unidos, não temos movimentos fascistas ou socialistas em larga escala. Não há política de apoio a um retorno à monarquia ou controle ditatorial. Nos Estados Unidos, a maioria de nós compartilha duas crenças centrais: a crença na democracia política e na economia de livre mercado.²⁸⁷

Nesta categoria, portanto, não há tantas diferenças entre conservadores e liberais nos Estados Unidos em bases ideológicas. A questão central é como a democracia e a liberdade devem funcionar para o bem do indivíduo. Segundo a enciclopédia do conservadorismo norte-americano, a democracia, sob o ponto de vista do pensamento conservador, deve ser constituída nos moldes pensados por *Alexis de Tocqueville* na obra *A Democracia na América*, em que a sociedade é caracterizada pela igualdade política, econômica e social, com os mesmos direitos e uma relativa ausência de privilégios de classe. Para George Carey, o pensamento de Tocqueville está sendo

²⁸⁶ FRANKLIN, Daniel. *Op. Cit.* P. 20 -21.

²⁸⁷ Idem. p. 104.

subvertido e a democracia vem sendo relacionada à vontade da maioria, o que representa uma preocupação para os conservadores. Além disso, a democracia para os conservadores não deve ser feita através de plebiscitos, nem deveria ter voto universal e defendem que o governo correto é aquele composto por pessoal qualificado, que tomará decisões que não são necessariamente boas para o bem da maioria, e sim para o fortalecimento das instituições²⁸⁸.

O pensamento sobre o conceito de liberdade também deve ser destacado para compreendermos a análise desta categoria. Segundo Bruce Frohnen, os conservadores apoiam a liberdade que é socialmente, politicamente e moralmente apropriada, ordenada e compreendida. A liberdade é um direito natural do indivíduo e não deve ser limitada por nenhum agente externo (pessoas, instituições). Para o autor, esta liberdade racional e ordenada é a essência para a defesa de um governo limitado e um autorregulamento de políticas locais²⁸⁹.

Os conceitos de liberdade e democracia nos dão um panorama sobre a compreensão do pensamento conservador sobre os ideais americanos: o fortalecimento das instituições, que devem garantir a liberdade individual, sem interferir nas oportunidades de desenvolvimento das pessoas. Neste sentido, podemos perceber a ascensão da imagem do *self-made man*, muito utilizada ao longo do século XX e XXI nos filmes, em que o indivíduo vence a adversidade através do aproveitamento das oportunidades nas quais o mesmo lutou para conseguir. Estas características podem ser vistas na maioria das grandes produções norte-americanas, que valoriza os ideais norte-americanos, promovendo a noção de democracia e liberdade pelo mundo.

Em todos os *blockbusters* listados, podemos ver estas características, exaltadas em pontos específicos da história. A superação das adversidades, na maioria dos casos, está acompanhada da exaltação das instituições e da garantia da liberdade do povo norte-americano.

O primeiro filme da lista, *Avatar*, nos mostra a história do soldado paraplégico Jake Sully (Sam Worthington), que é chamado para substituir seu irmão gêmeo em um trabalho de levantamento antropológico e ambiental durante uma missão de exploração de recursos no planeta Pandora no ano de 2154. Ao chegar ao local, Sully é integrado à equipe da doutora Grace Augustine (Sigourney Weaver) para assumir o controle do

²⁸⁸ CAREY, George W. *Democracy*. In: FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006.

²⁸⁹ FROHNER, Bruce. *Liberty*. In: FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006.

Avatar, uma criatura construída em laboratório com as mesmas condições biológicas dos seres de Pandora, produzido para ser utilizado pelo seu irmão.

A relação entre a cadeira de rodas, Jake Sully e o seu avatar é um elemento importante a ser destacado. Sua condição de paraplégico o limita a ser uma pessoa na qual ele não escolheu: o acidente causado em missão anterior à história do filme limitou suas funções, que o impediu de continuar servindo sua pátria. Porém, ao ser inserido no avatar, Jake retorna ao seu estado "normal", podendo ser livre novamente. O avatar, neste sentido, funciona como o lema divulgado pelos Estados Unidos ao longo da publicidade em torno do *American Way of Life*: o lema "*be all you can be*" (seja tudo que puder ser), que também funcionou com o slogan das Forças Armadas norte-americanas durante os anos 1980 e 1990. Isso está expressado na primeira cena em que Jake é ativado em seu avatar, e saiu correndo pelos campos de cultivo, respirando o ar, aproveitando a condição de ser livre. Tal elemento será repetido ao longo do filme, quando Jake começa a passar mais tempo em seu avatar do que na limitada cadeira de rodas. O espectador nota que, ao voltar à realidade, o semblante esperançoso e vivo do personagem é apagado, deixando a expectativa, tanto no público quanto em Jake, de quando acontecerá o processo de libertação novamente.

A primeira cena do filme mostra o cenário de Pandora, com Jake contando sobre um sonho louco que ele tinha: a loucura consistia em sua liberdade. O personagem deixa claro ao espectador que ser livre não é uma condição normal ao acordar (a dura realidade de acordar de um sonho, ele diz). A ida à Pandora significa sua libertação, não só da cadeira de rodas, mas da vida que havia deixado na Terra, mostrada a partir da morte de seu irmão e da dificuldade em ser um soldado reformado com poucos recursos financeiros.

O choque de instituições também é apresentado no filme e é uma das discussões relacionadas ao debate da democracia nos Estados Unidos. A instituição, representada pela companhia que está extraindo o minério em Pandora, possui as Forças Armadas e o modelo econômico imposto (no caso, a busca por minérios) aos habitantes do local, buscando a relação através de medidas sociais adotadas pela equipe de cientistas, também contratada pela corporação. Jake tem um papel central neste processo: é o mediador entre "governo" e sociedade de Pandora, até a sua conversão ser completada. O discurso do coordenador geral da expedição ao planeta, o empresário Parker Selfridge (Giovanni Ribisi), que tenta mostrar uma administração que investe em "medicina, educação e estradas" em troca da coexistência pacífica do povo para acelerar a

exploração o local, nos mostra a crítica a uma administração que investe na sociedade, limitando a liberdade da mesma, argumento parecido com que a direita americana fez ao se opor à iniciativa de Barack Obama em realizar reformas no setor da saúde.

A defesa dos ideais americanos também pode ser visto em *The Avengers*, principalmente quando vemos que uma das lideranças do grupo de super-heróis da Marvel é o Capitão América (Chris Evans), personagem criado nos anos 1940 que representa um símbolo dos Estados Unidos contra os inimigos externos²⁹⁰. O filme conta a história da tentativa de invasão da Terra por seres alienígenas que vieram ao planeta para exterminar a raça humana. Para combater tal ameaça, é acionado o grupo dos *vingadores*, formados por heróis icônicos, além do Capitão América, como o Homem de Ferro (Robert Downey Jr.), Hulk (Mark Ruffalo) e Thor (Chris Hemsworth), que se unem para lutar contra os alienígenas invasores na cidade de Nova Iorque. O objetivo dos heróis é se unir em situação adversa para proteger a liberdade do povo americano, uma vez que a invasão é feita a partir dos Estados Unidos.

Outro super-herói que mostra os ideais americanos está na série *Spider-man*, na qual podemos destacar dois pontos. O primeiro é semelhante ao que é demonstrado na relação entre Jake Sully e seu avatar: Peter Parker, um estudante esforçado mas pouco sociável na escola adquire poderes ao ser picado por uma aranha criada em laboratório. Tais habilidades fazem com que o personagem possa *ser tudo o que ele pode ser* (be all you can be), tornando-o livre dos "valentões" da escola e, possibilitando-o a se tornar mais sociável. Neste sentido, a repetição da imagem de um personagem fragilizado, seja fisicamente, como em *Avatar*, ou socialmente, no caso de *Homem-Aranha*, seguido de uma superação mostra o debate sobre o aproveitamento das oportunidades pelo indivíduo, muito defendido pelo pensamento conservador (para ascender na vida, a pessoa deve se esforçar e aproveitar a *terra das oportunidades*). A diferença entre os personagens pode ser destacada a partir da condição de cada um: enquanto Jake consegue se livrar da cadeira de rodas de forma momentânea durante boa parte da história, Parker se torna livre dos problemas que enfrentava durante a juventude, mas

²⁹⁰ Criado pela Marvel, o personagem Steve Rodgers, o Capitão América, estreou nos quadrinhos em 1941, com o nome *Captain America #1*, e tinha uma capa com o supersoldado dando um soco no rosto de Adolph Hitler. Ao longo da Segunda Guerra Mundial, Rodgers foi utilizado em larga parte como propaganda contra a guerra: primeiro contra os nazistas. O personagem também seria utilizado, de forma direta, na Guerra Contra o Terrorismo no século XXI, quando uma série de quadrinhos mostrava Rodgers lutando contra os terroristas no Oriente Médio. Para mais informações, ver: [http://marvel.com/universe/Captain_America_\(Steve_Rogers\)](http://marvel.com/universe/Captain_America_(Steve_Rogers)) Acesso em 28/09/2014.

fica preso ao seu compromisso moral com a sociedade, quando vê o seu tio morrer em um assalto.

O segundo ponto a ser tratado é a constante luta entre o bem e o mal, em que o Homem-Aranha deve combater os vilões que amedrontam a população americana a partir de explosões, ataques aos transportes públicos e assaltos a bancos, conforme pode ser visto tanto no primeiro quanto no terceiro filme. Na obra de 2002, Peter Parker (Tobey Maguire) precisa lutar contra Norman Osborn (Willem Dafoe), que decide se vingar contra os coordenadores de seu projeto científico, descontando sua raiva através de ataques à população, instaurando o medo. No filme de 2007, Parker lutará contra Harry Osborn (James Franco), que jurou matar o Homem-Aranha por vingança, e Flint Marko (Thomas Haden Church), o homem que assassinou seu tio, e que adquiriu o poder de virar uma criatura gigante de areia, atacando a cidade de Nova Iorque.

No caso da última série de filmes do Batman, em especial *The Dark Night* e *The Dark Night Rises*, o debate sobre liberdade do indivíduo e o importante papel das instituições é feito a partir de duas óticas semelhantes no ponto de vista ideológico, mas que abordam questões sociais distintas. No primeiro, a luta contra o Coringa (Heath Ledger) força a sociedade a participar com o poder de decisão de vida ou morte, na cena em que dois navios são colocados no rio em que um era composto por presos e policiais e no outro estavam pessoas comuns que estavam fazendo travessia. Coringa avisa aos dois navios que ambos possuem bombas e os detonadores de cada um estão trocados nas embarcações. Desta forma, o barco das pessoas livres possuía o dispositivo para detonar os presos e vice-versa. A imagem do Coringa é um fator importante para compreendermos a luta que Batman (Christian Bale) representa: o vilão clama por anarquia, é defensor de uma sociedade sem regras ou organismos que a regulamente. Neste sentido, Batman, em parceria com o policial Jim Gordon (Gary Oldman) e o promotor de justiça Harvey Dent (Aaron Eckhart), são os guerreiros das instituições, lutando contra a desordem e pela manutenção do modo de vida de Gotham City (a cidade de Nova Iorque).

O último filme da trilogia dirigida por Christopher Nolan, *The Dark Knight Rises*, mostra Bane (Tom Hardy), que ameaça o povo da cidade de Gotham com uma bomba nuclear. O discurso do vilão é desenvolvido a partir de "devolver a cidade ao povo", propiciando uma sociedade voltada para o coletivo, sem diferenças de classe e econômicas, através da criação de tribunais populares, controlados por presos libertados durante à invasão de Gotham. O filósofo esloveno Slavoj Zizek, ao escrever sobre o

filme²⁹¹, mostra este debate: o Batman representa o combate a uma tentativa de Bane em mobilizar as massas para um determinado objetivo político que, para Žizek, representa uma visão radicalizada do movimento *Occupy Wall Street*, que tomou as ruas de Nova Iorque iniciado em 2011 que luta contra o poder "corrosivo dos bancos e das corporações multinacionais" e a camada de pessoas ricas que ditam as regras econômicas impostas à sociedade²⁹².

Em ambos os filmes, portanto, Batman representa a figura que luta a favor das instituições norte-americanas, baseando no princípio do sacrifício na última parte da trilogia. O herói, ciente das adversidades, conclui que ele deve se sacrificar em prol da sociedade e dos ideais, levando a bomba nuclear para longe com seu helicóptero. Este mesmo elemento, bastante comum em filmes norte-americanos, também pode ser visto nas cenas finais de *The Avengers*, quando o Homem de Ferro arrisca sua vida para salvar a cidade de Nova Iorque de uma bomba nuclear lançada pelas forças armadas dos Estados Unidos com objetivo de tentar impedir a invasão alienígena.

Assim como os heróis, as pessoas normais, sem poderes ou avatares que os permitem extrapolar suas capacidades físicas, também são atores importantes da salvação e propagação dos ideais americanos. São os casos de *Independence Day* e *Saving Private Ryan*, que mostram a superação de pessoas comuns que lutaram contra inimigos mais poderosos e, de alguma forma, venceram suas batalhas.

O primeiro filme nos conta a história de uma invasão alienígena ao planeta Terra que ocorre em escala mundial, diferente do ocorrido em *The Avengers*, e o mundo, com liderança dos Estados Unidos, deverá lutar pela sobrevivência da raça humana. O título é elucidativo, pois é o dia da independência mundial, que no filme é a data de 04 de Julho, a mesma comemorada pelos Estados Unidos. Outro ponto a ser destacado é a cena em que o presidente Thomas Whitmore (Bill Pullman) faz o discurso para motivar todo o mundo antes de atacar as naves alienígenas que preparavam o ataque final ao planeta. Whitmore desenvolve sua fala a partir da luta pela liberdade da raça humana e a batalha contra a aniquilação do mundo, afirmando que os inimigos, naquele dia, não eram tiranos e opressores, nos dando a compreensão da exaltação de um modelo político democrático.

²⁹¹ ŽIZEK, Slavoj. *Ditadura do proletariado em Gotham City: Artigo de Slavoj Žizek sobre "Batman – O Cavaleiro das Trevas Ressurge"*, 2012. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2012/08/08/ditadura-do-proletariado-em-gotham-city-artigo-de-slavoj-zizek-sobre-batman-o-cavaleiro-das-trevas-ressurge/> Acesso em 28/09/2014.

²⁹² Informações disponíveis em: <http://occupywallst.org/about/> acesso em 28/09/2014.

O segundo longa-metragem se dá na Segunda Guerra Mundial, quando um esquadrão recebe a missão de resgatar o soldado James Ryan (Matt Damon), o último dos quatro filhos da família Ryan que estava vivo. Um dos pontos centrais do filme é a questão do sacrifício, que ocorre em dois momentos. O primeiro é a missão (quase suicida) de resgate ao soldado que o grupo liderado pelo capitão John Miller (Tom Hanks) recebe, pois ele estava localizado em áreas avançadas pelos alemães e encontrá-lo seria um grande risco. O grupo perde dois membros nos confrontos com as tropas inimigas, melhor equipadas e em maior número, para conseguir localizar Ryan. O outro sacrifício é quando Miller encontra o soldado e o informa da missão: mesmo sabendo que seus irmãos foram mortos e ele deveria ser resgatado, Ryan toma a decisão de ficar com os seus companheiros e combater o avanço dos alemães, equipados com tanques e armamentos mais pesados, até a chegada de reforço das tropas aliadas. Em ambos os casos, o sentimento de dever com a pátria é maior do que a própria vida e lutar contra os alemães, símbolo de um regime antidemocrático, era mais importante que vontades individuais.

O "ritual" de sacrifício também pode ser visto em Independence Day, quando o fazendeiro Russell Case (Randy Quaid), ex-combatente na Guerra do Vietnã, se sacrifica ao direcionar seu avião contra a nave dos alienígenas que preparava o ataque à base militar americana que estavam localizados os sobreviventes da região. Ele decide morrer para salvar o mundo e libertar a raça humana no dia da independência e garantir a manutenção das instituições tão prezadas nos Estados Unidos, assim como fizeram o Batman, o Homem de Ferro e o soldado Ryan.

Segurança interna, vigilância e controle de armas: o debate sobre a Segunda Emenda.

Nesta categoria, temos questões que foram debatidas ao longo da década de 1990, em que os Estados Unidos eram a superpotência mundial pós-Guerra Fria, e foram intensificadas a partir do 11 de Setembro, pois quando o país sofreu o maior ataque terrorista de sua história, a segurança passou a ser o centro das discussões. George W. Bush intensificou a vigilância, adotando novos modelos de inteligência e contrainteligência, alterações no funcionamento de determinados órgãos do governo e a criação do Departamento de Segurança Interna (*Department of Homeland Security*), que unificou informações de todos os setores do país, desde a agricultura até a imigração.

Além das questões relacionadas aos órgãos do estado, os debates sobre segurança perpassam o tema do controle de armas dentro do país, que passou a ser discutido após uma série de atentados realizados por estudantes a escolas nos Estados Unidos, que abriram fogo contra colegas e professores. Para tal, o governo Obama formulou um conjunto de regras para limitar a compra de armas e munições nos Estados Unidos, buscando evitar novos ataques, que consiste desde o estabelecimento da quantidade de cartuchos e balas que podem ser compradas até o aumento do orçamento do governo para investir na modernização da polícia²⁹³.

Os conservadores norte-americanos criticam a postura de Obama em relação ao controle de armas. Baseados principalmente na Segunda Emenda da Constituição, aprovada em 15 de Dezembro de 1791, que afirma que todo cidadão tem direito de manter e portar armas para sua defesa, estes grupos criticam a atual administração do país, pois consideram a medida proposta como inconstitucional e um ataque à liberdade do indivíduo, respaldado pelo documento mais importante da história dos Estados Unidos. Além do argumento relacionado ao conjunto de leis que representa a fundação do país, os conservadores defendem que o indivíduo tem direito de defesa e que a limitação de compra de armas não significa a redução da criminalidade²⁹⁴.

Partindo das discussões acima, relacionadas à questão do direito do cidadão se defender utilizando armas, a maioria dos filmes que podemos discutir nesta categoria são realizados após o 11 de Setembro e o discurso da Guerra contra o terrorismo, formulado do George W. Bush. Neste sentido, analisaremos os seguintes longas-metragens: Avatar, The Avengers, os dois trabalhos da série Spider-man, The Dark Knight e The Dark Knight Rises e Independence Day.

Em Avatar, há um debate importante com relação à defesa da vida e dos seus direitos, quando a tribo dos Omatiyaya, que habitam o planeta Pandora, resolvem se defender contra a companhia de exploração dos recursos minerais, legitimando o ataque aos mercenários contratados para oprimir os habitantes e garantir a destruição da floresta. Desta forma, os Omatiyaya, reivindicando o direito de defender sua *propriedade* (no caso, as árvores sagradas e as que abrigavam as pessoas), pegam em armas para lutar contra o invasor e vencem. A vitória, neste caso, legítima e reforça a Segunda Emenda.

²⁹³ Para mais informações, ver: <http://www.ncsl.org/research/civil-and-criminal-justice/summary-president-obama-gun-proposals.aspx> Acesso em 29/09/2014.

²⁹⁴ O debate está disponível em: <http://www.studentnewsdaily.com/conservative-vs-liberal-beliefs/> Acesso em 29/09/2014.

No final do filme *The Avengers*, vemos um debate sobre a capacidade destrutiva dos heróis ser uma propriedade privada. Após a vitória do grupo contra os alienígenas, uma série de programas de televisão passam a discutir sobre como os heróis podem representar uma ameaça à sociedade, uma vez que eles possuem alto poder destrutivo. A resposta que conclui este debate é dada pela enfermeira salva pelo Capitão América: ele não pode ser considerado uma ameaça por ter poderes que tem um alto potencial destrutivo, pois suas habilidades foram utilizadas para salvar vidas e defender a cidade das consequências da invasão extraterrestre. A mesma questão ocorre nas histórias de Hulk, Homem de ferro e Thor. O monstro verde, em filmes anteriores, tenta ser controlado pelo exército e afastado da sociedade para evitar que a "arma" possa ser controlada por agentes externos às forças de segurança do estado; Tony Stark, o homem de ferro, a partir de seus conhecimentos tecnológicos, declara que privatizou a paz mundial quando desenvolveu os protótipos da armadura que usa; e Thor teve sua arma capturada por agentes de segurança para evitar que saísse do controle dos órgãos do estado. Todos, em algum momento, foram considerados ameaças e depois absolvidos por terem salvo os cidadãos americanos.

No caso do Homem-aranha, o personagem tem como objetivo combater o crime, mas é perseguido tanto pelos seus inimigos quanto pela polícia, que condena a ação de prender os bandidos, fazendo justiça sem os métodos tradicionais que envolvem os órgãos de segurança do estado. Por outro lado, a população apoia e absolve o homem-aranha, assim como os demais heróis, pois ele combate a criminalidade e torna a cidade de Nova Iorque mais segura.

O caso dos dois filmes da série *The Dark Knight* é mais complexo do que a figura do homem-aranha. Batman era apoiado pelos policiais por ter mudado, junto com o Comissário Gordon, a política de segurança pública da cidade de Gotham. Foram realizadas prisões de mafiosos e as ruas, que antes eram dominadas por bandidos, passaram a ser habitadas por cidadãos que tiveram o seu direito de ir e vir restituído. Ao se deparar com a anarquia proposta pelo Coringa, Batman de herói passa a ser vilão, pois assume a culpa de ter assassinado o promotor Harvey Dent. No último filme, a história mentirosa é revelada por Bane, gerando uma ruptura no serviço de segurança da cidade: os bandidos são soltos e instauram tribunais públicos. Desta forma, os cidadãos, apoiados por Batman, vão defender sua cidade contra um "regime de massas". Neste caso, além da figura do herói (Batman era adorado pela população, foi odiado e retornou posteriormente para liderar o levante das pessoas contra a desordem), temos a

população participando do processo a partir de conflitos armados mostrados em *The Dark Knight Rises*. Portanto, vemos a aplicação da Segunda Emenda contra a ameaça do que Zizek chamou de "Ditadura do proletariado" em Gotham²⁹⁵.

Além da questão das armas, o filme *The Dark Knight* aborda a questão da vigilância como elemento central no combate aos criminosos. Diferente das abordagens das outras histórias de super-heróis, em que os personagens estão sempre atentos no combate ao crime a partir de seus poderes sensoriais, no caso do Homem-Aranha, Batman não possui características especiais, mas é dotado de alta tecnologia. Desta forma, ele desenvolve uma vigilância que compromete a individualidade das pessoas: constrói um sonar com base nos sinais de celulares, que permite fazer uma localização do Coringa e escutar a conversa de todos os habitantes da cidade de Gotham. Este caráter ostensivo da vigilância é legitimado por ser o meio de capturar o vilão, que havia realizado uma série de ataques ao escapar da prisão. Esta questão é remetida às medidas de segurança que o governo Bush implementou nos Estados Unidos após o 11 de setembro, restringindo o direito de ir e vir de alguns cidadãos e a privacidade da maioria da sociedade, que passou a ter seus aparelhos eletrônicos vigiados.

Outro ponto importante a ser destacado na série de filmes do Batman é a característica do *Ato Dent*, promulgado após Coringa ser derrotado e Batman desaparecer da campanha de combate ao crime ao ser acusado de matar o promotor Harvey Dent. A lei tinha uma proposta de reformulação do sistema prisional da cidade de Gotham, realizando prisões em massa, sem mandato e sem julgamento dos presos, em prol da segurança da população. A lei, contestada e revogada quando Bane assumiu o controle de Gotham, representa as medidas tomadas nas prisões de suspeitos e cúmplices dos atentados do 11 de Setembro, em que a maioria não foi atendida pelas leis internacionais, sendo torturados e presos sem julgamento e tempo determinado.

Para finalizar a categoria segurança, analisemos o caso de Independence Day. O presidente chama o povo para lutar contra os alienígenas, convocando civis que tinham conhecimentos de aviação para travar batalhas aéreas contra as naves estacionadas no céu dos Estados Unidos. Voltamos ao exemplo de Russell Case, reforçado pela figura do próprio presidente norte-americano, ex-militares que foram pilotos durante as guerras do Vietnã e do Golfo e reclamaram seu direito de pegar em armas anos depois de terem sido liberados do serviço militar para lutar pela vida da população.

²⁹⁵ ZIZEK, Slavoj. *Op. Cit.*

Política externa e segurança internacional: o outro e o debate sobre as armas de destruição em massa

A política externa para os neoconservadores, conforme apresentado no capítulo anterior, é um dos principais pontos discutidos por este grupo, principalmente após o final da Guerra Fria, culminando com os atentados do 11 de Setembro. Durante os anos 1990, o país teve um papel central nas guerras nos Bálcãs, quando enviaram forças de paz aliadas à ONU e a OTAN para a Bósnia em 1995 e o Kosovo em 1999. Além destes dois conflitos, as tropas americanas ainda realizariam uma fracassada intervenção na Guerra civil da Somália entre 1992 e 1995, quando foram derrotados pelos grupos milicianos.

Para os neoconservadores, os Estados Unidos no pós-Guerra Fria possuem um papel central no cenário internacional para este grupo, pois representa a força global de disseminação da liberdade, democracia e paz pelo mundo, sendo necessário reforçar sua função, principalmente após os ataques em 2001²⁹⁶. Assim, as guerras do Iraque e do Afeganistão são consequências desta tentativa de promover a guerra contra o terrorismo, sob o discurso de luta pela liberdade dos povos oprimidos pelos terroristas, acompanhados de campanhas contra governos "antidemocráticos". Neste sentido, os neoconservadores defendem o aumento dos gastos no setor de defesa, estimulando o desenvolvimento de novas tecnologias de guerra.

Por outro lado, os paleoconservadores possuem distinções do pensamento neoconservador sobre a política externa do país, uma vez que estão divididos entre o "compromisso tradicional da liberdade" e o investimento numa campanha ostensiva em prol do sentimento nacionalista norte-americano²⁹⁷.

Os neoconservadores criticam o atual governo de ser contraditório em seu discurso com relação a guerra contra o terrorismo, ponto central da política externa norte-americana no século XXI. Barack Obama, quando se candidatou a presidência do país, havia se comprometido em derrotar a Al-Qaeda e retirou completamente as tropas do Iraque em 2011, retornando em 2014 após pressões feitas pela oposição no

²⁹⁶ <http://www.studentnewsdaily.com/conservative-vs-liberal-beliefs/> Acesso em 30/09/2014.

²⁹⁷ ZMIRAK, John. War on terror. In: FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006.

congresso americano pela luta contra o grupo jihadista ISIS (Estado Islâmico no Iraque e na Síria).

Partindo da relação entre o papel de liderança no mundo, acompanhado do fortalecimento do aparato militar do país como forma de política externa, e a interação com outras culturas, analisaremos os filmes e como eles apresentam estas questões, com destaque para Avatar, The Avengers, a série The Dark Knight e Independence Day.

No primeiro filme listado podemos ver o debate sobre política externa a partir da questão da segurança internacional aliada à extração de recursos minerais. Podemos perceber este ponto quando analisamos a forma de atuação da corporação dirigida por Parker Selfridge, que investe pesado em tropas mercenárias para garantir a segurança da empresa e "pacificar" a relação com os Omaticaya, resistentes à presença dos terráqueos em seu planeta. Ao mesmo tempo que o processo de securitização é implementado por mercenários, há uma tentativa de investimento na tribo, com intuito de facilitar o trabalho. Estas medidas são realizadas para garantir a extração de minérios valiosos para a empresa, que seriam revendidos no planeta Terra por altas quantias. Desenvolvido como crítica por James Cameron, a corporação é um retrato dos Estados Unidos na guerra contra o terrorismo, quando o país utilizou empresas de segurança, como a blackwater, para garantir a segurança de empresas (principalmente as petroleiras) e agentes importantes localizados no Afeganistão e Iraque, e promoveu uma tentativa de pacificação através das forças armadas e incentivos sociais pontuais, com órgãos criados pelos neoconservadores, apontados no capítulo anterior.

No segundo filme, a questão da política externa pode ser vista em determinados momentos na história: o primeiro, mais direto, é a reação do líder da iniciativa vingadores, Nick Fury (Samuel L. Jackson), quando a invasão extraterrestre é vencida pelos heróis. Fury é questionado pelos governantes por ter deixado os heróis "soltos" após a ação e ainda permitir que os fatos que ocorreram na cidade de Nova Iorque tenham se espalhado pelas emissoras de televisão pelo mundo. Em resposta, Fury afirma que sua decisão foi proposital, pois os demais seres que planejaram invadir ou atacar o país sofreriam as mesmas consequências que os alienígenas que tentaram destruir Nova Iorque. Desta forma, a política de manutenção da paz através de um aparato militar fortalecido se mostra clara no pensamento de Fury, que coaduna com o pensamento em relação à política externa americana desde o final da Guerra Fria.

Na série The Dark Knight, temos a discussão sobre a segurança voltada para um combate a agentes externos que representam uma ameaça ao país. A primeira cena que

destacamos é o sequestro feito por Batman em Hong Kong de um empresário, suspeito de lavagem de dinheiro da máfia de Gotham, e o traz para ser interrogado por Gordon e Harvey Dent. A ação de Batman mostra que os Estados Unidos não respeitam a soberania dos países, pois o suspeito era chinês e não poderia ser levado à revelia para ser investigado pelos norte-americanos. O filme nos mostra que a política de combate aos "criminosos" é mais importante comparada a soberania dos países ou dos órgãos internacionais, uma das características centrais do governo Bush pós-11 de Setembro.

Independence Day tem abordagem distinta dos demais filmes listados. Único filme anterior ao 11 de Setembro nesta categoria, as características da política externa dos Estados Unidos são mostradas a partir da liderança do país frente ao ataque das naves alienígenas. Quando o presidente Whitmore, junto com os militares e o cientista David Levinson (Jeff Goldblum), descobriu a forma de atacar os alienígenas, as recomendações foram passadas para todos os países. Em um deles, o militar responsável por comandar as ações faz a seguinte afirmação: "os Estados Unidos resolveram atacar? Já era hora". Esta cena dá o sentido ao espectador de que qualquer ação de sucesso contra a invasão alienígena deveria partir dos Estados Unidos, que, nos anos 1990, tinha o status de superpotência e liderava as campanhas de paz da ONU e da OTAN na maioria dos países. Além disso, a libertação dos povos acontece no dia 04 de Julho, indicando que a data, importante para a formação dos Estados Unidos, passa a ser a libertação da população mundial.

A questão da relação com o outro também é um tema central em filmes listados nesta categoria. Em *The Avengers*, os extraterrestres são liderados pelo vilão Loki (Tom Hiddleston), irmão de Thor, que planeja vingança por ter sido derrotado quando tentou usurpar o reinado de Asgard. Para tal, ele planeja uma invasão seguida de destruição do planeta Terra, local estimado por Thor e que possuía tecnologia para a migração entre mundos, importante para uma nova tentativa de entrar em guerra contra Asgard. O diálogo entre Loki e Tony Stark mostra que não há negociação de paz com o outro: enquanto o primeiro mostra a quantidade de alienígenas preparados para invadir Nova Iorque, o segundo reforça o poderio de suas armas e companheiros, com a frase: "nós temos o Hulk". Os seres invasores, como a maioria dos inimigos que enfrentaram os Estados Unidos ao longo do século XX, não possuem rosto, são todos iguais e comandados por forças externas desconhecidas, mas que não são páreo para o grupo de heróis, que, mesmo em menor número, conseguem destruir todos os alienígenas.

No caso de *Avatar*, o diretor James Cameron retratou uma guerra ocorrida pela defesa de um território e a exploração de recursos minerais, diferente do que foi realizado no filme da Marvel. Os Omaticaya assumiram o papel de insurgentes a uma ordem imposta pela empresa de mineração, podendo ser comparados ao povo iraquiano e afegão, contrariados pela política norte-americana de apoiar governos impopulares e promover a entrada de empresas para explorar os campos de petróleo na região²⁹⁸.

Em *Independence Day*, a relação com o outro pode ser vista em duas cenas, quando o presidente Whitmore tenta negociar a paz com os alienígenas e no final do filme, em que a dupla Levinson e o Capitão Steven Hiller (Will Smith) estão dentro da nave-mãe com intuito de implantar o vírus para destruir o inimigo. A primeira mostra um alienígena irredutível em discutir a paz, matando todos os cientistas que o examinavam no laboratório, trazendo ao espectador a noção de que o inimigo é implacável e deseja a exterminação de todos os seres humanos. A segunda mostra o alienígena sendo enganado pelos terráqueos: embora eles tenham maior potencial de armamento e sejam monstros por tentarem destruir o mundo, nossas pessoas (principalmente, os americanos) são mais inteligentes e conseguem derrotar os inimigos. Partindo da análise destas cenas, vemos que o diretor Roland Emmerich retratou o outro como um monstro mau e burro, que é derrotado pelos americanos benevolentes e espertos.

A relação com o outro em *Saving Private Ryan* é destacada com o papel que o Cabo Upham (Jeremy Davies) tem no grupo responsável pela missão de resgatar o soldado Ryan nas linhas inimigas. Upham é contra matar o soldado alemão preso durante um confronto que resultou na morte do médico Wade (Giovanni Ribisi). O soldado é liberado pelo grupo e retorna no final do filme, quando ataca, sem a piedade que os americanos tiveram anteriormente, e mata dois colegas de Upham e o Capitão Hiller. Neste sentido, as cenas dirigidas por Steven Spielberg dão o sentido da relação com o outro: o inimigo não tem compaixão e nem negocia quando tem poder, então, é preciso combatê-lo. Este linha de pensamento coaduna com as discussões sobre terrorismo no final dos anos 1990, quando o presidente Bill Clinton mantinha uma posição combativa ("não negociamos com terroristas") contra os grupos que atacaram às embaixadas americanas na África e às Torres Khobar na Arábia Saudita, em 1998.

²⁹⁸ PODHORETZ, John. *Avatarocious: Another spectacle hits an iceberg and sinks. The Weekly Standard*, Vol 15. No. 15. 2009. Disponível em: <http://www.weeklystandard.com/Content/Public/Articles/000/000/017/350fozta.asp#> Acesso em 29/09/2014

Um último ponto para compreendermos a questão da segurança internacional é o debate sobre o uso da tecnologia nuclear e suas consequências. Desde o final da Guerra Fria, os Estados Unidos tem se preocupado em fazer uma campanha de desarmamento, que consiste na redução do poderio nuclear das forças armadas, como o termo assinado ainda em 1987 entre Estados Unidos e União Soviética para eliminar todos os mísseis nucleares de longo alcance (500 a 5000 quilômetros)²⁹⁹. Um possível conflito com este tipo de arma de destruição em massa, pensado e imaginado (desejado também, segundo a abordagem de Stanley Kubrick em *Dr. Fantástico*, de 1964) durante as fases de maior tensão da Guerra Fria, havia sido eliminado com a política de desarmamento, que foi intensificada durante a década de 1990. No século XXI, com uma nova política voltada para a guerra contra o terrorismo e o combate às armas de destruição em massa, não só nucleares, mas também as químicas e biológicas, os Estados Unidos passaram a intensificar a fiscalização da tecnologia nuclear no mundo, pressionando os países a limitarem o cultivo de materiais radioativos, como o urânio.

Os conservadores apoiam a tecnologia nuclear como forma de produção de energia, promovendo o investimento em construção de usinas de enriquecimento de materiais radioativos como forma de aumentar o potencial energético. Porém, o grupo não defende o aumento dos gastos públicos com construções de nova usinas, com tecnologia moderna e capaz aumentar a capacidade energética do país e contribuindo para a redução do envio de carbono para a atmosfera³⁰⁰. Por outro lado, para evitar a desenvolvimento do setor energético para a produção de armas, o grupo propõe o aumento do gasto do governo em Defesa, que garantiria a fiscalização destes materiais dentro e fora do país.

Sobre o problema tratado acima, analisaremos os filmes *The Avengers*, *The Dark Knight Rises* e *Independence Day*, que vão abordar como o desenvolvimento de armas pode ser perigoso para a sociedade americana, fortalecendo a campanha de controle de armamentos (arms control) através da desativação de mísseis e silos nucleares.

Em *The Avengers*, a questão da tecnologia nuclear aparece em dois momentos, o Tesseract, material roubado por Loki para fazer com que os extraterrestres pudessem ser

²⁹⁹ SKUBIK, Daniel W. *Arms Control*. In: FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006.

³⁰⁰ COOPER, Ryan. Conservatives talk a big game on nuclear power. But it's a crock. *THE WEEK*, 2014. Disponível em: <http://theweek.com/article/index/263332/conservatives-talk-a-big-game-on-nuclear-power-but-its-a-crock> Acesso em: 02/10/2014.

transportados para o planeta Terra, e a possibilidade uma guerra nuclear contra os invasores na cidade de Nova Iorque.

O primeiro é um componente achado por cientistas americanos no fundo do mar, que passou a ser estudado e testado como geração de energia e um potencial uso militar. Liderados pelo Dr. Erik Selvig (Stellan Skarsgard), a equipe de pesquisadores acabou sendo corrompida pelo vilão Loki, que utilizou o mecanismo para viabilizar o plano de destruição da Terra. Este elemento dá o sentido ao espectador de que é preciso maior cuidado com a produção de novas tecnologias e armas, em especial as armas de destruição em massa, pois elas podem acabar sendo utilizadas contra os Estados Unidos.

O segundo momento ocorre quando a cúpula da organização SHIELD, que coordena a ação dos super-heróis, autoriza o lançamento de uma ogiva nuclear em Nova Iorque para impedir o avanço dos extraterrestres, desconsiderando as consequências para os habitantes da cidade. Neste ponto, há uma revisão da tentativa de controle da guerra nuclear, pensada ao longo da década de 1950 pelos norte-americanos. Tal possibilidade é reforçada pelo diretor como algo maléfico, uma vez que os heróis passam a ter os invasores e a bomba lançada como oponentes da mesma guerra, travada em prol da sobrevivência humana. O papel dos heróis, neste sentido, funciona da mesma forma que os filmes do super-homem, em especial o quarto da série (Superman IV: Quest for peace, Sidney J. Furie, EUA, 1987), durante a Guerra Fria, que lutava em prol da desativação de mísseis intercontinentais para manter a paz no mundo.

Em *The Dark Knight Rises*, a tecnologia nuclear é relacionada ao terrorismo. Bruce Wayne havia inventado uma forma de energia limpa e ilimitada a base de componentes nucleares que sustentaria Gotham por muitos anos. Porém, a possibilidade da produção de armas de destruição em massa a partir deste mecanismo desenvolvido, fez com que Wayne nunca o utilizasse ou divulgasse a ideia. Neste ponto, vemos a representação das instituições americanas, Bruce Wayne, limitar o acesso a uma tecnologia em prol da garantia da segurança da população. O plano elaborado é comprometido quando Bane toma a cidade de Gotham, rouba o mecanismo e desenvolve uma bomba-relógio. O cenário do desenvolvimento da tecnologia nuclear por grupos terroristas é mostrado para o espectador, que torce para que as instituições (nesse caso, Batman) possam resolver o problema.

O caso de *Independence Day* é mais complexo e envolve debates sobre a política norte-americana de desarmamento nos anos 1990. O presidente Whitmore considera a possibilidade de uso de ogivas nucleares contra os alienígenas como última opção.

Pressionado pelo secretário de defesa e os militares após as principais cidades americanas terem sido destruídas pelas naves extraterrestres, o ataque nuclear em Houston é autorizado pelo presidente, que vê o local ser devastado enquanto a nave fica intacta. O secretário, então, força Whitmore a autorizar um novo lançamento, recebendo do presidente um soco na cara em resposta ao pedido. Esta cena mostrou ao espectador que o vilão não é somente o outro, representado pelos alienígenas, mas também as figuras que apoiam o uso de tecnologia nuclear para fins militares, acompanhando a política de controle deste tipo de armamento após o fim da Guerra Fria.

Meio ambiente: o debate sobre a exploração de recursos naturais

O debate sobre o meio ambiente é uma pauta pouco desenvolvida pela ala conservadora da política americana. Os Estados Unidos, ao longo dos anos 1990 foram contrários às maiorias das propostas dos organismos internacionais, que realizaram uma série de reuniões para debater a situação do meio ambiente e propostas para desenvolvimento sustentável, com destaque para a Eco-92 no Rio de Janeiro a Rio+5, ocorrida no prédio das Nações Unidas em 1997 e encontro no Japão no mesmo ano, quando foi assinado o documento chamado Protocolo de Kyoto. Com relação a este último encontro, a oposição ao governo Clinton se mostrou contrária a todas as medidas propostas, que defendiam o controle da emissão de gases na atmosfera, o desenvolvimento de pesquisas de fontes de energias alternativas e limpas e uma campanha de proteção das florestas. Este fato pode ser identificado pela diferença de posicionamento entre os governos Clinton e Bush: enquanto o primeiro foi um dos signatários do Protocolo de Kyoto³⁰¹, o segundo não ratificou e eliminou o apoio dos Estados Unidos à causa.

Os conservadores defendem que as alterações de clima são sistêmicas no globo terrestre e uma política de redução de emissão de gases não auxiliará o meio ambiente e aumentará os custos de produção, além de onerar o Estado com buscas de incentivo do desenvolvimento do setor energético, a partir do investimento em novas formas de energia. Aliado a esta forma de pensamento, a fonte mais produtiva para este grupo é o

³⁰¹ Clinton assinou o documento em Novembro de 1998, mas não obteve aprovação do Senado, que de forma unânime já havia decidido não apoiar as medidas propostas. Por 95 a 0, representou um dos raros momentos de união dos dois partidos. Para mais informações, ver: THERNSTROM, Samuel. *The Quiet Death of the Kyoto Protocol*. The American, 05/11/2009. Disponível em: <http://www.american.com/archive/2009/november/the-quiet-yet-historic-death-of-the-kyoto-protocol>

petróleo, que os Estados Unidos possuem reservas suficientes para aumentar a produção, tanto em terra como offshore.

Segundo a enciclopédia do conservadorismo americano, a regulamentação do meio ambiente é inconstitucional, pois o governo deve ser limitado. Além disso, a expansão do poder do governo sobre esta pasta não resolveria o problema e abriria a possibilidade para imposição de medidas sociais e econômicas, que onerariam a máquina estatal e, conseqüentemente, a população. Desta forma, a diversificação da produção e o pensamento em torno da sustentabilidade deve ser atrelada ao livre-mercado, pois o desenvolvimento de novas tecnologias propiciaria a redução da poluição³⁰².

Nesta categoria, percebemos que poucos filmes tratam desta questão. Embora seja uma pauta importante dos liberais, podemos destacar somente Avatar para análise de grandes produções que estão entre as maiores bilheterias do cinema norte-americano. Os demais filmes que tratam sobre o tema não estão na lista dos 10 mais assistidos no ano. 2012, dirigido por Roland Emmerich, é a 15a bilheteria de 2009 e Noé, lançado em 2014, é o 20o.

Desta forma, o único filme que podemos realizar a análise desta categoria é Avatar, que discute a questão da exploração de recursos naturais e como o mercado tem culpa na destruição das florestas. O debate é representado pela iniciativa da corporação em desabrigar os Omaticaya dos principais lugares da floresta de Pandora para extrair um minério valioso na Terra (Selfridge fala em milhões por quilo). James Cameron retrata a ganância dos seres humanos, que não se preocupam com os habitantes do local (eles financiam as pesquisas biológicas somente para compreender como derrotar o povo e expulsá-los do local), tampouco com o ecossistema. Este elemento pode ser visto nas cenas que as máquinas escavadeiras avançam sobre a floresta, causando grande destruição: Cameron, para dar o sentido de devastação, mostra que onde as máquinas passaram, só ficou o solo, sem nenhum resquício de folhas de árvores ou trocos torcidos, deixando grandes clarões de terra no meio da mata. Outra cena importante é a destruição da árvore que abrigava a tribo, onde se localizava a maior concentração de minérios a serem extraídos pelas máquinas. Helicópteros enfileirados soltam uma rajada de foguetes para derrubar a árvore, causando dor, morte e desespero aos Omaticayas.

³⁰² ANCIL, Ralph E. *Environmentalism*. In: FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006.

A destruição causada pelos seres humanos causa uma reação desenvolvida pelo diretor do filme, que funciona de forma pedagógica. Durante o conflito entre os mercenários e as diversas tribos do planeta Pandora, Eywa, a entidade do local, envia todos os animais para atacar os humanos, destruir armas e equipamentos e equilibrar as forças no confronto. Esta ação mostra ao espectador que a destruição da natureza gera consequências diretas para a vida das pessoas e que todos deveriam preservar o meio ambiente, para não serem como os membros da empresa de exploração, retratados como maus e gananciosos.

Aborto e a homossexualidade: debates polêmicos, até mesmo para o grande público!

Aborto e homossexualidade, principalmente o casamento, são as questões sociais mais polêmicas dos Estados Unidos nos dias atuais, pois estão discutidas no âmbito político e mobilizando grupos a favor e contra as iniciativas.

Segundo Charles Devison, a discussão sobre o aborto para os conservadores envolve argumentos morais e legais. O primeiro ponto trata do problema da vida: interromper propositalmente uma gestação é uma aberração, um crime comparado à escravidão³⁰³. O aspecto da legalidade é discutido a partir dos casos judiciais relacionados à prática do aborto nos Estados Unidos. Segundo o autor, o problema começou em 1973, graças à Suprema Corte do país no caso *Roe vs Wade*³⁰⁴, quando os juízes interpretaram a Constituição de forma que permitisse o direito ao aborto. Os conservadores defendem que a decisão tomada foi errada, uma vez que propiciou a abertura de novos casos de mulheres que reivindicavam tal direito nos Estados Unidos e interpretou o feto como um humano em potencial³⁰⁵.

A questão da homossexualidade está presente nos Estados Unidos desde a década de 1960 e 1970, principalmente quando foi ampliada para o debate político com a candidatura de Harvey Milk para supervisor do distrito 5 na cidade de São Francisco

³⁰³ DEVISON, Charles. *Abortion*. In: FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006.

³⁰⁴ O primeiro caso foi uma disputa judicial em que representantes de Jane Roe entraram com um processo contra o estado do Texas para obter o direito ao aborto, alegando que a gravidez era decorrente de um estupro. O fiscal de Dallas, Henry Wade, era contrário ao direito do aborto e foi a parte contrária do processo. A disputa foi prolongada até 1973, quando a Suprema Corte deu ganho de causa à Jane Roe, afirmando que o direito à privacidade previsto na 14ª emenda constitucional permitia o aborto. O processo está disponível em: <https://supreme.justia.com/cases/federal/us/410/113/case.html> Acesso em 03/10/2014

³⁰⁵ DEVISON, Charles. *Op. Cit.*

em 1977³⁰⁶. Atualmente, o debate sobre a questão para a discussão sobre a aprovação do casamento entre homossexuais. Baseados no conceito tradicional de família, os conservadores criticam a medida, afirmando que o relacionamento de pessoas de mesmo sexo viola os valores cristãos e é imoral, apoiando a lei de Defesa do Casamento, aprovada pelo senado em 1996 e revogada pela Suprema Corte no ano de 2013, oriundo da intensificação do movimento LGBT nos Estados Unidos.

Aborto e homossexualidade são discutidos no cinema, porém percebemos, em números, que há resistência da população norte-americana em assistir e debater tais questões. Isto pode ser comprovado a partir de dois casos: as produções *Juno* (2007) e *Brokeback Mountain* (2005).

O primeiro filme é uma produção americana da Fox, em parceria com a Mandate Pictures, que conta a história da adolescente Juno MacGuff (Ellen Page), que engravida e planeja fazer um aborto. No meio da história, a menina desiste de fazê-lo e decide dar o bebê para adoção pelo casal Loring (Jennifer Garner e Jason Bateman), mesmo criando afeto no período da gestação. Neste sentido, o filme trabalha com dois pontos que são considerados pelo conservadores uma afronta aos valores cristãos de família, casamento e sexo³⁰⁷.

Indicado a diversos prêmios³⁰⁸, sua estreia nos Estados Unidos ocorreu em 7 salas de cinemas do país, enquanto outros filmes de orçamentos milionários (o filme teve um orçamento estimado em US\$ 7,5 milhões), foram exibidos em 3000 salas em média³⁰⁹. O filme é uma das maiores bilheteiras do gênero que o cinema americano produziu recentemente e mostra que o aborto é um tema pouco trabalhado por Hollywood³¹⁰, evidenciado pela baixa distribuição que Fox inicialmente fez de *Juno*.

³⁰⁶ A história da luta de Harvey Milk, que montou as bases do movimento gay na Rua Castro nem São Francisco, pode ser vista no filme dirigido por Gus Van Sant em 2008, em que Harvey Milk é interpretado por Sean Penn. O filme foi indicado para 8 categorias no Oscar e ganhou duas estatuetas (Melhor ator e melhor roteiro original).

³⁰⁷ O julgamento destes valores no cinema foi intensificado a partir dos anos 1970 e 1980, quando os filmes de terror passaram a ser mais presentes na cena norte-americana. Os monstros e matadores seriais funcionavam como os capatazes das penas que deveriam ser aplicadas aos adolescentes que rompiam com os modelos cristãos. Desta forma, alcoolismo excessivo, nudez e sexo antes o casamento eram punidos com a morte. Para mais, ver: PHILLIPS, Kendall R. *Projected fears: horror films and American culture*. Connecticut: Greenwood publishing, 2005.

³⁰⁸ *Juno* foi indicado para quatro Oscars (melhor atriz, melhor diretor, melhor filme e melhor roteiro) e três Globos de Ouro (Melhor filme de comédia/drama, melhor atriz de comédia/drama e melhor roteiro). Para mais, ver: <http://www.oscars.org/awards/academyawards/oscarlegacy/2000-present/2008/winners.html> e <http://www.ew.com/ew/article/0,,20165953,00.html> Acesso em 03/10/2014.

³⁰⁹ Ver: <http://www.boxofficemojo.com/yearly/chart/?yr=2007&p=.htm> Acesso em 03/10/2014.

³¹⁰ <http://www.thedailybeast.com/articles/2014/06/10/why-deny-the-obvious-hollywood-s-backward-stance-on-abortion.html> Acesso em 03/10/2014.

O segundo filme, *Brokeback Mountain*, trata da polêmica dos homossexuais e sua aceitação na sociedade. Dirigido por Ang Lee, o longa-metragem conta a história de Jack Twist (Jake Gyllenhaal) e Ennis Del Mar (Heath Ledger), dois vaqueiros que se apaixonam durante um trabalho de verão nas montanhas de Brokeback, localizadas no estado de Wyoming, e vivem uma vida dupla e clandestina, dividida entre a manutenção de suas famílias e seus encontros periódicos secretos na montanha. *Brokeback Mountain* entra em confronto com os conservadores não só por causa do tema, como também por conta do local escolhido e dos personagens.

O estado de Wyoming, localizado na região centro-oeste dos Estados Unidos, possui um grande número de conservadores. Nas eleições de 2012, por exemplo, o Partido Republicano dominou o pleito, com 68,64%, 75,65% e 68,89%³¹¹ dos votos para presidente, senador e deputado, respectivamente. A escolha de Ang Lee pelo local serve para mostrar à sociedade que a homossexualidade pode existir em qualquer lugar, até mesmo nas regiões onde a sociedade WASP (Branco, Anglo-Saxão e Protestante) tem mais presença.

Outro elemento importante é a condição de Twist e Del Mar, pois são dois vaqueiros (*cowboys*) da região central dos Estados Unidos, o maior símbolo de masculinidade da história dos Estados Unidos. Partindo dos filmes de faroeste produzido no país ao longo do século XX, os *cowboys* representam o "macho", "corajoso", que encanta todas as mulheres com sua arma embainhada e as estrelas nas botas. Estes tipos de personagem são centrados em John Wayne, um dos ícones da história do cinema americano, que foi um ator importante na política norte-americana durante a Guerra Fria, quando utilizou de sua fama para promover a campanha anticomunista proposta por McCarthy.

Além do local e dos personagens, a história se passa em 1963, auge do movimento anticomunista nos Estados Unidos, que representou o fortalecimento da sociedade WASP. Naquele momento, as famílias deveriam ser constituídas no modelo cristão, em que os homens deveriam ser os mantenedores dos lares e suas mulheres tinham o papel de organizar a casa e cuidar dos filhos. No filme, as famílias reagem de forma diferente do modelo da década de 1960: a mulher de Twist é o "homem da casa", pois ela trabalha e ganha melhor, enquanto ele cuida da educação do menino; o sogro dele passa grande parte da história intrometendo-se na criação do neto e ignorando

³¹¹ Dados disponíveis em: <http://www.fec.gov/pubrec/fe2012/federalelections2012.pdf> acesso em: 04/10/2012.

Twist, que só se impõe sua presença após ser provocado através do debate sobre a "masculinidade" da criança.

Partindo dos pontos analisados acima, Ang Lee atinge os modelos mais cultuados pelos conservadores norte-americanos: os homossexuais, que haviam ganhado as cidades, agora são presentes no interior do país, onde os cowboys, que não tem mais voz ativa em suas casas, também podem se apaixonar por pessoas do mesmo sexo.

O diretor mostra ao espectador a resposta que seria dada pela sociedade WASP em dois momentos, o primeiro é a passagem sobre a criação de Del Mar pelo pai e o segundo é a cena em que é descrito como Twist morre num "acidente de carro". Ambos os elementos são relacionados à uma reação homofóbica dos cristãos, que resultam no assassinato e tortura de homossexuais: Del Mar é obrigado pelo pai a ver o corpo do homem morto no terreno, que havia sido preso pelo pênis a um cano de descarga de caminhonete, e Jack Twist é brutalmente assassinado com golpes de chave de roda em seu rosto na beira da estrada. Ambas as situações mostram como estes grupos reagem a estas questões, utilizando de violência e morte como forma de punição pela opção sexual feita por estes indivíduos.

Brokeback Mountain não é um filme feito pelo grupo das maiores empresas de produção e distribuição nos Estados Unidos e foi lançado somente em 5 cinemas no país e foi a 22a. bilheteria do ano de 2005, e no momento de auge da sua exibição foram divulgados por cerca de 2000 mil salas, enquanto filmes de menor orçamento e bilheteria foram exibidos em mais lugares³¹².

Podemos perceber, neste sentido, que os dois filmes abordam questões que atingem os modelos cristãos da sociedade norte-americana (gravidez na adolescência, aborto, homossexualidade) e possuem baixos índices de bilheteria, mesmo com um público considerado liberal, conforme vimos em discussões anteriores.

Para desenvolvermos a relação das análises dos filmes trabalhos com os debates dos conservadores, é importante também que consideremos a recepção especializada destas produções, desenvolvidas a partir de resenhas em periódicos com editoriais declarados conservadores.

³¹² Dados disponíveis em: <http://www.boxofficemojo.com/yearly/chart/?yr=2005&p=.htm> Acesso em 04/10/2014.

Conforme vimos neste capítulo, Hollywood tem um viés liberal, embora os estúdios sejam comandados por administradores conservadores. Porém, a audiência que assiste aos filmes e mantém o lucro é, em grande maioria, composta por liberais, fazendo com que os filmes sejam próximos a linha de pensamento dos espectadores. Desta forma, as análises dos filmes pelos principais periódicos conservadores, como o *The Weekly Standard* criado nos anos 1990 por William Kristol, são negativas, relacionando-os às bandeiras políticas da esquerda americana, que, para os editores e autores dos periódicos, seriam os liberais.

As análises sobre *Avatar* pelos jornais conservadores foram baseadas a partir de críticas em relação a forma em que James Cameron conduziu a relação entre a tribo Omatcaya e a corporação. Segundo John Podhoretz, do periódico *The Weekly Standard*, uma das revistas declaradas conservadoras da capital do país, o filme exalta movimentos de insurgência, um sentimento que não deveria ser considerado americano³¹³.

Podhoretz analisa a história de *Avatar* e afirma que é "um dos filmes mais estúpidos que ele já viu", pois retoma os westerns da década de 1960, em que os índios eram os bons e os americanos os maus³¹⁴. Neste sentido, o autor critica a visão pró-ambiente desenvolvida por James Cameron, pois o mesmo coloca a culpa desta devastação nos norte-americanos.

Em *The Avengers*, Podhoretz critica a pobreza da história do filme, que muitas vezes não tem sentido para o autor. Ele afirma que apesar de ser uma superprodução e envolver uma série de heróis cujas histórias obtiveram grandes bilheterias, a expectativa foi maior do que a qualidade. Em primeiro lugar, o autor afirma que os vilões atuais não convencem, discutindo a imagem de Loki no filme, ou seja, a criação dos inimigos não é tão sombria e distinta dos heróis, como podemos ver em *Batman*, por exemplo³¹⁵.

Sobre o primeiro filme da série *Spider-man*, Claudia Winkler afirma que o personagem Peter Parker é construído sobre fortes alicerces familiares, que definem

³¹³ PODHORETZ, John. *Avatarocious: Another spectacle hits an iceberg and sinks*. *The Weekly Standard*, Vol 15, No. 15, 2009. Disponível em: <http://www.weeklystandard.com/Content/Public/Articles/000/000/017/350fozta.asp#> Acesso em 29/09/2014

³¹⁴ Idem.

³¹⁵ PODHORETZ, John. *Super Unheroic: Despite what you read, this is one epic not worth seeing*. *The Weekly Standard*, Vol 17, No. 24, 2012. Disponível em: http://www.weeklystandard.com/print/articles/super-unheroic_644414.html Acesso em 04/10/2014.

suas ações como herói. A fala do tio de Peter, Ben, é um elemento a ser destacado: "com grandes poderes vem grandes responsabilidades". As cenas familiares mostram as pessoas rezando durante o jantar de Ação de Graças e citações da bíblia como forma de aprendizado para Peter. Além disso, as figuras odiáveis pelo público são perversas, não respeitam os modelos cristãos e consomem drogas lícitas, como bebida em excesso e cigarro, como o chefe da redação que Peter trabalha³¹⁶. O reforço do modelo Cristão de sociedade é fundamental naquele momento, pois o debate sobre choque de civilizações havia retomado força após os ataques de 11 de Setembro, que foram assumidos por grupos terroristas islâmicos.

Partindo do sucesso do primeiro filme, *Spider-man 3* também é muito elogiado por John Podhoretz, afirmando que a história é sólida e desenvolve o debate entre o bem e o mal. Um ponto a ser destacado pela mídia foi o excesso de vilões utilizados no filme e como estes são figuras complexas, que no final acabam se tornando bons, com destaque para *Venom*, a antítese do Homem-aranha. Reed Tucker, do jornal *New York Post*, afirma que "talvez seja uma falha da humanidade. (...) Qualquer que seja a razão, os vilões são mais interessantes do que os bons"³¹⁷, mostrando que o diferencial deste filme, o mais caro feito na história do cinema antes do lançamento de *Avatar* em 2009, era a complexidade dos vilões e como eles foram retratados na história.

A questão do sucesso do vilão é debatida na cobertura dos filmes da série *The Dark Knight*, em que as lutas de Batman contra Coringa e Bane são os pontos centrais da análise dos jornalistas conservadores. Jonathan Last, do *Weekly Standard*, afirma que *The Dark Knight* mostra a história de Batman e sua tênue separação entre o bem e o mau. O Coringa, segundo o autor, é um fator determinante para o herói entender que não há possibilidade de combater o crime somente dotado de bons costumes, pois é necessário que Batman pense e aja como o vilão para encontrar a melhor forma de derrotá-lo³¹⁸.

316 WINKLER, Claudia. *Old Fashioned Heroes Hollywood and PBS get religion with two of our greatest heroes: Spidey and George Washington*. *The Weekly Standard*, 2002. Disponível em: <http://www.weeklystandard.com/Content/Public/Articles/000/000/001/415zzodl.asp> Acesso em: 04/10/2014.

317 TUCKER, Reed. *Bad things come in threes*. *New York Post*, 2007. Disponível em: <http://nypost.com/2007/04/22/bad-things-come-in-threes/> acesso em 04/10/2014.

318 LAST, Jonathan. *The Dark Knight Triumphant: Christopher Nolan's Batman sequel gets the Caped Crusader just right*. *The Weekly Standard*, 2008. Disponível em: <http://www.weeklystandard.com/print/Content/Public/Articles/000/000/015/328xilsf.asp> Acesso em: 04/10/2014.

Em relação ao último filme do Batman, *The Dark Knight Rises*, John Podhoretz elogia o filme, afirmando que os filmes de heróis amadureceram, pois passaram a desenvolver debates sobre sacrifício, autoestima e heroísmo como parte do comportamento destes personagens. O autor cita o movimento Occupy Wall Street e afirma que o plano de Bane em tomar Gotham é o que é desejado por estes "anarquistas". A consolidação da questão moral neste filme é apontada por Podhoretz quando Batman descobre que o mau deve ser combatido com o bem, representado na cena do confronto entre os policiais de Gotham e os bandidos libertos, liderados por Batman e Bane, respectivamente³¹⁹.

As críticas em *Saving Private Ryan* também tratam da questão moral, segundo John Podhoretz. Ele critica o diretor Steven Spielberg, considerado pelo jornalista o mestre da violência no cinema devido suas experiências com efeitos especiais, por tentar fazer um filme antiguerra, muito realista e com bastante sangue, em especial nas cenas iniciais do desembarque à praia de Omaha no Dia D. O autor afirma que Spielberg está tão preocupado em fazer um filme relatando os horrores da guerra, que não glorifica o sacrifício dos soldados liderados pelo Capitão Hiller em avançar na invasão à praia e depois achar o soldado Ryan. Neste sentido, ele critica a história por entender que a Segunda Guerra Mundial não deve ser criticada e a posição do diretor em não admitir a relação entre tragédia e triunfo das tropas compromete o filme.

Sobre *Independence Day*, Podhoretz afirma que a produção não é ficção-científica e nem se encaixa na categoria de desastre, mas sim é um filme de guerra, em um período em que Hollywood defende a campanha do pacifismo. Para o autor, o filme é uma resposta ao *ET, the Extra-Terrestrial* de Steve Spielberg lançado em 1982, quando os alienígenas eram vistos como pacíficos e bons, enquanto os cientistas americanos queriam aprisioná-lo. Ao invés de recebermos os visitantes com afeto, os "invasores" são combatidos com armas sob liderança do presidente dos Estados Unidos, que, segundo o autor, é a imagem de Bill Clinton como um indivíduo capaz de vencer as guerras travadas³²⁰.

A análise de *Juno* feita por John Podhoretz poupa a questão do aborto. O subtítulo da resenha já deixa claro que o autor não está disposto a discutir o tema e sim

³¹⁹ PODHORETZ, John. *Evil Undone: the moral clarity of Christopher Nolan's Batman series*. The Weekly Standard, Vol. 17, no. 43, 2012. Disponível em: http://www.weeklystandard.com/print/articles/evil-undone_648824.html Acesso em 04/10/2014.

³²⁰ PODHORETZ, John. *Independence Day*. The Weekly Standard, 1996. Disponível em: <http://www.weeklystandard.com/print/Content/Protected/Articles/000/000/007/270xqkvo.asp?nopager=1> Acesso em: 04/10/2014.

desenvolver a questão do *hipster* e a atuação de Ellen Page no papel principal do filme. Ele reserva os 2 primeiros parágrafos para escrever sobre o ponto, mas não o desenvolve, afirmando o lado positivo de Juno ter desistido de cometer o aborto. Para tal, ele destaca a frase de Rick Santorum, do Partido Republicano, que afirmou ter mais crença na cultura americana após ter assistido a cena em que a protagonista conclui que a vida da criança é mais importante porque o bebê "possui unhas".

O ser *hipster* para Podhoretz é mais problemático do que o aborto. A menina antissocial, que não se encaixa nos padrões dos demais jovens, que sonham em ir à formatura de colégio e serem líderes de torcida dá lugar para uma menina que aparenta ser independente e acaba se apaixonando pelo futuro pai de seu bebê. Partindo da escrita e do ataque feito à Juno, tais pontos não se encaixam no aceitável para a parcela da sociedade conservadora americana. A relação do casal Loring é apontada pelo autor como o resquício do conservadorismo no filme: a mulher, ao perceber que Juno está apaixonada pelo marido, o chama de pedófilo, interrompendo a relação de amizade entre o homem e a menina³²¹.

Lou Lumenick, do New York Post, afirma que Juno fez uma *escolha* de manter a criança, mostrando que a personagem não é a favor da vida (pro-life) e sim da alternativa (pro-choice), pois ela considerou o aborto e depois pensou em ter a criança e dar para a adoção do casal. Outro ponto destacado pelo autor é que o filme defende a ideia de que existem consequências emocionais tanto no processo de aborto quanto na opção pela adoção³²².

Com relação a questão da homossexualidade na sociedade americana, os conservadores evitaram comentar sobre Brokeback Mountain. John Podhoretz não produziu resenhas sobre o filme para a revista e somente publicou uma nota na revista eletrônica conservadora National Review Online criticando a atitude da atriz Sarah Jessica Parker em deixar seu filho assistir algumas cenas selecionadas do filme³²³. A rejeição ao longa-metragem pela mídia conservadora não impediu que houvessem críticas, mostrando que muitos comentaristas em jornais, revistas e televisão não assistiram o filme, e, embora "conheçam a comunidade gay", "não tem nada contra

³²¹ PODHORETZ, John. *The cool one: the target here is not the abortionist but the hipster*. The Weekly Standard, Vol. 13, No. 19, 2008. Disponível em: <http://www.weeklystandard.com/print/Content/Public/Articles/000/000/014/615oluub.asp> Acesso em 04/10/2014.

³²² LUMENICK, Lou. *'Juno': Pro-life or Pro-Choice*. The New York Post, 2007. Disponível em: <http://nypost.com/2007/12/12/juno-pro-life-or-pro-choice/> Acesso em 04/10/2014.

³²³ PODHORETZ, John. *Oh. My. God*. National Review Online, 2006. Disponível em: <http://www.nationalreview.com/corner/120290/oh-my-god-john-podhoretz> Acesso em 04/10/2014.

eles". Estas afirmativas, vistas em diversos programas de televisão que se predispuseram a convidar pessoas para debater sobre o filme, mostram que o preconceito em relação aos homossexuais é um dos motivos mais presentes para a baixa bilheteria³²⁴.

Os jornais de Wyoming, estado onde se passa a história (foi rodado no Canadá), cobriram o lançamento do filme na região, mostrando a preocupação em torno da aceitação das pessoas. Embora tenham coletado uma série de relatos a favor da exibição da obra, a reportagem também destacou a posição de antigos vaqueiros do estado, que se sentiram ofendidos por causa da relação homossexual, por causa da repercussão trazida pelo filme em todo o país³²⁵.

As críticas ou elogios às grandes bilheterias são direcionadas ao desenvolvimento das tramas pelos diretores. Os filmes de super-herói, com exceção de *The Avengers* (que ataca o desenvolvimento de tecnologias para a indústria armamentista), são elogiados por tentar mostrar uma tentativa de ordenamento da sociedade através de uma figura icônica que serve para combater o crime. O filme de revisão da Segunda Guerra Mundial coloca em xeque a exaltação das Forças Armadas pelos norte-americanos e é muito criticado pelos jornalistas conservadores. A reação ao outro é elogiada em *Independence Day*, concordando com o pensamento de que os Estados Unidos deveriam reassumir seu papel de liderança no mundo.

Por fim, podemos ver que as análises sobre filmes que debatem questões polêmicas são evitadas e não existem resenhas que aprofundam o tema ou desenvolvam os pontos dos filmes como encontramos sobre as demais produções pesquisadas, principalmente no caso de *Brokeback Mountain*.

Estes pontos analisados corroboram a visão de que há uma rejeição do grande público e da mídia conservadora por temas polêmicos. Embora a maioria das pessoas que frequentam salas de cinema sejam consideradas liberais, partindo do estudo de Daniel Franklin, percebemos que as questões comportamentais mais sensíveis, relacionadas à quebra de modelos da sociedade WASP, possuem menores chances na indústria cinematográfica norte-americana, desde o orçamento das produtoras, controladas por CEOs conservadores, até a audiência.

³²⁴ Ver: <http://mediamatters.org/research/2006/01/20/conservatives-quick-to-opine-on-brokeback-mount/134677> Acessos em 04/10/2014.

³²⁵ Ver: FRAZER, Jennifer. 'Brokeback' makes Cheyenne debut. Wyoming News, 2006 Disponível em: <http://www.wyomingnews.com/articles/2006/01/19/news/import-106916.txt#.VDBIXfldUwA> Acesso em: 04/10/2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese teve como ponto central desenvolver a relação entre cinema, política e tempo presente, tendo os Estados Unidos como um dos exemplos da aplicação deste longo debate teórico e metodológico que os pesquisadores das ciências humanas vem produzindo desde a década de 1970.

O historiador Marc Ferro, ao escrever o texto que defendia o uso de filmes como fonte histórica, permitiu uma série de possibilidades para a relação entre cinema e história e o desenvolvimento de novas pesquisas que contribuiriam para o estudo de temas pouco trabalhados e outras perspectivas no processo do fazer histórico. Porém, até os dias atuais, ainda é possível perceber que há uma resistência pelo meio em produzir trabalhos de longo fôlego que contam com filme como fontes principais da pesquisa. Neste sentido, o cinema, principalmente os blockbusters norte-americanos, continua sendo encarado como "diversão", sem condições de ser considerado na escala hierárquica de fontes, uma continuidade das pesquisas historiográficas desenvolvidas ao longo do século XIX, quando o arquivo "falava" por si só: o detalhamento exacerbado das fontes sem análises críticas promovia "verdades" incontestáveis, até surgirem novos documentos que negariam tais fatos.

O filme, assim como um documento de arquivo, também possui um lugar de fala. Ele necessita de ser perguntado, dialogado com seu contexto, gerando um senso crítico para análise. Sua relação com a política ao longo do século XX auxilia na compreensão desta visão, uma vez que o cinema teve papel central nos conflitos mundiais que ocorreram, funcionando como propaganda a favor e contra às guerras, através da criação de cenários que correspondiam e ajudavam a criar o imaginário da população em relação aos inimigos e às batalhas. Tais elementos podem ser vistos até os dias atuais no cinema norte-americano, quando vemos filmes que abordaram o terrorismo, coadunando com a lógica da política externa do governo Bush, quando os muçulmanos eram retratados como uma ameaça aos Estados Unidos.

O cinema nasceu popular e sempre trouxe grandes públicos para as salas de projeção. A partir das histórias, baseadas em alguns elementos próximos da realidade das pessoas, o espectador se identifica e dialoga com algumas situações passadas pelo personagem. No caso das produções norte-americanas, foco deste estudo, a narrativa precisa ser a mais simples possível, para que o público possa entender as discussões e

reconhecer os debates presentes na história, sejam políticos ou sociais. Desta forma, o uso do filme como fonte em trabalhos históricos significa auxiliar a compreender discussões das sociedades em seu tempo presente.

A história do tempo presente é outra questão que precisa ser reforçada. Segundo as discussões apresentadas no primeiro capítulo desta tese, as produções historiográficas são remetidas ao seu tempo, ou seja, toda análise do passado é feita a partir do presente, levando a máxima de que *toda História é História do Tempo Presente*. Além da questão do tempo, há de se destacar a noção de engajamento do historiador: Marc Bloch, o formador de todos os historiadores de nosso tempo, nos inspirou quando escreveu *A estranha derrota*, que buscava fazer uma análise da sociedade francesa e seu caráter conservador como o principal motivo de a França ter perdido o conflito com a Alemanha na Segunda Guerra Mundial. Naquela obra, há um caráter de denúncia, de posicionamento em relação a uma questão, elemento fundamental para a formação de todos os pesquisadores das ciências humanas.

A criação do IHTP na França está relacionada a esta questão: é preciso se posicionar, combater e desenvolver o trabalho de "lembrar" como era a sociedade europeia durante a Segunda Guerra Mundial, trazendo os temas do colaboracionismo e a compreensão sobre a construção de "novos passados" de determinados atores daquele período.

No caso do Brasil, com a criação do TEMPO na UFRJ, a produção sobre o tempo presente tem como principal objetivo a inovação das pesquisas, desenvolvidas a partir de trabalhos coletivos, voltados para a preocupação em torno do ensino de História e a formação humanista dos alunos. As diversas fontes utilizadas auxiliam no processo de elaboração de novos materiais e perspectivas sobre fatos históricos determinantes. Assim, além da produção de textos e livros, é importante que a formação seja baseada na "vivência" - ir ao cinema, teatro, museus, shows musicais de todos os estilos, restaurantes e fazer viagens (ver gente!) -, o que permite ao pesquisador ter uma visão mais ampliada da sociedade, permitindo novas abordagens, como a produção de filmes e pocket-shows.

O pensamento sobre inovação nas pesquisas brasileiras proporcionou a criação de diversos centros de estudos no país, como o Grupo de Estudos do Tempo Presente na Universidade Federal de Sergipe, um polo de pesquisas da relação entre história e internet, uma temática crescente devido à dinamização dos meios de comunicação e armazenamento de informações. Além disso, o objetivo de pensar uma formação com

caráter inovador é um dos objetivos centrais da Rede de Estudos do Tempo Presente, criada em 2013, que ajudará no fortalecimento do campo no país.

Com relação à política nos Estados Unidos entre 1992 e 2012, ela foi utilizada como ferramenta para pensarmos o contexto da produção dos filmes e como os principais atores da sociedade norte-americana foram importantes para a consolidação de novas agendas. Partindo desta discussão, temos duas questões centrais a serem frisadas:

1) O pensamento conservador nos Estados Unidos não é uníssono: existem agendas distintas, principalmente as relacionadas ao modelo do governo. Os paleoconservadores são oriundos de um grupo voltado para o pensamento dos Pais Fundadores, além de defenderem a relação entre religião e Estado, que influenciaria em questões centrais como o aborto ou os direitos dos homossexuais, por exemplo. Além disso, há uma defesa do Estado mínimo, que significaria a liberdade do cidadão norte-americano, pois não haveria, excesso de cobrança de impostos e nem regulamentações das oportunidades, que devem ser criadas pelo indivíduo. Por outro lado, os neoconservadores são oriundos do pensamento liberal do New Deal, dos anos 1930, e possuem agendas em prol da otimização dos gastos públicos e o aprimoramento de projetos sociais existentes. Sua política externa está pautada no aumento do gasto do Estado no setor de defesa, contrariando a posição de desoneração dos paleoconservadores.

2) Os neoconservadores ganharam força na política recente dos Estados Unidos a partir do governo Ronald Reagan, principalmente com relação à política externa, quando defenderam a intervenção militar em países e uma posição mais dura em relação à União Soviética, principalmente no Oriente Médio. Nos anos 1990 foram bastante atuantes na política, pois embora tenham sido oposição ao presidente Bill Clinton, os republicanos tinham a maioria do congresso devido à campanha nas eleições de 1994, quando os neoconservadores se movimentaram contra os democratas a partir da criação de cartilhas para melhorar a economia interna e a segurança do país.

As categorias escolhidas para analisar as grandes bilheterias do cinema norte-americano mostraram que os temas sobre política externa, defesa dos ideais e das instituições e a segurança são questões da preferência das produtoras e do público nos Estados Unidos, tratadas a partir de histórias que tem super-heróis e a guerra entre mundos como elementos centrais. A temática do Meio Ambiente, um tema de preocupação dos liberais, não possui grande apelo das produtoras, pois o único filme

listado nesta pesquisa que trata desta questão é Avatar, a maior bilheteria da história do cinema norte-americano. Os periódicos conservadores analisados exaltam os filmes do Batman, Homem-Aranha e Independence Day, que abordam pontos da agenda conservadora de forma mais clara, mas criticam The Avengers, Saving Private Ryan e Avatar, por terem uma agenda liberal no subtexto do filme.

Filmes que tratam de temas sensíveis à sociedade como aborto, gravidez na adolescência e homossexualidade possuem menor apelo das empresas de produção e distribuição e do público norte-americano, que não conseguiu fazer com que Brokeback Mountain e Juno estivessem na lista dos filmes mais assistidos nos seus respectivos anos de estreia. A recepção conservadora discutiu com menos intensidade a questão do aborto, chegando a elogiar o filme (até porque a menina desiste de fazer a interrupção da gravidez!), mas não poupa críticas à homossexualidade em Brokeback Mountain, que mexeu como o símbolo de masculinidade dos americanos quando contou a história de dois cowboys que se apaixonaram.

Com a discussão dos filmes escolhidos percebemos que a parcela da população que frequenta o cinema, embora seja considerada liberal, aceita e consome os discursos conservadores, desenvolvidos nas histórias dos filmes de grande bilheteria. Por outro lado, em questões restritas aos liberais, o filme é aclamado pela crítica especializada, mas não tem grande nas salas de projeção.

O trabalho nos auxiliou a compreender como o cinema norte-americano no tempo presente é mais um reflexo das questões políticas e sociais do país do que a formulação de novas agendas. Os filmes, portanto, possibilitam a compreensão da sociedade estadunidense num período em que ocorreram os piores ataques ao país, seguidos de uma intensa guerra contra o terrorismo, sucedido pela eleição do primeiro presidente negro do país, que propôs a revisão de diversas agendas, desde a política externa até as questões sociais.

Por fim, é importante frisar que trabalhar com filmes e compreender que estes são elementos centrais para pensarmos as sociedades faz parte do caráter inovador destes estudos. Esta tese procurou, em todos os momentos, fazer parte do projeto de consolidação do pensamento inovador e criativo em relação a produção das pesquisas no Brasil sobre cinema, política e tempo presente.

FONTES

Filmes utilizados:

Avatar (James Cameron, EUA, 2009, 162 minutos).

The Avengers (Os Vingadores, Joss Whedon, EUA, 2012, 143 minutos).

The Dark Knight (O Cavaleiro das Trevas, Christopher Nolan, EUA, 2008, 152 minutos).

The Dark Knight Rises (O Cavaleiro das Trevas Ressurge, Christopher Nolan, EUA, 2012, 165 minutos).

Spider-Man (O Homem-Aranha, Sam Raimi, EUA, 2002, 121 minutos).

Spider-Man 3 (O Homem-Aranha 3, Sam Raimi, EUA, 2007, 139 minutos).

Independence Day (Roland Emmerich, 1996, 145 minutos).

Saving Private Ryan (O Resgate do Soldado Ryan, Steven Spielberg, EUA, 1998, 169 minutos).

Juno (Jason Reitman, EUA/CAN, 2007, 96 minutos).

Brokeback Mountain (O Segredo de Brokeback Mountain, Ang Lee, EUA/CAN, 2005, 134 minutos).

Relatórios eleitorais:

Disponíveis em: www.fec.gov

Federal Elections 92 - FEC 1993

Federal Elections 94 - FEC 1995

Federal Elections 96 - FEC 1997

Federal Elections 98 - FEC 1999

Federal Elections 2000 - FEC 2001

Federal Elections 2002 - FEC 2003

Federal Elections 2004 - FEC 2005

Federal Elections 2006 - FEC 2007

Federal Elections 2008 - FEC 2009

Federal Elections 2010 - FEC 2011

Federal Elections 2012 - FEC 2013

Material de recepção especializada dos filmes:

FRAZER, Jennifer. *'Brokeback' makes Cheyenne debut*. Wyoming News, 2006. Disponível em: <http://www.wyomingnews.com/articles/2006/01/19/news/import-106916.txt#.VDBIXfldUwA> Acesso em: 04/10/2014.

LAST, Jonathan. *The Dark Knight Triumphant: Christopher Nolan's Batman sequel gets the Caped Crusader just right*. The Weekly Standard, 2008. Disponível em: <http://www.weeklystandard.com/print/Content/Public/Articles/000/000/015/328xilsf.asp> Acesso em: 04/10/2014.

LUMENICK, Lou. *'Juno': Pro-life or Pro-Choice*. The New York Post, 2007. Disponível em: <http://nypost.com/2007/12/12/juno-pro-life-or-pro-choice/> Acesso em 04/10/2014.

PODHORETZ, John. *Avatarocious: Another spectacle hits an iceberg and sinks*. The Weekly Standard, Vol 15. No. 15. 2009. Disponível em: <http://www.weeklystandard.com/Content/Public/Articles/000/000/017/350fozta.asp#> Acesso em 29/09/2014

_____. *Evil Undone: the moral clarity of Christopher Nolan's Batman series*. The Weekly Standard, Vol. 17, no. 43, 2012. Disponível em: http://www.weeklystandard.com/print/articles/evil-undone_648824.html Acesso em 04/10/2014.

_____. *Independence Day*. The Weekly Standard, 1996. Disponível em: <http://www.weeklystandard.com/print/Content/Protected/Articles/000/000/007/270xqkv.o.asp?nopager=1> Acesso em: 04/10/2014.

_____. *Oh. My. God*. National Review Online, 2006. Disponível em: <http://www.nationalreview.com/corner/120290/oh-my-god-john-podhoretz> Acesso em 04/10/2014.

_____. *Super Unheroic: Despite what you read, this is one epic not worth seeing*. The Weekly Standard, Vol 17, No. 24, 2012. Disponível em: http://www.weeklystandard.com/print/articles/super-unheroic_644414.html Acesso em 04/10/2014.

_____. *The cool one: the target here is not the abortionist but the hipster*. The Weekly Standard, Vol. 13, No. 19, 2008. Disponível em: <http://www.weeklystandard.com/print/Content/Public/Articles/000/000/014/615oluub.asp> Acesso em 04/10/2014.

TUCKER, Reed. *Bad things come in threes*. New York Post, 2007. Disponível em: <http://nypost.com/2007/04/22/bad-things-come-in-threes/> acesso em 04/10/2014.

WINKLER, Claudia. *Old Fashioned Heroes Hollywood and PBS get religion with two of our greatest heroes: Spidey and George Washington*. The Weekly Standard, 2002.

Disponível em:
<http://www.weeklystandard.com/Content/Public/Articles/000/000/001/415zzodl.asp>
Acesso em: 04/10/2014.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. *A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*. In: *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

AMADO, Janaina (org.); MORAES, M. M. F. (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ANCIL, Ralph E. *Enviromentalism*. In: FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006.

ANDREW, J. Dudley. *As Principais Teorias do Cinema*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

BARROS, José D' Assunção. *Ao lado da História comparada: Histórias interconectadas, Histórias cruzadas e outras histórias*. In: ALVES, Gracilda (org.); LAPSKY, Igor (Org.); SCHURSTER, Karl (Org.). *História Comparada: debates teóricos e metodológicos*. Recife: Edupe, 2014.

BECKER, Jean-Jacques. *A opinião pública*. In: REMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 190.

BÉDARIDA, François. *Tempo presente e presença da história*. In: FERREIRA, M. M. F & AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editoria FGV, 2006. p. 233.

BLOCH, M. *História e Historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998.

_____. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: UNESP, 1995.

BURKE, Edmund. *Reflections on the Revolution on France*. New York: Oxford University Press, 2009.

BURKE, Peter. *A Escola dos annales, 1929 - 1989*. São Paulo: UNESP, 2003.

BUSH INSTITUTE (org.). *The 4% solution: unleashing the economic growth America needs*. USA: Bush Foundation, 2012.

CARDOSO, C.F.S & BRIGNOLI, Héctor. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

CAREY, George W. *Democracy*. In: FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006.

CHARTIER, Roger. *A visão do historiador modernista*. In: FERREIRA, M. M. F & AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editoria FGV, 2006.

COLODNY, Len; SHACHTMAN, Tom. *The Forty Years War: The Rise and Fall of the Neocons, from Nixon to Obama*. USA: HarperCollins e-books, 2009.

DELAGE, Christian. *Cinéma, Histoire: La réappropriation des récits*. In: DELAGE, Christin (org.). *Vertigo: Esthétique et Histoire Du Cinéma: Le cinéma Face à l'Histoire*. Vertigo, no. 17, 1997. p. 16.

_____. *The scene of the mass crime: history, film and international tribunals*. New York: Routledge, 2013.

DEVISON, Charles. *Abortion*. In: FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006.

DIBBETS, Karl. *The introduction of sound*. In: NOWELL-SMITH, Geoffrey. *The Oxford history of world cinema*. New York: Oxford university press, 1997.

DOSSE, François. *A História*. São Paulo: EDUSC, 2003.

DUMOULIN, Olivier. *Comparada (História)*. In: BURGUIÈRE, André. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

EICHLER, Steve. *LAST CHANCE FOR LIBERTY: LIBERTY IS IN TROUBLE IN AMERICA*. United States: Whitelock Publishing, 2013.

FARIAS, Rodrigo. *William F. Buckley Jr., National Review e a crítica conservadora ao liberalismo e os direitos civis nos EUA, 1955-1968*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2013.

FERRO, Marc. *O filme: uma contra-análise da sociedade?* In: Nora, Pierre (org.) *História Novos Objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

FRANÇOIS, Étienne. *Os "tesouros" da Stasi ou a miragem dos arquivos*. In: BOUTIER, Jean (org.); JULIA, Dominique (org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998. pp. 155 - 162.

FRANKLIN, D. P. *Politics and Film: the political culture of film in the United States*. United States: Rowman & Littlefield, 2006.

FURHAMMAR, Leif & ISAKSSON, Folke. *Cinema & Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GAYNER, Jeffrey. *The Contract with American: Implementing New Ideas in the U.S.* The Heritage Foundation, 1995. Disponível em: <http://www.heritage.org/research/lecture/the-contract-with-america-implementing-new-ideas-in-the-us> Acesso em: 02/05/2014.

GIGLIO, Ernest. *Here's a looking at you: Hollywood, Film & Politics*. New York: Peter Lang Publishing, 2010.

GINGRICH, Newt. *To Save America: Stopping Obama's Secular-Socialist Machine*. Washington DC: Regnery publishings, 2010.

GOMERY, Douglas. *The Hollywood Studio System: A History*. London: British Film Institute, 2008.

HAUPT, H.-G. *O lento surgimento de uma História Comparada*. In: BOUTIER, J.; JULIA, D. (Org.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora FGV, 1998. pp. 205-216.

HERSH, Seymour. *Cadeia de Comando: a guerra de Bush do 11 de Setembro às torturas de Abu Ghraib*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HOBBSAWM, Eric J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e terra, 1990.

_____. *A Era dos Extremos: o breve século XX (1914 - 1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *As artes transformadas*. In: *A era dos Impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HUBBARD-BROWN, Janet. *Condoleezza Rice: Stateswoman*. New York: Chelsea House Pub. 2008.

JUDT, Tony. *Pós-guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

KABASERVICE, Geoffrey. *Rule and Ruin: The Downfall of Moderation and the Destruction of the Republican Party, From Eisenhower to the Tea Party*. New York: Oxford University Press: 2012.

KELLNER, Douglas; RYAN, Michael. *Camera Politica: The Politics and Ideology of Contemporary Hollywood Film*. Indiana: First Midland, 1990.

KIRK, Russell. *The Conservative Mind: from Burke to Eliot*. Indiana: Gateway editions, 1978.

KRACAUER, Siegfried. *De Caligari a Hitler: uma história psicológica do cinema alemão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

KRISTOL, Irving. *The neoconservative persuasion: selected essays, 1942-2009*. Nova Iorque: Basic Books, 2011.

KRISTOL, William. *The War Over Iraq: Saddam's Tyranny and America's Mission*. Tennessee: Encounter Books, 2003.

LE GOFF, J. (org.) *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LEPORE, Jill. *The White of their eyes: the Tea Party's revolution and the battle over American history*. New Jersey: Princeton University Press, 2010.

LEUCHTENBURG, William (Org.). *O século inacabado*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

LUKACS, John. *Uma Nova República: História dos Estados Unidos no Século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MATELSKI, Marilyn J. e STREET, Nancy L. *War and film in America: historical and critical essays*. North Carolina: McFarland, 2003.

MOFFIT, Robert E. ; NIX, Kathryn. *The future of Health care reform: Paul Ryan's "Roadmap" and its critics*. The Heritage Foundation, 2010. Disponível em: <http://www.heritage.org/research/reports/2010/12/the-future-of-health-care-reform-paul-ryan-s-roadmap-and-its-critics> Acesso em: 22/07/2014.

MONACO, James. *How to read a film*. New York: Oxford university press, 2009 (4ed.).

MORGAN, M. J. *The Impact of 9/11 and the New Legal Landscape: The Day that Changed Everything?* England: Palgrave Macmillan, 2009.

MUSSER, Charles. *Edison Motion Pictures, 1890 - 1900: An Annotated Filmography*. Washington D.C: Smithsonian Institution Press, 1997.

NOVOA, Jorge, FRESSATO, Soleni, FIELGESON, Kristian (orgs). *Cinematógrafo: um olhar sobre a história*. São Paulo: EDUSP, 2009.

PEREIRA, Wagner P. *O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolf Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933 - 1945)*. São Paulo: Alameda, 2012.

PHILLIPS, Kendall R. *Projected fears: horror films and American culture*. Connecticut: Greenwood publishing, 2005.

PINSKY, C. B. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

RIOX, Jean-Pierre. *Entre História e Jornalismo*. In: CHAVENAU, A. e TÉTARD, Ph. (orgs.). *Questões para História do Presente*. São Paulo: EDUSC, 1999.

ROLLAND, Denis. *Internet e história do tempo presente: estratégias de memória e mitologias políticas*. Tempo, Rio de Janeiro, no. 16.

ROSENBAUM, Jonathan. *Movie wars: Hollywood and the media conspire to limit what films we can see*. Chicago: Capella books, 2000.

ROSENSTONE, Robert. *A história nos filmes, os filmes na história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

RYAN, Johnny. *A History of the Internet and The Digital Future*. London: Reaktion Books, 2010.

SCHURSTER, Karl. *A História do Tempo Presente e a nova historiografia sobre o Nacional Socialismo*. Tese de doutorado defendida no programa de Pós-Graduação em História Comparada - UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

SCOTT, Ian. *American Politics in Hollywood Film*. Scotland: Edinburgh University Press, 2011.

SILVA, F.C.T (org.). *Dicionário Crítico do pensamento da direita: ideias, instituições e personagens*. Rio de Janeiro: Campus, MAUAD, 2000.

_____. *Enciclopédia de guerras e revoluções do século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Elviesier, 2004.

_____. *O sorriso de Condoleeza Rice*. Carta Maior, 2006. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Coluna/O-sorriso-de-Condoleeza-Rice/19323> Acesso em 10/06/2014.

_____. *A História na Primeira Página*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

_____. *Cinema e guerra: um encontro no tempo presente*. TEMPO, Rio de Janeiro, no. 16, 2004.

_____. *Europa ou o concerto das Nações: ideias conservadoras e política internacional na obra de Leopold von Ranke (1795-1886)*. Tese de titular apresentada ao concurso da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

_____. *Velhas e Novas Direitas: a atualidade de uma polêmica*. 01. ed. Recife: EDUPE, 2014.

_____. *Vox voces: (re)memorar*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2012.

SKUBIK, Daniel W. *Arms Control*. In: FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006.

SKOCPOL, Theda; WILLIAMSON, Vanessa. *The Tea Party and the Remaking of Republican Conservatism*. New York: Oxford University Press, 2012.

SORLIN, Pierre. *A film in history: restaging the past*. New Jersey: Barnes & Nobles Books, 1980.

_____. *Sociología del cine: La apertura para la historia de mañana*. México: Fondo de Cultura Económico, 1992.

THOMPSON, David. *The whole equation: a history of Hollywood*. New York: First Vintage Books, 2006.

VAISSE, Justin. *Neoconservatism: the biography of a movement*. Cambridge: Belknap, 2010.

VENGOA, H. F. *Los años sesenta y sus huellas en el presente*. Revista de Estudios Sociales, no. 33, 2009.

VIRILIO, Paul. *Guerra e cinema: logística da percepção*. São Paulo: Boitempo, 2005.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. *Pensar a história cruzada: entre empiria e reflexividade*. Textos de História, vol. 11, no. 1/2, 20003.

WOLFOWITZ, Paul. *Nuclear proliferation in the Middle East: the politics and economics of proposals for nuclear desalting*. Tese de doutoramento. University of Chigado, Dept. of Political Science, 1972.

WURMAN, Ilan. *Jean Kirkpatrick and the End of the Cold War: Dictatorships, Democracy and Human Rights*. California: Claremont Colleges, 2009 (tese).

ZIZEK, Slavoj. *Ditadura do proletariado em Gotham City: Artigo de Slavoj Žižek sobre “Batman – O Cavaleiro das Trevas Ressurge”*, 2012. Disponível em: <http://blogdaboitempo.com.br/2012/08/08/ditadura-do-proletariado-em-gotham-city-artigo-de-slavoj-zizek-sobre-batman-o-cavaleiro-das-trevas-ressurge/> Acesso em 28/09/2014.

ZMIRAK, John. *War on terror*. In: FROHNEN, Bruce (org.); BEER, Jeremy (Org.); NELSON, Jeffrey O. (Org.). *American Conservatism: an encyclopedia*. Delaware: ISI books, 2006.